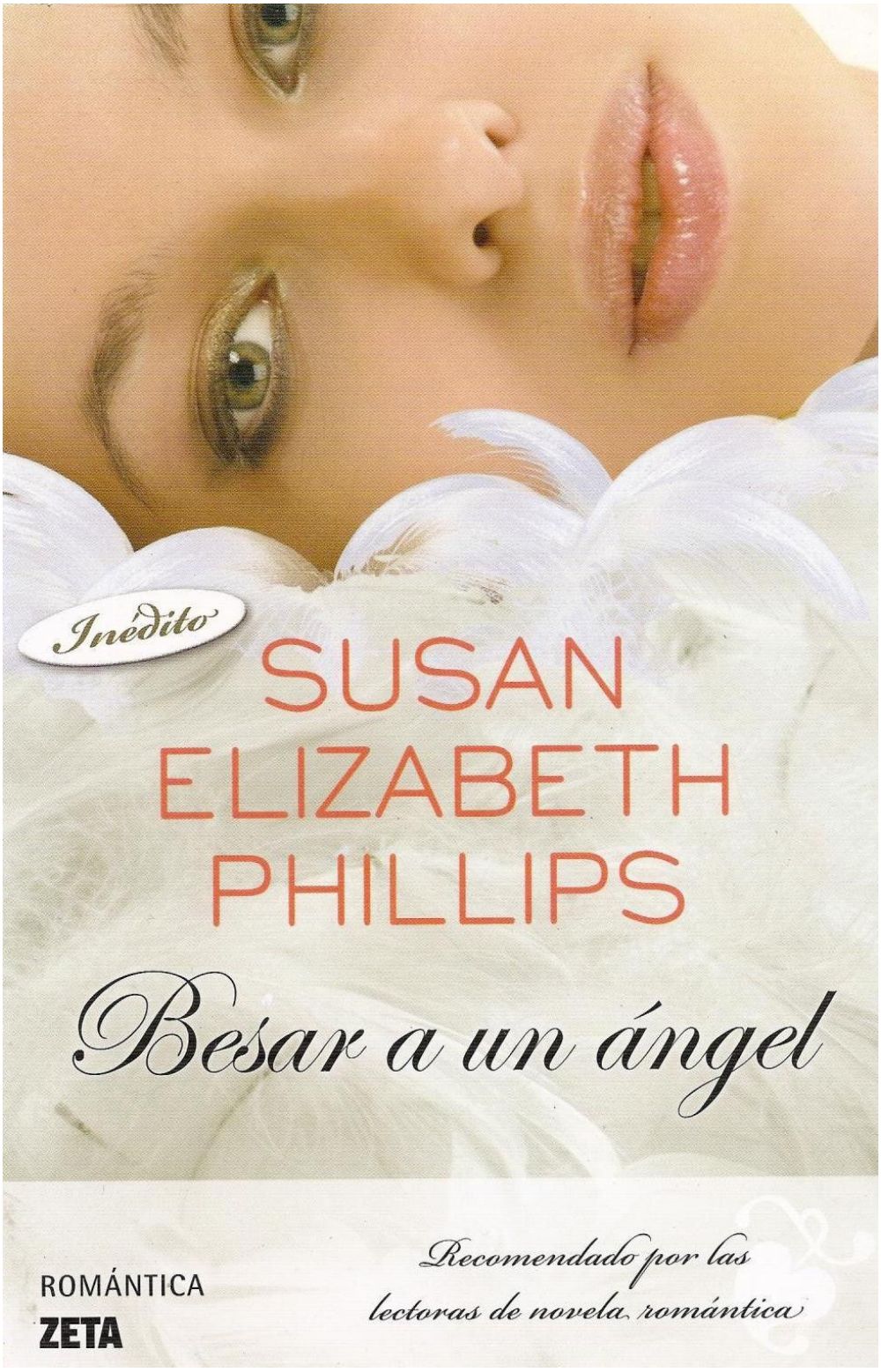
É_DA_LETRA



Susan Elizabeth PHILLIPS
Beijar a um Anjo

Kiss an Angel (1996)

ARGUMENTO:

A formosa e caprichosa Daisy Devreaux pode ir ao cárcere ou casar-se com o misterioso homem que lhe escolheu seu pai. Os matrimônios consertados não acontecem no mundo moderno, assim... como se colocou Daisy nesta confusão?

Alex Markov, tão sério como bonito, não tem a menor intenção de fazer o papel de prometido amante de uma consentida cabeça de chorlito com certa debilidade pelo champanha. Aparta ao Daisy de sua vida cheia de comodidades, leva-a de viaje com um ruinoso circo e se propõe domá-la.

Mas este homem sem alma encontrou a fôrma de seu sapato em uma mulher que é todo coração. Não passará muito tempo até que a paixão lhe faça remontar o vôo sem rede de segurança... arriscando-o tudo em busca de um amor que durará para sempre.

SOBRE A AUTORA:

Susan Elizabeth Phillips é autora de numerosas novelas que foram bestsellers do New York Teme e se traduziram a vários idiomas. Entre elas se contam Toscana para duas e Ela é tão doce, publicadas pela Vergara, e Este meu coração, por Z Bolso.

Phillips ganhou o prestigioso prêmio Rita, e mereceu em duas oportunidades o prêmio ao Livro Favorito do Ano de Romance Writers of America. Romantic Teme a fez credora do Career Achievement Award, um prêmio a sua carreira literária. Ela confessa que começou a escrever por pura casualidade. Trabalhou como professora de instituto até que por questões trabalhistas, teve que transladar-se com sua família a Nova Pulôver onde conheceu o Clare, uma amiga com a que gostava de comentar sobre os livros que liam e que a animou a escrever um livro juntas por diversão.

Embora ao princípio ninguém tivesse dado nada por elas finalmente a obra do Justine Penetre (pseudônimo eleito pela Susan e seu amiga) viu a luz e foi publicado em 1983 com o título The Copeland Bride. Embora não é de seus melhores livros Susan reconhece sentir-se muito orgulhosa dele já que supôs toda uma provocação para o Clare e ela.

Posteriormente, Clare se transladou de cidade e Susan decidiu continuar sua carreira como escritora em solitário… convertendo-se em todo um referente na literatura romântica contemporânea. Vive nos subúrbios de Chicago com seu marido e seus dois filhos.

CAPÍTULO 01

Daisy Devreaux tinha esquecido o nome de seu noivo.

—Eu, Theodosia, tomo a ti... mordiscou-se o lábio inferior. Seu pai os tinha apresentado uns dias antes, aquela terrível manhã quando os três tinham ido a pela licença matrimonial. Depois ele se esfumou e não havia o tornado a ver até fazia só uns minutos, no duplex que seu pai possuía ao oeste de Central Park, quando tinha baixado à sala onde esse meio-dia estava celebrando-se aquelas apressada bodas.

Daisy quase podia sentir a enérgica desaprovação de seu pai, que se encontrava a suas costas, mas isso não era nada novo para ela. Tinha-o decepcionado inclusive antes de nascer e não importava quanto o tivesse tentado, nunca tinha conseguido que trocasse de opinião sobre sua filha.

arriscou-se a olhar de esguelha ao noivo que o dinheiro de seu pai tinha comprado. Um semental. Um autêntico semental de estatura imponente, constituição magra mas fibrosa e estranhos olhos cor âmbar. À mãe do Daisy lhe teria encantado.

Lani Devreaux tinha morrido no ano anterior, no incêndio de um iate quando dormia em braços de uma estrela de rock de vinte e quatro anos. Daisy já podia pensar em sua mãe sem sentir dor e sorriu para seus adentros ao dar-se conta de que o homem que estava junto a ela tivesse sido muito major para o Lani. Devia rondar os trinta e cinco anos e sua mãe estava acostumada fixar o limite em vinte e nove.

Tinha o cabelo tão escuro que parecia negro e uns rasgos cinzelados que fariam que sua cara parecesse muito bela se não fora pela mandíbula firme e o cenho ameaçador. Os homens que possuíam esse brutal atrativo tinham atraído ao Lani, mas Daisy os preferia mais amadurecidos e conservadores. Não pela primeira vez desde que a cerimônia tinha começado, desejou que seu pai tivesse escolhido a alguém menos lhe intimidem.

Tentou tranqüilizar-se recordando-se que não ia ter que passar mais que umas poucas horas com seu novo marido. Tudo acabaria assim que tivesse oportunidade de lhe expor o plano que lhe tinha ocorrido. Por desgraça, o plano suportava romper uns votos matrimoniais que ela considerava sagrados e, dado que não estava acostumado a tomar-se suas promessas à ligeira —em especial os votos matrimoniais, —suspeitava que eram os remorsos de consciência a causa de seu bloqueio mental.

Começou de novo, esperando que o nome lhe viesse à mente.

—Eu, Theodosia, tomo ti... —A voz do Daisy se apagou.

O noivo em questão não lhe dirigiu nenhuma simples olhar e, é obvio, tampouco tentou ajudá-la. Permaneceu com a vista à frente, e as inflexíveis linhas daquele duro perfil provocaram ao Daisy um comichão na pele. Ele acabava de formular seus votos, assim tinha que ter pronunciado o ditoso nome, mas a falta

de inflexão em sua voz não tinha transpassado a paralisia mental do Daisy e não se inteirou.

—Alexander —resmungou seu pai detrás dela, e Daisy pôde deduzir pelo tom de sua voz que apertava os dentes outra vez. Para ter sido um dos melhores diplomáticos dos Estados Unidos não se podia dizer que tivesse muita paciência com ela.

Daisy se cravou as unhas nas Palmas das mãos, dizendo-se que não tinha outra alternativa.

—Eu, Theodosia... —tragou saliva, —tomo a ti, Alexander... —voltou a tragar saliva, —como meu horrível marido.

Até que não escutou a exclamação da Amelia, sua madrasta, não se deu conta do que havia dito. O semental voltou a cabeça e a olhou. Arqueava uma sobrancelha escura com leve curiosidade, como se não estivesse seguro de ter ouvido corretamente. «Meu horrível marido.» O peculiar senso de humor do Daisy tomou o controle e sentiu que lhe tremiam os lábios.

Ele elevou as sobrancelhas, e esses olhos profundos a olharam sem um pingo de diversão. Resultava evidente que o semental não compartilhava seus problemas para conter uma risada inoportuna.

Tragando-a histeria que crescia em seu interior, Daisy olhou rapidamente para diante sem desculpar-se. Ao menos uma parte daqueles votos tinha sido honesta porque ele, sem dúvida, seria um marido horrível para ela. Finalmente, o bloqueio mental desapareceu e o sobrenome do noivo irrompeu em sua mente. Markov. Alexander Markov. Era outro dos russos de seu pai.

Como antigo embaixador na União Soviética, o pai do Daisy, Max Petroff, tinha infinidade de conhecidos na comunidade russa, tão ali, nos Estados Unidos, como no estrangeiro. A paixão de seu pai pela ancestral terra que o tinha visto nascer se refletia inclusive na decoração da habitação onde se encontravam nesse momento, nas paredes azuis —tão comuns na arquitetura residencial de seu país, —a chaminé de tijolos amarelos e a multicolorido atapeta kilim. À esquerda, sobre um secreter de nogueira, havia um par de floreiros de cobalto russo e algumas figura de cristal e porcelana das Coleções Imperiais de São Petersburgo. O móvel era uma mescla de art déco e estilo Vitoriano que, de uma estranha maneira, harmonizava com a estadia.

A grande emano do noivo tomou a do Daisy, muito mais pequena, e ela sentiu a força que possuía quando lhe pôs a singela aliança de ouro no dedo.

—Com este anel, eu te desposo —disse ele com voz severo e inflexível.

Ela contemplou o singelo aro com momentânea confusão. Por isso podia recordar, acabava de entrar no que Lani denominava a fantasia burguesa do amor: o matrimônio. E o tinha feito de uma maneira que nunca tivesse imaginado possível.

—... pelo poder que me outorga o estado de Nova Iorque, declaro-lhes marido e mulher.

Daisy se esticou enquanto esperava que o juiz Rhinsetler convidasse ao noivo a beijar à noiva. Quando não o fez, soube que tinha sido uma sugestão do Max para lhe economizar a vergonha de ver-se forçada a beijar essa áspera e robusta boca. Não entendia como seu pai tinha pensado nesse detalhe, que sem dúvida tinha passado por cima a todos outros. Embora não o admitiria por nada do mundo, Daisy desejaria haver-se parecido mais a ele nesse aspecto, mas se não era capaz de encarregar-se ela sozinha dos acontecimentos mais importantes de sua vida, como ia ocupar se de uns simples detalhes?

Entretanto, detestava sentir lástima de si mesmo, de modo que apartou a um lado esse pensamento enquanto seu pai se aproximava dela para lhe beijar fríamente a bochecha como expediente da cerimônia. Esperava alguma palavra de afeto, mas tampouco se surpreendeu ao não recebê-la. Inclusive conseguiu não sentir-se doída quando ele se apartou.

Max assinalou ao misterioso noivo, que se tinha aproximado das janelas que davam a Central Park. Tinha-os casado o juiz Rhinsetler. As outras testemunhas da cerimônia eram o chofer, que tinha desaparecido discretamente para atender seus deveres, e a esposa de seu pai, Amelia, que destacava entre outros com aquele cabelo loiro cinza e aquela característica voz rouca.

—Felicidades, carinho. Formam um bonito casal Alexander e você. Não te parece, Max?—Sem esperar resposta, Amelia abraçou ao Daisy, as envolvendo às duas em uma nuvem de perfume almiscarado.

Amelia simulava sentir um carinho sincero pela filha ilegítima de seu marido, e embora Daisy era consciente dos verdadeiros sentimentos de sua madrasta, reconhecia o mérito da Amelia guardando as aparências. Não devia ser fácil para ela enfrentar-se à prova vivente do único ato irresponsável que Max tinha cometido em sua vida, inclusive embora tivesse sido vinte e seis anos antes.

—Não sei por que insististe em te pôr esse vestido, querida. Seria perfeito para uma festa, mas não para umas bodas. —O olhar crítica da Amelia avaliou com severidade o caro vestido dourado do Daisy, com o sutiã de encaixe e o baixo bordado, que acabava uns quinze centímetros por cima do joelho.

—É quase branco.

—O dourado não é branco, querida. E é muito curto.

—A jaqueta é muito discreta —assinalou Daisy, alisando as lapelas do objeto de raso dourado que lhe caía até a parte superior da coxa.

—Uma coisa não tem nada que ver com a outra. Não podia ter seguido a tradição e te pôr algo branco? Ou ter escolhido ao menos um pouco de seda?

Já que esse não ia ser um matrimônio de verdade, Daisy pensava que, de ter tido em conta a tradição, estaria-se recordando a si mesmo que estava vulnerando algo que deveria ter sido sagrado. Inclusive se tinha tirado a gardênia que Amelia lhe tinha aceso no cabelo, embora esta havia a tornado a colocar no mesmo lugar pouco antes da cerimônia.

Sabia que Amelia tampouco aprovava os sapatos dourados, que pareceriam umas sandálias romanas de gladiador se não fora pelo salto de dez

centímetros. Eram terrivelmente incômodos, mas ao menos era impossível confundi-los com uns sapatos tradicionais de raso.

—O noivo não parece feliz —sussurrou Amelia. —Não me surpreende. por que não trata de evitar dizer alguma outra tolice por agora? E lhe digo isso a sério, faz algo com respeito a esse molesto costume que tem de dizer o que pensa.

Daisy logo que pôde reprimir um suspiro. Amelia nunca dizia o que pensava em tanto que Daisy quase sempre o fazia, e tal alarde de sinceridade incomodava a sua madrasta. Mas Daisy não era capaz de atuar com hipocrisia. Talvez fora porque isso era quão único seus pais tinham em comum.

Dirigiu um olhar furtivo a seu novo marido e se perguntou quanto lhe teria pago seu pai para que se casasse com ela. A parte mais irreverente do Daisy morria por saber como se efetuou o transação. Dinheiro em efetivo? Um cheque? «Perdão, Alexander Markov, aceita American Express?» Enquanto observava ao noivo declinar uma mimosa da bandeja que lhe tinha tendido Min Soon, tentou imaginar o que ele estaria pensando.

«Quanto tempo mais devo esperar antes de poder tirar a mucosa daqui?»

Alex Markov jogou uma olhada a seu relógio. Outros cinco minutos mais, decidiu. Observou como o servente que acontecia a bandeja de bebidas se parava a adulá-la.

«Desfruta-o, senhora. Passará muito tempo antes de que possa voltar a fazê-lo.»

Enquanto Max lhe mostrava ao juiz um samovar antigo, Alex contemplou as pernas de sua nova esposa, expostas acima de tudo o mundo graças a isso que ela chamava vestido de noiva. Eram magras e bem proporcionadas, o qual lhe fez perguntar-se se o resto desse corpo feminino, oculto pela metade pela jaqueta, seria igual de tentador. Mas nem sequer o corpo de uma sereia o compensaria de ter que casar-se à força.

Recordou a última conversação que manteve com o pai do Daisy.

—É mal educada, atrevida e irresponsável —havia dito Max Petroff. —Sua mãe foi uma má influência para ela. Não acredito que Daisy saiba fazer algo útil. É obvio, não é todo culpa dela. Daisy esteve pega às saias de sua mãe até que morreu. É um milagre que não estivesse a bordo do navio a noite que se acendeu. Tem que ter mão dura com minha filha, Alex, ou te voltará louco.

O pouco que Alex tinha visto do Daisy Deveraux até agora não lhe tinham feito duvidar das palavras do Max. A mãe, Lani Deveraux, tinha sido uma modelo britânica famosa fazia trinta anos. Como os pólos opostos se atraem, Lani e Max Petroff tinham tido uma aventura amorosa quando ele começava a destacar como perito em política externa; Daisy era o resultado.

Max lhe tinha assegurado ao Alex que tinha proposto matrimônio ao Lani quando esta ficou grávida inesperadamente, mas ela se negou a sentar

cabeça. Não obstante, Max tinha insistido em que sempre tinha completo com seu dever de pai para sua filha ilegítima.

Entretanto, tudo indicava o contrário. Quando a carreira do Lani tinha começado a desvanecer-se, converteu-se em assídua de festas e saraus. E onde quer que Lani fora, Daisy a acompanhava. Ao menos Lani tinha tido uma profissão, pensou Alex, mas Daisy não parecia ter feito nada útil na vida.

Enquanto olhava a sua nova esposa com mais atenção, observou algum parecido com o Lani. Tinham a mesma cor de cabelo, escuro como o ébano, e só as mulheres que não saíam de casa podiam ter essa tez tão pálida. Seus olhos eram de um azul incomum, quase como as violetas púrpuras que cresciam aos lados das estradas. Mas Daisy era mais miúda —também parecia mais frágil— e não tinha os rasgos tão marcados. Por isso recordava de velhas fotos, o perfil do Lani tinha sido quase masculino, enquanto que o de sua filha era muito mais suave, especialmente no pequeno nariz arrebitado e naquela boca absurdamente doce.

Segundo Max, Lani tinha um caráter forte, mas era curta de entendederas, outra qualidade que a pequena cabeça oca com a que se casou parecia ter herdado. Não era exatamente a típica garota bonita e tola —era muito culta para isso, —mas não lhe custava imaginar-lhe como o caro brinquedo sexual de um homem rico.

Alex sempre tinha eleito com cuidado a suas companheiras de cama, e embora lhe atraía esse pequeno corpo, preferia outro tipo de mulher, uma que fora algo mais que um bom par de pernas. Gostava das mulheres que fossem inteligentes, ambiciosas e independentes e que não se guardassem nada para si mesmos. Podia respeitar a uma mulher que o mandasse a mierda, mas não tinha paciência com choramingações e chiliques. O mero feito de pensar nisso fazia que lhe chiassem os dentes.

Ao menos tê-la sob controle não seria um problema. Olhou a sua esposa e curvou uma das comissuras da boca em uma sonrisita sardônica. «A vida tem maneiras de pôr às pequenas garotas ricas e mimadas no lugar que lhes corresponde. E, neném, isso é o que te acaba de passar.»

Ao outro lado da habitação, Daisy se deteve diante de um espelho antigo para olhar-se. O fazia por costume, não por vaidade. Para o Lani, a aparência o era tudo. Considerava que levar o rímel deslocado era pior que um holocausto nuclear.

O novo corte de cabelo do Daisy, à altura do queixo e um pouco mais comprido por detrás, era ligeiro, juvenil e delicado. lhe tinha encantado desde o começo, mas lhe tinha gostado ainda mais essa manhã, quando Amelia tinha protestado sobre quão inadequado era esse uso para umas bodas.

Daisy viu aproximar-se de seu noivo pelo reflexo do espelho. Compôs um sorriso educado e se disse a si mesmo que tudo sairia bem. Tinha que ser assim.

—Agarra suas coisas, cara de anjo. Vamos.

Não gostou nem um ápice aquele tom de voz, mas tinha desenvolvido um talento especial para tratar com pessoas difíceis e o passou por cima.

—María está fazendo um soufflé Grand Marnier para o convite de bodas, mas não está preparado ainda, assim teremos que esperar.

—Temo-me que não. Temos que agarrar um avião. Sua bagagem já está no carro.

Necessitava mais tempo. Não estava preparada para estar a sós com ele.

—Não podemos agarrar um vôo mais tarde, Alexander? Ódio decepcionar a María. É uma jóia e faz uns cafés da manhã maravilhosos.

Embora a boca do homem se curvou em um sorriso, os olhos pareceram brocá-la. Eram de uma incomum cor âmbar pálido que recordava a algo vagamente estremecedor. Embora não podia recordar o que era, certamente a inquietava.

—Meu nome é Alex, e tem um minuto para levar esse doce teu culito até a porta.

Ao Daisy deu um tombo o coração, mas antes de que pudesse reagir, lhe deu as costas e se dirigiu aos outros três ocupantes da habitação com voz tranqüila mas autoritária.

—Espero que nos desculpem, mas temos que agarrar um avião.

Amelia deu um passo adiante e dirigiu ao Daisy um malicioso sorriso.

—Vá, vá. Alguém está impaciente por celebrar a noite de bodas. Nossa Daisy é um salgadinho apetecível, verdade?

De repente, ao Daisy lhe foram as vontades de tomar o soufflé da María.

—Trocarei-me de roupa —disse.

—Não tem tempo. Está bem assim.

—Mas...

A firme emano do Alex se posou em suas costas e a empurrou resolutamente para o vestíbulo.

—Suponho que este é sua bolsa. —Ante o assentimento do Daisy agarrou o bolsito do Chanel da mesita dourada e o tendeu. Justo então, o pai e a madrasta do Daisy se aproximaram para despedir-se.

Embora ela não pensava chegar mais à frente do aeroporto, quis escapar do contato do Alex que a conduzia para a porta. voltou-se para seu pai e se odiou a si mesmo pelo leve tom de pânico na voz.

—Talvez você poderia convencer ao Alex de que fiquemos um pouco mais, papai. Logo que tivemos tempo de falar.

—lhe obedeça, Theodosia. E recorda que esta é sua última oportunidade. Se me falhar agora, lavo-me as mãos. Espero que faça algo bem por uma vez em sua vida.

até agora, sempre tinha suportado as humilhações de seu pai em público, mas ser humilhada diante de seu novo marido era muito vergonhoso e Daisy logo que conseguiu endireitar os ombros. Levantando o queixo, deu um passo diante do Alex e saiu pela porta.

negou-se a sustentar o olhar de seu marido enquanto esperavam em silêncio o elevador que os levaria a vestíbulo. Segundos depois, entraram. Comporta-as se fecharam só para abrir-se na planta seguinte e dar passo a uma mulher maior com uma pequinesa cor café claro.

Imediatamente, Daisy se encolheu contra o caro panelado de teca do elevador, mas o cão a divisou. Endireitou as orelhas, emitiu um latido furioso e saltou. Daisy chiou enquanto o cão se equilibrava sobre suas pernas e lhe rasgava as médias.

—Quieto!

O cão continuou lhe arranhando. Daisy gritou e se agarrou aos passamanes de latão do elevador. Alex a olhou com curiosidade e logo apartou ao animal de um empurrão com a ponta do sapato.

—Olhe que é travesso, Mitzi! —A mulher tomou a seu mascote em braços e dirigiu ao Daisy um olhar de recriminação. —Não entendo o que lhe passa. Mitzi quer a todo mundo.

Daisy tinha começado a suar. Continuou obstinada aos passamanes de latão como se o fora a vida nisso enquanto olhava como aquela pequena besta cruel ladrava até que o elevador se deteve no vestíbulo.

—Pareciam lhes conhecer —disse Alex quando saíram.

—Nunca... nunca vi a esse cão em minha vida.

—Não acredito. Esse cão te odeia.

—Não é isso... —ela tragou saliva, —é que me passa uma coisa estranha com os animais.

—Uma coisa estranha com os animais? me diga que isso não quer dizer que lhes tem medo.

Daisy assentiu com a cabeça e tentou respirar com normalidade.

—Genial —resmungou ele atravessando o vestíbulo. —Simplesmente genial.

A manhã de finais de abril era úmida e fria. Não havia papéis pegos na limusine que os esperava junto à calçada, nem latas, nem letreiros de RECÉM CASADOS, nenhuma dessas coisas maravilhosas reservadas às pessoas que se amam. Daisy se disse a si mesmo que tinha que deixar de ser tão sentimental. Lani se tinha metido com ela durante anos por ser exasperadamente antiquada, mas tudo o que Daisy tinha querido era uma vida convencional. Não era tão estranho, supôs, para alguém que tinha sido educada com tão pouco convencionalismo.

subiu à limusine e viu que o cristal opaco que separava ao condutor dos passageiros estava fechado. Ao menos teria a intimidade que necessitava para lhe contar ao Alex Markov qual era seu plano antes de chegar ao aeroporto.

«Fez uns votos, Daisy. Uns votos sagrados.» Afugentou à inequívoca voz de sua consciência dizendo-se que não tinha outra opção.

Alex se sentou junto a ela e o espaçoso interior pareceu voltar-se pequeno repentinamente. Se ele não fora tão fisicamente entristecedor, ela não estaria tão nervosa.

Embora não era tão musculoso como um culturista, Alex tinha o corpo fibroso e fornido de alguém em muito boas condições físicas. Tinha os ombros largos e os quadris estreitos. As mãos que descansavam sobre as calças eram firmes e bronzeadas, com os dedos largos e magros. Daisy sentiu um ligeiro estremecimento que a inquietou.

Apenas se tinham afastado do meio-fio quando ele começou a atirar da gravata. A tirou bruscamente e a meteu no bolso do casaco; depois se desabotoou o botão do pescoço da camisa com um movimento rápido de boneca. Daisy ficou rígida, esperando que não seguisse. Em uma de suas fantasias eróticas favoritas, ela e um homem sem rosto faziam o amor apaixonadamente no assento traseiro de uma limusine branca que percorria Manhattan enquanto Michael Bolton cantava de fundo Quando um homem ama a uma mulher, mas havia uma grande diferencia entre a fantasia e a realidade.

A limusine se incorporou ao tráfico. Ela respirou fundo, tentando tranqüilizar-se, e cheirou o intenso perfume a gardênia em seu cabelo. Viu que Alex tinha deixado de tirá-la roupa, mas quando ele estirou as pernas e começou a estudá-la, Daisy se removeu no assento com nervosismo. Não importava o muito que o tentasse, nunca seria tão bela como sua mãe, e quando a gente a olhava muito tempo, sentia-se como um patito feio. Os buracos das meias douradas, depois do encontro com o pequinês, não contribuíam a reforçar sua confiança em si mesmo.

Abriu a bolsa para procurar o cigarro que tanto necessitava. Era um vício horrível, sabia de sobra e não estava orgulhosa de ter sucumbido a ele. Embora Lani sempre tinha fumado, Daisy não estava acostumado a fumar mais que um cigarro de vez em quando com uma taça de vinho. Mas naqueles primeiros meses depois da morte de sua mãe se deu conta de que os cigarros a relaxavam e se converteu em uma verdadeira viciada neles. depois de uma larga imersão, decidiu que estava o suficientemente acalmada para lhe expor o plano ao senhor Markov.

—Apaga-o, cara de anjo.

Lhe dirigiu um olhar de desculpa.

—Sei que é um vício terrível e lhe prometo que não lhe jogarei a fumaça, mas agora mesmo o necessito.

Ele alargou a mão detrás dela para baixar o guichê. Sem prévio aviso, o cigarro começou a arder.

Ela gritou e o soltou. As faíscas voaram por toda parte. Ele tirou um lenço do bolso do traje e de algum jeito conseguiu apagar todas as brasas.

Respirando agitadamente, ela se olhou o regaço e viu a marca diminuta de uma queimadura no vestido de raso dourado.

—O que passou? —perguntou sem fôlego.

—Acredito que estava defeituoso.

—Um cigarro defeituoso? Nunca vi nada assim.

—Será melhor que atire o maço de cigarro se por acaso todos outros estão igual.

—Sim. É obvio.

Ela a entregou com rapidez e ele se meteu o pacote no bolso das calças. Embora Daisy ainda se estremecia do susto, ele parecia perfeitamente depravado. Reclinando-se no assento da esquina, ele cruzou os braços sobre o peito e fechou os olhos.

Tinham que falar —tinha que lhe expor o plano para pôr fim a esse abafadiço matrimônio, —mas ele não parecia estar de humor para conversar e ela temia colocar a pata se não ia com cuidado. O último ano tinha sido um desastre total e Daisy se acostumou a animar-se com pequenas coisas a fim de não deixar-se levar totalmente pelo desespero.

recordou-se a si mesmo que embora sua educação podia ter sido pouco ortodoxa, certamente sim tinha sido completa. E apesar do que seu pai pensava, tinha herdado o cérebro do Max e não o do Lani. Também possuía um grande senso de humor e era otimista por natureza, qualidade que nem sequer o último ano tinha podido destruir por completo. Falava quatro idiomas, era capaz de identificar ao desenhista de quase qualquer modelo de alta costura e era toda uma perita em acalmar a mulheres histéricas. Por desgraça, não possuía nem o mais mínimo sentido comum.

por que não tinha feito caso do advogado parisino do Lani, quando lhe deixou claro que não ficaria nem um centavo uma vez que pagasse as dívidas que esta tinha deixado? Agora suspeitava que tinha sido o sentimento de culpa o que a tinha impulsionado a assistir a todas aquelas festas durante os desastrosos meses que seguiram ao funeral. Levava muitos anos querendo liberar da chantagem emocional ao que sua mãe a tinha submetido em sua interminável busca do prazer. Mas não tinha querido que Lani morrera. Isso não.

Lhe encheram os olhos de lágrimas. Tinha querido muitíssimo a sua mãe e, apesar de seu egoísmo, de suas intermináveis exigências e de sua constante necessidade de reafirmar-se na beleza, Daisy sabia que Lani a tinha querido.

havia-se sentido culpado ante a inesperada liberdade que o dinheiro e a morte do Lani lhe tinham proporcionado. gastou-se toda a fortuna, não só em si mesmo mas também em qualquer dos velhos amigos do Lani que estivesse em apuros. Quando as ameaças dos credores tinham subido de tom, tinha estendido cheques para mantê-los calados, sem saber nem lhe importar se tinha dinheiro para cobri-los.

Max descobriu o esbanjamento do Daisy o mesmo dia que emitiram uma ordem de arresto contra ela. Foi então quando se deu conta da realidade e do alcance do que tinha feito. Teve que lhe rogar a seu pai que lhe emprestasse dinheiro para manter afastados aos credores, prometendo devolver-lhe assim que pudesse.

Max tinha recorrido à chantagem. Era hora de que maturasse, havia-lhe dito, e se não queria ir ao cárcere deveria pôr fim a todas essas extravagâncias e seguir suas ordens sem pigarrear.

Em um tom brusco e inflexível, ele tinha ditado seus términos. casaria-se com o homem que ele escolhesse para ela logo que pudesse arrumá-lo. E não só isso, teria que permanecer casada durante seis meses, exercendo de esposa obediente durante esse tempo. Só ao final desses seis meses poderia divorciar-se e beneficiar-se de um fundo fiduciário que ele estabeleceria para ela, um fundo fiduciário que ele controlaria. Se era frugal, poderia viver com relativa comodidade o resto de sua vida.

—Não pode falar a sério! —exclamou ela quando finalmente tinha recuperado a fala. —Já não existem os matrimônios de conveniência.

—Nunca falei mais a sério. Se não aceitar te casar, irá ao cárcere. E se não permanecer casada durante seis meses, nunca voltará a ver um penique mais de meu bolso.

Três dias mais tarde, tinha-lhe apresentado ao futuro noivo sem mencionar que estudos possuía nem a que se dedicava, e só lhe tinha feito uma advertência:

—Ele te ensinará algo sobre a vida. por agora, é tudo o que precisa saber.

Cruzaram o Triborough Bridge e se deu conta de que muito em breve chegariam ao Guarda, pelo qual não podia esperar mais para tirar colação o tema sobre o que tinham que falar. Por costume, Daisy tirou um espelho dourado da bolsa para certificar-se de que tudo estava como tinha que estar. Já mais segura, fechou-o com um golpe seco.

—Desculpe, senhor Markov.

Ele não respondeu.

Ela se esclareceu garganta.

—Senhor Markov? Alex? Acredito que temos que falar.

Ele abriu as pálpebras que ocultavam aqueles olhos cor âmbar líquido.

—Do que?

Apesar dos nervos, ela sorriu.

—Somos uns completos desconhecidos que acabam de contrair matrimônio. Acredito que isso nos dá tema mais que suficiente para falar.

—Se quer escolher os nomes de nossos filhos, cara de anjo, acredito que passo.

Assim tinha senso de humor depois de tudo, embora fora algo cínico.

—Quero dizer que deveríamos falar de como vamos passar os próximos seis meses antes de poder solicitar o divórcio.

—Acredito que será melhor que vamos passo a passo, dia a dia —fez uma pausa. —Noite a noite.

Ao Daisy lhe pôs a pele de galinha e se disse a si mesmo que não fora estúpida. Ele tinha feito um comentário perfeitamente inocente e ela só tinha

imaginado a conotação sexual naquele tom baixo e rouco. Forçou um brilhante sorriso.

—Tenho um plano, um plano muito simples em realidade.

—Sim?

—Se me der a metade do que lhe pagou meu pai por casar-se comigo, e acredito que estará de acordo comigo em que é o mais justo, poderemos ir cada qual por seu lado e acabar com esta confusão.

Uma expressão divertida apareceu nesses rasgos de aço.

—De que confusão fala?

Ela deveria ter sabido, pela experiência adquirida graças aos amantes de sua mãe, que um homem assim de bonito não transbordaria matéria cinza.

—A confusão de nos encontrar casados com um desconhecido.

—Pois acredito que chegaremos a nos conhecer bastante bem. —De novo essa voz rouca. —E isso de ir cada um por seu lado não era o que Max tinha em mente. Tal e como o recordo, supõe-se que temos que viver juntos como marido e mulher.

—Isso pretende meu pai. É um pouco tirano no que se refere às vidas de outras pessoas. O melhor de meu plano consiste em que ele nunca saberá que nos separamos. Enquanto não vivamos em sua casa de Manhattan, onde pode nos ver, não terá nem idéia de onde estamos.

—Definitivamente não viveremos em sua casa de Manhattan.

Ele parecia não estar tão disposto a cooperar como ela tinha esperado, mas Daisy era o suficientemente otimista para acreditar que só necessitava um pouco mais de persuasão.

—Sei que meu plano funcionará.

—A ver se nos entendemos. Quer que te dê a metade do que Max me deu de me casar contigo?

—Já que o menciona, quanto foi?

—Não foi nem muito menos suficiente —resmungou ele.

Ela nunca tinha tido que discutir as condições e não gostava de ter que fazê-lo agora, mas ao parecer não tinha alternativa.

—Se o pensar um pouco, verá que é o justo. depois de tudo, se não fora por mim, não teria nada.

—Quer dizer que planeja me dar a metade do fundo fiduciário que seu pai prometeu estabelecer para ti?

—OH, não, não penso fazer isso.

Ele soltou uma breve gargalhada.

—Me imaginava.

—Não o entende. Pagarei-lhe a dívida logo que tenha acesso a meu dinheiro. Só lhe estou pedindo um empréstimo.

—E eu me nego.

Daisy compreendeu que havia lhe tornado a passar o de sempre. Tinha o cacoete de assumir o que outras pessoas fariam ou o que faria ela em seu lugar.

Por exemplo, se fosse Alex Markov, emprestaria-se a lhe dar a metade do dinheiro simplesmente por desfazer-se dela.

Precisava fumar. Aquilo não pintava bem.

—Pode me devolver os cigarros? Estou segura de que não todos estavam defeituosos.

Ele tirou o enrugado pacote do bolso das calças e o entregou. Daisy acendeu um com rapidez, fechou os olhos e se encheu os pulmões de fumaça.

escutou-se um estalo e quando abriu os olhos de repente, o cigarro estava em chamas. Com um grito afogado, deixou-o cair. De novo, Alex apagou a bituca e as brasas com o lenço.

—Deveria denunciá-los —disse ele com suavidade. Daisy se levou a mão à garganta, muito aturdida para falar.

Ele se aproximou e lhe tocou um peito. Ela sentiu o roce desse dedo na parte interior do seio e se estremeceu, quão mesmo a pele sensível debaixo do raso. Elevou o olhar de repente a esses insondáveis olhos dourados. —um pouco de cinza —disse ele. Daisy pôs a mão onde ele a havia meio doido e sentiu o martilleo do coração sob os dedos. Quanto tempo tinha passado da última vez que uma mão que não fora a sua a havia meio doido ali? Dois anos, recordou, quando se tinha feito a última revisão médica.

Ela viu que tinham chegado ao aeroporto e se armou de valor.

—Senhor Markov, tem que entender que não podemos viver juntos como marido e mulher. Somos uns completos desconhecidos. Toda esta idéia é ridícula e terei que insistir em que coopere mais comigo.

—Insistir? —disse ele brandamente. —Não acredito que tenha direito a insistir sobre nada.

Ela esticou as costas.

—Não vou permitir que me intimide, senhor Markov.

Ele suspirou e sacudiu a cabeça, olhando-a com uma expressão de pesar que ela duvidava que fora sincera.

—Esperava não ter que fazer isto, cara de anjo, mas deveria ter imaginado que não foste ser fácil. Será melhor que te explique as regras básicas agora mesmo, assim saberá a que atenerte. Para bem ou para mau, vamos permanecer casados durante seis meses a partir de hoje. Pode ir quando quiser, mas terá que fazê-lo sozinha. E se por acaso ainda não te deste conta, este não vai ser um desses matrimônios modernos dos que se fala nas revistas. Este vai ser um matrimônio tradicional. —Repentinamente, sua voz se voltou mais tenra e suave. —O que quero dizer, cara de anjo, é que eu mando e você fará o que diga. Se não o fizer, sofrerá algumas conseqüências bastante desagradáveis. A boa notícia é que, passado o tempo estipulado, poderá fazer o que quiser. Sinceramente, importará-me um nada.

O pânico se apoderou do Daisy, que lutou por não perder os nervos.

—Eu não gosto que me ameacem. Será melhor que fale claro e me diga quais são essas conseqüências que pendem sobre minha cabeça.

Ele se reclinou no assento e torceu a boca em uma careta tão dura que Daisy sentiu um calafrio nas costas.

—Verá, cara de anjo, não penso te dizer nada. Você mesma o descobrirá todo esta noite.

CAPÍTULO 02

Daisy se pascaba pelo rincão mais hábil da seção de fumantes da porta de embarque do USAir, dando umas imersões um profundas e rápidas ao cigarro que começou a enjoar-se. O avião, conforme tinha descoberto, dirigia-se ao Charleston, Carolina do Sul, uma de suas cidades favoritas, algo que tomou como um bom sinal em uma larga cadeia de acontecimentos que se foram voltando cada vez mais desastrosos.

Primeiro, o estirado e poderoso senhor Markov se negou a aceitar o plano. Logo lhe tinha sabotado a bagagem. Quando o chofer descarregou uma só mala do porta-malas em lugar do jogo completo que ela tinha preparado, Daisy pensou que era um equívoco, mas Alex a tirou rapidamente de seu engano.

—Viajaremos com pouca bagagem. Ordenei-lhe à ama de chaves que o refizera por ti durante a cerimônia.

—Não tinha direito a fazer isso!

—vamos faturar. —Ele agarrou sua própria e ligeira bagagem, e Daisy ficou olhando com assombro como punha-se a andar sem lhe deixar outra opção que segui-lo. Ela logo que podia carregar com a mala; seus tornozelos se cambaleavam sobre os altos saltos enquanto se arrastava atrás dele. Sentindo-se desgraçada e coibida, dirigiu-se à entrada, onde todo aquele que passava notava as meias furadas, o vestido queimado e a gardênia murcha.

Quando Alex desapareceu nos asseios, ela se tinha apressado a comprar um novo maço de cigarro, mas descobriu que só tinha um bilhete de dez dólares na bolsa. deu-se conta com inquietação de que esse era todo o dinheiro que possuía. Suas contas correntes estavam bloqueadas e os cartões de crédito canceladas. portanto, voltou a guardar o bilhete na carteira e lhe pediu um cigarro a um atrativo executivo.

Assim que o apagou, Alex saiu dos asseios e ao ver como ia vestido sentiu um tombo no estômago. O escuro traje alfaiate tinha sido substituído por uma camisa vaqueira, desgastada por infinidade de lavagens, e uns jeans tão descoloridos que pareciam quase brancos. Os baixos desfiados da calça caíam sobre umas botas blusões de pele cheias de arranhões. Levava a camisa arregaçada, mostrando uns fortes e bronzeados antebraços ligeiramente talheres de pêlo escuro e um reloj.de oro com uma correia de pele. Daisy se mordiscou o lábio inferior. Ao pensar em tudo o que seu pai podia lhe haver feito, nunca lhe tinha ocorrido que a casaria com o Homem Marlboro.

Ele se aproximou dela carregando a mala com facilidade pela asa. Rodeado-los calças revelavam umas pernas musculosas e uns quadris estreitos. Ao Lani tivesse encantado.

—Vamos. Acabam de fazer a última chamada.

—Senhor Markov, por favor, não acredito que queira fazer isto. Se me emprestasse só a terceira parte do dinheiro que legitimamente me pertence, poderíamos pôr fim a esta situação.

—Fiz-lhe uma promessa a seu pai e nunca falto a minha palavra. Possivelmente seja um pouco antiquado, mas é uma questão de honra.

—Honra! vendeu-se! Deixou que meu pai lhe comprasse! Que classe de honra é esse?

—Max e eu fizemos um trato e não vou romper o. É obvio, se insistir em partir, não te deterei.

—Sabe que não posso fazê-lo! Não tenho dinheiro.

—Então, vamos. —Ele tirou os cartões de embarque do bolso da camisa e ficou em marcha.

Ela não tinha dinheiro nem cartões de crédito, e seu pai lhe tinha ordenado que não ficasse em contato com ele. Com o estômago revolto, precaveu-se de que não tinha outra alternativa que segui-lo, e agarrou a mala.

diante dela, Alex tinha alcançado a última fileira de cadeiras, onde um adolescente estava sentado fumando. Quando seu novo marido passou junto ao menino, o cigarro de este começou a arder.

Umas duas horas depois Daisy se encontrava sob um sol resplandecente no estacionamento do aeroporto do Charleston, observando a caminhonete negra do Alex; tinha o capô coberto por uma grosa capa de pó e a matrícula da Florida quase ilegível pelo barro seco que a ocultava.

—Deixa-a aí detrás. —Alex lançou sua própria mala sobre a caminhonete, mas não se ofereceu a fazer o mesmo com a dela, igual a não se ofereceu a levar-lhe no aeroporto.

Daisy chiou os dentes. Se pensava que ia pedir lhe ajuda, podia esperar sentado. Doeram-lhe os braços quando tentou lançar a volumosa mala à parte traseira. Pôde sentir os olhos do Alex sobre ela e, embora suspeitava que ao final agradeceria tudo o que o ama de chaves tinha metido nela, nesse momento teria dado algo por que aquele desenho do Louis Vuitton fora mais pequeno.

Agarrou a asa com uma mão e sujeitou a parte inferior da mala com a outra. Com grande esforço, atirou dela.

—Necessita ajuda? —perguntou o com falsa inocência.

—Não..., gra... recua. —As palavras pareciam grunhidos mais que outra coisa.

—Está segura?

Daisy, que por fim conseguiu elevá-la para empurrá-la com o ombro para dentro, não tinha suficiente fôlego para responder. Só uns centímetros mais. cambaleou-se sobre os saltos. um pouco mais...

Com um grito de consternação, a mala e ela caíram para trás. Gritou ao impactar contra o pavimento, logo chiou de pura raiva. Com o olhar cravado no céu se precaveu de que a mala tinha amortecido a queda e evitado que se machucasse. Também se deu conta de que tinha cansado de maneira desajeitada, com a curta saia lhe rodeando as coxas, os joelhos pegos e os pés estendidos.

Umas escuras e gastas botas blusões entraram em seu ângulo de visão. Deslizou o olhar pelas coxas que se perfilavam sob os jeans e pelo largo peito e, ao chegar a aqueles olhos cor âmbar que brilhavam com diversão, Daisy recuperou sua dignidade. Juntando os tornozelos, apoiou-se nos cotovelos.

—Isto é justo o que pretendia.

A risada do homem foi rouca e oxidada, como se não se riu em muito tempo.

—Se você o disser.

—Assim é. —Com toda a dignidade que pôde reunir, impulsionou-se sobre os cotovelos até ficar sentada. —A isto é ao que nos levou seu comportamento infantil. Espero que o sinta.

Ele soltou uma gargalhada.

—Você o que precisa é um vigilante, cara de anjo, não um marido.

—Deixe de me chamar assim!

—me agradeça que te chame assim. —Agarrou a asa da mala e a lançou com facilidade sobre a parte traseira da caminhonete como se não pesasse mais que o orgulho do Daisy. Logo atirou dela até pô-la em pé. Abriu a porta da caminhonete e a empurrou ao sufocante interior.

Daisy esperou para falar até que tiveram deixado o aeroporto atrás. Viajavam por uma estrada de dobro sentido que se dirigia terra adentro em lugar da o Milton Head, como ela tinha esperado.

Matagais e maleza bordeaban ambos os lados da estrada e o ar quente que entrava pelos guichês abertos da caminhonete lhe agitava os cabelos contra as bochechas. Adotando um tom suave, Daisy rompeu o silêncio.

—Poderia acender o ar condicionado? Me enreda o cabelo.

—Leva anos sem funcionar.

Talvez estivesse já intumescida, porque aquela resposta não a surpreendeu. Os quilômetros passaram voando e os signos de civilização escasseavam cada vez mais. De novo lhe perguntou o que se negou a responder quando desceram do avião.

—Poderia me dizer aonde nos dirigimos?

—É melhor que o veja por ti mesma.

—Isso não soa muito esperançados

—Por dizer o de uma maneira suave, onde vamos não há salão de coquetel.

Jeans, botas, matrícula da Florida. Talvez fora rancheiro! Ela sabia que havia multidão de boiadeiros ricos na Florida. Possivelmente estivessem dirigindo-se para o sul. «Por favor, Deus, que seja rancheiro. Que seja igual a um episódio repetido de Dallas. Que haja uma formosa casa, roupas de desenho, e Sue Ellen e J. R. vagabundeando ao redor da piscina.»

—É você rancheiro?

—Pareço rancheiro?

—O que parece é um psiquiatra. Responde a uma pergunta com outra.

—Os psiquiatras fazem isso? Nunca fui a um.

—É obvio que não. É evidente o bem que lhe funciona a cabeça

Ela tinha tentado que o comentário soasse sarcástico, mas o sarcasmo nunca lhe tinha dado bem e pareceu que o estava adulando.

Daisy olhou pelo guichê a hipnótica paisagem da estrada. Totalmente ensimismada, viu uma casa desvencilhada com uma árvore no pátio dianteiro cheio de manjedouras de pássaros feitos de cabaça. O ar quente os movia.

Fechou os olhos e se imaginou fumando. Ou o tentou. Até esse dia, não se tinha dado conta do muito que dependia da nicotina. Assim que se adaptasse à nova situação, teria que deixar de fumar. Assim que chegasse a sua nova vida, teria que replantearse muitas costure. Por exemplo, nunca fumaria na casa do rancho. Se gostava de um cigarro, sairia a fumar-lhe a terraço, no balancim ao lado da piscina.

Enquanto seguia sonhando, encontrou-se rezando outra vez: «Por favor, Deus, que haja terraço. Que haja piscina...»

um pouco mais tarde, despertou o estalo continuado da caminhonete. incorporou-se bruscamente, abriu os olhos e soltou um grito afogado de assombro.

—Passa algo?

—me diga que isso não é o que acredito que é.

O dedo da jovem tremia quando assinalou para o objeto que se movia ao outro lado do poeirento pára-brisa.

—É difícil confundir a um elefante com outra coisa.

Era um elefante. Um elefante de verdade, vivinho e abanando o rabo. A besta recolheu um fardo de feno com a tromba e o lançou para trás. Olhando a deslumbrante luz do entardecer, Daisy rezou para estar ainda dormindo e que aquilo só fora um pesadelo.

—me diga que estamos aqui porque quer me levar a circo.

—Não exatamente.

—Vai você sozinho?

—Não.

Daisy tinha a boca tão seca que lhe resultava difícil articular as palavras.

—Sei que não gosta, senhor Markov, mas, por favor, me diga que não trabalha aqui.

—Sou o gerente.

—Gerente de um circo —repetiu ela fracamente.

—Exato.

Atordoada, Daisy se deixou cair contra o assento. Apesar de seu otimismo, era incapaz de encontrar uma luz ao final do túnel.

No recinto abrasado pelo sol havia uma carpa de circo vermelha e azul junto com várias carpas mais pequenas e uma grande quantidade de caravanas. A carpa maior, salpicada por estrelas douradas, tinha um grande rótulo de cor vermelha intensa onde se podia ler: CIRCO DOS IRMÃOS QUEST, PROPRIETÁRIO: Owen QUEST. além de uns quantos elefantes atados, Daisy viu uma chama, um camelo, várias jaulas enormes com animais e toda classe de gente de mal viver, entre a que incluiu a alguns homens bastante sujos. À maioria deles pareciam lhe faltar os dentes dianteiros.

O pai do Daisy sempre tinha sido um esnobe. adorava todo esse cilindro das linhagens antigas e os títulos de nobreza. gabava-se de descender das maiores famílias zaristas da Rússia. O fato de que tivesse casado a sua única filha com um homem que trabalhava em um circo dizia muito do que sentia por ela.

—Não é exatamente o dos Irmãos Ringling.

—Isso já o vejo —repôs ela fracamente.

—Os Irmãos Quest é um dos circos que se conhecem como circos de barro.

—por que diz isso?

—Logo o averiguará —a resposta soou ligeiramente diabólica.

Seu marido estacionou a caminhonete ao lado das demais, apagou o motor e saiu. Para quando ela baixou, ele já tinha tirado as malas da parte traseira e tinha posto-se a andar carregando com elas.

Os altos saltos do Daisy se afundaram no terreno arenoso e se cambaleou enquanto seguia ao Alex. Todos deixaram o que estavam fazendo e cravaram os olhos nela. O joelho aparecia pelo largo buraco das médias, a chamuscada jaqueta de raso lhe caía de um ombro e os sapatos se afundavam em algo muito brando. Afligida, Daisy baixou o olhar para assegurar-se de que tinha pisado em justo o que se temia.

—Senhor Markov!

O chiado da jovem tinha um deixe de histeria, mas ele pareceu não ouvi-la e seguiu caminhando para a fileira de caravanas. Ela esfregou a sola do sapato pela areia, enchendo-se o de pó durante o processo. Com uma exclamação afogada, Daisy pôs-se a andar de novo.

Alex se aproximou de dois veículos que estavam estacionados um ao lado do outro. O mais próximo era uma moderna caravana chapeada com uma antena parabólica. Ao lado havia outra caravana amolgada e oxidada que parecia ter sido verde em outra vida.

«Por favor, que seja a caravana da parabólica em vez da outra. Por favor...»

Ele se parou ante a feia caravana verde, abriu a porta e desapareceu no interior. Daisy gemeu, logo se deu conta de que estava tão intumescida emocionalmente que nem sequer era capaz de surpreender-se.

Alex reapareceu na porta um momento depois e observou como se aproximava cambaleando-se para ele.

Quando ao fim chegou ao curvado degrau de metal, lhe ofereceu um sorriso cínico.

—Lar, doce lar, cara de anjo. Quer que te agarre em braços para cruzar a soleira?

A pesar do sarcástico comentário, ela escolheu esse momento em particular para recordar que nunca a tinham pego em braços para cruzar uma soleira e que apesar das circunstâncias, este era o dia de suas bodas.

Possivelmente pôr um toque sentimental os ajudaria aos dois a tirar algo positivo dessa terrível experiência.

—Sim, obrigado.

—Está de coña?

—Quer ou não quer fazê-lo?

—Não quero.

Ela tentou dissimular a decepção.

—Vale.

—É uma puta caravana.

—Já o vejo.

—Nem sequer acredito que as caravanas tenham soleiras.

—Se houver uma porta, há uma soleira. Inclusive um iglu tem soleira.

Pela extremidade do olho, ela viu que começava a formar uma multidão a seu redor. Alex também se deu conta.

—Vamos, entra.

—É você quem se ofereceu.

—Estava sendo sarcástico.

—Já me fixei que o faz muito. E se por acaso ninguém o há dito nunca, é um costume molesto.

—Entra, Daisy.

De algum jeito se tinha esboçado uma linha e o que tinha começado como um impulso se converteu em um duelo de vontades. Ela permaneceu no degrau, com os joelhos trementes, mas tentando manter-se firme.

—Agradeceria-lhe que pelo menos tivesse a decência de cumprir essa tradição.

—Pelo amor de Deus. —Ele desceu de um salto, levantou-a em braços e a levou a interior, fechando a porta de uma patada. Ao momento a deixou bruscamente em pé.

antes de poder decidir se tinha ganho ou perdido essa batalha em particular, Daisy foi consciente do que a rodeava e se esqueceu de todo o resto.

—Ai, Deus!

—Ferirá meus sentimentos se me disser que você não gosta.

—É horrível.

O interior era inclusive pior que o exterior. Estreito e desordenado, cheirava a mofo, a velho e a comida rançosa. diante dela havia uma cozinha em miniatura, o mostrador de fórmica cor azul esvaída estava estilhaçada. Os pratos sujos estavam amontoados na diminuta pia e havia uma caçarola com uma grosa crosta sobre o fogão, justo em cima da porta do forno, que estava sujeita por uma parte de corda. O puído tapete tinha sido dourada em outro tempo, mas agora tinha tantas manchas que sua cor só podia descrever-se recorrendo a alguma função corporal. À direita da cozinha, descolorida-a tapeçaria a quadros do pequeno sofá logo que era visível debaixo da pilha de livros, periódicos e roupa masculina. Viu uma geladeira descascada, armários com o laminado estilhaçado e uma cama revolta.

Daisy olhou rapidamente a seu redor.

—Onde estão o resto das camas?

Ele a olhou sem expressão, logo passou junto às malas que tinha deixado no meio do chão.

—Isto é uma caravana, cara de anjo, não uma suíte no Ritz. É tudo o que há.

—Mas... —Daisy fechou a boca. Tinha a garganta seca e um vazio no estômago.

A cama ocupava a maior parte do fundo da caravana e estava separada do resto por um arame que sustentava uma descolorida cortina cor café que nesse momento estava recolhimento contra a parede. Sobre os lençóis havia algumas roupas enredadas, uma toalha e algo que parecia ser um pesado cinturão negro.

—O colchão está limpo e é cômodo —disse ele.

—Estarei mais cômoda no sofá.

—Como quer.

Ela ouviu uma série de tinidos metálicos e viu que Alex se estava esvaziando os bolsos na desordenada encimera da cozinha: algumas moedas, as chaves da caminhonete e a carteira.

—Vivia em outra caravana até faz uma semana, mas era muito pequena para duas pessoas, assim que mudei a esta. É uma pena que não tenha tido tempo para chamar o decorador. —Ele sacudiu a cabeça. —Os donnickers estão ali. É o único sítio que me deu tempo a limpar. Pode colocar suas coisas no armário que tem detrás. A função começa em uma hora; não te aproxime dos elefantes.

«Donnicker? A função?»

—Em realidade, não acredito que possa viver aqui —disse ela. —Está asqueroso.

—Tem razão. Suponho que necessita o toque de uma mulher. Encontrará produtos de limpeza debaixo da pia.

Ele passou por seu lado em direção à porta, então se deteve. Estupefata, Daisy viu como se aproximava de novo a encimera, agarrava a carteira e voltava a colocá-la no bolso.

sentiu-se profundamente ofendida.

—Não pensava lhe roubar.

—É obvio que não. Mas é melhor não tentar à sorte. —Alex lhe roçou o braço com o peito quando voltou a passar junto a ela para a porta. —Hoje temos função às cinco e às oito. Atuo nas duas.

—Detenha-se agora mesmo! Não posso ficar neste horrível lugar e não vou limpar toda esta porcaria!

Ele olhou com ar distraído a ponta de sua bota, logo levantou a vista. Daisy ficou olhando aqueles pálidos olhos dourados e sentiu um calafrio de temor, seguido de outra estranha sensação que não quis examinar mais a fundo.

Ele levantou lentamente a mão, e Daisy deu um coice quando a fechou com suavidade ao redor de sua garganta. Sentiu a ligeira aspereza do polegar quando lhe roçou o oco sob a orelha com algo que parecia uma carícia.

—me escute com atenção, cara de anjo —disse ele com suavidade. —Podemos fazer isto pelas boas ou pelas más. De um modo ou outro vou ganhar. Você decide como quer que seja.

olharam-se fixamente aos olhos. Em um instante que pareceu eterno, Alex lhe exigiu sem palavras que se submetesse a ele. Os olhos do homem deixaram um rastro de fogo sobre ela, lhe consumindo a roupa, a pele, até que Daisy se sentiu nua e despojada, com todas suas debilidades expostas. Queria fugir e esconder-se, mas a força daquele olhar masculino a deixou imobilizada.

Alex lhe deslizou a mão pela garganta, logo lhe tirou a jaqueta pelos braços, fazendo que caísse ao chão com um sussurro. Agarrou o tirante dourado do vestido que levava debaixo e o deslizou pelo ombro. Ela não levava prendedor —lhe houvesse transparentado com o vestido— e o coração começou a lhe pulsar com força.

Com a ponta do dedo, Alex baixou o tirante por seu peito até chegar ao mamilo. Logo, inclinou a cabeça e tomou com os dentes a suave pele que tinha exposto.

Daisy ficou sem respiração quando notou o beliscão. Deveria ter sido doloroso, mas seus sentidos perceberam a pequena dentada com prazer. Sentiu a insolente emano do Alex no cabelo e logo ele se apartou, embora já tinha deixado sua marca nela como se fora um animal selvagem. Foi então quando Daisy soube a que lhe recordavam esses olhos ambarinos. A um animal de presa.

A porta da caravana se balançou sobre suas dobradiças. Alex saiu e a olhou, deixando cair a gardênia que lhe tinha roubado do cabelo.

Estalou em chamas.

CAPÍTULO 03

Daisy fechou a porta de repente deixando fora a flor queimada, e se levou a mão ao peito. Que classe de homem podia dominar o fogo?

Notando que o coração lhe pulsava com força sob a mão, recordou-se que estava em um circo, um lugar de ilusões. Alex devia ter aprendido alguns truques de magia no transcurso dos anos e Daisy não deveria dar rédea solta à imaginação.

tocou-se a pequena marca vermelha na suave curva do peito e o mamilo se esticou em resposta. Olhando a cama sem fazer, deixou-se cair em uma das cadeiras junto à mesa da cozinha e tentou assimilar a ironia de todo aquilo.

MIM filha se reserva para o matrimônio.» Lani estava acostumado a soltar essa declaração nos jantares para divertir a seus amigos enquanto Daisy se tragava a vergonha e fingia rir com eles. Quando Daisy cumpriu os vinte e três anos, sua mãe deixou de anunciá-lo em público por medo de que seus amigos pensassem que sua filha era um inseto estranho.

Agora que tinha vinte e seis, Daisy se considerava uma relíquia vitoriana. Sabia o suficiente de psicologia humana para dar-se conta de que sua resistência ao sexo fora do matrimônio era um ato de rebeldia. Quando era menina, tinha observado o vaivém da porta do dormitório de sua mãe e soube que nunca poderia ser como ela. Desejava com toda a alma ser considerada uma mulher respeitável. Inclusive houve um tempo em que pensou que o tinha conseguido.

chamava-se Noel Black, tinha quarenta anos e era executivo em uma editorial britânica. Conheceu-o em uma festa em Escócia. Era tudo o que admirava em um homem: cavalheiresco, inteligente e bem educado. Não foi difícil apaixonar-se por ele.

Daisy era uma mulher faminta de afeto, e os beijos do Noel e suas peritas carícias a avivavam até quase fazê-la perder o julgamento. Inclusive assim, Daisy não pôde esquecer seus princípios, profundamente arraigados, para deitar-se com ele. Ao princípio, a negativa da jovem lhe irritou, mas pouco a pouco ele compreendeu quão importante era aquilo para ela e lhe propôs matrimônio. Daisy aceitou entusiasmada e viveu em uma nuvem rosa durante os dias que faltavam para a cerimônia.

Lani fingiu estar encantada, mas Daisy deveria ter imaginado que a sua mãe dava terror ficar sozinha, até o ponto de deixar-se levar pelo desespero. Ao Lani não levou muito tempo tramar um cuidadoso e calculado plano para seduzir ao Noel Black.

A favor do Noel devia dizer que conseguiu resistir quase um mês, mas Lani sempre conseguia o que se propunha e ao final o conquistou.

—Fiz-o por ti, Daisy —havia dito quando uma Daisy afligida descobriu a verdade. —Queria que abrisse os olhos e visse quão hipócrita é. meu deus, teria sido muito desgraçada se te tivesse casado com ele.

Mãe e filha discutiram amargamente e Daisy tinha chegado a recolher todas seus pertences para partir. O intento de suicídio do Lani pôs fim a isso.

subiu o tirante do vestido de noiva e suspirou. Foi um som profundo e doloroso, o tipo de suspiro que saía do mais profundo da alma porque não tinha palavras para expressar seus sentimentos.

Para outras mulheres o sexo resultava fácil. por que não para ela? prometeu-se a si mesmo que nunca teria relações sexuais fora do matrimônio e agora estava casada. Mas, ironicamente, seu marido era mais desconhecido para ela que qualquer dos homens que tinha rechaçado. O fato de que fora tão brutalmente atrativo não trocava as coisas. Nem sequer podia imaginar entregar-se a alguém a quem não amasse.

Voltou a olhar a cama. levantou-se e se aproximou dela. Algo que parecia uma corda negra aparecia sob uns jeans atirados de qualquer maneira sobre as enrugados lençóis azuis. inclinou-se para tocar o tecido dos jeans, desgastada pelo uso, e deslizou um dedo pela cremalheira aberta. Como seria ser amada por esse homem? Despertar cada manhã e ver a mesma cara olhando-a do outro lado do travesseiro? Ter uma casa e meninos? Um trabalho? Como seria ser uma mulher normal?

Apartou os jeans a um lado e deu um passo atrás ao ver o que havia debaixo. Não era uma corda negra, a não ser um látego. O coração começou a lhe pulsar com força.

«Podemos fazer isto pelas boas ou pelas más. De um modo ou outro vou ganhar.»

Alex tinha insinuado que haveria conseqüências se não lhe obedecia. Quando lhe tinha perguntado quais seriam, tinha respondido que o descobriria ela mesma essa noite. Não teria insinuado que tinha intenção de golpeá-la, verdade?

Tentou normalizar a respiração. Pode que no século XVIII os homens pegassem a suas algemas, mas as coisas tinham trocado após. Chamaria à polícia se se atrevia a lhe pôr um só dedo em cima. Não seria vítima da violência de nenhum homem por muito desesperadas que fossem as circunstâncias.

Certamente havia uma explicação singela para todo isso: o fogo, o látego e inclusive essa ameaça. Mas Daisy estava exausta e tremente pelo tombo que tinha dado sua vida e lhe custava pensar com claridade.

antes de fazer nada, tinha que trocar-se de roupa. Uma vez que voltasse a sentir-se ela mesma, encontraria-se melhor. Arrastou a mala até o sofá, onde a abriu, e se encontrou com que todos seus elegantes vestidos tinham desaparecido, embora o resto dos objetos pareciam bastante adequadas para alternar com essa gente. ficou umas calças cáquis, um Top marca Poorboyusa de cor melão e umas sandálias. O diminuto quarto de banho resultou estar muito mais limpo que o resto da caravana. E quando se arrumou o cabelo e se retocou a maquiagem, sentiu-se o suficientemente bem consigo mesma para sair e explorar o lugar.

Aromas de animais, feno e pó alagaram as fossas nasais do Daisy logo que pôs um pé no chão. A brisa quente de finais de abril corria pelo recinto, agitando brandamente as lonas laterais da carpa e as bandeirolas multicoloridas. Ouviu o som de uma rádio através da janela aberta de uma das caravanas e o som

estridente de um programa de televisão saindo de outra. Alguém estava cozinhando em uma churrasqueira de carvão e ao Daisy rugiu o estômago. Ao mesmo tempo, acreditou perceber o aroma de tabaco. Seguiu-o até outra caravana e viu uma fada apoiada contra a parede, fumando um cigarro.

Era uma delicada e etérea criatura, com o cabelo dourado, olhos do Bambi e boca diminuta. Recém entrada na adolescência, possuía uns pequenos peitos que pressionavam contra uma descolorida camiseta com um buraco no pescoço.

Levava uns jeans curtos e uma imitação de esportivas Birkenstocks que se viam enormes em seus delicados pés.

Daisy a saudou amavelmente, mas os olhos do Bambi da garota se mostraram taciturnos e hostis.

—Olá, sou Daisy.

—É esse seu nome de verdade?

—Meu verdadeiro nome é Theodosia, minha mãe era um tanto melodramática, mas todos me chamam Daisy. Como te chama?

Houve um comprido silencio.

—Heather.

—Que bonito. É do circo, não? É obvio que o é, ou não estaria aqui, verdade?

—Sou uma das acrobatas do Brady Pepper.

—É artista! Genial! Nunca conheci a uma artista de circo.

Heather a olhou com o perfeito desdém que só os adolescentes parecem capazes de dominar.

—cresceste no circo? —Ao fazer a pergunta, Daisy se deu conta da imoralidade que supunha pedir um cigarro a uma adolescente. —Quantos anos tem?

—Acabo de cumprir dezesseis. Levo aqui algum tempo. —ficou o cigarro na comissura da boca, onde parecia vagamente obsceno. Entrecerrando os olhos pela fumaça, a garota começou a lançar os aros até que houve cinco no ar. Ao ver que franzia a frente com concentração, Daisy teve a impressão de que aquele exercício de malabarismo não era fácil para ela, especialmente quando os olhos da jovem começaram a lacrimejar pela fumaça.

—Quem é Brady Pepper?

—Mierda. —Ao Heather lhe caiu um dos aros e logo apanhou os quatro restantes. —Brady Pepper é meu pai.

—Atuam os dois juntos?

Heather a olhou como se estivesse assobiada.

—Mas o que diz? Como vou atuar com meu pai se nem sequer posso manter os cinco aros no ar?

Daisy se perguntou se Heather era assim de arruda com todo mundo.

—Brady atua com meus irmãos, Matt e Rob. Eu só saio para posar com estilo.

—Posar com estilo?

—Para captar a atenção do público. É que não sabe nada?

—Não sobre o circo.

—Tampouco deve saber muito sobre os homens. Vi-te entrar antes na caravana com o Alex. Sabe o que diz Sheba sobre as mulheres que se enrolam com o Alex?

Daisy estava bastante segura de não querer escutá-lo.

—Quem é Sheba?

—Sheba Quest. É a proprietária do circo desde que morreu seu marido. E diz a todas as mulheres que se aproximam do Alex que algum dia acabará assassinando-o.

—Porquê?

—odeiam-se mutuamente. —Tomou uma profunda imersão e tossiu. Quando se recuperou, olhou ao Daisy de reojo com uma intensidade aniquiladora que parecia ridícula em uma fada. —Arrumado algo a que se desfaz de ti depois de que te haja follado um par de vezes.

Daisy tinha ouvido coisas piores em sua infância, mas ainda se sentia desconcertada quando essa palavra saía de lábios de um adolescente. Ela nunca dizia palavrões. Outra raridade como rebelião a sua educação.

—É uma garota muito bonita. É uma pena que o estrague utilizando essa linguagem tão soez.

Heather lhe dirigiu um olhar de desprezo absoluto.

—Follar. —tirou-se o cigarro da boca e o atirou ao chão, apagando-o com a sola da sandália.

Daisy contemplou a bituca com desejo. Teria podido lhe dar ao menos três impregnadas antes de apagá-la.

—Alex pode ter à mulher que queira —lhe cuspiu Heather por cima do ombro quando se deu a volta para partir. —Pode que seja sua noiva agora, mas não durará muito tempo.

antes de que Daisy pudesse lhe dizer que era a esposa do Alex, não sua noiva, a adolescente desapareceu. Nem sequer olhando-o pelo lado positivo, podia dizer que o primeiro encontro com um dos membros do circo tivesse sido bom.

passou-se a seguinte meia hora perambulando pelo recinto, observando os passeios dos elefantes de uma distância segura e procurando se manter-se separada do caminho de todo o mundo. precaveu-se de que havia uma ordem sutil na forma em que funcionava o circo. Na parte dianteira se encontrava o posto de comida e de venda de lembranças junto a uma carpa decorada com brilhantes pósters de desenhos horripilantes de animais selvagens devorando a suas presas. No letreiro da entrada se lia CASA DE FERAS DOS IRMÃOS QUEST. Justo em frente, havia uma caravana com uma bilheteria no extremo. Os caminhões de carga pesada estavam estacionados a um lado, longe da multidão, enquanto que as caravanas, as caminhonetes e os reboques ocupavam a parte do fundo.

Quando a gente começou a amontoar-se na carpa do circo, Daisy avançou entre os postos de comida, lembranças e algodão de açúcar para aproximar-se mais. Os aromas de gofres e pipocas de milho se mesclavam com os dos animais e o do mofo da carpa de náilon do circo. Um treintañero com o cabelo cor areia e uma voz ensurdecedora tentava convencer às pessoas de que entrassem na casa de feras para ver a exibição de animais selvagens.

—Só por um dólar poderão ver um cruel tigre siberiano em cautividad, a um exótico camelo, a uma chama carinhosa com os meninos e a uma gorila feroz...

Enquanto seguia com o discurso, Daisy passou junto a ele e bordeó o posto de comida onde estavam almoçando alguns trabalhadores do circo. Desde que tinha chegado a aquele lugar se deu conta de quão ruidoso era, e agora descobria a fonte desse som ensurdecedor: um caminhão que continha dois grandes geradores amarelos. Pesados cabos se estendiam desde eles; alguns serpenteavam para a carpa, outros para as lojas e alguns mais para as caravanas.

Uma mulher envolta em uma capa debruada com plumas de marabú de cor azul esverdeada saiu de uma das caravanas e se deteve falar com um palhaço que levava uma brilhante peruca laranja. Outros artistas começavam a reunir-se sob uma carpa que devia ser a entrada dos empregados do circo, já que estava no lado contrário a do público. Daisy não viu sinais do Alex e se perguntou onde estaria.

Apareceram os elefantes, magníficos com suas mantas douradas e vermelhas e suas calotas de plumas. Quando enfiaram em direção ao Daisy, esta retrocedeu até uma das caravanas. Se os cães pequenos a aterrorizavam, os elefantes não podiam ser menos e estava segura de que se deprimiria se lhe aproximava um deles.

Vários cavalos engalanados com arnês adornados com jóias se encabritaram a um lado. Daisy pinçou torpemente no bolso para agarrar a caixa de cigarros quase vazia que acabava de viver à custa alheia de uma das caminhonetes e tirou um.

—Senhoras e senhores, a função vai começar! Aproximem-se todos...

O homem que fazia o anúncio era o mesmo que animava às pessoas a entrar na casa de feras, embora agora levava posta uma jaqueta vermelha de mestre de cerimônias. Nesse momento Daisy viu aparecer ao Alex montado em um cavalo negro. Foi então quando a jovem se precaveu de que seu marido não só era o gerente do circo, mas também também um dos artistas.

Ia vestido com um traje de cossaco: uma camisa branca de seda com as mangas abullonadas e os folgadas calças negras remetidas em umas botas altas de couro que ajustavam às pantorrilhas. Uma bandagem cor escarlate com jóias incrustadas lhe rodeava a cintura e as franjas roçavam o lombo do cavalo. Vestido assim não era difícil imaginá-lo cavalgando pelos estepes russos para saquear e violar. Também levava um látego enrolado pendurando da cadeira de montar e, com alívio, Daisy se precaveu de que tinha deixado voar a imaginação.

O látego que tinha visto sobre a cama não era nada mais que um dos artefatos que Alex utilizava na pista.

Enquanto o observava inclinar-se sobre o lombo do cavalo para falar com o mestre de cerimônias, Daisy recordou que tinha feito uns votos sagrados que a vinculavam a esse homem e soube que já não podia ignorar mais sua consciência. Não podia negar que aceitar casar-se com ele era a coisa mais covarde que tinha feito nunca. Tinha duvidado de si mesmo, de sua habilidade para cuidar-se sozinha; devia haver-se negado à chantagem de seu pai e haver-se buscado a vida, embora isso significasse ir ao cárcere.

Seria assim como viveria o resto de sua vida? Evitando responsabilidades e saindo graciosa das situações? sentiu-se envergonhada ao recordar que tinha feito esses votos sagrados sem intenção de cumpri-los e soube que de um modo ou outro tinha que levá-los a cabo.

A consciência o tinha sussurrado durante horas, mas se tinha negado a escutá-la. Daisy aceitava agora que não ia poder viver consigo mesma a menos que tentasse cumprir sua promessa. que fora a ser difícil não o fazia menos necessário. No fundo reconhecia que se fugia disto não haveria esperança para ela.

Mas embora sabia que tinha que fazê-lo, sua mente punha obstáculos. Como podia honrar os votos feitos a um desconhecido?

«Você não os fez a um desconhecido, recordou-lhe sua consciência. Os fez a Deus.»

Nesse momento Alex a viu. A decisão que tinha tomado era muito recente como para que fora cômodo para ela falar com ele agora, mas não tinha escapatória. Deu-lhe uma nervosa imersão ao cigarro sem apartar o olhar cauteloso do cavalo que ele montava, e que parecia mais feroz conforme se aproximava. O animal estava arreado com magníficos arreios, incluída uma cadeira de montar revestida de rica seda dourada e vermelha, umas bridas com filigranas douradas e elaboradas pedras preciosas vermelhas que pareciam rubis de verdade. Ele a olhou de acima.

—Onde te tinha metido?

—estive explorando.

—Há gente pouco recomendável rondando pelo circo. Até que saiba como vai tudo, fique onde possa verte.

Já que ela acabava de prometer-se a si mesmo que ia cumprir os votos matrimoniais, tragou-se seu ressentimento ante as maneiras ditatoriais de seu marido e se obrigou a responder amavelmente.

—De acordo.

Ao Daisy começaram a lhe suar ás Palmas das mãos ante a proximidade do cavalo e se encolheu contra o reboque.

—É teu?

—Sim. Perry Lipscomb o cuida por mim. Faz um espetáculo eqüestre e transporta a Misha no reboque de seus cavalos.

—Já vejo.

—Entra e joga uma olhada à função.

Ele agitou as rédeas e ela retrocedeu com rapidez. Logo vaiou consternada quando o resto do cigarro começou a arder.

—Tem que deixar de fazer isso! —gritou Daisy, sacudindo as roupas e pisoteando as brasas que tinham cansado ao chão.

Ele a olhou por cima do ombro com a comissura da boca ligeiramente curvada.

—Esse vício acabará por te matar. —Rendo-se entre dentes, retornou a seu lugar na fila junto ao resto dos artistas.

Daisy não sabia o que encontrava mais desalentador: que Alex tivesse destruído um dos cigarros com sua acostumada teatralidad ou saber que parecia havê-la vencido em cada um dos encontros que tinham tido esse dia.

Ainda se sentia acalorada quando rodeou aos animais e entrou na carpa pela entrada traseira. Encontrou um sítio livre nos degraus. Eram tablones de madeira branca, duros e estreitos, sem outro lugar onde apoiar os pés que o assento dos espectadores da fila de abaixo. Mas rapidamente esqueceu o desconforto ao ver a excitação dos meninos de ao redor.

adorava os meninos. Embora nunca o havia dito a ninguém, seu sonho secreto tinha sido dar classes em uma creche. Não acreditava que aquele sonho se fora a fazer realidade algum dia, mas gostava de pensar nisso algumas vezes.

As luzes se atenuaram e um rufo de tambores soou em crescendo enquanto um foco iluminava ao mestre de cerimônias na pista central.

—Señoooooras e senhores! Meninos de tooooodas as idades! Bem-vindos a emocionante edição número vinte e cinco do circo dos Irmãos Quest!

A música estalou, tocada por uma banda que constava de dois músicos com tambores, um sintetizador e um ordenador. Começou a soar uma animada versão de I'd like to teach the world to sing e na pista entrou um cavalo branco com uma garota que levava a bandeira americana. Outros artistas a seguiram levando coloridos estandartes, sonriendo e saudando com a mão à multidão.

A trouppe de acrobatas do Brady Pepper foi a que captou a atenção do Daisy; compunham-na três homens bonitos e Heather, que estava embelezada com lentejoulas douradas, malhas brilhantes e espessa maquiagem. Sobre o cabelo da garota, agora brandamente encaracolado, havia uma diadema de brilhantes e rubis de imitação que brilhava como um cometa. Daisy não teve nenhuma dificuldade em identificar ao Brady Pepper entre seus filhos. Era um homem musculoso e de estatura medeia, que recordava a um menino duro da rua. Seguia-os um grupo de cavaleiros, palhaços, malabaristas e cães adestrados.

Alex entrou sozinho na areia, a lombos de seu feroz cavalo negro, e a diferença de outros artistas não fazia gestos com as mãos nem saudava. Enquanto dava voltas pela pista, parecia um ser tão distante e misterioso como seu coração russo. Não era alheio à presença da gente, mas de algum jeito permanecia isolado

e lhe dava uma estranha dignidade ao colorido desdobramento. A multidão se animou quando os elefantes fecharam o desfile.

A função começou e, conforme avançava o espetáculo, Daisy se surpreendeu ante tanto talento. Saiu um trio de romenos, uns trapecistas chamados os Tolea Voadores, as luzes se apagaram e a música se desvaneceu. Um foco azul iluminou ao mestre de cerimônias, o único que ocupava a escura pista central.

—Estão a ponto de presenciar um número jamais visto em nenhum outro lugar do planeta mais que no circo dos Irmãos Quest. Pela primeira vez, vou contar lhes uma história assombrosa. —Sua voz se voltou dramaticamente baixa e uma folclórica e embrujadora melodia russa começou a soar de fundo.

»Faz quase trinta anos, nos estepes gelados da Siberia, uma tribo errante de bandidos cossacos se tropeçou com um menino muito pequeno que só vestia farrapos e levava um pendente esmaltado de valor incalculável no pescoço. Os cossacos levaram a menino a seu povo e lhe ensinaram as habilidades que tinham aprendido de seus pais. Só o pendente que tinha posto dava alguma pista de sua verdadeira identidade.

As estranhas notas da popular melodia russa se fundia com a voz baixa do mestre de cerimônias, e quando a luz se voltou mais brilhante, o público escutou, encantado.

—Durante anos, forjou-se uma lenda sobre esse homem, uma lenda que inclusive a dia de hoje seus rescatadores insistem em que é certa.

A música se fez mais estridente.

—Acreditam que é o único descendente direto do assassinado Czar Nicolás II e sua esposa Alexandra. —A voz do homem se voltou mais forte. —Senhoras e senhores, esse homem está aqui esta noite... —um rufo de tambores. —O herdeiro da coroa imperial russa!

Daisy sentiu um estremecimento de excitação, apesar de que não se acreditava nenhuma palavra da história que tinha ouvido.

A voz do mestre de cerimônias ressonou na carpa.

—O circo dos Irmãos Quest se orgulha em apresentar... ao incomparável Alexi o Cossaco!

As luzes subiram de intensidade, a música ressonou e Alex entrou na pista a tudo galope a lombos de seu cavalo negro. As mangas de sua camisa branca ondeavam e as jóias da cintura pareciam gotas de sangue vermelho. O capitalista alazão se elevou sobre as patas traseiras. Desafiando a gravidade, Alexi levantou os braços por cima da cabeça, permanecendo montado só com a pressão das poderosas pernas.

O cavalo baixou e Alexi desapareceu. Daisy ficou boquiaberta ao lhe ver reaparecer, de pé sobre a cadeira de montar. Enquanto suas arreios galopava ao redor da pista, ele realizou uma série de proezas diestramente executadas que eram de uma vez atrevidas e dramáticas. Finalmente se afundou na cadeira e tomou o látego que pendurava do pomo, executando um grande arco sobre sua cabeça, fazendo-o ressonar tão forte que a gente da primeira fila pegou um salto.

Tinham introduzido alguns acessórios na pista durante a apresentação do mestre de cerimônias: uma fileira de alvos com cintas e coroadas com globos púrpura. Dando uma volta sobre a pista, Alex fez estalar os globos um a um, e uma brilhante explosão vermelha, como gotas de sangue, sulcou o ar com cada estalo do látego.

Um dos focos iluminou um candelabro com seis braços enormes. Alex fez girar o látego em um hipnótico arco sobre sua cabeça para apagar as velas.

O público aplaudiu, inclusive os das filas traseiras tinham podido obter uma boa visão do espetáculo. Alex baixou com gracilidad à areia e o cavalo se afastou trotando fora da carpa. As luzes se atenuaram até que só o ficou iluminado pelo foco. Agarrou um segundo látego e os fez estalar aos dois ao mesmo ritmo, acima e abaixo, diante e detrás. E logo os fez dançar, realizando movimentos intricados com uma graça tão masculina, que Daisy ficou sem fôlego. O baile ia em aumento, com movimentos cada vez mais rápidos e, como por arte de magia, os dois látegos se converteram em um sozinho. Gigante. Com uma poderosa torção do braço, Alex o elevou por cima de sua cabeça para fazê-lo estalar em chamas.

O público soltou um grito afogado, apagaram-se as luzes e o látego de fogo dançou uma mazurca amalucada em meio da escuridão.

Quando as luzes se acenderam de novo, Alexi o Cossaco tinha desaparecido.

CAPÍTULO 04

—Que coño faz aqui fora?

Daisy abriu os olhos de repente e, elevando a vista, viu os mesmos olhos dourados que infestavam seus pesadelos. Por um momento, não pôde recordar onde estava, mas logo lhe veio tudo à cabeça: Alex, as bodas, o látego de fogo...

Foi consciente das mãos do Alex nos ombros, era o único que lhe tinha impedido de cair da caminhonete quando ele tinha aberto a porta. escondeu-se ali porque não tinha valor para passar a noite naquela caravana onde só havia uma cama e um desconhecido de passado misterioso que blandía látegos.

Tentando escapulir-se de suas mãos se moveu para o centro do assento, afastando-se dele tudo o que pôde.

—Que horas são?

—Algo mais de meia-noite. —Ele apoiou uma mão sobre o marco da porta e a olhou com esses estranhos olhos cor âmbar que tinham infestado os pesadelos do Daisy. Em lugar do traje de cossaco levava uns gastos jeans e uma descolorida camiseta negra, mas isso não o fazia parecer menos ameaçador.

—Cara de anjo, ocasiona mais problemas do que vale.

Ela fingiu alisá-la roupa tentando ganhar tempo. depois da última função, tinha ido à caravana onde viu os látegos que ele tinha usado durante a atuação sobre a cama, como se os tivesse deixado ali para utilizá-los mais tarde. Tinha

procurado não olhá-los enquanto estava de pé frente à janela observando como desmontavam a carpa.

Alex dava ordens ao tempo que dava uma mão aos homens, e Daisy se fixou nos músculos tensos de seus braços ao carregar um montão de assentos no carrinho de mão elevadora e atirar da corda. Nesse momento tinha recordado as veladas ameaças que ele tinha feito antes e as desagradáveis conseqüências que cairiam sobre ela se não fazia o que ele queria. Exausta e sentindo-se mais só que nunca, foi incapaz de considerar os látegos que descansavam sobre a cama como meras ferramentas de trabalho. Sentia que a ameaçavam. Foi então quando soube que não tinha valor para dormir na caravana, nem sequer no sofá.

—Venha, vamos à cama.

Os últimos vestígios do sonho se desvaneceram e Daisy ficou em guarda imediatamente. A escuridão era absoluta, não podia ver nada. A maioria dos caminhões tinham desaparecido e os trabalhadores com eles.

—decidi dormir aqui.

—Acredito que não. Se por acaso não te deste conta, está tiritando.

Estava no certo. Quando tinha entrado na caminhonete não fazia frio, mas a temperatura tinha descendido após.

—Estou muito bem —mentiu.

Ele se encolheu de ombros e se passou a manga da camiseta por um lado da cara.

—Considera isto como uma advertência amistosa. Logo que dormi em três dias. Primeiro tivemos uma tormenta e quase perdemos a coberta do circo, logo tive que fazer duas viagens a Nova Iorque. Não sou uma pessoa de trato fácil nas melhores circunstâncias, mas sou ainda pior quando não durmo. Agora, tira seu doce culito aqui fora.

—Não.

Ele levantou o braço que tinha ao flanco e ela vaiou alarmada quando viu um látego enroscado em sua mão. Ele deu um murro no teto.

—Agora!

Com o coração palpitando, Daisy desceu da caminhonete. A ameaça do látego já não era algo abstrato e se deu conta de que uma coisa era dizer-se a plena luz do dia que não deixaria que seu marido a tocasse e outra muito distinta fazê-lo de noite, quando estavam sozinhos em meio de um campo, às escuras, em algum lugar hábil da Carolina do Sul.

Soltou um ofego quando Alex a agarrou por braço e a guio através do recinto. Com a maleza lhe golpeando as sandálias, soube que não podia deixar que a levasse aonde queria sem opor resistência.

—Advirto-te que me porei a gritar se tenta me fazer danifico. —Ele bocejou. —Digo-o a sério —disse enquanto ele a empurrava para diante. —Não quero pensar mal de ti, mas me resulta muito difícil não fazê-lo sim segue me ameaçando desta maneira.

Alex abriu a porta da caravana e acendeu a luz, empurrando-a brandamente pelo cotovelo para que entrasse.

—Podemos pospor esta conversação até manhã?

Era só a imaginação do Daisy ou o interior da caravana tinha encolhido desde a primeira vez que o tinha visto?

—Não, acredito que não. E por favor, não volte a me tocar outra vez.

—Estou muito cansado para pensar em te atacar esta noite, se for isso o que se preocupa.

Suas palavras não a tranqüilizaram.

—Se não ter intenção de me atacar, por que me ameaça com o látego?

Alex baixou o olhar à corda de couro trancado como se se esqueceu que o tinha na mão, o que ela não se acreditou nem por um momento. Como podia ser tão descuidado com respeito a isso? E por que levava um látego de noite se não era para ameaçá-la? Um novo pensamento a assaltou, lhe provocando calafrios por todo o corpo. Tinha ouvido muitos histórias sobre homens que utilizavam os látegos como parte de seus jogos sexuais. Inclusive conhecia alguns exemplos quase de primeira mão. Seria isso o que ele tinha em mente?

Ele resmungou algo pelo baixo, fechou a porta e se aproximou da cama para sentar-se. Deixou cair o látego ao chão, mas a manga ainda descansava sobre seu joelho.

Ela o olhou com apreensão. Por um lado, Daisy tinha prometido honrar seus votos matrimoniais e além não lhe tinha feito mal. Mas, por outro, não havia dúvidas de que a tinha assustado. Não era muito hábil nos enfrentamentos, mas sabia que tinha que fazê-lo. armou-se de valor.

—Acredito que deveríamos esclarecer coisas. Quero que saiba que não vou poder viver contigo se segue me intimidando desta maneira.

—te intimidando? —Ele examinou a manga do látego. —Do que está falando?

O nervosismo da jovem aumentou, mas se obrigou a continuar.

—Suponho que não pode evitá-lo. Provavelmente seja pela maneira em que te criou, embora não é que me tenha acreditado essa história dos cossacos — fez uma pausa. —Porque é falsa, verdade?

Ele a olhou como se se tornou louca.

—Sim, claro que sim—se apressou a dizer ela. —Quando me refiro à intimidação, refiro a suas ameaças e A... —respirou fundo— esse látego.

—O que acontece ele?

—Sei um pouco de sadomasoquismo. Se tiver esse tipo de inclinações, agradeceria-te que me dissesse agora em vez de soltar indiretas.

—Do que está falando?

—Os dois somos adultos e não há nenhuma razão para que finja que não me entende.

—Temo-me que terá que ser mais clara. Ela não podia acreditar que fora tão obtuso.

—Refiro a esses indícios que amostras de perversão sexual.

—Perversão sexual?

Como seguia olhando-a sem compreender, ela gritou frustrada.

—Pelo amor de Deus! Se pensa me golpear e logo fazer o amor comigo, diga-me isso Ouça, Daisy, eu gosto de dar chicotadas às mulheres com as que me deito e você é a seguinte da lista.» Ao menos saberia o que te passa pela cabeça.

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Isso faria que se sentisse melhor?

Ela assentiu.

—Está segura?

—Temos que começar a nos comunicar.

—Como quer. —Olhou-a com olhos faiscantes. —Eu gosto de dar chicotadas às mulheres com as que me deito e você é a seguinte da lista. Agora vou me dar uma ducha.

Entrou no quarto de banho e fechou a porta.

Daisy se mordiscou o lábio inferior. Aquilo não tinha saído precisamente como tinha planejado.

Alex se Rio entre dentes enquanto a água da ducha caía sobre seu corpo. Essa bela cabecita oca lhe tinha proporcionado mais diversão nas últimas vinte e quatro horas da que tinha obtido em tudo no ano anterior. Ou pode que inclusive mais. Sua vida era normalmente um assunto muito sério. A risada era um luxo que não se pôde permitir enquanto crescia, assim nunca tinha desenvolvido esse costume. Mas era normal quando se viu obrigado a suportar toda classe de ofensas para obter um sorriso.

Recordou o comentário do Daisy sobre a perversão sexual. Embora não era seu tipo de mulher, não podia negar que tinha tido pensamentos sexuais sobre ela. Mas não considerava que fossem pervertidos. Para um homem era difícil não pensar no sexo quando tinha que fazer frente a esses profundos olhos cor violeta e a essa boca que parecia feita para beijar.

Teria quebrado a diversão se lhe tivesse explicado que sempre levava um látego quando sabia que os trabalhadores tinham estado bebendo. Os circos ambulantes eram como o velho Oeste na hora de resolver os problemas —terei que acautelá-los antes de que surgissem— e a visão do látego era uma medida muito dissuasiva para aplacar o mau gênio de alguns e os velhos rancores.

Ela não sabia, é obvio, e ele não tinha nenhuma pressa em contar-lhe Pelo bem dos dois, tinha intenção de ter à pequena senhorita ricachona em um punho.

Apesar de quanto lhe tinha divertido o último enfrentamento com sua esposa, tinha o pressentimento de que a diversão não duraria muito. No que tinha estado pensando Max Petroff quando lhe tinha devotado a sua filha em matrimônio? Tanto a odiava que a tinha submetido voluntariamente a uma vida

que ia além de sua experiência? Quando Max insistiu nesse matrimônio, havia-lhe dito que Daisy precisava conhecer a crua realidade, mas ao Alex custava muito acreditar que não tivesse pensado nisso como em um castigo.

A ingenuidade do Daisy e seu disparatado sistema de valores de menina rica eram uma perigosa combinação. Realmente lhe surpreenderia que durasse muito com ele, mas, por outra parte, tinha prometido que faria o melhor para ela e pensava manter sua palavra. Quando Daisy se fora, séria por eleição própria, não porque a estivesse jogando ou subornando-a para desfazer-se dela. Pode que não gostasse ao Max, mas o devia.

Este parecia ser seu ano para pagar grandes dívidas, primeiro a promessa feita ao Owen Quest em seu leito de morte: fazer uma última excursão com o circo sob o nome do Quest. E logo casar-se com a filha do Max. Em todos esses anos, Max nunca lhe tinha pedido nada em troca de lhe haver salvado a vida, mas quando finalmente o fez, tinha-lhe pedido uma barbaridade.

Alex tinha tentado convencer ao Max de que podia obter o mesmo objetivo obrigando ao Daisy a viver com ele, mas Max tinha insistido no contrário. Ao princípio Max lhe tinha pedido que o matrimônio durasse um ano, mas Alex não sentia tanta gratidão para aceitá-lo. Ao final acordaram que seriam seis meses, um período que concluiria ao mesmo tempo que a excursão com o circo dos Irmãos Quest.

Enquanto se ensaboava o peito, Alex pensou nos dois homens que tinham representado forças tão capitalistas em sua vida, Owen Quest e Max Petroff. Max o tinha resgatado de uma existência de abusos físicos e emocionais, enquanto que Owen o tinha guiado à maturidade.

Alex tinha conhecido ao Max quando tinha doze anos e viajava com seu tio Sergey em um maltratado circo que se passava o verão de excursão pelos povos da costa atlântica, desde a Daytona Beach a Bacalhau Cape. Nunca esqueceria essa calorosa tarde de agosto quando Max apareceu como um anjo vingador para arrebatar o látego do punho do Sergey e salvar ao Alex de outra brutal surra.

Agora compreendia os atos sádicos do Sergey, mas nesse momento não tinha entendido a retorcida atração que alguns homens sentiam pelos meninos e até onde podiam chegar para negar essa atração. Em um impulsivo gesto de generosidade, Max tinha pago ao Sergey e se levou ao Alex. Tinha-o matriculado na academia militar e lhe tinha proporcionado o dinheiro —que não o afeto— que tinha feito possível que Alex sobrevivesse até que pôde cuidar de si mesmo.

Mas tinha sido Owen Quest quem tinha dado ao Alex lições de maturidade durante as férias do verão, quando tinha viajado com o circo para ganhar um pouco de dinheiro, e logo, muito mais tarde, na idade adulta, quando cada poucos anos deixava atrás sua vida e passava alguns meses na estrada. A parte do caráter do Alex que não tinha sido moldada pelo látego de seu tio se formou pelos sábios sermões do Owen e suas quase sempre ardilosas observações sobre o mundo e quão duro era sobreviver para um homem. A vida era um

negócio perigoso para o Owen, e não havia lugar para a risada ou a frivolidade. Um homem devia trabalhar duro, cuidar-se de si mesmo e manter seu orgulho.

Alex fechou o grifo e agarrou uma toalha. Os dois homens tinham tido suas razões egoístas para ajudar a um menino necessitado. Max se via si mesmo como um benfeitor e se gabava de seus diversos projetos caridosos —entre os que estava incluído Alex Markov— ante seus amigos de alto topete. Por outro lado, Owen tinha um ego enorme e adorava ter um público impressionável que esperasse lhe babe suas reflexões escuras sobre a vida. Mas apesar dos motivos egoístas que pudessem ter tido aqueles dois homens, tinham sido as únicas pessoas na jovem vida do Alex aos que ele tinha importado algo e nenhum deles lhe pediu nada em troca, pelo menos não até esse momento.

Agora Alex tinha um maltratado circo entre as mãos e uma esposa, sexy mas tola, que ia caminho de voltá-lo louco. Não o consentiria, é obvio. As circunstâncias o tinham feito como era, um homem rude e teimoso que vivia de acordo com seu próprio código e que não se fazia iluda sobre si mesmo. Daisy Deveraux não tinha nenhuma possibilidade de vencê-lo.

envolveu-se uma toalha na cintura, agarrou outra para secar o cabelo e abriu a porta do banho.

Daisy tragou saliva quando a porta do banho se abriu e saiu Alex. OH, Deus, era impressionante. Enquanto ele se secava a cabeça com a toalha, ela aproveitou para olhar a conscientiza o que lhe parecia um corpo perfeito, com músculos bem definidos mas não excessivamente marcados. Alex tinha algo que nunca tinha visto em nenhum dos jovenzinhos bronzeados do Lani, um corpo moldado pelo trabalho duro. Aquele largo peito estava talher ligeiramente de pêlo escuro onde aninhava alguma classe de medalha de ouro, mas Daisy estava muito extasiada com a visão para fixar-se nos detalhes.

Os quadris masculinos eram grandemente mais estreitos que os ombros; o estômago era plano e duro. Seguiu com o olhar a flecha de pêlo que começava em cima do umbigo e continuava por debaixo da toalha amarela. De repente, sentiu-se acalorada enquanto se perguntava como seria o que havia mais abaixo.

Ele terminou de secar o cabelo e a olhou.

—Pode te deitar comigo ou dormir no sofá.

Agora mesmo estou muito cansado para que me importe o que faça.

—Dormirei no sofá! —Sua voz tinha divulgado ligeiramente aguda, embora não sabia se tinha sido por suas palavras ou pelo que viam seus olhos.

Ele a privou da visão de seu peito quando lhe deu as costas e se dirigiu à cama. Enrolou os látegos e os pôs em uma caixa de madeira que colocou debaixo. Com eles fora de vista, Daisy se deu conta do muito que gostava da visão daquelas costas.

De novo, ele se voltou para ela.

—Em cinco segundos deixarei cair a toalha.

Alex esperou, e depois de que passassem os cinco segundos, ela se deu conta do que ele tinha querido dizer.

—Ah. Quer que à parte a vista.

Ele se Rio.

—Deixe dormir bem esta noite, cara de anjo, e te prometo que manhã te ensinarei tudo o que queira.

Agora sim que o tinha feito. Tinha-lhe dado uma impressão totalmente errônea e tinha que corrigi-la.

—Acredito que me interpretaste mau.

—Espero que não.

—Tem-no feito. Só tinha curiosidade... Bom, não curiosidade exatamente, mas... bom, sim, suponho que curiosidade... Embora seja natural. Não deveria assumir por isso que...

—Daisy?

—Sim?

—Se disser uma palavra mais, agarrarei um desses látegos que tanto se preocupam e veremos se posso fazer alguma dessas coisas pervertidas que mencionava.

Ela agarrou rapidamente umas calcinhas podas e uma descolorida camiseta da Universidade da Carolina do Norte que tinha tirado da gaveta do Alex enquanto estava na ducha, e entrou no quarto de banho, fechando a porta de uma portada.

Vinte minutos depois saiu fresca da ducha com a camiseta do Alex posta. Tinha decidido que era preferível ficar isso antes que a única camisola que tinha encontrado na mala, um minúsculo picardias de seda rosa com muito encaixe que tinha comprado dias antes de que Noel a traísse com sua mãe.

Alex dormia de barriga para cima, com o lençol lhe cobrindo os quadris nus. Não era correto olhar a uma pessoa enquanto dormia, mas não podia deixar de fazê-lo. aproximou-se dos pés da cama e o observou.

Dormido, ele não parecia tão perigoso. Ao Daisy formigaram as mãos por tocar esse duro ventre plano. Subiu o olhar desde ao abdômen ao peito do Alex e admirou a perfeita simetria do torso masculino até que viu a medalha de ouro que pendurava de uma cadeia ao redor de seu pescoço. Quando compreendeu o que era, ficou paralisada.

Era uma bela medalha russa esmaltada. «... vestia farrapos e levava um pendente esmaltado de valor incalculável no pescoço.»

estremeceu-se. Estudou a cara da Virgem María que apoiava a bochecha contra a de seu filho, e embora não sabia muito sobre ícones, deu-se conta de que essa Virgem não pertencia à tradição italiana. A ornamentação de ouro nas túnicas negras era puramente bizantina, assim como o elaborado traje que levava o Menino Jesus.

recordou-se que só porque Alex tivesse posto o que obviamente era um valioso esmalte, não queria dizer que a história sobre os cossacos fora certa. O mais provável é que fora uma jóia familiar herdada. Mas ainda se sentia algo inquieta quando se dirigiu ao outro extremo da caravana.

O sofá estava talher pela roupa que tinha tirado de sua mala e que tinha depositado junto a um montão de periódicos e revistas, alguns dos quais tinham vários anos. Apartou tudo a um lado e fez a cama com lençóis limpa. Mas entre que já tinha dormido um pouco e aqueles lúgubres pensamentos que a assaltavam, não pôde conciliar o sonho, assim leu um velho artigo de um dos periódicos. Eram mais das três quando finalmente dormiu. Pensava que tinha acabado de fechar os olhos quando sentiu que a sacudiam grosseiramente para que despertasse.

—Vamos, cara de anjo. Temos um comprido dia por diante.

Ela rodou sobre seu estômago. Ele atirou do lençol e Daisy sentiu o roce do ar frio na parte traseira das coxas nuas. negou-se a mover-se. Se o fazia teria que enfrentar-se a um novo dia.

—Venha, Daisy.

Ela enterrou a cara mais profundamente no travesseiro.

Sentiu como uma mão grande e cálida se posava sobre a frágil seda de suas calcinhas e abriu os olhos de repente. Com um grito afogado ficou de barriga para cima e atirou do lençol para cobrir-se com ela.

Ele sorria ampliamente.

—Pensei que isso despertaria por completo.

Era o diabo em pessoa. Só o diabo estava vestido e barbeado a essa hora tão ímpia. Lhe ensinou os dentes.

—Eu não gosto de madrugar. me deixe em paz.

Alex a percorreu lentamente com o olhar, lhe recordando que de fato estava virtualmente nua sob o lençol, só vestida com uma velha camiseta dela e umas calcinhas muito pequenas.

—Temos quase três horas de viagem por diante e nos partimos em dez minutos. Vístete e feixe algo útil. —separou-se dela e se dirigiu à pia.

Daisy entrecerró os olhos ante a cinzenta luz matutina que entrava pelas pequenas e sujas janelas.

—Ainda é de noite.

—São quase as seis. —serve-se uma taça de café e ela esperou a que a desse. Mas ele se limitou a levar a taça aos lábios.

Ela se recostou no sofá.

—Não consegui conciliar o sonho até as três. Ficarei aqui dentro enquanto você conduz.

—Vai contra a lei. —O deixou a taça de café sobre a mesa, logo se agachou para recolher rapidamente a roupa do chão. Examinou-a com olho crítico.

—Não tem jeans?

—É obvio que tenho jeans.

—Pois lhe ponha isso Ella lo miró con aire de satisfacción.

Ela o olhou com ar de satisfação.

—Estão na habitação de convidados da casa de meu pai.

—Como não. —Atirou-lhe as roupas que tinha recolhido do chão. —Vístete.

Daisy quis dizer algo imperdonablemente rude, mas estava segura de que não lhe faria graça, assim que se meteu a contra gosto no banheiro. Dez minutos depois saiu vestida de maneira ridícula com umas calças de seda cor turquesa e uma camiseta de algodão azul marinho com um estampado de cachos de cerejas vermelhas. Quando Daisy abriu a boca para protestar pela eleição de roupa, reparou em que ele estava frente ao armário aberto da cozinha e parecia de uma vez zangado e perigoso.

O olhar da jovem caiu sobre o látego negro que tinha enroscado no punho e o coração começou a lhe pulsar com força. Não sabia o que tinha feito, mas sabia que estava metida em problemas. Ali estava. No tiroteio do Cossaco Curral.

—Comeste-te meus Twinkies?

Ela tragou saliva.

—Exatamente de que Twinkies estamos falando? —perguntou com os olhos fixos no látego.

—Dos Twinkies que estavam no móvel que está em cima da pia. Dos únicos Twinkies que havia na caravana. —Apertou os dedos em torno do manga do látego.

«OH, Senhor —pensou ela. —Açoitada até morrer por culpa de uns pastelitos de nata.» —E bem?

—Isto, né..., prometo-te que não voltará a ocorrer. Mas não estavam marcados nem nada parecido, em nenhum sítio dizia que fossem teus —os olhos da jovem seguiram fixos no látego— e normalmente não me teria comido isso... Mas esta noite tinha fome e, olhando-o bem, terá que admitir que te fiz um favor, porque entupirão minhas artérias em vez das tuas.

—Jamais volte a tocar meus Twinkies. Se os quiser, compra-os, —A voz do Alex tinha divulgado suave. Muito suave. Em sua imaginação Daisy ouviu o uivo de um cossaco sob a lua russa.

mordiscou-se o lábio inferior.

—Os Twinkies não são um café da manhã muito nutritivo.

—Deixa de fazer isso!

Ela deu um passo atrás, levantando o olhar rapidamente para a dele.

—Que deixe de fazer o que?

Ele levantou o látego, e a apontou com ele.

—De me olhar como se me dispusera a te arrancar a pele do traseiro. Pelo amor de Deus, se essa fosse minha intenção te teria tirado as calcinhas, não te teria obrigado a te vestir.

Ela soltou ar.

—Não sabe quanto me alegra ouvir isso.

—Se dito te dar chicotadas, não será por um Twinkie.

De novo voltava a ameaçá-la.

—Deixa já de me ameaçar ou o lamentará.

—O que vais fazer, cara de anjo? me apunhalar com o lápis de olhos? — Olhou-a com diversão. Logo se dirigiu para a cama de onde tirou a caixa de madeira que havia debaixo para guardar o látego dentro.

Daisy se ergueu em seu todo seu metro sessenta e cinco e o fulminou com o olhar.

—Para que saiba, Chuck Norris me deu classes de caratê. —Por desgraça, fazia dez anos disso e não se lembrava de nada, mas Alex não sabia.

—Se você o disser.

—Além disso, Arnold Schwarzenegger em pessoa me assessorou sobre um programa de exercícios físicos. —Oxalá lhe tivesse feito conta.

—Entendi-te, Daisy. É uma garota muito forte. Agora te mova.

Logo que falaram um minuto durante a primeira hora de viagem. Como não lhe tinha dado tempo suficiente para arrumar-se, Daisy teve que terminar de maquiar-se na caminhonete e pentear-se sem secador, por isso teve que sujeitar o cabelo com umas forquilhas art noveau que, embora eram bonitas, não ficavam muito bem. Em lugar de apreciar a dificuldade da tarefa e cooperar um pouco, ele a ignorou quando lhe pediu que diminuíra a velocidade enquanto se pintava os olhos e além disso protestou quando a laca lhe salpicou a cara.

Alex comprou o café da manhã do Daisy no Orangeburg, Carolina do Sul. Deteve a caminhonete em um lugar decorado com um caldeirão de cobre rodeado por barras de pão brilhantes. depois de tomar o café da manhã, Daisy se meteu no banheiro e se fumou os três cigarros que ficavam. Quando saiu se deu conta de duas coisas. Uma atrativa garçonete paquerava com o Alex, e ele não fazia nada para desalentá-la.

Daisy o observou inclinar a cabeça e sorrir por algo que havia dito a garota. Experimentou uma pontada de ciúmes ao ver que parecia lhe gostar da companhia da garçonete mais que a sua. dispunha-se a ignorar o que estava ocorrendo quando recordou a promessa que tinha feito de honrar seus votos matrimoniais. Com resignação, endireitou os ombros e se aproximou da mesa onde dirigiu à empregada seu sorriso mais radiante.

—Muito obrigado por lhe fazer companhia a meu marido enquanto estava no banheiro.

A garçonete, em cuja placa identificativa se lia Kimberly, pareceu um pouco surpreendida pela atitude amistosa do Daisy.

—foi muito amável por sua parte —Daisy baixou a voz a um forte sussurro. —Ninguém se levou bem com ele desde que saiu da prisão.

Alex se engasgou com o café.

Daisy se inclinou para lhe dar um tapinha nas costas enquanto lhe dirigia um sorriso radiante à estupefata Kimberly.

—Não me importam todas as provas que apresentou o fiscal. Nunca acreditei que assassinasse a aquela garçonete.

Ante aquela declaração Alex voltou a engasgar-se. Kimberly retrocedeu com rapidez.

—Sinto muito. Já terminou meu turno.

—Pois puxa, vete —disse Daisy alegremente. —E que Deus te benza!

Alex controlou finalmente a tosse. levantou-se da mesa com uma expressão ainda mais zangada do que era habitual nele. antes de que tivesse oportunidade de abrir a boca, Daisy estendeu a mão e lhe pôs um dedo nos lábios.

—Por favor, não me danifique este momento, Alex. É a primeira vez desde nossas bodas que ganho pela mão e quero desfrutar de cada precioso segundo.

Ele a olhou como se fosse estrangulá-la, mas se limitou a arrojar vários bilhetes sobre a mesa e a empurrá-la fora do restaurante.

—vais pôr te resmungão? —As sandálias do Daisy escorregavam no cascalho enquanto ele a arrastava para a caminhonete e a feia caravana verde. —Já o dizia eu. É o homem mais resmungão que conheci nunca. E não te sinta bem, nada bem, Alex. Tanto se o aceita como se não, está casado e portanto não deveria...

—Entra antes de que te surre em público.

Ali estava outra vez, outra de seus enloquecedoras ameaça. Queria dizer isso que não a surraria se o obedecia ou simplesmente que não pensava surrá-la em público? Ainda refletia sobre essa questão tão desagradável quando ele pôs em marcha a caminhonete. Momentos depois estavam de novo na estrada.

Para alívio do Daisy, o tema de surrá-la não voltou a sair a colação, embora o certo era que quase o lamentava. Se ele a tivesse ameaçado fisicamente, podia haver-se liberado de seus votos sagrados sem deixar de estar em paz com sua consciência.

A manhã era ensolarada. O ar quente que entrava pelo guichê entreabierta ainda não era asfixiante. Daisy não encontrava nenhuma razão para que ele se passasse carrancudo uma manhã tão perfeita e bonita, assim finalmente rompeu o silêncio.

—Aonde vamos?

—Temos uma entrevista perto do Greenwood.

—Suponho que é muito esperar que «com uma entrevista» te refira a ir jantar e dançar.

—Temo-me que sim.

—Quanto tempo estaremos ali?

—Só uma noite.

—Espero que manhã não tenhamos que madrugar tanto.

—Mais ainda. Temos um comprido viaje por diante.

—Não me diga.

—A vida nos circos é assim.

—E diz que teremos que fazer isto todas as manhãs?

—Em alguns lugares ficaremos um par de dias, mas não mais.

—Até quando?

—O circo tem funções programadas até outubro.

—Mas se faltarem seis meses! —Daisy podia ver como o futuro se estendia como um borrão escuro ante ela. Seis meses. Justo o que duraria seu matrimônio.

—por que se preocupa? —perguntou ele. —De verdade crie que vais agüentar até o final?

—E por que não?

—vão ser seis meses —disse ele sem rodeios. —Percorreremos montões de quilômetros. Temos funções tão ao norte como Pulôver e tão ao oeste como Indiana.

«Em uma caminhonete sem ar condicionado.»

—Esta será a última temporada do circo dos Irmãos Quest —disse ele. —Assim que o faremos o melhor possível.

—A que te refere com que será a última temporada?

—O dono morreu em janeiro.

—Owen Quest? O nome que está escrito nos caminhões?

—Sim. Sua esposa, Bathsheba, herdou o circo e o pôs à venda.

«Tinha sido sua imaginação ou Alex tinha apertado quase imperceptivelmente os lábios?»

—Leva muito tempo no circo? —perguntou ela, decidida ou seja mais dele.

—Vou e venho.

—Seus pais pertenciam ao circo?

—Quais? Meus pais cossacos ou os que me abandonaram na Siberia? —Ele inclinou a cabeça e ela viu que lhe brilhavam os olhos.

—Não lhe criaram os cossacos!

—Mas não o ouviu ontem à noite?

—Isso é como um desses contos do P. T. Barnum para o circo —disse refiriéndose ao popular artista circense que se inventava fantásticas histórias para fazer mais emocionantes os espetáculos. —Sei que alguém teve que te ensinar a cavalgar e usar o látego, mas não acredito que fossem os cossacos. —Fez uma pausa. —Ou sim?

Ele se Rio entre dentes.

—Algo mais, cara de anjo?

Não ia deixar que lhe escapasse outra vez.

—Quanto leva no circo?

—viajei com o circo dos Irmãos Quest da adolescência até que cumpri os vinte. Após vou e venho.

—O que faz o resto do tempo?

—Já sabe a resposta a isso. Estou na prisão por assassinar a uma garçonete.

Ela entrecerró os olhos, lhe fazendo saber que o tinha bem bordado.

—Não trabalha de gerente no circo todo o tempo?

—Não.

Pode que se deixava de pressioná-lo um momento, tirasse-lhe mais informação pessoal.

—Quais eram os Irmãos Quest?

—Só era Owen Quest. chama-se assim por seguir a tradição dos Irmãos Ringling. A gente do circo considera que é melhor que todos criam que o circo é de uma família embora não seja assim. Owen foi o proprietário do circo durante vinte e cinco anos e, um pouco antes de morrer, pediu-me que terminasse a temporada por ele.

—Miúdo sacrifício para ti. —Ela o olhou espectador e, já que ele não respondia, aguilhoou-o um pouco mais. —Deixar de lado sua vida normal..., seu trabalho de verdade...

—Mmm. —Ignorando o interrogatório do Daisy, Alex fez que se fixasse em um sinal da estrada. —me avise se vir mais indicações como essa, vale?

Ela viu três flechas vermelhas de cartão. Cada uma delas tinha umas letras azuis impressas e assinalavam para a esquerda.

—Para que são?

—Guiam-nos até o recinto onde daremos a próxima função. —Desacelerou ao aproximar-se de um cruzamento e girou à esquerda. —Dobs Murria, um de nossos homens, sai uma noite antes que nós e vai colocando. É para indicar a rota.

Ela bocejou.

—Tenho muitíssimo sonho. Assim que cheguemos, vou jogar uma boa sesta.

—vais ter que conformar dormindo de noite. O circo não mantém a inúteis; todos trabalhamos, inclusive os meninos. vais ter que fazer coisas.

—Esperas que trabalhe?

—Acaso teme te romper uma unha?

—Não sou a menina mimada que crie.

Lhe dirigiu um olhar de incredulidade, mas Daisy tentava evitar outra discussão e ignorou a ceva que lhe estava tendendo.

—Só queria dizer que não sei nada do mundo do circo.

—Aprenderá. Bob Thorpe, o tipo que normalmente se encarrega da bilheteria, tem que ausentar-se durante um par de dias. Ocupará seu lugar até que volte, caso, claro está, que saiba contar o suficiente para devolver bem a mudança.

—Com as moedas de curso legal, sim —respondeu ela com um deixe de desafio.

—Depois terá que te encarregar de algumas tarefas domésticas. Pode começar por pôr um pouco de ordem na caravana. E agradeceria uma comida quente esta noite.

—E eu. Teremos que procurar um bom restaurante.

—Isso não é o que tinha em mente. Se não saber cozinhar, posso te ensinar o básico.

Ela reprimiu seu aborrecimento e adotou um tom razoável.

—Não acredito que tentar que me eu encarregue sozinha de todas as tarefas domésticas seja a melhor maneira de começar com bom pé este matrimônio. Deveríamos nos repartir o trabalho equitativamente.

—De acordo. Mas se quiser uma partilha eqüitativa, terá que fazer também outras coisas. Atuará na apresentação.

—Na apresentação?

—No espetáculo. No desfile com o que se inicia a função, e é obrigatório.

—Quer que atue na função?

—Todos, menos os operários e os candy butchers saem no desfile.

—O que são os candy butchers?

—O circo tem sua própria linguagem, já irá pilhando. Os que atendem os postos do circo receberam o nome de butchers1 porque, no século XIX, um homem que era açougueiro abandonou seu trabalho para trabalhar em um dos postos ambulantes do circo do John Robinson Show. Nos postos de algodão de açúcar se vendem perritos quentes além de guloseimas, por isso se chamam candy butchers. A carpa principal é o que se conhece como circo em si, nunca a chame «carpa» a secas. Só se chama assim a da cozinha e a da casa de feras. O recinto se divide em dois: a parte traseira, onde dormimos e estacionamos os reboques, e a parte dianteira, ou zona pública. As representações têm também uma linguagem distinta. Já irá acostumando —fez uma pausa significativa, —se ficar o suficiente.

Ela decidiu não picar a ceva.

—O que é um donnicker? Lembrança que ontem usou essa palavra.

—É a marca dos privadas das caravanas, cara de anjo.

—Ah. —Continuaram viajando vários quilômetros em silêncio enquanto ela refletia sobre o que lhe havia dito. Mas era o que não havia dito o que mais lhe preocupava. —Não crie que deveria me falar um pouco mais de ti? me contar algo sobre sua vida que seja verdade, claro.

—Não vejo por que.

—Porque estamos casados. Em troca te contarei algo que queira saber de mim.

—Não há nada que me interesse saber de ti.

Isso feriu os sentimentos do Daisy, mas de novo não quis lhe dar mais importância da que tinha.

—Nós gostemos ou não, ontem fizemos uns votos sagrados. Acredito que o primeiro que deveríamos fazer é nos perguntar o que esperamos deste matrimônio.

Ele meneou a cabeça lentamente. Ela nunca tinha visto um homem que parecesse mais consternado.

—Isto não é um matrimônio, Daisy.

—Perdão?

—Não é um matrimônio de verdade, assim te tire essa idéia da cabeça.

—Do que está falando? É obvio que é um matrimônio de verdade.

—Não, não o é. É um acordo legal.

—Um acordo legal?

—Exato.

—Já entendo.

—Bem.

A obstinação do Alex a enfureceu.

—Bom, pois já que sou a única envolta neste acordo legal no momento, tentarei que funcione, tanto se quiser como se não.

—Não quero.

—Alex, fizemos uns votos. Uns votos sagrados.

—Isso não tem nenhum sentido, e você sabe. Disse-te desde o começo como foram ser as coisas. Não te respeito, nem sequer eu gosto, e te asseguro que não tenho nem a mais mínima intenção de jogar às casitas.

—Estupendo. Você tampouco eu gosto!

—Vejo que nos entendemos.

—Como poderia me gostar de alguém que se deixou comprar? Mas isso não quer dizer que vá ignorar minhas obrigações.

—Alegra-me ouvi-lo. —Ele a percorreu lentamente com o olhar. —Assegurarei-me de que suas obrigações sejam agradáveis.

Ela sentiu que se ruborizava e que essa imatura reação a zangava o suficiente para desafiá-lo.

—Está refiriéndote ao sexo, por que não fala claro?

—É obvio que me refiro ao sexo.

—Com ou sem seu látego? —Ela se arrependeu assim que as impulsivas palavras saíram de sua boca.

—Você escolhe.

Daisy foi incapaz de seguir suportando suas brincadeiras. deu-se a volta e ficou a olhar pelo guichê.

—Daisy?

Talvez fora porque desejava acreditá-lo, mas sua voz lhe pareceu mais suave esta vez. Ela suspirou.

—Não quero falar disso.

—De sexo?

Ela assentiu com a cabeça.

—Temos que ser realistas —disse ele, —os duas somos pessoas saudáveis, e apesar de seus diversos desórdenes de personalidade, não é precisamente um despropósito.

Ela se voltou para ele para lhe dirigir seu olhar mais desdenhoso, mas o que viu foi como uma comissura dessa boca masculina se curvava no que em outro homem tivesse sido um sorriso.

—Você tampouco é precisamente um despropósito —admitiu ela a contra gosto, —mas tem muitos mais desórdenes de personalidade que eu.

—Não, acredito que não.

—Asseguro-te que sim.

—Como quais?

—Pois bem, para começar... Está seguro de que quer ouvi-los?

—Não me perderia isso por nada do mundo.

—Bom, pois é cabezota, teimoso e dominante.

—Pensava que foste dizer algo mau.

—Não eram cumpridos. E sempre acreditei que um homem com senso de humor é mais atrativo que um sexy e machista.

—Bom, pois me avise quando chegar à parte má, vale?

Ela o fulminou com o olhar e optou por não mencionar os látegos que tinha debaixo da cama.

—É impossível falar contigo.

Ele ajustou a viseira solar.

—O que estava tratando de te dizer antes de que me interrompesse com a lista de minhas qualidades é que nenhum de nós vai poder manter-se celibatário durante os próximos seis meses.

Daisy baixou o olhar. Se ele soubesse que ela levava assim toda a vida...

—vamos viver em um lugar pequeno —continuou ele, —estamos legalmente casados e é natural que cedo ou tarde joguemos um pó.

«Joguemos um pó?» Sua rudeza lhe recordou que isso não significaria nada para ele e que, contra toda lógica, ela queria um pouco de romantismo.

—Em outras palavras, esperas que faça as tarefas domésticas, trabalhe no circo e «jogue pós» contigo —disse bastante chateada.

Ele o pensou atentamente.

—Suponho que é mais ou menos isso.

Ela girou a cabeça e olhou com ar sombrio pelo guichê. Fazer que esse matrimônio tivesse êxito ia ser ainda mais difícil do que pensava.

CAPÍTULO 05

Quando Daisy saiu da caravana pela tarde, tropeçou-se com uma oven, espingarda e loira, que levava um chimpanzé sobre os ombros. Reconheceu-a como Jill, da Jill e Amigos», um número no que participavam um cão e o chimpanzé. Tinha a cara redonda, a pele perfeita e o cabelo com as pontas abertas, algo no que Daisy poderia ajudá-la se lhe dava a oportunidade.

—Bem-vinda ao circo dos Irmãos Quest —disse a mulher. —Sou Jill.

Daisy lhe devolveu o cordial sorriso.

—Eu sou Daisy.

—Sei. Heather me há isso dito. Este é Frankie.

—Olá, Frankie. —Daisy levantou a cabeça para o chimpanzé encarapitado nos ombros da Jill, logo deu um salto atrás quando lhe ensinou os dentes e chiou. Já estava bastante nervosa depois de um dia sem nicotina e a reação do chimpanzé só conseguiu exacerbá-la ainda mais.

—te cale, Frankie. —Jill lhe aplaudiu a perna peluda. —Não sei o que lhe passa. Gosta de todas as mulheres.

—Os animais não revistam ser muito carinhosos comigo.

—Isso é porque lhe dão medo. Eles sempre o notam.

—Suponho que será isso. Mordeu-me um pastor alemão quando era pequena e após tenho medo a todos os animais. —O pastor alemão não tinha sido o único. Recordou uma excursão do colégio a um zoológico de Londres quando tinha seis anos. havia-se posto histérica quando uma cabra tinha começado a lhe mordiscar o uniforme.

Uma mulher com umas calças bombachos negras e uma camiseta enorme se aproximou e se apresentou como Madeline. Daisy sabia que era uma das garotas que tinha entrado na pista a lombos de um dos elefantes. Sua roupa informal fez que Daisy se sentisse muito arrumada. Tinha querido ter bom aspecto em seu primeiro dia na bilheteria; para isso se pôs uma blusa de seda cor marfim com umas calças cinza pérola da Donna Karan em lugar dos jeans e a camiseta do outlet que Alex tinha insistido em comprar antes de chegar.

—Daisy é a noiva do Alex—disse Jill.

—Já o ouvi —respondeu Madeline. —Que sorte a tua. Alex está como um trem.

Daisy abriu a boca para lhes dizer a essas garotas que era a esposa do Alex, não sua noiva, mas se tornou para trás quando Frankie começou a lhe gritar.

—Cala, Frankie. —Jill lhe deu ao chimpanzé uma maçã, logo olhou ao Daisy com o evidente prazer de quem ama uma boa fofoca. —Alex e você devem ir a sério. Jamais tinha visto que trouxesse para uma garota a viver com ele.

—A Sheba vai dar um ataque quando retornar. —Parecia que ao Madeline agradava tal possibilidade.

Frankie olhou ao Daisy fixamente, pondo-a tão nervosa que lhe custou emprestar atenção às dois jovens. Observou alarmada que Jill baixava ao chimpanzé ao chão, onde lhe agarrou firmemente à perna.

Daisy deu outro passo atrás.

—Não terá uma correia por aí, verdade?

Jill e Madeline riram.

—Está amestrado —disse Jill, —não necessita correia.

—Seguro?

—Sim. Como lhes conheceram Alex e você? Jack Daily, o mestre de cerimônias, há-nos dito que Alex não lhe contou nada de seu amiguita.

—Sou algo mais que seu amiguita. Está segura sobre a correia?

—Não se preocupe. Frankie não lhe faria mal nem a uma mosca.

O chimpanzé pareceu perder interesse nela, e Daisy se relaxou.

—Não sou a amiguita do Alex.

—Não estão vivendo juntos? —perguntou Madeline.

—claro que sim. Sou sua mulher.

—Sua mulher! —Jill soltou um chiado de prazer que estremeceu ao Daisy até a ponta dos pés. —Alex e você estão casados! É genial.

Madeline olhou ao Daisy ressentidamente.

—vou fingir que me parece bem, embora leve mais de um mês me tentando ligar isso —¡Dai-syyyyy!

—Você e meio circo —Rio Jill.

—Dai-syyyyy!

Viu que Heather a chamava vozes do lado do pátio.

—Daisy! —gritou a adolescente. —Alex diz que te está atrasando. Está bastante chateado contigo.

Daisy se sentiu envergonhada. Não queria que aquelas garotas soubessem que Alex e ela não se casaram por amor.

—É um impaciente. Suponho que será melhor que vá. Encantada de lhes haver conhecido. —deu-se a volta com um sorriso, mas só tinha dado uns passos, quando sentiu um golpe nas costas.

—Ai! —voltou-se com rapidez e viu uma maçã mordida no chão ao lado dela. Mais à frente, Frankie gritava com deleite enquanto Jill lhe dirigia um olhar envergonhado.

—Sinto-o —gritou. —Não sei por que atua desta maneira. Deveria estar envergonhado, Frankie, Daisy é nossa amiga.

As palavras da Jill diminuíram o desejo do Daisy de estrangular à pequena besta, assim que se despediu das duas mulheres com a mão e se dirigiu para a caravana da bilheteria. corrigiu-se mentalmente ao recordar que se supunha que tinha que chamá-lo O vagão vermelho. Pouco antes, Alex lhe tinha contado que as bilheterias do circo se chamavam sempre assim, fossem da cor que fossem.

Heather ficou a seu lado e ajustou seu passo ao dela.

—Queria te pedir perdão por ter sido grosseira contigo ontem. Estava de mau humor.

Daisy sentiu que por fim via a pessoa que se ocultava atrás daquela fachada de hostilidade.

—Não passa nada.

—Alex está muito cheio o saco. —Daisy se surpreendeu para ouvir um espiono de simpatia na voz do Heather. —Sheba diz que é o tipo de homem que nunca está muito tempo com uma mulher, assim estate preparada para... já sabe.

—O que?

—Já sabe. Para que passe de ti. —Soltou um suspiro de pesar. —Deve ser uma pena ser sua noiva tão pouco tempo.

Daisy sorriu.

—Eu não sou sua noiva. Sou sua mulher.

Heather se parou em seco e ficou pálida.

—Não é certo!

Daisy também se deteve e, quando viu a reação da garota, tocou-lhe o braço com preocupação.

—Alex e eu nos casamos ontem pela manhã, Heather.

Heather escapou dela.

—Não te acredito. Memore! Só o diz porque eu você não gosta.

—Não estou mentindo.

—Alex não se casou contigo. Não o tem feito! Sheba me disse que ele jamais se casaria!

—Pois Sheba se equivocou. Para assombro do Daisy, ao Heather lhe encheram os olhos de lágrimas.

—Puta! Odeio-te! por que não me disse isso? Ódio que te tenha burlado de mim! —Deu vários passos para trás antes de voltar-se e correr para as caravanas. Daisy a seguiu com o olhar, tentando compreender a razão da hostilidade da garota para ela. Só lhe ocorreu uma explicação. Heather devia estar apaixonada pelo Alex. Daisy experimentou uma inesperada pontada de compaixão. Recordava muito bem o que se sentia ao ser uma adolescente sem nenhum controle sobre as ações de quão adultos a rodeavam. Com um suspiro, encaminhou-se ao vagão vermelho.

A pesar do nome que recebia, a bilheteria era branca; estava salpicada por um punhado de estrelas de cores e um letreiro onde se lia: IRMÃOS QUEST. Em contraste com o alegre exterior, o interior era aborrecido e desordenado. Um maltratado escritório de aço se assentava frente a um pequeno sofá repleto de montões de periódicos. Havia cadeiras que não faziam jogo, um velho arquivo e um luminária de mesa verde com a tela amolgada. Alex estava sentado atrás do escritório, com um móvel em uma mão e um portapapeles na outra. Um sozinho olhar a sua cara tempestuosa disse ao Daisy que Heather tinha tido razão em uma coisa: Alex estava realmente zangado.

Seu marido acabou a conversação bruscamente e se levantou, lhe falando com essa acalmada e horripilante voz que ela estava começando a temer cada vez mais.

—Quando digo que esteja em um sítio a uma hora, quero que esteja ali a essa hora.

—Mas sim logo que chego meia hora tarde.

Sua voz se fez ainda mais áspera.

—Não sabe nada sobre a vida real, verdade, Daisy? Isto é um trabalho, não é como ter entrevista na barbearia. de agora em diante, tirarei-te cinco dólares do salário por cada minuto de atraso.

Ao Daisy lhe iluminou a cara.

—vais pagar me?

Ele suspirou.

—É obvio que vou pagar te. Quer dizer, se realmente chegar a fazer algo. Mas não cria que vais poder comprar diamantes. Os salários no circo são muito baixos.

Não lhe importou. A idéia de receber um salário era emocionante.

—Enséname o que tenho que fazer. Prometo-te que não voltarei a me atrasar.

Alex a levou ao guichê que havia no lateral da caravana e lhe explicou o procedimento com voz suave. Era muito singelo e Daisy o aprendeu imediatamente.

—Comprovarei até o último penique —disse ele, —assim não agarre nada, nem sequer para tabaco.

—Eu não faria isso.

Ele não pareceu convencido.

—E te assegure de não perder de vista a gaveta da arrecadação nem um minuto. O circo está ao bordo da ruína, não podemos nos permitir o luxo de perder dinheiro.

—É obvio que não o farei. Não sou estúpida.

Ela conteve o fôlego pressentindo que ele o negaria, mas Alex se concentrou em destravar a dobradiça do guichê. Acompanhou-a enquanto despachava aos primeiros clientes para assegurar-se de que o fazia bem, e quando viu que não tinha nenhum tipo de problema lhe disse que se ia.

—Vai à caravana? —perguntou ela.

—Irei quando tiver que me vestir. por que?

—Deixei-o algo revolto. —Tinha que voltar para a caravana antes de que ele visse a desordem que havia. Ao começar com a limpeza, deveria ter deixado os armários para o final, mas tinha querido esfregar a fundo, Assim tinha esvaziado as prateleiras para limpá-los primeiro. Agora os armários estavam limpos, mas não lhe tinha dado tempo de voltar a colocar as coisas e não havia nenhuma só superfície na caravana que não estivesse coberta por algo: roupa, ferramentas ou um alarmante montão de látegos.

—Juro-te que o recolherei tudo assim que acabe aqui —lhe disse atropeladamente, —assim não se preocupe se vir as coisas fora de seu sítio.

Ele assentiu com a cabeça e a deixou sozinha. As seguintes horas passaram sem incidentes. Ao Daisy gostava de conversar com as pessoas que foram comprar as entradas, e em várias ocasiões, quando as famílias lhe pareciam pobres, inventou-se um sinnúmero de assombrosas razões para lhes dizer que tinham ganho entradas grátis.

Já se tinha propagado o rumor de que era a mulher do Alex, e muitos dos empregados do circo se inventaram desculpas para passar por ali e satisfazer sua curiosidade sobre ela. Tanta cordialidade sentiu saudades ao Daisy. Reconheceu a alguns dos homens que se ocupavam das bancas, a alguns palhaços e a vários membros da família Lipscomb, que realizava um número eqüestre. deu-se conta de que algumas das garotas tinham que dissimular para ocultar o ciúmes que

sentiam porque ela tivesse conseguido pescar ao Alex Markov; Daisy apreciou o gesto. Pela primeira vez, sentiu um espiono de esperança. Talvez as coisas resultassem bem depois de tudo.

Possivelmente a pessoa mais interessante que se apresentou ante ela foi Brady Pepper, o pai do Heather. Apareceu com suas roupas de trabalho: um macaco branco apertado à cintura por um largo cinturão de cor oro com umas cintas douradas que adornavam o decote e os tornozelos.

Uma garota chamada Charlene já lhe havia dito que Brady e Alex eram os homens mais atrativos do circo, e teve que lhe dar a razão. Brady Pepper recordava a uma versão mais baixa do Sylvester Stallone, cheio de músculos, atitude arrogante e acento nova-iorquino. Tinha um atraente aspecto de tio rude, embora pela maneira que teve de examiná-la de cima abaixo Daisy soube que era um exímio mulherengo. recostou-se na esquina do escritório com as pernas estendidas; a perfeita imagem de um homem que se sentia a gosto com seu corpo.

—Assim procede do circo, não?

Lhe fez a pergunta com o tom agressivo e quase acusatório que muitos nova-iorquinos empregavam para perguntar algo e Daisy demorou um momento em dar-se conta da que se referia.

—Eu? OH, não. Minha família não forma parte do circo.

—Isso o fará tudo mais difícil para ti. No circo dos Irmãos Quest não é ninguém se não poder justificar sua ascendência circense em um mínimo de três gerações. Simplesmente lhe pergunte a Sheba.

—A Sheba?

—É a proprietária do circo. Bathsheba Cardoza Quest. É uma das voadoras mais famosas do mundo. Trapecista —disse ele quando viu sua expressão confusa. —Agora treina aos irmãos Tolea, que atuam conosco. São romenos. Também faz a coreografia de outros números, fiscaliza o vestuário e outras coisas pelo estilo.

—Se o circo for dele, por que não o dirige ela em vez do Alex?

—Esse é um trabalho de homens. O gerente tem que tratar com bêbados, briga com faca, discussões. A Sheba não gosta dessas coisas.

—Ainda não a conheço.

—É que se foi uns dias. Faz-o em ocasiões, quando as coisas ficam feias por aqui.

Deveu resultar evidente que ela não compreendia o que ele tinha querido dizer, assim que o explicou.

—A Sheba gosta dos homens. Entretanto, não está muito tempo com nenhum. É um pouco esnobe. Não se enrola com ninguém que não proceda de uma antiga família do circo.

A imagem que se formou da proprietária do circo, uma viúva entrada em anos, desvaneceu-se da mente do Daisy. O gesto tirante na boca do Brady fez que se perguntasse se Sheba Quest não significaria algo para ele.

—Em meu caso, meu velho era açougueiro no Brooklyn. Parti-me com um circo ambulante o dia que me graduei no instituto e nunca olhei atrás. — Olhou-a com um pouco de raiva, como se esperasse que discutisse com ele. — Entretanto meus filhos sim têm sangue circense nas veias graças a sua mãe.

—Não acredito havê-la conhecido.

—Cassie morreu faz dois anos, mas nos divorciamos faz doze, por isso não estou exatamente de luto. Ela odiava o circo, embora tinha crescido nele, e por essa razão se mudou a Wichita e se licenciou na universidade, mas eu gosto deste mundo e fiquei aqui.

Assim Heather também tinha perdido a sua mãe. Daisy quis saber ainda mais.

—Então seus filhos vivem contigo, não?

—Heather vivia na Wichita com sua mãe, mas Cassie tinha problemas para dirigir aos meninos, assim que se deveram viver comigo quando eram muito jovens. Desde esse dia, fiz uma função com eles. Matt e Rob têm agora vinte e vinte e um anos. São uns demônios, mas o que pode esperar sendo eu seu pai?

Daisy não estava interessada nos diabólicos filhos do Brady e ignorou a inconfundível nota de orgulho em sua voz.

—Então, Heather acaba de vir-se a viver contigo?

—Chegou o mês passado, mas está acostumado a acontecer comigo um par de semanas no verão. Embora claro, não é como viver aqui todo o ano.

Quando o viu franzir o cenho, deu-se conta de que a situação não estava resultando como ele tinha planejado, mas Daisy já tinha suficientes dificuldades com seu próprio pai para sentir outra pontada de compaixão para o Heather. Não era de sentir saudades que fumasse e se apaixonasse por homens maiores que ela. Embora Brady Pepper era inegavelmente atrativo, não parecia ser o mais paciente dos pais.

—Já conheci ao Heather. Parece uma garota muito sensível.

—Muito sensível diria eu. Esta é uma vida dura e Heather é muito branda. —Brady se levantou bruscamente. —Vou antes de que comece a chegar a gente. Prazer em conhecê-lo, Daisy.

—Igualmente.

Quando chegou à porta dirigiu outra desses olhares de rompecorazones.

—Alex é um homem afortunado.

Ela sorriu educadamente e desejou que também Alex pensasse dessa maneira.

Só depois de que começasse a segunda função pôde Daisy abandonar a bilheteria e observar a atuação do Alex. Esperava que voltar a ver o espetáculo diluíra a lhe impactem sensação que tinha experiente a noite anterior, mas a habilidade de seu marido lhe pareceu ainda mais impressionante. Onde tinha aprendido a fazer essas coisas?

Até que não terminou a função não recordou que devia acabar de ordenar a caravana. Retornou rapidamente e estava abrindo a porta quando Jill, com o

Frankie encarapitado de novo a seus ombros, chamou-a. Ao ver o Daisy, o macaco começou a chiar imediatamente e a tampá-los olhos.

—te cale, inseto mau. Vêem, Daisy, quero te ensinar uma coisa.

Daisy fechou a porta da caravana com rapidez, antes de que Jill pudesse ver a desordem do interior e se desse conta da terrível dona-de-casa que era. A jovem a tirou do braço e a conduziu pela fileira de caravanas. À esquerda pôde veraJackDaily.cl mestre de cerimônias, falando com o Alex enquanto os trabalhadores começavam a empilhar os degraus.

—Ai! —Daisy deu um chiado quando sentiu um forte puxão do cabelo.

Frankie chiou.

—Menino mau —cantarolou Jill, enquanto Daisy se colocava longe do alcance do chimpanzé. —Ignora-o. Assim que compreenda que não lhe faz caso te deixará em paz.

Daisy decidiu não lhe dizer o muito que duvidava que isso acontecesse.

Rodearam a última caravana e Daisy soltou um ofego surpreendida ao ver muitos dos artistas, ainda com roupa de atuação, ao redor de uma mesa dobradiça sobre a que havia um bolo retangular com uns noivos de plástico no centro. Madeline, a garota que tinha conhecido antes, estava perto do bolo, junto com o Brady Pepper e seus filhos, o mais jovem dos Lipscomb, vários palhaços e outros muitos empregados que tinha conhecido antes. Só Heather parecia haver ficado à margem.

Sonriendo ampliamente, Jack Daily empurrou ao Alex para diante enquanto Madeline levantava as mãos como um diretor de orquestra.

—Atenção todos. Felicidades! Felicidades!

Enquanto o grupo cantava, ao Daisy lhe empanaram os olhos. Essas pessoas apenas a conheciam, mas lhe tendiam uma mão amistosa. depois da fria cerimônia que tinha sido suas bodas, a jovem se recreou na intimidade desse momento. Nessa improvisada reunião dos amigos do Alex, sentiu-se como se estivesse assistindo a uma verdadeira celebração, a uma aceitação de que tinha ocorrido algo realmente pessoal, como se aquilo não fora um castigo de seu pai a não ser uma ocasião feliz.

—Obrigado —sussurrou ela quando terminaram de cantar. —Obrigado de todo coração.

Olhou ao Alex, e a felicidade da jovem se evaporou ao ver sua expressão rígida e gélida.

A gente foi guardando silêncio pouco a pouco. deram-se conta da reação do Alex e souberam que algo ia mau. «Por favor, não o faça —pensou ela. —Quero que sejam meus amigos. Por favor finge ser feliz.»

Algumas mulheres se olharam de esguelha. A certeza de que Alex era um noivo radiante desapareceu com rapidez e Daisy observou como várias olhadas se posavam em sua barriga para tentar averiguar se estava grávida.

Daisy se obrigou a falar:

—Nunca tinha tido uma surpresa tão agradável. E você, Alex?

Houve um comprido silencio antes de que ele assentira com a cabeça.

A jovem levantou o queixo e forçou um sorriso.

—O bolo parece deliciosa. Arrumado o que seja a que todos querem tomar uma parte. —Olhou fixamente ao Alex, lhe suplicando em silêncio que colaborasse. —Vêem, vamos cortar aos dois juntos.

O silêncio pareceu estender-se imensamente.

—Tenho as mãos sujas. Faz-o você.

Com as bochechas ardendo de vergonha, Daisy se aproximou da mesa dobradiça, agarrou uma faca e começou a cortar o bolo em porções quadradas. Continuaram em silêncio enquanto ela tentava fingir que não passava nada.

—Não posso acreditar que improvisassem isto com tanta rapidez. Como demônios o têm feito?

Madeline moveu os pés com inquietação.

—Isto... er... não foi tão difícil.

—Bom, pois estou impressionada. —Com as bochechas lhe doendo pelo esforço de sorrir, Daisy cortou a primeira parte de bolo, colocou-o em um prato de cartão e o deu ao Alex.

Ele tomou sem dizer uma palavra.

O silêncio se fez mais ensurdecedor. Finalmente, Jill se aproximou com rapidez, olhando aos noivos com nervosismo.

—Sinto que seja de chocolate. Tivemos pouco tempo, e na confeitaria não havia bolos de bodas.

Daisy a olhou com gratidão ao ver que tentava aliviar a tensa situação.

—O bolo de chocolate é meu favorita.

Alex colocou o prato sobre a mesa tão bruscamente que o intacto parte de bolo se cambaleou e caiu de lado.

—Perdoem. Tenho muito trabalho que fazer. Obrigado por tudo.

Ao Daisy tremeu a mão quando aconteceu um prato ao Madeline. Alguém soltou uma risita maliciosa. Daisy levantou a cabeça e viu que era Heather.

A adolescente lhe dirigiu um sorriso triunfal e correu detrás do Alex.

—Quer que te dê uma mão?

—Claro, carinho. —A voz cálida e afetuosa do Alex lhe respondendo ao Heather, chegou através da brisa noturna. —Temos problemas com um dos caminhões de carga. Pode me ajudar a comprová-lo.

Daisy piscou com força. Era de lágrima fácil, mas se chorava agora nunca poderia voltar a enfrentar-se a essas pessoas.

—Uma parte de bolo? —Tendeu um prato para um homem loiro com barba e aspecto de surfista. Recordou que se apresentou como Neeco Martin, o domador de elefantes, quando tinha ido conhecer a ao vagão vermelho.

Ele tomou sem mediar palavra e lhe deu as costas para lhe dizer algo a um dos palhaços. Madeline deu um passo adiante para ajudar ao Daisy, pensando,

sem dúvida, queira melhor acabar o antes possível. Outros artistas foram agarrando a parte de bolo que lhes correspondia e, um a um, foram-se partindo.

Ao cabo de um momento, só ficaram Jill e ela.

—Sinto muito, Daisy. Pensei que era uma boa idéia, mas deveria ter suposto que ao Alex não pareceria bem. É muito reservado.

Ele nem sequer se incomodou em lhe mencionar a seus amigos que se casou.

Daisy forçou outro sorriso.

—Tudo os casais demoram algum tempo em adaptar-se ao matrimônio.

Jill recolheu os restos do bolo e os ofereceu ao Daisy.

—Venha, por que não te leva o que fica?

Daisy pôde sentir a bílis na garganta quando os agarrou; seu único desejo era perder de vista aquele bolo.

—Santo céu! Sim que se feito tarde. E tenho um montão de coisas que fazer antes de me deitar —disse, e fugiu dali.

Durante as horas seguintes, enquanto desmontavam o circo para levá-lo a seguinte povo, ela se dedicou a recolocar todo dentro dos armários. sentia-se invadida por uma sensação de desespero e um infinito cansaço que fazia que logo que pudesse manter-se em pé, mas apesar disso seguiu trabalhando.

As caras calças de marca que levava postos estavam completamente sujos e a blusa lhe pegava à pele, mas não lhe importava. Queria que essas pessoas fossem amigos deles, mas agora que sabiam o pouco que importava ao Alex e o que este pensava de seu matrimônio, já não o seriam. A pequena festa improvisada e o bolo tinham sido uma pequena bênção para ela, mas seu marido a tinha quebrado.

Alex entrou na caravana, que ainda parecia tão desordenada como quando ela chegou, pouco depois de meia-noite. Embora Daisy tinha limpo e organizado os armários, não tinha tido nem tempo nem energia para fazer nada mais. Os pratos sujos seguiam amontoados na pia e a caçarola cheia de crosta estava sobre o fogão.

Ele apoiou as mãos nos quadris e examinou os móveis sujos, a poeirenta superfície da mesa e os restos do bolo de bodas.

—Pensei que foste limpar isto. Mas já vejo que segue igual de sujo.

Ela apertou os dentes.

—Os armários estão limpos.

—A quem coño lhe importam os armários? Não sabe fazer nada bem?

Daisy não o pensou. Levava horas trabalhando, seu matrimônio era uma farsa e tinha sido humilhada em público por um homem que tinha jurado honrá-la ante Deus. Com rapidez, recolheu o bolo com uma mão e a lançou.

—É um imbecil!

Alex estendeu as mãos automaticamente para impedir que a arrojasse, mas não foi o suficientemente rápido. O bolo lhe deu no ombro e se desfez em mil pedaços.

Ela observou o desastre com uma curiosa indiferença. Trocitos de bolo e açúcar glas tinham pirado por toda parte. Uma pegajosa substância branca salpicava o cabelo, as sobrancelhas e inclusive as pestanas do Alex. Os pedaços de chocolate que lhe tinham ficado pegos à mandíbula caíram sobre o ombro de sua camiseta. A indiferença do Daisy desapareceu quando viu que ficava vermelho.

ia matar a.

Ele tentou limpá-los olhos de uma vez que se movia para ela. Daisy se separou de seu caminho e, aproveitando a cegueira temporária do Alex, saiu correndo pela porta.

Olhou frenética a seu redor, procurando um lugar seguro onde esconder-se. Tinham desmontado o circo. As carpas mais pequenas estavam fechadas e a maioria dos caminhões se partiram. Tropeçou com um matagal e acabou refugiando-se em um estreito espaço entre duas caminhonetes. O coração lhe golpeava com força contra as costelas. O que tinha feito?

Deu um coice para ouvir a voz de um homem e se deslizou mais profundamente nas sombras, chocando-se contra algo sólido. Sem olhar o que era, apoiou-se ali enquanto recuperava o fôlego. Quanto tempo demoraria para encontrá-la? Y... o que faria logo com ela?

Sentiu um grunhido justo detrás da orelha.

Tinha o cabelo recolhido e o pescoço exposto; um sorvete calafrio lhe percorreu as costas. voltou-se com rapidez e ficou olhando fixamente um par de olhos cor oro pálido.

ficou paralisada. Sabia que classe de besta era aquela. Sabia que tinha ante si a um tigre, mas era incapaz de assimilá-lo.

O animal estava tão perto que ela sentiu seu fôlego na cara. O tigre deixou ao descoberto os dentes, uma arma afiada e letal. Daisy cheirou sua essência e ouviu como aquele rouco grunhido de intimidação aumentava de volume até converter-se em um rugido cruel. Saiu de sua paralisia saltando para trás quando o animal investiu contra os barrotes de ferro que os separavam.

Daisy chocou com violência contra algo sólido e humano, mas não pôde arrancar a vista do tigre. Um alarme começou a soar em sua cabeça. Nesse momento, a besta parecia a reencarnação de toda a maldade do mundo e a jovem sentiu como se essa malevolência fora dirigida para ela. Como se de algum jeito, nessa selvagem noite da Carolina do Sul, tivesse encontrado seu destino.

deu-se a volta, incapaz de suportar o intenso olhar desses olhos dourados por mais tempo. Ao voltarse topou com uma cálida fortaleça detrás dela e soube que tinha encontrado um santuário.

Logo sentiu algo áspero sob a bochecha. Os acontecimentos, o medo, o cansaço e tudas as angustiantes mudanças em sua vida durante os últimos dois dias a afligiram e pôs-se a chorar.

A mão do Alex foi surpreendentemente suave quando tomou pelo queixo para obrigá-la a lhe olhar à cara. Daisy se encontrou com outro par de pálidas pupilas, tão parecidas com os dourados olhos do tigre, que sentiu como se tivesse escapado de uma besta para cair nas garras de outra.

—Sinjun não pode te machucar, Daisy. Está em uma jaula.

—Isso não importa! —A histeria se apoderou dela.

Acaso não se dava conta de que uma jaula não podia proteger a do que tinha visto nos olhos desse enorme felino?

Mas ele não o entendia e ela nunca poderia lhe explicar a fugaz sensação de ter tido um encontro cara a cara com seu próprio destino. separou-se dele.

—Sinto muito. Tem razão. Sou uma estúpida.

—E não pela primeira vez —disse ele com seriedade.

Daisy levantou o olhar fazia ele. Ainda manchado de bolo e açúcar glas, tinha um aspecto feroz, magnífico e aterrador; igual ao tigre. deu-se conta de que ao Alex temia de outra maneira, de uma que não compreendia por completo, só sabia que era algo que ia além da ameaça física. Era mais que isso. De algum jeito sentia que seu marido podia lhe danificar a alma.

Daisy tinha chegado aos limites de sua resistência. Tinham sido muitos mudanças, muitos conflitos, e não tinha vontades de lutar mais. Estava cansada até o mais profundo de seu ser e logo que tinha forças para falar.

—Suponho que agora me ameaçará com algo horrível.

—Não crie merecê-lo? Só os meninos atiram as coisas, não os adultos.

—Tem razão, é obvio. —apartou-se o cabelo da cara com uma mão tremente. —Do que vai isto, Alex? Humilhação? Já tive bastante por esta noite. Desprezo? Também tive suficiente. Ódio? Não, isso não funcionará; estou muito intumescida para senti-lo. —Fez uma pausa, vacilando. —Temo-me que terá que recorrer a algo distinto.

Enquanto a olhava, pareceu-lhe tão infeliz que algo se abrandou no interior do Alex. Sabia que Daisy lhe tinha medo —se assegurou disso— e mesmo assim seguia sem poder-se acreditar que a jovem tivesse tido o valor suficiente para lhe atirar o bolo. Pobre cabeça oca. Não lhe tinha ocorrido pensar que tinha sido como lhe atacar com as garras de um gatinho.

Sentiu-a tremer sob suas mãos. Daisy tinha guardado as garras e seus olhos só mostravam desespero. Sabia ela que seu rosto refletia cada um de seus sentimentos?

perguntou-se com quantos homens se teria deitado. Provavelmente nem ela mesma sabia. Apesar de sua inocente aparência, estava claro que gostava dos prazeres da vida. Também era um pouco atordoada e não lhe custava imaginar-lhe na cama de qualquer playboy, sem nem sequer saber como tinha chegado até ali.

Ao menos isso era algo que lhe dava bem. Enquanto a observava teve que conter o repentino desejo de agarrá-la em braços e levar a de volta à caravana, onde a deixaria na cama e satisfaria todas as perguntas que começava a fazer-se. Como se veriam cada um desses cachos soltos e estendidos como cintas escuras sobre o travesseiro? Queria observá-la nua sobre os lençóis enrugados, ver a palidez de sua pele contra a dele, mais escura; sopesar seus peitos com as mãos. Queria cheirá-la e sentir suas carícias.

No dia anterior, depois das bodas, havia-se dito a si mesmo que não era o tipo de mulher com a que se deitaria, mas isso tinha sido antes de espionar aquele redondo traseiro sob a camiseta quando despertou essa manhã. Tinha sido antes de observá-la na caminhonete, cruzando e descruzando essas largas pernas, deixando pendurada a sandália do dedo gordo do pé. Tinha os pés bonitos e pequenos, com uma impigem alta e delicada e as unhas pintadas da mesma cor vermelha que o manto de uma virgem ortodoxa.

Não gostava que outros homens soubessem mais das apetências sexuais de sua esposa que ele mesmo. Mas também sabia que era questão de tempo. Não podia tocá-la até assegurar-se de que ela entendia como seriam as coisas entre ambos. E para então, havia muitas possibilidades de que Daisy agarrasse a mala e se largasse.

Tirou-a do braço e a levou a caravana. Por um momento, Daisy resistiu, e logo cedeu.

—De verdade, começo a te odiar —disse fracamente. —Sabe, não?

lhe surpreendeu que aquelas palavras lhe doessem, sobre tudo quando isso era exatamente o que queria que ela fizesse. Daisy não estava feita para uma vida tão dura e ele não tinha nenhum desejo de alargar aquela situação indefinidamente. Era o melhor que podia fazer.

—Possivelmente seja o melhor.

—até agora nunca tinha odiado a ninguém. Nem sequer a Amelia ou a meu pai, e eles me deram razões suficientes para fazê-lo. Mas não te importa o que sinta por ti, verdade?

—Não.

—Acredito que nunca conheci a ninguém tão frio.

—Seguro que não. —«Frio, Alex. É tão frio.» O tinha ouvido dizer a muitas mulheres antes que a ela. Mulheres de bom coração. Mulheres competentes e inteligentes que tinham merecido algo mais que um homem cujos sentimentos tinham desaparecido muito tempo antes das conhecer.

Quando era jovem tinha pensado que uma família poderia curar essa parte ferida e solitária de seu interior. Mas enquanto procurava uma relação duradoura tinha ferido a essas mulheres de bom coração e se provou a si mesmo que não tinha sentimentos para amar a nenhuma, nem que tivesse sido sua intenção fazê-lo.

Chegaram à caravana. Passou junto ao Daisy ao chegar à porta e se meteu dentro.

—Vou me dar uma ducha. Ajudarei-te a limpar quando sair.

Ela o deteve antes de que chegasse ao banho.

—Não poderia ter fingido ser feliz esta noite?

—Sou como sou, Daisy. Eu não finjo. Nunca.

—Estavam tratando de ser amáveis. Custava-te tanto dissimular um pouco?

«Como podia explicar-lhe para que o entendesse?»

—Cresceu protegida, Daisy, mas eu o fiz da maneira mais crua. Muito mais crua do que possa imaginar. Quando cresce assim, tem que aprender a te proteger de algum jeito, tem que te aferrar a algo que límpida que te converta em uma besta. Em meu caso foi o orgulho. Nunca me dobro. Jamais.

—Não pode condicionar sua vida por isso. O orgulho não é tão importante como outras coisas.

—Como quais?

—Como... —Ela vacilou, como se soubesse que não lhe ia gostar de nada o que estava a ponto de dizer. —Como o carinho e a compaixão. Como o amor.

Ele se sentiu velho e cansado.

—O amor não existe para mim.

—Existe para todo mundo.

—Não para mim. Não te faça idéias românticas comigo, Daisy. Só seria uma perda de tempo. aprendi a viver segundo minhas regras. Intento ser honesto e o mais justo possível. Por este motivo passar por cima que me tenha atirado o bolo. Compreendo que isto é duro para ti e suponho que o está fazendo o melhor possível. Mas não confunda justiça com sentimentos. Não sou um sentimental. Pode que isso das emoções funcione com outras pessoas, mas não comigo.

—Isto eu não gosto de —sussurrou ela, —eu não gosto de nada.

—Tem cansado em mãos do diabo, carinho. quanto antes o aceite, melhor será para ti —disse ele quando por fim falou com uma voz que nunca tinha divulgado tão triste.

Alex entrou no banheiro, fechou a porta e apertou as pálpebras, tentando separar de sua mente o jogo de emoções que tinha visto cruzar pelo rosto de sua esposa. Tinha visto de tudo: cautela, inocência e uma esperança quase aterradora de que possivelmente ele não fora tão mau como parecia.

Pobre cabeça oca.

CAPÍTULO 06

—Vete.

—É meu último aviso, cara de anjo. dentro de três minutos vamos.

Daisy abriu os olhos o justo para lhe jogar uma olhada ao relógio e ver que eram as cinco da madrugada. Não pensava ir a nenhuma parte para essas horas, assim que se acurrucó ainda mais sob as mantas e voltou a dormir. Quão seguinte soube foi que Alex a agarrava em braços.

—Né! —gritou. —O que faz?

Sem dizer nenhuma palavra, Alex a tirou o gélido ar matutino, colocou-a dentro da cabine da caminhonete e deu uma portada. A fria tapeçaria de vinil contra suas pernas nuas espabiló ao Daisy de repente e lhe fez recordar que só tinha posto uma camiseta e umas diminutas calcinhas azuis. Ele subiu pelo outro lado e uns instantes mais tarde abandonavam o lugar.

—Como pudeste? Só são as cinco da madrugada! Ninguém se levanta tão cedo!

—Nós sim. Temos que ir a Carolina do Norte.

Alex parecia bem acordado. barbeou-se e se pôs uns jeans e uma camisa vermelha. Ele deslizou os olhos pelas pernas nuas do Daisy.

—Espero que a próxima vez te levante quando lhe disser isso.

—Não estou vestida! Tem que me deixar agarrar a roupa. E necessito maquiagem. Meu cabelo...! Tenho que me lavar os dentes!

Ele colocou a mão no bolso e tirou um esmagado pacote de chicletes Dentyne.

Ela o arrebatou, tirou dois e os meteu na boca. Voltou a recordar os acontecimentos da noite anterior. Esquadrinhou a cara do Alex procurando algum rastro de ressentimento, mas não o encontrou. Estava muito cansada e deprimida para voltar a discutir, mas se não lhe replicava, pareceria que se rendeu e que fazia o que ele queria.

—vai ser duro para mim ficar aqui depois do que aconteceu ontem à noite.

—Não te ia resultar fácil de todas maneiras.

—Sou sua esposa —disse Daisy com voz fica— e também tenho meu orgulho. Ontem à noite me humilhou diante de todo mundo e não me merecia isso.

Ele não disse nada e, se não tivesse sido pela maneira em que franziu os lábios, Daisy teria pensado que não a tinha ouvido.

tirou-se o chiclete da boca e o guardou no pacote.

—Por favor, para e me deixe agarrar minhas coisas.

—Deveria havê-lo feito antes.

—Estava dormida.

—Avisei-te.

—É um robô. Acaso não tem sentimentos?

Ela atirou do desço da camiseta para tampar-se todo o possível.

Alex baixou o olhar às nuas coxas do Daisy.

—OH, claro que tenho sentimentos. Mas não acredito que sejam os que você quer.

Ela seguiu tentando baixá-la camiseta.

—Quero minha roupa.

—Despertei com tempo de sobra para te vestir.

—Digo-o a sério, Alex. Isto não é divertido. Estou quase nua.

—Disso já me dou conta.

—Excito-te? —perguntou Daisy bruscamente a causa do sonho que tinha.

—Sim.

Isso sim que não o esperava. Tinha pensado que lhe responderia com seu habitual desdém. Ao recuperar-se da surpresa, lançou-lhe um olhar feroz.

—Vá... que pena. Porque eu não sinto nenhum interesse por ti. Se por acaso não sabia, o cérebro é o órgão sexual mais importante, e meu cérebro não está interessado em fazer nada contigo.

—Seu cérebro?

—Tenho cérebro, sabe?

—Jamais o duvidei.

—Como que não? Não sou estúpida, Alex. Pode que minha educação não fora muito convencional, mas te asseguro que foi muito completa.

—Seu pai não está de acordo.

—Sei. Gosta de dizer a todo mundo que sou uma inculta porque minha mãe me tirava do colégio a três por quatro. Mas cada vez que Lani fazia uma viagem interessante, levava-me com ela se acreditava que poderia ser benéfico para mim. Algumas vezes passavam meses antes de que retornasse ao colégio. Às vezes, nem sequer voltava, mas ela se assegurava de que seguisse estudando.

—De que maneira?

—Sempre pedia a quem quer que fora a visitá-la ou passasse algum tempo com ela, que me ensinasse um pouco de proveito.

—Pensava que sua mãe só tratava com estrelas de rock.

—Aprendi bastante sobre alucinógenos.

—Me imagino.

—Mas também estávamos com outro tipo de gente. Foi a princesa Margarida a que me ensinou tudo o que sei sobre a história da família real britânica.

Ele cravou os olhos nela.

—Fala a sério?

—Claro. E não foi a única. Cresci rodeada de gente famosa. —Daisy não queria que Alex pensasse que se estava gabando, assim omitiu mencionar a espetacular pontuação que tinha obtido nas provas de acesso à universidade. —Agradeceria-te que deixasse de pôr em dúvida minha inteligência. Se em qualquer momento gosta de falar do Platón, estou disposta.

—Tenho lido ao Platón —disse ele à defensiva.

—Em grego?

Depois disso, viajaram absolutamente silencio até que, finalmente, Daisy ficou dormida. Em sonhos procurou uma posição mais cômoda e acabou apoiando-se no ombro do Alex.

Uma mecha de seu cabelo se agitou com a brisa e acariciou os lábios do Alex. Ele o deixou jogar ali um momento, lhe roçando a boca e a mandíbula. Ela

cheirava a um perfume doce e caro, como a essência de flores silvestres em uma joalheria.

Daisy tinha razão sobre o que tinha ocorrido a noite anterior. levou-se como um parvo. Mas era porque o tinham pego por surpresa. Não queria que se celebrasse algo que não tinha nenhuma importância. Se ele não tomava precauções, ela se tomaria esse matrimônio muito a sério.

Pensou que nunca tinha conhecido a uma mulher com tantas contradições. Ela havia dito que ele era como um robô sem sentimentos, mas se equivocava. Claro que tinha sentimentos. Só que não eram os que ela queria; a vida lhe tinha ensinado ao Alex que era incapaz dos ter.

disse-se a si mesmo que tinha que emprestar atenção à estrada, mas não pôde resistir a olhar para baixo, ao quente e magro corpo que se acurrucaba contra ele. Daisy tinha as pernas recolhidas sobre o assento e, finalmente, tinha perdido a batalha contra a camiseta que lhe tinha subido e mostrava a suave curva interior da coxa. Os olhos do Alex caíram sobre as diminutas calcinhas. Quando o calor lhe concentrou na virilha, apartou o olhar zangado consigo mesmo por submeter-se a essa tortura. «Deus, era tão formosa.»

E além disso era tola e mimada, e mais superficial do que ninguém podia imaginar. Nunca tinha conhecido a uma mulher que se passasse tanto tempo diante do espelho. Mas apesar de todos esses defeitos, Alex tinha que admitir que Daisy não era a jovem egoísta e egocêntrica que ele tinha acreditado que era. Possuía uma inesperada e perturbadora doçura que a fazia parecer mais vulnerável do que ele queria.

Quando Daisy saiu dos serviços do bar de estrada onde lhe acabava de pedir um cigarro a uma senhora, viu que Alex estava ligando de novo com uma garçonete. Embora lhe tinha deixado claro que não tinha intenção de tomar-se a sério seu matrimônio, vê-lo atuar dessa maneira a deprimiu. Quando o observou assentir com a cabeça a algo que lhe havia dito a garçonete, Daisy se deu conta de que seu marido lhe estava dando a desculpa perfeita para ignorar os votos matrimoniais. A horrível cena do bolo e o que ele havia dito depois deveriam havê-la liberado de seu compromisso. Ele não tinha intenção de manter os votos, por que teria que fazê-lo ela?

Porque sua consciência não lhe oferecia outra opção. Reuniu valor e, compondo um sorriso, dirigiu-se para o reservado de vinil laranja. Nem a garçonete nem Alex lhe emprestaram atenção quando se deslizou no assento. Um cartão identificativa com forma de bule indicava que a garota se chamava Tracy. Estava muito maquiada, mas não se podia negar sua beleza. E Alex parecia um homem encantador que lhe oferecia uma amplia e preguiçoso sorriso e um olhar apreciativo.

Por fim ele pareceu dar-se conta da presença do Daisy.

—Já de volta, hermanita?

«Hermanita!»

Lhe dirigiu um sorriso desafiante.

—Tracy e eu estamos nos conhecendo.

—Estou tratando de convencer a seu irmão de que me espere —disse Tracy. —Termino o turno em uma hora.

Daisy soube que se não punha fim a esse tipo de coisas imediatamente, Alex pensaria que podia ignorar alegremente suas responsabilidades durante seis meses. inclinou-se para diante e lhe deu à garçonete um tapinha na mão que tinha apoiada na mesa.

—É uma boa garota, carinho. mostrou-se muito tímido com as mulheres desde que lhe diagnosticaram esse problema médico. Eu não faço mais que lhe dizer que os antibióticos fazem milagres e que não deve preocupar-se com essas molestas enfermidades de transmissão sexual.

O sorriso do Tracy vacilou. Cravou os olhos no Daisy, logo no Alex e empalideceu.

—O chefe me jogará uma bronca se falar muito tempo com os clientes. Tenho que ir. —afastou-se apressadamente da mesa.

A taça de café do Alex tilintou sobre o pires.

Daisy se enfrentou a ele.

—Nem te ocorra dizer nada, Alex. Fizemos uns votos sagrados.

—Mas eu não acredito neles.

—É um homem comprometido. E os homens comprometidos não ligam com as garçonetes. Por favor, procura não esquecê-lo.

Lhe gritou de volta à caminhonete, insultando-a com palavras tais como «imatura», «egoísta» ou «intrigante». Só se calou quando ficaram em marcha.

Tinham percorrido em silêncio quase dois quilômetros quando ela acreditou ouvir o que parecia uma risita afogada, mas quando o olhou, viu a mesma cara severo e séria de sempre. Como sabia que a alma russa do obscuro Alex Markov não possuía nem o mais mínimo pingo de senso de humor, deu por feito que se equivocou.

Ao entardecer, Daisy estava muito cansada. Só esforçando-se ao máximo tinha sido capaz de terminar de limpar a caravana, de tomar banho, de preparar algo de comer e de chegar ao vagão vermelho a tempo de atender a bilheteria. teria se demorado muito mais se Alex não tivesse limpo os restos de bolo a noite anterior. Dado que tinha sido ela a que a tinha atirado, tinha sido uma surpresa que a ajudasse.

Era sábado e escutou sem querer as breves conversações que mantinham os trabalhadores que se aproximavam de recolher os envelopes de seu pagamento. Alex lhe tinha contado que alguns dos trabalhadores que montavam as carpas e transladavam a equipe eram alcoólicas e drogadas, mas que os salários baixos e as más condições não atraíam a empregados mais estáveis. Alguns levavam anos trabalhando no circo só porque não tinham outra parte onde ir. Outros eram aventureiros atraídos pelo encanto do mundo circense, mas geralmente ninguém durava muito tempo ali.

Alex elevou o olhar do escritório quando Daisy entrou na caravana; em sua cara se desenhou o que ela começava a pensar que era um cenho perpétuo.

—As contas de ontem não quadram.

Tinha sido muito cuidadosa ao dar a mudança e estava segura de não ter cometido nenhum engano. Aproximando-se por detrás, olhou as folhas pulcramente escritas.

—Onde?

Alex assinalou o livro de ganhos que havia em cima do escritório.

—cotejei os números das entradas com os recibos. E não coincidem.

Demorou só um momento em dar-se conta do que era o que acontecia.

—Não coincidem porque dei de presente algumas entradas de cortesia. Foram como uma dúzia.

—Entradas de cortesia?

—Para as famílias pobres, Alex.

—Decidiu ser caridosa?

—Não podia aceitar esse dinheiro.

—Sim podia, Daisy. E de agora em diante o fará. Em quase todos os povos, o circo é patrocinado por uma organização local. Eles dão aconteçam especiais, e também os dou eu se se der o caso. Mas você não, entendido?

—Mas...

—Entendido?

Ela assentiu com a cabeça.

—Bem. Se pensar que alguém merece um passe, diz-me isso e eu me ocuparei disso.

—De acordo.

Alex ficou em pé e franziu o cenho.

—Hoje volta Sheba. Direi-lhe que te busque um maillot para a função. Quando ela possa te atender, enviarei a alguém para que se ocupe da bilheteria.

—Mas eu não sou artista.

—Isto é o circo, cara de anjo. Todo mundo é artista.

A curiosidade que sentia pela misteriosa Sheba fez que ignorasse a careta do Alex.

—Brady me disse que Sheba foi uma famosa trapecista.

—É a última dos Cardoza. Sua família era ao trapézio o que os Wallenda à corda frouxa.

—por que deixou de atuar?

—Poderia voltar a fazê-lo. Sheba só tem trinta e nove anos e se mantém em muito boa forma, mas deixou de ser a melhor e se retirou.

—Parece que tomou a sério.

—Muito a sério. Manten tão se separada de seu caminho como te é possível. —Alex se dirigiu à porta. —Recorda o que te hei dito sobre a caixa do dinheiro. Não a perca de vista.

—De acordo.

Com uma brusca inclinação de cabeça, Alex desapareceu.

Daisy se encarregou da venda de entradas sem problemas. O fluxo de gente cessou assim que começou a função, e ela se sentou nas escadas da caravana para desfrutar da brisa noturna.

Olhou a casa de feras e recordou que Sinjun, o tigre, estava ali dentro. Esse mesmo dia, enquanto tratava de tirar as piores mancha do tapete, tinha pensado nele, talvez porque pensar no tigre era muito mais singelo que pensarem Alex. Sentia um inquietante desejo de jogar outra olhada ao feroz animal, mas de uma distância segura.

Um Cadillac antigo entrou no recinto acompanhado de uma esteira de pó. dele se apeou uma mulher de aspecto exótico com uma brilhante juba avermelhada. Vestia um Top apertado e uma saia tipo sarong com uma abertura que revelava umas largas pernas e umas sandálias de pedraria. Grandes aros dourados brilhavam sob a tênue luz entre o cabelo despenteado e um par de braceletes a jogo adornavam as magras bonecas.

Enquanto a mulher se dirigia para a entrada do circo, Daisy vislumbrou sua cara: pele pálida, rasgos bem definidos e boca voluptuosa enfatizada com um lápis de lábios cor carmim. Aquela mulher mostrava tal segurança em si mesmo que era impossível que fora uma visita e Daisy soube que só podia tratar-se da Bathsheba Quest.

Um cliente se aproximou de comprar entradas para a segunda função. Daisy conversou com ele uns minutos e, quando se foi, Sheba tinha desaparecido. logo que despachou a todos os que foram à bilheteria, Daisy começou a bisbilhotar o conteúdo de um sobre cheio de recortes de velhos periódicos locais.

O número do Alex com o látego era mencionado em vários artigos datados dois anos antes e não se voltava a mencionar até fazia um mês. Ela sabia que os circos trocavam as atuações e que os artistas foram de um lugar a outro, o que fez que se perguntasse onde teria atuado Alex na época em que não viajava com o circo dos Irmãos Quest.

Quando acabou a primeira função apareceu um dos trabalhadores, um homenzinho velho e murcho com um lunar em uma bochecha.

—Sou Pete. Alex me enviou para que me encarregue da bilheteria. Tem que voltar para a caravana para te provar um maillot.

Daisy lhe deu as obrigado e se dirigiu à caravana. Quando entrou, ficou surpreendida ao ver a Sheba Quest diante da pia lavando os pratos do almoço rápido que Alex e Daisy tinham tomado umas horas antes.

—Não tem por que esfregar isso.

Sheba se voltou e se encolheu de ombros.

—Eu não gosto de esperar sem fazer nada.

Daisy se sentiu duplamente insultada: primeiro por não ter a cozinha limpa e logo pela tardança. Não acrescentaria a esses pecados ser mal educada.

—Você gostaria de tomar uma taça de chá?0 possivelmente um refresco...?

—Não. —A mulher agarrou um trapo e se secou as mãos. —Sou Sheba Quest, mas suponho que já sabe.

Ao vê-la mais de perto, Daisy foi consciente de que a proprietária do circo levava uma maquiagem mais chamativa do que ela tivesse eleito. Não é que não ficasse bem, mas combinado com aquela roupa colorida e algo provocadora junto com aqueles extravagantes complementos, resultava evidente que seus patrões de beleza tinham sido influenciados pela vida no circo.

—Sou Daisy Devreaux. Ou mas bem Daisy Markov. Ainda não me acostumei à mudança.

Uma profunda emoção cruzou pelo rosto da Sheba. Uma profunda repulsão combinada com uma hostilidade quase evidente. Ao momento, Daisy soube que Sheba Quest não seria seu amiga.

obrigou-se a permanecer imóvel sob o frio escrutínio da Sheba.

—Ao Alex gosta de comer bem. Logo que tem nada na geladeira.

—Sei. Ainda não me organizei. —Não teve valor de lhe assinalar a Sheba que não estava bem andar bisbilhotando.

—Gosta dos espaguetes e a lasaña, e adora a comida mexicana. Mas não esbanje o tempo lhe fazendo sobremesas. Não gosta dos doces, salvo no café da manhã.

—Obrigado por me dizer isso Daisy notou que lhe voltava o estômago. Sheba passou a mão pelo descascado mostrador. —Este lugar é horrível. Alex iniciou a excursão em uma caravana nova, mas se desfez dela a semana passada e começou a utilizar esta embora me ofereci a lhe conseguir algo melhor.

Daisy não pôde ocultar a tristeza que a embargou. por que tinha insistido Alex em viver em um sítio assim se não tinha por que fazê-lo?

—Penso arrumá-lo —disse ela, embora a idéia não lhe tinha passado pela cabeça até esse momento.

—A maioria dos homens querem que sua esposa desfrute de todas as comodidades possíveis. Surpreende-me que Alex rechaçasse minha oferta.

—Seguro que tinha suas razões.

Sheba examinou a pequena figura do Daisy.

—Não tem nem idéia de como dirigi-lo, verdade?

Sheba parecia disposta a brigar como o cão e o gato, mas Daisy sabia quem das duas sairia perdendo, assim assinalou os dois maillots de lentejoulas que havia no respaldo da cadeira.

—São esses maillots os que tenho que me provar?

Sheba assentiu com a cabeça.

Daisy agarrou o de acima e se deu conta de que não era mais que uma parte de tecido azul marinho bordado com lentejoulas.

—Tenho a sensação de que me cobrirá muito pouco.

—Essa é a idéia. Isto é o circo. O público espera ver uma boa porção de pele.

—E tem que ser da minha?

—Não está gorda. Não vejo o problema.

—Não tenho precisamente um corpo dez. Jamais tem feito esporte.

—É questão de ter um pouco de disciplina.

—Sim, bom, agora que o diz, tampouco sei o que é isso.

Sheba a observou com ar crítico, esperando evidentemente que a esposa do Alex Markov endireitasse as costas. Mas depois de ter vivido com sua mãe, Daisy sabia quando não devia se chocar com uma perita em discussões. A sinceridade era a única defesa contra os peritos em malícia.

Entrou no quarto de banho e se tirou toda a roupa menos as calcinhas, mas quando ficou aquele objeto diminuto se deu conta de que o corte da perna era tão alto que se viam. Voltou a despir-se e começou de novo.

Quando acabou, olhou-se no espelho e se sentiu como uma prostituta. Duas tiras verticais com lentejoulas de cor azul lhe cobriam os peitos, e outra tira horizontal mais larga as cruzava. O corpo do maillot não era mais que um fino véu de rede chapeada. Sheba nem sequer tinha incluído umas malhas.

—Acredito que não posso sair com isto —exclamou através da porta.

—A ver...

Daisy saiu.

—É muito... —suas palavras ficaram interrompidas quando viu o Alex diante da pia vestido de cossaco. Quis voltar correndo ao banho e, se Sheba não tivesse estado ali, tivesse-o feito. por que tinha que aparecer quando estava vestida dessa maneira?

—te aproxime para que possamos verte —disse ele.

Daisy deu um passo adiante a contra gosto. Sheba ficou ao lado do Alex. Os dois ficaram em silêncio e Daisy teve a sensação de ser uma intrusa.

Alex não disse nada, mas a escrutinou de tal maneira que ela se sentiu nua.

—Date a volta —ordenou Sheba.

Daisy se sentia como uma prostituta exposta ante um cliente pela madame de volta. Embora o espelho do quarto de banho era muito pequeno, sabia de sobra como ficava o maillot por detrás e se fazia uma bom ideia do que eles estavam vendo: duas nádegas redondas, nuas salvo no lugar onde se uniam e que estava talher por uma parte de tecido. Ruborizada se deu a volta de novo.

—É um espetáculo para famílias —disse Alex. —Não quero que saia assim.

Sheba se aproximou dela e começou a desatar o sutiã.

—Tem razão. Não tem atributos suficientes para enchê-lo adequadamente. Fora. —Daisy sentiu as mãos da mulher no pescoço. —Vejamos se o outro fica melhor.

Sheba abriu o maillot sem avisar e o baixou, deixando ao Daisy nua até a cintura. Com uma exclamação afogada, Daisy agarrou o atoleiro de lentejoulas e a rede que lhe tinham deslizado até o ventre, mas tinha os dedos torpes e foi como tentar apanhar ar. Olhou ao Alex.

Ele estava apoiado contra a pia, com os tornozelos cruzados e as mãos apoiadas no mostrador que tinha detrás. Daisy lhe suplicou em silêncio que apartasse a vista, mas ele não deixou de olhá-la fixamente.

—Por Deus, Daisy, ruboriza-te como uma virgem. —Os lábios da Sheba se curvaram em um sorriso. —Surpreende-me que te deite com o Alex e ainda recorde como te ruborizar.

As jóias brilharam no cinturão de cossaco do Alex quando este deu um passo adiante. —Já basta, Sheba. Deixa-a em paz. Sheba se deu a volta para agarrar o outro maillot. Alex se interpôs entre as duas mulheres, quase como se queria ocultar a nudez do Daisy, o que era ridículo, pois era dele de quem ela queria esconder-se.

—dêem-me isso As mangas frouxas da camisa branca ondearam quando arrancou o maillot de lentejoulas vermelhas das mãos da Sheba. Olhou-o e o deu ao Daisy. —Este está melhor. Olhe a ver se te serve.

Ela agarrou o maillot e entrou correndo no quarto de banho. Quando teve fechado a porta, apoiou-se contra ela e tentou respirar com normalidade, mas lhe palpitava o coração e lhe ardia a pele. «Criaste-te com uma mãe que tomava o sol nua. Isto não é para tanto.» Possivelmente não, mas lhe incomodava.

Finalmente ficou o maillot, e viu com alívio que a cobria algo mais que o outro. As lentejoulas vermelhas, em forma de língua de fogo, subiam da entrepierna até o sutiã, onde se pegavam a seus peitos de maneira irregular e dentada. As aberturas da perna chegavam quase até a cintura, mostrando uma boa porção de pele. Abriu a porta e saiu a contra gosto do banho. Ao menos lhe cobria a cintura.

Só estava Alex, apoiado no bordo da mesa com o quadril. Daisy tragou saliva.

—Onde está Sheba?

—Tinha que falar com o Jack. Date a volta.

Ela se mordiscou o lábio inferior e não se moveu.

—fostes amantes, verdade?

—Agora já não. De qualquer maneira é algo que não te incumbe.

—Parece que ainda lhe importa.

—Sheba me odeia.

Apesar de tudo o que Alex dizia do orgulho, não havia o que era a honra ou nunca se teria deixado comprar por seu pai. Mas Daisy tinha que saber uma coisa.

—Estava casada com o Owen Quest quando estava encalacrado com ela?

—Não. Agora deixa de fofocar e deixa que te veja por detrás.

—Querer saber mais coisas de ti não é fofocar. Por exemplo, estive olhando uns recortes velhos de periódico e observei que não fez a excursão com o circo dos Irmãos Quest o ano passado. por que?

—Que mais dá?

—Eu gostaria de sabê-lo.

—Isso não é teu assunto.

Alex era a pessoa mais reservada que Daisy tivesse conhecido em sua vida e sabia que não lhe tiraria nada mais.

—Eu não gosto deste maillot. Eu não gosto de nenhum dos dois. Sinto-me vulgar.

—Parece uma artista. —Dado que ela não se deu a volta como lhe tinha pedido, Alex ficou a suas costas. A jovem odiou ver-se exposta dessa maneira e se apartou ao sentir que lhe tocava o ombro.

—Fica aquieta —Alex lhe agarrou a cintura com a outra mão. —Este não poderá ser criticado nem pelos mais conservadores.

—Insígnia muito.

—Não é para tanto. As demais mulheres levam postos maillots mais pequenos e não ficam tão bem como fica a ti este.

Alex se tinha aproximado tanto que os peitos do Daisy roçaram contra o suave tecido de sua camisa quando se voltou para ele. A jovem se estremeceu.

—De verdade crie que fica bem?

—Buscas um completo?

Ela assentiu com a cabeça, sentindo que lhe debilitavam os joelhos.

Ele baixou a mão que tinha colocado na cintura da jovem, deslizando-a pelo bordo inferior do maillot e lhe cavando as nádegas.

—te considere elogiada. —A voz do Alex continha uma nota áspera.

Umas labaredas ardentes percorreram ao Daisy dos pés à cabeça. apartou-se um pouco; não porque queria escapulir-se, mas sim porque desejava muito ficar onde estava.

—Não nos conhecemos.

Sem apartar a mão de onde estava, Alex inclinou a cabeça e lhe acariciou o pescoço com o nariz, lhe esquentando a pele com o sussurro de seu fôlego na orelha.

—Estamos casados. Com isso basta.

—Só é um acordo legal.

Ele se tornou para trás e ela pôde ver as bolinhas ambarinas brilhando em seus olhos.

—Acredito que é o melhor momento para fazer oficial nosso acordo, não crie?

Ao Daisy lhe acelerou o coração e soube que não podia haver escapado embora tivesse querido. Levantou o olhar e sentiu como se todo se desvaneceu e não existisse nada mais que eles dois.

A boca do Alex lhe pareceu extrañamente tenra apesar de seu gesto duro. Ele abriu os lábios e cobriu os o ela com suavidade. Ao mesmo tempo, apertou-lhe as nádegas e a estreitou ainda mais contra seu corpo. Sentiu-o grande e pesado contra ela. Quando Alex amoldou a boca à sua, Daisy experimentou um momento de assombro. Os lábios de seu marido eram tenros e suaves em contraste com o resto de sua pessoa.

Daisy lhe ofereceu a boca dado que não podia fazer outra coisa. Lhe acariciou o lábio inferior e lhe roçou a ponta da língua com a sua. A sensação a fez sentir-se ligeiramente enjoada e rodeou a cintura do Alex com os braços, sentindo o sedoso tecido da camisa sob os dedos; logo lhe deslizou as Palmas pelas nádegas. Ele gemeu contra a boca feminina.

—meu deus, desejo-te —disse, e ato seguido sua língua descendeu em picado sobre a dela.

O beijo se fez selvagem. Alex a elevou contra ele e a empurrou para trás, subindo-a a encimera. Daisy se aferrou a suas costas para não perder o equilíbrio. Alex se colocou entre suas pernas e as jóias do cinturão de cossaco se cravaram no interior das coxas do Daisy.

Suas línguas se acariciaram. O suave gemido feminino ressonou como um eco na cálida boca masculina. Daisy sentiu as mãos do Alex na nuca. Ele se apartou para lhe baixar o maillot até a cintura.

—É preciosa —gemeu, olhando-a. Cavou-lhe os peitos com as Palmas das mãos e lhe roçou os mamilos com os polegares, provocando golpes de prazer no corpo do Daisy. Começou a beijá-la de novo enquanto brincava com eles. Ela se agarrou aos braços do Alex e sentiu a poderosa força masculina através das mangas ondulantes.

Alex abandonou os seios do Daisy e lhe percorreu a parte traseira das coxas até as nádegas nuas. Era muito para ela. O roce das jóias do cinturão nas coxas... a suave carícia de suas mãos...

—Cinco minutos para a função! —Alguém golpeou com força a porta da caravana. —Cinco minutos, Alex!

Daisy se desceu de um salto do mostrador como uma adolescente culpado e, lhe dando as costas, subiu o maillot com nervosismo. sentia-se ardente, agitada Y... terrivelmente irritada. Como podia estar tão ansiosa por entregar-se a um homem que quase nunca lhe dizia uma palavra amável? Um homem que não respeitava os votos que fazia?

Saiu disparada por volta do quarto de banho, mas se deteve o ouvir a voz suave e rouca do Alex.

—Não te incomode em preparar o sofá esta noite, cara de anjo. Dormiremos juntos.

CAPÍTULO 07

Enquanto Sheba comprovava a arrecadação e folheava um montão de periódicos no escritório, Daisy vendeu as entradas da segunda função. Fez-o de uma maneira mecânica, sonriéndoles aos clientes automaticamente, mas, embora falou sem parar, só podia pensar no apaixonado beijo que tinha compartilhado com o Alex e logo que emprestou atenção ao que a gente dizia. derretia-se ante a lembrança, mas ao mesmo tempo se sentia envergonhada. Não deveria haver-se

entregue ao Alex com tal abandono quando ele não sentia nenhum respeito por seu matrimônio.

Assim que deixou de soar a música da apresentação do espetáculo, Sheba abandonou o vagão vermelho sem dizer nenhuma palavra e Daisy fechou a bilheteria. encontrava-se contando o efetivo da gaveta da arrecadação quando apareceu Heather. Tinha posto um maillot de lentejoulas douradas; a recarregado maquiagem fazia que parecesse major do que era. Cinco aros vermelhos lhe penduravam da boneca como se fossem braceletes gigantescos e Daisy se perguntou se iria a algum lugar sem eles.

—Viu a Sheba?

—foi faz uns minutos.

Heather olhou a ambos os lados para certificar-se de que estavam sozinhas.

—Dá-me um cigarro?

—Fumei-me o último esta manhã. É um vício horrível e além caro. Arrependerá-te de te enganchar a ele, Heather.

—Ainda não o tenho feito. Fumo só por me distrair. —Heather se passeou pelo escritório, tocando o escritório, a parte superior do arquivo, folheando o calendário da parede.

—Sabe seu pai que fuma?

—Acaso vais dizer se o —¿Vives con ella?

—Não hei dito isso.

—Pois faz-o se quer —repôs em tom agressivo. —De todos os modos voltará a me enviar com a tia Terry.

—Vive com ela?

—Sim. Mas tem quatro meninos e a única razão pela que está disposta a me acolher é o dinheiro que lhe envia papai. Além disso, assim tem uma canguru grátis para o bebê. Minha mãe não podia nem vê-la —sua expressão se voltou amarga, —mas meu pai só quer desfazer-se de mim.

—Não acredito que seja assim.

—E você o que sabe. Só lhe importam meus irmãos. Sheba diz que não é minha culpa, mas sim Brady não sabe como tratar às mulheres com as que não se pode deitar, mas sei que o diz para que me sinta melhor. Acredito que sim fora boa com os malabarismos, ele deixaria que ficasse.

Agora compreendia Daisy por que Heather sempre levava os aros consigo. Estava tratando de ganhar o afeto de seu pai. Daisy sabia tudo sobre como tentar agradar a um pai e o lamentou por essa jovencita com cara de duende e boca suja.

—falaste com ele? Possivelmente se soubesse como se sente não te faria voltar com seus tios.

Ela pôs sua cara de garota dura.

—Como se fora a lhe importar. E olhe quem vai me dar conselhos. Todo mundo fala de ti. Dizem que Alex se casou contigo porque está grávida.

—Isso não é certo. —repôs Daisy, mas antes de que pudesse acrescentar nada mais, soou o telefone e se voltou para responder. —Circo dos Irmãos Quest...

—Com o Alex Markov, por favor —disse uma voz masculina.

—Sinto muito, neste momento não está aqui.

—Poderia lhe dizer que o chamou Jacob Salomón? Já tem meu número. E lhe diga também que o doutor Theobald está tentando ficar em contato com ele.

—Darei-lhe o recado. —Pendurou e se perguntou quem seriam essas pessoas enquanto anotava a mensagem para o Alex. Havia muitas coisas sobre ele que não sabia e tio parecia que se as fora a contar.

Heather se tinha ido enquanto falava por telefone. Com um suspiro, fechou com chave a gaveta da arrecadação, apagou as luzes e saiu da caravana.

Os trabalhadores já tinham desmantelado a casa de feras e Daisy pensou no tigre. encaminhou-se para o lugar onde estava situada a jaula, deixando-se levar para ali como se não tivesse nenhum controle sobre seu destino.

A jaula estava situada sobre uma pequena plataforma a um metro de altura. A luz dos refletores iluminava o interior. Ao Daisy pulsava com força o coração enquanto se aproximava lentamente. Sinjun se levantou e se girou para ela.

A jovem ficou paralisada ante o impacto desses olhos dourados. O olhar do tigre era hipnótica, direta, sem piscadas. Sentiu como um calafrio lhe percorria as costas e como se afogava nos olhos dourados do animal.

«O destino.»

A palavra atravessou a mente do Daisy como se não fora ela quem a tivesse posto ali, a não ser o tigre. «O destino.»

Não foi consciente do muito que se aproximou da jaula até que percebeu o aroma almiscarado do animal, um aroma que deveria ter sido desagradável mas que, entretanto, não o era. deteve-se menos de um metro dos barrotes e ficou imóvel. Os segundos deram passo aos minutos e Daisy perdeu a noção do tempo.

«O destino.» A palavra voltou a ressonar na mente da jovem.

O tigre era um macho enorme, tinha as patas gigantescas e uma marca branca na parte inferior do pescoço. Daisy começou a tremer quando o esmagou as orelhas deixando à vista as ovaladas marcas brancas destas; de algum jeito ela soube que aquele era um gesto de amizade. O tigre desdobrou os bigodes e o ensenó os dentes. O suor se deslizou entre os peitos do Daisy quando o animal emitiu um rugido; o som diabólico de um filme de terror.

Não pôde apartar a vista do tigre, embora soube que era isso o que ele queria. O animal lhe lançava um olhar de desafio: ela devia apartar a primeiro vista. E Daisy queria fazê-lo —não era sua intenção desafiar ao tigre, —mas se tinha ficado paralisada.

Os barrotes pareceram desvanecer-se entre eles e ela sentiu como se não tivesse nenhum amparo ante ele. O tigre podia lhe abrir a garganta de um zarpazo, mas mesmo assim, Daisy não podia mover-se. Olhou diretamente aos olhos do

animal e sentiu como se este lhe lesse a alma. Passou o tempo. Os minutos. As horas. Os anos. Com olhos que não pareciam deles, Daisy viu suas próprias debilidades e defeitos; os medos que a mantinham prisioneira. viu-se em sua privilegiada vida, dobrando-se ante vontades mais fortes que a sua, assustada de enfrentar-se a qualquer, tentando agradar a todo mundo menos a si mesmo. Os olhos do tigre lhe revelaram tudo o que queria manter oculto.

E logo piscou.

O tigre.

Não ela.

Daisy observou com assombro como desapareciam as marcas brancas das orelhas. O animal estirou seu enorme corpo e se deixou cair sobre o chão da jaula, de onde a olhou com gravidade e lhe deu seu veredicto:

«É débil e covarde.»

Daisy compreendeu a verdade que lhe ditavam os olhos do tigre, e a sensação de vitória por ter sido capaz de te sustentar o olhar se evaporou lhe deixando as pernas débeis e frouxas. A jovem se afundou na erva, onde se sentou em silêncio e se abraçou os joelhos, observando ao animal sem medo, embora com certo receio.

Ouviu a música que anunciava o fim do espetáculo, as vozes dos trabalhadores que foram de um lado para outro do recinto e os sons habituais enquanto recolhiam os postos. Quase não tinha dormido a noite anterior e se foi adormecendo pouco a pouco. Lhe caíram as pálpebras, mas não chegou a fechá-los por completo. Apoiou a bochecha nos joelhos e continuou observando ao tigre com os olhos entrecerrados enquanto lhe sustentava o olhar.

Estavam sozinhos no mundo; duas almas perdidas. Daisy percebeu cada batimento do coração. O ar lhe enchia os pulmões e o medo se evaporou lentamente. Experimentou um profundo sentimento de paz. A alma da jovem se uniu a do animal e se converteram em um sozinho; nesse momento poderia ter sido a comida e o sustento do animal, porque não existia nenhuma barreira entre eles.

E então, mais rapidamente do que tivesse podido imaginar, a paz se rompeu e se sentiu golpeada por uma explosão de dor que a fez gemer. No fundo de sua mente soube que essa dor provinha do tigre, não dela, mas isso não fez que lhe doesse menos.

«Santo Deus.» agarrou-se o estômago e se dobrou sobre si mesmo. O que lhe estava ocorrendo? «meu deus, faz que se detenha!» Não podia suportá-lo.

Caiu de bruces no chão e nesse momento soube que ia morrer.

Tão bruscamente como tinha começado, a dor desapareceu. Respirou fundo e ficou de joelhos tremendo.

Os olhos do tigre arderam de fúria contida. «Agora sabe como se sente um cativo.»

Alex estava furioso. Olhou a Sheba Quest e, depois, o látego que ele tinha enroscado no punho. A noite do sábado era o dia de pagamento dos empregados e alguns já estavam bêbados, assim levava o látego como medida dissuasiva. Entretanto, não eram os trabalhadores os que lhe incomodavam.

—Não me rouba ninguém! —declarou Sheba, —e Daisy não vai livrar se desta porque seja sua esposa. —O tom baixo e firme acentuava a raiva contida da proprietária do circo. O cabelo vermelho lançava brilhos de fogo sobre suas costas e lhe faiscavam os olhos.

A promessa que Alex tinha feito ao Owen no leito de morte fazia que tivesse constantes enfrentamentos com sua viúva. Sheba Quest era sua patrã e estava resolvida a pressioná-lo tanto como o fora possível. Mas ele estava decidido a respeitar os desejos do Owen. Era um compromisso que não satisfazia a nenhum dos dois e era inevitável que entre eles surgisse uma guerra aberta.

—Não tem nenhuma prova de que Daisy agarrasse o dinheiro.

Enquanto o dizia, Alex se sentiu furioso consigo mesmo por tentar defendê-la. Não havia mais suspeitos.

Não lhe surpreenderia que sua esposa tivesse pego dinheiro —ela teria pensado que o merecia, —mas não tinha esperado que roubasse no circo. Isso só demonstrava que sua libido tinha nublado seu bom julgamento.

—É certo —espetou ela. —Comprovei a arrecadação depois de que se fora. Aceita-o, Alex, sua mulher é uma benjamima.

—Não quero que a acuse antes de que fale com ela —disse ele com teima.

—O dinheiro desapareceu, não é certo? E Daisy estava a cargo dele. Se ela não o roubou, por que se esfumou?

—Buscarei-a e lhe perguntarei.

—Quero que a detenham, Alex. Roubou-me, e assim que a encontre chamarei à polícia.

Ele se deteve imediatamente.

—Nunca chamamos à polícia. Sabe tão bem como qualquer. Se for culpado eu me encarregarei dela igual a me encarregaria de qualquer outra pessoa que tivesse infringido a lei do circo.

—A última pessoa da que te encarregou foi aquele condutor que vendia drogas aos trabalhadores. Deixou-o feito uma pelanca quando acabou com ele. Pensa fazer o mesmo com o Daisy?

—Já está bem!

—É um gilipollas, sabe? Não vais poder proteger a sua estúpida mujercita. Quero recuperar até o último centavo e logo quero que a castigue. E se não o faz a minha inteira satisfação, assegurarei-me de que todo o peso da lei caia sobre ela.

—Hei-te dito que me encarregarei dela.

—Já vejo como o faz.

Sheba era a mulher mais dura que conhecia. Olhou-a diretamente aos olhos.

—Daisy não tem nada que ver com o que aconteceu nós. Não a utilize para te vingar de mim.

Alex viu nos olhos da Sheba um brilho de vulnerabilidade que estranha vez exibia, mas desapareceu com a mesma rapidez que apareceu.

—Ódio desinflar esse precioso teu ego, mas vejo que ainda não te deste conta de que já não me interessa absolutamente.

partiu irada e, enquanto a observava afastar-se, Alex soube que mentia.

Os dois compartilhavam uma história larga e complicada que se remontava ao verão em que ele tinha dezesseis anos e passava as férias viajando com o circo dos Irmãos Quest, e escutando o ponto de vista do Owen sobre os homens e as mulheres. Os trapecistas Cardoza também estavam na excursão daquele verão e Alex se apaixonou perdidamente da rainha da pista central, que naquela época tinha vinte e um anos.

passava-se as noites sonhando com sua elegância, sua beleza, seus peitos. As garotas que tinha conhecido até esse momento lhe pareciam meninas comparadas com a deliciosa e inalcançável Sheba Cardoza. além de desejá-la, sentia certa afinidade com ela porque ambos procuravam a perfeição em seu trabalho. Percebia na Sheba uma vontade similar à sua.

Mas Sheba também possuía uma veia egocêntrica que seu pai tinha alimentado e que Alex nunca tinha tido. Sam Cardoza lhe tinha feito acreditar na Sheba que era melhor que outros. Entretanto, a trapecista também tinha um lado mais suave e maternal e, embora naquele tempo era muito jovem, comportava-se como uma galinha poedeira com outros membros da companhia, arreganhava-lhes quando se comportavam mau, enchia seus estômagos com espaguetes e lhes aconselhava em amores.

Inclusive aos vinte e um anos gostava de jogar a ser a grande matriarca e ao pouco tempo também tinha incluído o Alex no clã, tendo piedade do órfão de dezesseis anos que a observava com aqueles olhos tão ardentes. encarregou-se de que Alex tomasse comidas sões e dizia ao Owen que o mantivera afastado dos trabalhadores mais briguentos, ignorando o fato de que Alex levava muitos anos de circo em circo para que ninguém o protegesse.

Mas não era isso o que Alex queria da Sheba, que tinha acabado atando-se com um trapecista mexicano que se chamava Carlos Méndez. Ao igual a Sheba, Carlos pertencia à última geração de uma velha família do circo e tinha sido contratado pelo pai da Sheba para que fora o receptor desta no trapézio.

Mas Sam Cardoza tinha algo minha em mente. Embora a ascendência circense do Carlos Méndez não era tão impressionante como a deles, a olhos do Sam era o suficientemente aceitável para converter-se no progenitor da seguinte geração de trapecistas Cardoza, e Sheba tinha agradado a seu pai apaixonando-se pelo Carlos.

O ciúmes tinham carcomido ao Alex. Sua linhagem circense era mais impressionante que o do Méndez, mas Sheba só via um adolescente fraco e ossudo que sabia de cavalos e tinha talento com os látegos. Lhe tinha contado seus planos para casar-se com o elegante mexicano que Sam tinha contratado. E que lhe permitiria pôr a seus filhos o sobrenome Cardoza.

O verão chegou ao final e Alex estava a ponto de retornar ao colégio. Os Cardoza tinham sido fichados pelos Irmãos Ringling para fazer a excursão da temporada seguinte. Carlos se pavoneava como um galo arrogante, embora por outro lado carecia de matéria cinza, e o dia que Alex partia, Sheba entrou inesperadamente na caravana do Carlos e o encontrou despindo a uma das equilibristas.

Alex jamais esqueceria essa noite. Quando terminou a função se encontrou a Sheba esperando-o. Não tinha chorado e parecia muito acalmada.

—Vêem comigo.

A ele nem lhe ocorreu desobedecê-la. Sheba o levou a bordo do recinto, onde se introduziram em um pequeno espaço escuro entre duas caravanas. O coração do Alex começou a pulsar com força ante os sombrios e clandestinos propósitos da Sheba enquanto se perdia no aroma almiscarado de seu perfume.

A trapecista o tinha cuidadoso profundamente aos olhos. Sem dizer nenhuma só palavra se abriu a blusa e a deixou cair pelos braços. Aqueles peitos plenos, de redondos mamilos escuros brilharam como neve sob a luz da lua que penetrava entre as caravanas. Sheba lhe agarrou as mãos e as pôs sobre seus peitos.

Ele se tinha imaginado algo como isso centenas de vezes, mas as fantasias não lhe tinham preparado para tocar realmente aqueles peitos e sentir esses redondos mamilos sob os dedos.

—Beija-os —disse ela.

Os dedos da Sheba baixaram à cremalheira do Alex. Este aspirou profundamente sobre a úmida pele de seus seios. Quando ela tomou entre suas mãos, Alex sentiu que perdia o controle e explorou com um rouco gemido.

Ele se tinha estremecido de satisfação e humilhação. Sheba tinha pressionado então seus lábios contra os dele, lhe oferecendo um beijo comprido e profundo. Logo se apartou e, ainda com os peitos nus e úmidos pela língua do Alex, girou-se entre as caravanas.

Foi então quando ele se deu conta de que Carlos tinha estado ali todo o tempo, observando-os.

O brilho duro e triunfante nos olhos da Sheba disse ao Alex que ela o tinha sabido em todo momento e a sensação provocada por aquela traição foi tão devastadora que não pôde respirar. Não lhe importava. Só o tinha utilizado para vingar-se.

Enquanto observava a seu antigo amante, Sheba pareceu esquecer-se de que Alex existia.

—contratei a um novo receptor —disse ela com frieza. —Está despedido.

—Não pode me despedir —estalou Carlos. —Sou um Méndez.

—Não é nada. Inclusive este menino é mais homem que você.

Sheba voltou a dá-la volta e selou os lábios do Alex com um beijo. Apesar de sua luxúria, apesar da neblina da traição, ele sentiu uma faísca de fria admiração que o assustou mais do que o tinha feito nunca o látego de seu tio. Compreendia aquela cruel demonstração de amor próprio. Como Sheba, ele jamais deixaria que alguém ou algo ameaçasse o que era, sem importar o preço que tivesse que pagar. Apesar de odiá-la por havê-lo utilizado como um peão, não pôde deixar de respeitá-la por isso.

Sheba passou os seguintes dezesseis anos como artista destacada nos grandes circos do mundo e não fez outra excursão com o circo dos Irmãos Quest até que sua carreira começou a declinar. Para então, seu pai já tinha morrido e Sheba, solteira e sem filhos, converteu-se na última Cardoza.

Owen lhe deu a bem-vinda ao circo dos Irmãos Quest e montou o espetáculo em torno dela. Além disso, em suas incomuns conversações telefônicas com o Alex, revelou-lhe o suficiente como para que este deduzira que Owen estava coado por ela.

Alex e Sheba se reencontraram fazia dois verões e, imediatamente, fez-se evidente que tinha havido uma mudança no equilíbrio de poderes entre eles. Aos trinta e dois anos ele estava na plenitude de sua virilidade e não ficava nada por provar, enquanto que os melhores anos da Sheba como artista já tinham passado. Alex conhecia sua própria valia e fazia muito tempo que tinha ficado atrás a baixa auto-estima que sentia na adolescência. Ela era formosa, inquieta e, por razões que ele não compreendeu imediatamente, estava solteira e sem filhos.

O fogo da paixão crepitou com força entre eles, mas esta vez era ela a que o buscava a ele. Alex não queria fazer mal ao Owen e, ao princípio, ignorou as insinuações sexuais da Sheba. Entretanto, logo se fez evidente que o dono do circo estava resignado a que os dois se atassem e, com sua peculiar idiossincrasia, sentiu-se ofendido quando Alex continuou desprezando à mulher que ele valorava por cima de todas as coisas.

Finalmente, Alex a deixou entrar em sua cama. Ela era ágil e suave, carnal e apaixonada, e ele jamais tinha desfrutado tanto do sexo. Gostava que ela fora dura e, também, não poder lhe fazer danifico. Porque embora a apreciava, não a amava.

—por que não te casaste? —perguntou-lhe Alex uma noite sentado à mesa na luxuosa caravana da Sheba, onde ela se dispunha a lhe servir a comida pela segunda vez no dia. Os dois levavam postas as batas, a dela tinha um exótico estampado que fazia que os brilhos avermelhados de seu cabelo parecessem ainda mais intensos. —Sempre pensei que queria ter filhos. Seu pai não esperava outra coisa.

Lhe pôs um prato de lasaña diante e se voltou para a cozinha para agarrar o seu. Mas não voltou para a mesa. ficou imóvel olhando fixamente a comida que tinha preparado.

—Suponho que ambicionei muito. Já sabe que há coisas que não se podem ter. Os melhores trapecistas nascem com uma habilidade especial e o homem com o que me case tem que provir de uma boa família. Não me casarei com qualquer, e muito menos sem amor. Amor e linhagem. É uma boa combinação. —Levou o prato à mesa. —Meu pai estava acostumado a dizer que era melhor que os Cardoza se extinguissem antes que ter netos sem sangue circense. —sentou-se e agarrou o garfo. —Bom, fiz minha essa máxima. É preferível que os Cardoza se extingam a me casar com um perdedor filho de puta ao que não possa respeitar.

—Bem por ti.

Ela tomou um bocado de comida e voltou a deixar o garfo no prato. Depois observou atentamente ao Alex, com um brilho provocador nos olhos.

—Os Markov são ainda mais importantes que os Cardoza. Sam me disse faz anos que não deveria te haver deixado escapar. Ri-me dele porque naquela época você foi só um menino, mas agora os cinco anos que te levo não significam nada. Somos os últimos de duas grandes dinastias circenses.

Divertido, ele negou com a cabeça.

—Eu não tenho nenhuma intenção de perpetuar a dinastia Markov. Sinto muito, carinho, mas terá que procurar esperma circense em outro lado.

Ela se Rio, cravou um rollito de lasaña e o levou a boca.

—Menos mal que não te quero. Se o fizesse estaria perdido.

Sua ardente relação seguiu adiante, tão luxuriosa e aprazível que ele não emprestou atenção à maneira, cada vez mais possessiva, com a que ela o tratava ou como, pouco a pouco, começou a considerá-lo seu igual.

—Somos almas as gema —lhe disse ela uma noite, com a voz rouca pela emoção, —se fosse mulher, seria eu.

Sheba tinha razão, mas algo no interior do Alex se rebelou ante a comparação. Admirava a Sheba, mas havia algo nela que lhe repelia. Pode que porque se via refletido a si mesmo. Para impedir que dissesse nada mais, acomodou-se entre as pernas femininas e entrou nela com uma dura aposta.

Apesar das sutis mudanças no comportamento da Sheba, ele não estava preparado para o que aconteceu tina tarde daquele verão no recinto aos subúrbios do Waycross, Georgia. Esse dia lhe disse que lhe amava. E quando o fez, ele se deu conta de que falava totalmente a sério.

—Sinto-o —disse ele tão brandamente como pôde quando ela terminou sua declaração, —mas isso não vai comigo.

—É obvio que sim. É o destino. Sheba se negou a escutar quando Alex lhe disse que ele nunca poderia amar a ninguém —que tinha perdido a capacidade de amar quando era um menino maltratado— e o brilho nos olhos da jovem lhe disse que para ela o rechaço não era mais que um jogo. empenhou-se em lhe fazer trocar de opinião com a mesma determinação que empregou antigamente para conseguir o triplo salto e, só quando ele estava fazendo a mala para partir depois

de sua última atuação no circo, compreendeu que ele não brincava. Alex jamais a tinha enganado. Não a amava. E não ia casar se com ela.

Quando por fim assimilou aquele cortante rechaço, tudo o que Sheba acreditava sobre si mesmo se fez migalhas e se voltou louca. Foi nesse momento quando fez o inconcebível, o que nunca lhe perdoaria. Foi quando lhe rogou que não a deixasse.

Alex era, sem dúvida, a única pessoa no mundo que podia compreender a enormidade do que ela estava destruindo quando chorou de joelhos ante ele. Tinha dobrado seu orgulho, o que fazia que fora quem era.

—Sheba, basta. Tem que parar. —Tentou levantá-la, mas ela se aferrou a ele e gritou com um desespero tão dilacerador que ele se levaria esse som consigo à tumba. Nesse momento Alex pôde ver como o amor que Sheba sentia por ele se convertia em ódio.

Owen Quest, alertado pelo ruído, tinha irrompido, de repente, na caravana e se deu conta do que acontecia. Logo tinha cuidadoso ao Alex e lhe tinha famoso a porta com a cabeça.

—Vete, eu me encarregarei de tudo.

Uma semana depois, Sheba se casou com o Owen; um homem que quase lhe dobrava a idade e que não lhe deu filhos, e Alex era o único que sabia por que. Seu rechaço a tinha ferido no mais profundo de seu ser e só podia ressurgir de suas cinzas unindo-se a alguém capitalista que a pusesse em um pedestal. Desde que seu pai tinha morrido, ela tinha recorrido ao Owen.

—Alex! —A voz assustada do Heather interrompeu suas perturbadoras lembranças. —Vi ao Daisy! Está diante da jaula do Sinjun.

Sheba ouviu o que Heather dizia e afastando-se do Jack Daily se dirigiu ao Alex:

—Eu me ocuparei disto.

—Não, farei-o eu. É meu trabalho.

Enquanto seus olhos se enfrentavam em uma firme batalha de vontades, ele amaldiçoou para seus adentros ao Owen Quest por fazê-los passar por isso. Só depois da morte do Owen se deu conta de como este o tinha manipulado com sua habitual astúcia. Tinha pensado que obrigando-os a estar juntos, Alex e Sheba resolveriam suas diferenças, casariam-se e conservariam o circo dos Irmãos Quest. Owen nunca tinha conhecido realmente a natureza deles dois. E, é obvio, Owen não tinha contado com que uma raterilla chamada Daisy Devreaux estragasse seus planos.

Heather caminhou ao lado do Alex, franzindo o cenho tom ansiedade.

—Não foi muito dinheiro. Só duzentos dólares. Ele deslizou o braço ao redor dos ombros da jovem e lhe deu um apertão.

—Quero que te mantenha se separada disto, Heather. Compreendeste-me?

Ela levantou a vista e o olhou com preocupação.

—Não vai lhe dar chicotadas, verdade, Alex? É o que disse meu irmão. Disse que foi dar chicotadas.

As vozes espabilaron ao Daisy. Levantou a cabeça d os joelhos e se deu conta de que se ficou dormida sentada no chão diante da jaula do Sinjun. Enquanto se desperezaba, recordou a dor que tinha experiente e a estranha sensação de afinidade com o tigre. Que estranho. Devia havê-lo sonhado, embora todo aquilo lhe tinha parecido muito real.

Olhou à jaula. Sinjun tinha levantado a cabeça, tinha baixado as orelhas e tinha as marcas brancas à vista. Seguiu a direção de seu olhar e viu que Alex se aproximava dela, com a Sheba e Heather atrás. ficou de pé lentamente.

—Onde está? —exigiu Sheba.

—Eu me encarregarei disto —disse Alex.

Daisy sentiu um espiono de temor ao ver a expressão fria e resolvida na cara de seu marido. Sinjun começou a passear-se intranqüilo pela jaula.

—te encarregar do que? O que passou?

Sheba a olhou com desprezo.

—Não te incomode em te fazer a inocente. Sabemos que você roubou o dinheiro, assim devolve-o. Ou já o escondeste em alguma parte?

Sinjun grunhiu pelo baixo.

—Não escondi nada. Do que está falando?

Alex se passou o látego enroscado de uma mão a outra.

—Faltam duzentos dólares da gaveta da arrecadação, Daisy.

—Isso é impossível.

—É certo.

—Eu não os agarrei.

—Isso está por ver-se.

Daisy não podia acreditar o que estava ocorrendo.

—Não sou quão única estive ali. Talvez Pete viu algo. Foi quem me substituiu quando fui provar me os maillots.

Sheba se aproximou mais.

—Está-te esquecendo de que contei o dinheiro justo depois de que voltasse para seu posto. Estava tudo. Os duzentos dólares desapareceram depois de partir.

—Isso é impossível. Estive ali todo o tempo. Não pôde ter desaparecido.

—vou registrar a, Alex. Possivelmente ainda o leve em cima.

—Nem te ocorra tocá-la—disse Alex sem levantar a voz, mas a ordem implícita em sua resposta era inconfundível.

—Mas o que passa contigo? —exclamou Sheba. —Desde quando pensa com a franga?

—Nenhuma palavra mais. —Ele se voltou para o Heather, que tinha estado observando o intercâmbio de vontades. —Vete, carinho. Tudo se terá esclarecido pela manhã.

Heather se foi a contra gosto, mas Daisy viu que se aproximavam outras pessoas: Neeco Martin, o domador de elefantes, com o Jack Daily, e Brady, ao que acompanhava uma das animadoras.

Alex também notou que estavam atraindo a uma multidão e se voltou para o Daisy.

—Se me der o dinheiro agora evitaremos montar uma cena.

—Eu não o tenho!

—Então terei que buscá-lo, e começarei por te registrar.

—Não!

Agarrou-a por braço e Sinjun emitiu um rugido ensurdecedor quando Alex começou a arrastá-la para a caravana. Sheba ficou imediatamente à esquerda do Alex, deixando claro que não pensava deixá-los sozinhos.

Pela extremidade do olho, Daisy viu as expressões severas e sérias de todos os que se reuniram ao redor do bolo de bodas a noite anterior. Jill estava ali, mas agora se negava a olhar ao Daisy aos olhos. Madeline se deu a volta e Brady Pepper a fulminou com o olhar.

Quando Alex lhe apertou o braço, Daisy sentiu que uma sensação de traição se estendia até o mais profundo de sua alma.

—Não siga com isto. Sabe que jamais roubaria nada.

—Pois não, em realidade não sei. —Tinham chegado à caravana e Alex se adiantou para abrir a porta com a mesma mão que sujeitava o látego. —Entra.

—Como pode me fazer isto?

—É meu trabalho. —Com um empurrão a fez subir o último degrau.

Sheba os seguiu à caravana.

—Se for inocente, não tem nada que temer, verdade?

—Sou inocente!

Ele deixou o látego em uma cadeira.

—Então não te importará que te registre. —Daisy deslocou o olhar do um a outro e a fria intenção que viu nos olhos de ambos fez que se sentisse doente. Apesar de que não se suportavam, os dois se aliaram agora em seu contrário.

Alex se aproximou e Daisy se tornou para trás e se chocou contra o mostrador da cozinha, o mesmo lugar onde só umas horas antes lhe tinha dado aquele apaixonado beijo.

—Não posso deixar que me faça isto —disse ela com desespero. —Fizemos uns votos, Alex. Não lhes dê as costas. —Ela sabia que isso a fazia parecer mais culpado ante aqueles olhos acusadores, mas o matrimônio se apoiava na confiança e se ele destruía isso, não teriam nem a mais mínima oportunidade.

—Isto não tem nada que ver com isso.

Ela se deslizou junto ao mostrador.

—Não posso deixar que me toque. Pelo amor de Deus, me acredite! Não roubei o dinheiro! Nunca roubei nada em minha vida!

—te cale, Daisy. Só está piorando as coisas.

deu-se conta de que ele não ia ceder. Com o único propósito de assustá-la, apanhou-a contra a despensa. Ela o olhou horrorizada.

—Não o faça —sussurrou. —Por favor. Rogo-lhe isso. Por um momento ele ficou imóvel. Logo lhe revistou os flancos. Enquanto Sheba os observava, passou-lhe as mãos pelos quadris, pela cintura, logo as moveu para o estômago, as costas, os peitos que ele tinha tomado em suas mãos tão somente umas horas antes... Daisy fechou os olhos quando lhe deslizou a mão entre suas pernas.

—Deveria me haver acreditado —sussurrou quando ele terminou.

Alex deu um passo atrás com os olhos cheios de preocupação.

—Se não o tiver, por que enfrentaste a mim?

—Porque queria que confiasse em mim. Não sou uma benjamima.

olharam-se aos olhos. Parecia como se ele estivesse a ponto de dizer algo quando Sheba deu um passo adiante.

—Teve tempo de sobra para desfazer do dinheiro. por que não registra a caravana? Eu registrarei a caminhonete.

Alex assentiu com a cabeça e Sheba saiu. Ao Daisy começaram a lhe tocar castanholas os dentes apesar de que a noite era cálida. Dizia muito da relação entre o Alex e Sheba que, ao menos nesse tipo de assuntos, parecessem confiar o um no outro. Mas ninguém confiava nela.

Daisy se deixou cair no sofá e se rodeou os joelhos com as mãos para deixar de tremer. Não olhou como Alex revisava os armários nem como registrava seus pertences. A jovem se sentiu embargada por uma sensação de impotência. Já não podia recordar como era ter a vida sob controle. Talvez é que nunca a tinha tido. Primeiro tinha dependido de sua mãe, logo depois de seu pai. E agora era esse marido perigoso o que tinha assumido o controle de sua vida.

Os ruídos da busca foram substituídos por um pesado silêncio, mas Daisy não levantou o olhar do desenho da gasto tapete.

—encontraste o dinheiro, verdade?

—No fundo de sua mala, onde você o escondeu.

Daisy elevou a vista e viu a mala aberta a seus pés. Tinha um montão de dinheiro na mão.

—Não sei quem o terá posto aí, mas não fui eu.

Ele se meteu a mão no bolso.

—Ao menos tenha as guelra suficientes para dizer a verdade e aceita as conseqüências.

—Não roubei o dinheiro. Alguém me tendeu uma armadilha. —Era evidente para o Daisy que Sheba estava detrás de todo isso. Alex tinha que vê-lo também. —Não o tenho feito! Tem que me acreditar.

As súplicas morreram nos lábios do Daisy quando observou o rígido gesto de seu marido e soube que nada o faria trocar de opinião. Com uma horrível sensação de resignação, disse-lhe:

—Não vou seguir me defendendo. Hei dito a verdade e não vou dizer nada mais. —Ele se aproximou da cadeira de em frente e se sentou. Parecia cansado, mas nada comparável a como se sentia ela. —vais chamar à polícia?

—Nós resolvemos nossos problemas.

—Quer dizer, são juiz e parte.

—É melhor assim.

supunha-se que o circo era um lugar mágico, mas tudo o que ela tinha encontrado era ira e suspeita. Cravou os olhos no Alex, tentando ver através da impenetrável fachada que apresentava.

—O que ocorre se te equivoca?

—Não o faço. Não me posso permitir isso —Nos enfrentaremos mañana a las consecuencias. No intentes salir de la caravana. Si lo haces, no dudes que te encontraré.

Daisy notou a fria certeza na voz de seu marido. Tal arrogância era um convite ao desastre. Lhe pôs um nó na garganta. Lhe havia dito que não voltaria a defender-se, mas mesmo assim se sentiu alagada por um tumulto de emoções. Tragando saliva, ficou olhando as feias e finas cortinas que cobriam as janelas detrás do Alex.

—Eu não roubei os duzentos dólares, Alex.

Ele se levantou e se aproximou da porta.

—Enfrentaremo-nos amanhã às conseqüências. Não tente sair da caravana. Se o fizer, não duvide que te encontrarei.

Ela ouviu aquela voz geada e se perguntou que classe de castigo lhe imporia. Seria duro, disso não tinha a menor duvida.

Alex abriu a porta e saiu de noite. Ela ouviu o rugido de um tigre e se estremeceu.

Quando Sheba olhou os duzentos dólares que Alex lhe dava, soube que tinha que escapar dali e, um momento depois, acelerava pela estrada em seu Cadillac sem lhe importar aonde ia; precisava celebrar a humilhação do Alex em privado. Apesar de todo seu orgulho e arrogância, Alex Markov se casou com uma benjamima.

Só umas horas antes, quando Jill Dempsey lhe havia dito que Alex se casou, Sheba se tinha querido morrer. Tinha podido tolerar a horrível lembrança do dia em que perdeu o orgulho, quando se rebaixou diante dele, porque tinha sabido que Alex nunca se casaria com outra. Como ia encontrar a uma mulher que lhe compreendesse como o fazia ela, sua alma geme-a? Se não podia casar-se com a Sheba, muito menos poderia fazê-lo com outra, e graças a esse pensamento seu orgulho tinha sobrevivido.

Mas hoje todo se acabou. Ainda não podia acreditar que lhe tivesse negado esse último prazer. recordava-se a si mesmo chorando e abraçando-se a ele, lhe rogando que a amasse, com a mesma claridade que se acabasse de ocorrer.

E agora, com mais rapidez da que podia ter imaginado, ele estava sendo castigado e ela poderia dormir tranqüila. Não podia imaginar um golpe mais amargo para o orgulhoso Alex. Ao menos sua humilhação tinha sido privada, mas a dele tinha sido em público. Sheba acendeu a rádio e o carro se alagou com o som do rock duro. Pobre Alex. Em realidade o compadecia. negou-se a casar-se com a rainha da pista e tinha terminado com uma benjamima.

Enquanto Sheba Quest voava pela estrada sob a luz da lua da Carolina do Norte, Heather estava acurrucada no assento traseiro do Airstream de seu pai com os magros braços cruzados sobre o peito e as bochechas úmidas pelas lágrimas.

por que tinha feito algo tão feio? Se sua mãe estivesse viva, poderia haver o contado tudo, podia lhe haver explicado que nem sequer o tinha planejado, mas a gaveta da arrecadação estava aberto e odiava ao Daisy; assim, simplesmente, tinha pego o dinheiro. Sua mãe a teria ajudado a arrumá-lo tudo.

Mas ela tinha morrido. E Heather sabia que se seu pai se inteirava algum dia do que tinha feito, odiaria-a para sempre.

CAPÍTULO 08

—Aqui tem a pá —disse o homem que se ocupava dos elefantes. —Aí está o carrinho de mão. E aí o caminhão com o esterco.

Digger, que era quem se encarregava dos animais do Neeco Martin, o domador, deu-lhe uma pá e se afastou coxeando. Era um homem maior que padecia artrite; tinha o rosto enrugado e os lábios afundados pela falta de dentes. Digger era agora o chefe do Daisy.

Daisy olhou a pá. Esse era seu castigo. imaginou-se que Alex a manteria confinada na caravana, que utilizaria aquele lugar como uma cela ambulante, mas deveria ter sabido que ele não se conformaria com um pouco tão singelo.

A noite anterior Daisy tinha chorado no sofá até ficar dormida. Não tinha nem idéia de se Alex tinha dormido na caravana nem de se tinha retornado. Por isso ela sabia, até podia ter acontecido a noite em companhia de uma das showgirls. Invadiu-a a tristeza. Alex apenas lhe tinha falado essa manhã salvo para lhe dizer que teria que trabalhar para o Digger e que não devia abandonar o recinto sem sua permissão.

Desviou o olhar da pá que sustentava na mão ao interior do caminhão. Os elefantes já tinham descido do reboque através de umas largas portas trilhos situados no centro de este, justo em cima da rampa. Ao Daisy lhe pôs um nó no estômago e uma quebra de onda de intranqüilidade fez que lhe subisse a bílis à garganta. Havia muito esterco. Muitíssimo. Em algumas parte a palha estava

quase poda. Em outras tinha sido esmagada pelas gigantescas patas dos paquidermes.

E aquele aroma...

Daisy voltou a cabeça e aspirou ar fresco. Seu marido acreditava que era uma benjamima e uma mentirosa e, como castigo, obrigava-a a trabalhar com os elefantes apesar de que lhe havia dito que os animais lhe davam medo. Voltou a olhar para dentro do caminhão.

Adeus a seu modelito da Mary McFadden.

Daisy se sentiu derrotada e, justo nesse momento, soube que tinha falhado. Não poderia fazê-lo. Outras pessoas pareciam ter uma fortaleza a que recorrer em tempos de crise, mas Daisy não. Era débil e não fazia nada a direitas. Tudo o que seu pai e Alex haviam dito dela era verdade. Só servia para conversar nas festas e isso não lhe valia de nada neste mundo. Com o sol caindo a chumbo sobre sua cabeça, rebuscou em seu interior, mas não encontrou nem um ápice de coragem. deu-se por vencida. Atirou a pá sobre a rampa.

—Já te deste por vencida?

Daisy baixou o olhar. Alex estava ao pé da rampa. Ela assentiu lentamente com a cabeça.

Lhe sustentou o olhar com as mãos apoiadas nos quadris cobertas por uns jeans descoloridos. —Os homens têm feito aposta sobre se faria ou não o trabalho.

—E o que apostaste você? —A voz do Daisy logo que era um sussurro e lhe soou como um grasnido.

—Não está preparada para recolher mierda, cara de anjo. Qualquer pode vê-lo. Mas, e só para que conste em ata, não apostei nada.

Não era por lealdade para ela, disso estava segura, o teria feito para manter sua reputação como chefe. Olhou-o com uma distante curiosidade.

—soubeste todo o tempo que não poderia fazê-lo, verdade?

—Sim, sabia —disse Alex, assentindo lentamente com a cabeça.

—Então, por que me tem feito acontecer por isso?

—Foi você a que tinha que entender que não podia suportá-lo. Mas demoraste muito tempo em lhe dar conta, Daisy. Tentei lhe dizer ao Max que não foste sobreviver aqui mais que uma bola de neve no inferno, mas não quis me escutar. —A voz do Alex se voltou quase suave e, por alguma razão desconhecida, lhe incomodou mais aquilo que o anterior desprezo de seu marido. —Volta para a caravana, Daisy, e te troque de roupa. Pagarei-te um bilhete de avião.

«Aonde irei?», perguntou-se. Não tinha nenhum lugar ao que ir. Ouviu o rugido do Sinjun e olhou para sua jaula, mas o caminhão da água lhe bloqueava a vista.

—Darei-te dinheiro para que possa te manter até que encontre trabalho.

—Isso é o que te pedi na limusine e não aceitou. por que o faz agora?

—Prometi a seu pai que te daria uma oportunidade. mantive minha palavra.

Dito o qual, ele se deu a volta para dirigir-se à caravana, seguro de que ela o seguiria. Essa arrogante segurança atravessou a dor do Daisy e o transformou em um golpe de ira, tão estranha em sua tranqüila natureza que a jovem logo que reconheceu o que era. Ele estava tão convencido de sua derrota que nem sequer duvidava do fato de que fora a render-se.

«ia render se?»

Olhou à pá atirada sobre a rampa. Tinha abono seco pego à manga e à paleta, o que atraía a um enxame de moscas. Enquanto a olhava, deu-se conta de que essa pá, suja, era como todas as más decisões que tinha tomado em sua vida.

Com um soluço entrecortado a recolheu com rapidez e se meteu dentro do reboque. Conteve a respiração e deslizou a pá sob o montão de palha mais próximo, recolheu uma paletada e com braços trementes a levou até o carrinho de mão. Os pulmões lhe arderam pelo esforço. Aspirou ar fresco e quase se engasgou com aquele pestilento aroma. Sem dar-se tempo para pensar, foi a pelo seguinte montão e logo a pelo seguinte. Começaram a lhe doer os braços, mas não se deteve.

As botas do Alex ressonaram pesadamente na rampa.

—Para, Daisy, e sal daí já. Ela tragou saliva tentando desentupir o nó de sua garganta.

—Vete.

—Não poderá sobreviver aqui. Sua obstinação só pospor o inevitável.

—É possível que tenha razão. —Perdeu a batalha por conter as lágrimas e estas lhe deslizaram pelas bochechas. Sorveu pelo nariz, mas não deixou de trabalhar.

—Quão único está conseguindo com isto é me convencer de quão tola é.

—Não estou tentando te convencer de nada e, francamente, já não quero falar mais. —Com um trêmulo soluço, levantou outro pesado montão e, sem logo que força, conseguiu levá-lo até o carrinho de mão.

—Está chorando?

—Vete.

Ele entrou e ficou diante dela.

—Sim, está chorando.

—Perdoa, mas me está interrompendo —disse Daisy com voz trêmula.

Ele tratou de lhe tirar a pá, mas ela a apartou a um lado antes de que pudesse agarrá-la. Um arranque de cólera alimentado pela adrenalina lhe deu a força suficiente para deslizar a pá sob outro montão de palha e ameaçar arrojando-lhe Alex se quedó inmóvil por un momento. Luego meneó lentamente la cabeza y retrocedió.

—Vete! Digo-o a sério, Alex! Se não me deixar em paz lhe jogarei isso em cima.

—Não te atreverá.

Ao Daisy tremiam os braços e as lágrimas lhe caíam do queixo à camiseta, mas sustentou o olhar do Alex sem render-se.

—Não deveria desafiar a alguém que não tem nada que perder.

Alex ficou imóvel por um momento. Logo meneou lentamente a cabeça e retrocedeu.

—De acordo, mas só o está fazendo mais difícil para ti.

A jovem demorou duas horas em limpar o reboque. Baixar a pesado carrinho de mão pela rampa foi o mais difícil. Lhe derrubou a primeira vez que o tentou e teve que recolhê-lo tudo de novo. Tinha seguido chorando todo o tempo, mas não se deteve. de vez em quando levantava a cabeça e via o Alex, que a observava com esses olhos dourados, mas o ignorou. Os ombros e os braços lhe doíam muito, mas apertou os dentes e se obrigou a seguir.

Quando terminou de limpar com a mangueira o interior do caminhão, a camiseta e os jeans que Alex lhe tinha comprado dois dias antes estavam talheres por uma capa de porcaria que parecia formar parte deles. Tinha o cabelo alvoroçado ao redor da cara e lhe tinham quebrado as unhas. Examinou o trabalho tentando sentir orgulho por quão bem o tinha feito, mas o único que sentiu foi um cansaço mortal.

apoiou-se na porta do caminhão. Desde aquela vantajosa posição, no alto da rampa, podia ver os elefantes encadeados perto da estrada para anunciar que o circo estava ali.

—Baixe, senhorita —disse Digger. —O dia não terminou ainda.

Daisy desceu pelo pendente coxeando sem apartar a vista dos elefantitos que estavam, sem atar, a uns quinze metros.

Digger os chamou por gestos.

—Terá que levá-los a abrevar. Use isto para empurrá-los, cláveselo nos flancos. —Assinalou-lhe um pau de quase dois metros com um cravo no extremo, logo se aproximou dos pequenos elefantes (que deviam pesar perto de uma tonelada cada um). Combinando as ordens e a voz com uns ligeiros golpecitos do cravo, Digger os fez ficar em movimento para um tanque cheio de água. Daisy se manteve tão afastada deles como foi possível, com o coração lhe pulsando com força pelo medo.

O homem voltou o olhar para ela.

—Assim é como deve fazê-lo.

Daisy se aproximou pouco a pouco, dizendo-se a si mesmo que, apesar de seu tamanho, aquelas bestas eram só uns bebês. Ao menos não eram uns desagradáveis perritos.

Observou que alguns bebiam diretamente da artesa, enquanto que outros aspiravam a água com a tromba e logo a levavam a boca. Digger notou que ela se mantinha apartada.

—Não lhe darão medo, verdade, senhorita?

—Por favor, tutéame.

—Não deve deixar nunca que os animais percebam seu medo.

—Isso me há dito todo mundo.

—Tem que lhes demonstrar quem é o chefe. lhes ensinar que é você a que manda.

Ele golpeou a um dos animais, fazendo que se tornasse a um lado para que pudessem acontecer outros. Do alto dos degraus, durante o espetáculo, Daisy tinha encontrado preciosos aos elefantitos, com essas orelhas blanditas, aqueles encantadores rabitos e as expressões solenes, mas agora lhe davam muitíssimo medo.

Daisy tinha visto como dirigia Neeco Martin aos adultos (os machos, recordou-se a si mesmo, embora tivesse jurado que todas eram fêmeas). Fez uma careta quando Digger golpeou com força a um deles. Pode que ela não fora amante dos animais, mas ao ver aquilo se revolveu por dentro. Os elefantes não tinham nascido para viver em um circo e ninguém deveria tratá-los tão brutalmente por não seguir as regras dos homens, em especial quando sortes regras foram contra seus instintos.

—Tenho que ajudar ao Neeco a passear aos elefantes —disse Digger. — te encarregue de levar aos elefantitos até a estaca. Irei dentro de uns minutos para te ajudar a atá-los.

—OH, não! Não, não acredito que... —Aquele dali é Puddin. Esse é Tater. O do fundo é Pebbies e leste daqui é Bam Bam, chamamo-lo Bam para abreviar. Dê agora ao Pebbies com o cravo. Tem que lhe ensinar maneiras. — Ofereceu-lhe o cravo ao Daisy e se afastou.

Daisy olhou com consternação aquela arma do diabo. Bam abriu a boca, Daisy não soube se o fazia para bocejar ou para lhe pegar um bocado, e se tornou para trás. Dois dos elefantes colocaram a tromba no abrevadero.

«Agora sim que me vou render», pensou ela. Tinha conseguido limpar o caminhão, mas não conseguiria aproximar-se dos elefantes. Tinha alcançado seu limite.

ao longe viu o Alex observando-a, vigiando-a como um abutre espreita a sua presa antes de saltar sobre ela.

Ela se estremeceu e deu um passo indeciso para os elefantitos.

—Né... venha, amiguitos. —Temblorosamente assinalou a estaca com o cravo.

Bam (ou possivelmente fora Pebbies) levantou a cabeça e lhe lançou um olhar de desdém.

Ela se aproximou com inquietação.

—Por favor, não me dêem mais problemas. foi um dia terrível.

Tater levantou a tromba da artesa e girou a cabeça para ela. A seguir Daisy recebeu um jorro de água fria na cara.

—Aaah! —Gritou dando um salto atrás.

Tater saiu disparado embora, é obvio não para a estaca, a não ser fazia os reboques.

—Volta! —gritou ela, esfregando-a cara. —Não faça isso! Por favor, volta!

Neeco se aproximou correndo com uma larga barra metálica com um aguilhão em forma de Ou no extremo. Dirigiu-o para o Tater, escolhendo um ponto detrás da orelha. O elefante deu um forte chiado de dor; deteve-se em seco e se girou imediatamente para a estaca. Outros elefantes o seguiram com rapidez.

Daisy olhou aos animais antes de voltar-se para o Neeco.

—O que lhe tem feito?

Ele se passou a barra metálica de uma mão a outra e se apartou o comprido cabelo loiro da cara.

—É uma picana. Lança descargas elétricas. Não a uso a menos que seja necessário, mas eles sabem que a utilizarei se não se comportam corretamente.

Daisy olhou a picana com desagrado.

—Dá-lhes descargas? Não te parece que é uma medida muito drástica?

—Quando se trabalha com animais não se pode ser sentimental. Pode que os queira muito, mas não sou estúpido. Têm que saber quem é o que manda, quem leva aqui a voz cantante.

—Neeco, isto não é para mim. Já lhe hei dito a todo mundo que os animais me dão medo, mas ninguém me faz conta.

—Acabará por superá-lo. Só precisa acontecer algum tempo com eles. Não gostam das pessoas nem os ruídos inesperados, assim têm que verte vir. —Tirou-lhe o cravo da mão e lhe deu a picana em troca. —Se lhe virem com ela lhe respeitarão mais. Os pequenos são fáceis de controlar; um par de descargas rápidas se não lhe fizerem caso e preparado. Quando usar o cravo, aponta detrás das orelhas, é onde mais os molesta.

Ela sentiu como se estivesse sendo obrigada a sujeitar algo obsceno. Olhou aos elefantitos e viu que Tater lhe devolvia o olhar. O animal observou a picana e, embora talvez fora coisa de sua imaginação, Daisy pensou que parecia decepcionado.

Quando Neeco partiu, ela se aproximou dos bichinhos tossindo para não surpreendê-los. Eles levantaram a cabeça e se removeram inquietos ao ver o que levava na mão. Bam abriu a boca e emitiu um forte barrito de tristeza.

Deviam estar acostumados a que lhes dessem descargas elétricas. Daisy pensou o muito que começava a lhe desagradar Neeco Martin. Mais que incrementar a confiança em si mesmo, a picana fazia que se sentisse incômoda. Não importava o muito que lhe assustassem os animais, jamais poderia lhes fazer danifico, assim deixou o artefato detrás de uma bala de feno.

Olhou com desejo a caravana do Alex. Só três dias antes a tinha considerado repugnante, mas agora lhe parecia o lugar mais acolhedor do mundo. recordou-se a si mesmo que se tinha podido limpar o reboque, também podia sobreviver a isso.

aproximou-se das bestas de novo, esta vez sem a picana. Eles a observaram durante um momento. Satisfeitos de que ela já não supusera uma ameaça, dedicaram-se a remover o feno.

Todos salvo Tater. Seria coisa de sua imaginação ou lhe estava realmente sonriendo? E não tinha esse sorriso certo toque diabólico?

—Elefantes bonitos. Elefantitos b-bonitos —cantarolou ela. —Daisy é boa. Daisy é muuuuuy boa.

Pebbies e Bam levantaram a cabeça e se olharam o um ao outro, e ela tivesse jurado que inclusive tinham posto os olhos em branco. Tater, enquanto isso, levantou um fardo de feno e o deixou cair sobre seu lombo. Embora outros elefantes continuaram observando-a, Tater não estava molesto pela presença da jovem. Parecia o mais sociável de todos.

O animal deixou cair outro fardo de feno sobre seu lombo. Daisy se aproximou uns passos mais, até que só houve três metros entre eles. Tater começou a resfolegar na palha.

—Tater bonito. Tater é um elefantito muito bonito. —aproximou-se dele uns centímetros mais, lhe sussurrando tolices como se fora um bebê de verdade. —Menino bonito. Sei bom. —Começou a lhe tremer a voz. —Tater tem que ser mais educado. —Estava tão perto que podia lhe aplaudir a tromba, e Daisy sentiu a pele úmida e pegajosa pelo suor. —Ao Tater gosta de Daisy. Daisy é amiga do Tater. —Alargou a mão lentamente, obrigando-se a fazê-lo centímetro a centímetro, dizendo-se a si mesmo que os elefantes não comiam pessoas, tão somente... «Zas!»

O elefantito lhe plantou a tromba no peito e a atirou ao chão. A jovem caiu com tal força que viu as estrelas. A dor lhe subiu pelo flanco esquerdo. A vista lhe esclareceu bem a tempo de observar como o elefante levantava a tromba e emitia um grito de inequívoca vitória.

Daisy ficou ali sentada, muito deprimida para levantar-se. As florecitas das sandálias cintilavam como estrelas chapeadas ante seus olhos. Levantou a cabeça e viu que Bathsheba Quest a olhava desde detrás de uns óculos de sol. Sheba levava um apertado Top branco, umas calças curtas a jogo e um cinturão de cor lavanda. Carregava sobre o quadril a um bebê de cabelo escuro, um menino que Daisy recordava ter visto com um dos irmãos Tolea e sua mulher. Sheba baixou o olhar para ela, logo se colocou os óculos de sol no cocuruto, retirando o cabelo o suficiente para deixar à vista uns pendentes púrpura com brilhantes em forma de estrelas.

Daisy esperava ver uma expressão de triunfo nos olhos da Sheba, mas só viu satisfação. deu-se conta de que estava tão afundada que a mulher nem sequer a considerava uma ameaça.

—De onde demônios te tirou Alex?

Negando com a cabeça, Sheba passou por cima dos pés do Daisy, para aproximar-se do Tater e lhe acariciar a

—É um pequeno demônio, verdade, colega? A que é um fantasia de diabo, Theo? —disse Sheba, agarrando o pé do menino.

Daisy tinha sido derrotada por todos e já não pôde suportá-lo mais. No que a ela concernia, o trabalho tinha terminado por esse dia, e tinha sobrevivido com muita dificuldade. ficou em pé e se dirigiu à caravana. Nesse momento viu o Alex. Muito cansada para voltar a enfrentar-se a ele, deu-se a volta e começou a perambular pelo recinto do circo.

cruzou-se com duas das animadoras, mas lhe deram as costas. Um dos palhaços fingiu não vê-la. Daisy necessitava com urgência um cigarro.

Deu um coice quando um potente chiado sulcou o ar. A jovem girou a cabeça com rapidez e viu o Frankie perto de um dos caminhões da mão da Jill. Assinalou-a e chiou de novo. Jill o agarrou em braços e, sem dirigir a palavra ao Daisy, afastou-se.

Daisy se sentiu fatal. A mensagem era clara. Tinham-na declarado uma emparelha.

Seguiu caminhando até que se encontrou diante da casa de feras. A porta de lona estava levantada e todos os animais estavam dentro menos Sinjun, cuja jaula ainda se encontrava a pleno sol. O animal baixou as orelhas quando ela se aproximou, e a olhou com desdém. A noite anterior tinha estado muito escuro para ver em que condições se encontrava a jaula, mas agora podia ver quão suja estava. Digger era quem se encardaba de cuidar dos animais, mas estava claro que estes ocupavam o último lugar em sua lista de tarefas.

O tigre cravou os olhos nela e Daisy não pôde apartar o olhar dele. A noite anterior a pelagem a raias parecia brilhar sob os refletores, mas agora o animal parecia fraco e sujo. A jovem olhou fixamente aquela misteriosas íris douradas e, ao cabo de uns segundos, sentiu-se muito sufocada.

O suor lhe cobria o oco da garganta e os braços. Tinha a cara congestionada e os peitos molhados. Nunca tinha sentido tantísimo calor. Quis despir-se por completo e meter-se em uma piscina de água geada. Tinha um calor insuportável. Sabia que o ardor não provinha dela mas sim do tigre.

—Aqui está.

Daisy voltou a cabeça e viu que Alex se aproximava dela. Olhou-a de cima abaixo e ficou geada sob o impacto desses olhos frios e impessoais.

—Ainda fica um pouco de tempo livre antes da função —disse. —por que não vais tomar banho te e logo jantamos algo?

—A função?

—Já sabe que é parte de seu trabalho.

—Mas não esta noite. É impossível que possa fazer nada esta noite. me olhe!

Enquanto a observava, Alex quase se rendeu. A parte mais decente de si mesmo lhe exigia que a deixasse em paz por essa noite. Estava pálida devido ao esgotamento e tão suja que era impossível reconhecê-la. O único rastro de cosméticos em sua cara era a mancha de rímel sob os olhos. Sua pequena boca

tinha um gesto de tristeza e Alex pensou que nunca tinha estado em presença de alguém que estivesse tão a ponto de quebrar-se.

Sentiu uma relutante faísca de admiração ante o fato de que ela estivesse ainda em pé. Pela forma que tinha dirigido a pá soube o difícil que lhe tinha resultado todo aquilo. A jovem o tinha deixado surpreso. Por desgraça, aquela pequena rebelião só tinha prolongado o inevitável.

por que não se rendia? Não sabia de onde tinha tirado as forças para chegar até ali, mas sim que acabaria por ceder, e se negava a torturá-la mais. Lutou contra essa debilidade interior que o impulsionava a abrandar-se, sabendo que seria uma crueldade pressioná-la. Mas tinha que fazê-lo se queria que Daisy aceitasse a verdade.

recordou-se com firmeza que era uma benjamima e que, apesar das circunstâncias, não podia perdoar-lhe —La vacuna del tétanos. Por la infección.

—A primeira função é às seis. Sairá com os elefantes.

—Mas...

fixou-se em que ela tinha um corte na palma da mão e a agarrou com rapidez para examiná-la.

—Quanto faz que te vacinou do tétanos?

Olhou-o sem compreender.

—A vacina do tétanos. Pela infecção.

Ela piscou; estava tão esgotada que ele teve que resistir o desejo de agarrar a em braços e levá-la à caravana. Alex não quis pensar o que seria sentir esse miúdo e suave corpo entre seus braços. Se não tivesse roubado esse dinheiro, tivessem passado a noite anterior na mesma cama, mas ao ver o que tinha feito, ele se tinha enfurecido tanto que não tinha crédulo em si mesmo para tocá-la. Não tinha desejado tocá-la.

—Quando te vacinaste que tétanos? —repetiu o bruscamente.

Ela se olhou o corte.

—O ano passado. Cortei-me no iate do Biffy Brougenhaus.

«Santo Deus.» Como podia estar casado com uma mulher que conhecia alguém chamado Biffy Brougenhaus? Ao diabo com ela.

—te jogue um pouco de anti-séptico —lhe espetou— e procura estar lista a tempo para a função ou também te encarregará do reboque do cavalo.

Enquanto a olhava, o semblante do Alex se endureceu ainda mais. Sempre se havia sentido orgulhoso de seu sentido da justiça, mas ela o fazia sentir como um valentão mal-humorado. Outro ponto mais contra ela.

Daisy sobreviveu à função, basicamente porque o cansaço a tinha intumescido de tal maneira que não lhe deu vergonha aparecer em público vestida com o minúsculo maillot vermelho. Embora Alex lhe havia dito que desfilaria com os elefantes, tinha ocupado um lugar algo mais atrás, como se fora um membro dos Tolea Voadores.

obrigou-se a tomar banho, algo que lhe tinha resultado muito doloroso pelos arranhões que lhe cobriam os braços. lavou-se e secou o cabelo e se maquiou mais do habitual seguindo as instruções do Alex. Entre ambas as funções, ficou dormida na caravana com um sándwich de manteiga de amendoim na mão. Se ele não a tivesse despertado teria perdido a segunda função.

Ao finalizar, Neeco a deteve quando saía pela porta dos artistas.

—Digger necessita que lhe dê uma mão para subir aos elefantitos ao caminhão.

Digger não parecia necessitar ajuda, mas esse era seu trabalho e ela não queria que Alex lhe jogasse nada em cara.

—Não serei de muita ajuda —disse ela.

—Têm que acostumar-se a ti, isso é tudo.

Daisy ficou uma bata azul do Alex que tinha encontrado pendurada no cabide do quarto de banho. Embora se enrolou as mangas, ainda ficava enorme, mas era apropriada para preservar seu pudor.

Ao ver que os elefantitos saíam nesse momento pela porta traseira, Daisy se aproximou do Digger.

—Necessita ajuda?

—Não te passeie por diante deles, ainda lhes põe nervosos.

ficou detrás do Digger, a vários metros de distância dos elefantes. Não teve nenhum problema em reconhecer ao Tater dado que era o mais pequeno dos quatro; recordava de sobra o golpe que lhe tinha dado e o olhou ressentidamente enquanto ele trotava detrás do Puddin pego de sua cauda. Quando chegaram à estaca, Digger os atou com uma correia.

—Vêem aqui, Bam. te aproxime Daisy, assim aprenderá como se faz.

Daisy estava tão atenta ao que ele estava fazendo com o Bam que não se deu conta de que Tater se aproximou dela por detrás, até que sentiu um comichão úmido, suave como uma carícia, pelo lateral de seu pescoço. Deu um gritito e saltou para trás, afastando-se da tromba estendida do elefante.

O elefantito a olhou com um brilho teimoso nos olhos, aproximou-se dela e alargou a tromba de novo. Muito tensa para mover-se, Daisy ficou olhando as fossas nasais da tromba que cada segundo estavam mais perto dela.

—Tater b-bonito. Elefantito b-bonito. —Emitiu um chiado assustado quando Tater lhe colocou a tromba pelo pescoço, lhe abrindo a bata. —Digger... —gritou.

Digger a olhou e se deu conta do que estava ocorrendo.

—Puseste-te perfume?

Ela tragou saliva e assentiu com a cabeça. Tater lhe aconteceu a tromba com delicadeza por detrás da orelha.

—Ao Tater voltam louco os perfumes de mulher.

—O que tenho que fazer agora? —disse com voz entrecortada.

Digger a olhou sem entender o que lhe perguntava.

—A que te refere?

—A T-Tater?

—Pois não sei. O que quer fazer?

ouviu-se uma risada entrecortada.

—É provável que queira deprimir-se, verdade, Daisy?

Alex apareceu justo detrás dela e a jovem tentou mostrar valor.

—Não... não exatamente.

—É pelo perfume. —Alargou a mão e acariciou ao Puddin. Tater, enquanto isso, emitiu um barrito de alegria e colocou a ponta da tromba pelo pescoço da bata, até a base da garganta do Daisy.

—N-ninguém me disse que não usasse perfume. —Para surpresa da jovem, o elefantito baixou mais a tromba, para as chamas que desenhavam as lentejoulas vermelhas que cobriam o sutiã do maillot. Recordou que também se pôs perfume entre os peitos.

—Alex... —implorou-lhe. —Me vai tocar... me vai tocar... —a tromba do Tater alcançou sua meta. —Os peitos! —gritou.

—Tem razão. —Alex aplaudiu a tromba e a apartou a um lado. —Já basta, amiguito. Isso é de minha propriedade.

Daisy estava tão assombrada por aquela declaração que não notou que Tater retrocedia.

Digger soltou uma risita ofegante e assinalou ao elefante com a cabeça.

—Parece que Tater se apaixonou.

—Isso me temo—repôs Alex.

—De mim? —Daisy olhou aos dois homens com incredulidade.

—Vê alguém mais? —respondeu Alex.

O certo era que o elefante lhe estava lançando um olhar comovedor.

—Mas se me odeia. Esta tarde me golpeou e me atirou ao chão.

—Esta tarde não levava perfume.

Digger se levantou e lhe rangeram os joelhos. aproximou-se do elefantito.

—Vêem, menino. A jovem não está interessada.

Enquanto Digger o afastava dali, Tater lhe lançou por cima do ombro um olhar de adolescente apaixonado. Daisy não sabia se sentir temor ou agradecimento por lhe gostar de ao menos a alguém desse horrível circo.

Essa noite ficou dormida assim que sua cabeça tocou o travesseiro. Ouviu entre sonhos que Alex entrava na caravana umas horas mais tarde e notou que lhe cobria os ombros com a manta enquanto voltava a dormir.

CAPÍTULO 09

Daisy estava sobre a rampa do caminhão às dez da manhã seguinte. Tinha os músculos das pernas duros e doíam a cada passo que dava. Além disso sentia como se lhe tivessem estirado os braços em um potro de tortura.

—Sinto muito, Digger. Fiquei-me dormida.

Apesar do cansada que estava a noite anterior, despertou-se por volta das três da madrugada depois de um sonho no que Alex e ela navegavam em uma barco rosa com forma de cisne por um antiquado túnel do amor. Alex a beijava e a olhava com tal ternura que ela se havia sentido como se seu corpo se fundisse com a barco, com a água e com o próprio Alex. Tinha sido essa sensação o que a tinha despertado e o que a tinha feito refletir, tombada no sofá, sobre o doloroso contraste entre aquele belo sonho e a realidade de seu matrimônio.

Quando chegaram à ampla esplanada do High Point, na Carolina do Norte, o reboque que transportava aos elefantes ainda não tinha aparecido, e se tinha metido na caminhonete para jogar uma sesta. Duas horas depois, despertou-se com o pescoço rígido e dor de cabeça.

Do alto da rampa viu que Digger quase tinha terminado de retirar o esterco do caminhão. A sensação de alívio se mesclou com uma pontada de culpabilidade. Esse era seu trabalho.

—Deixa que eu siga.

—O pior já parece. —Falou como um homem que estava acostumado a esperar o pior da vida.

—Sinto muito, não ocorrerá de novo.

Ele sorveu pelo nariz e a olhou como dizendo que acreditaria quando o visse.

De onde estava, Daisy tinha uma ampla vista da nova localização do circo, situado entre um Pizza Hut e um posto de gasolina. Conforme lhe havia dito Alex, a maior parte dos membros do circo preferiam instalar-se em um terreno liso e asfaltado, embora isso significasse ter que reparar antes de partir todos os buracos que fizessem para cravar as estacas.

Ouvindo de fundo o rítmico tamborilar dos homens que montavam o circo, olhou para trás e viu o Heather sentada em uma cadeira diante de sua caravana. Sheba estava de pé detrás dela lhe fazendo uma trança. Também tinha visto como a proprietária do circo dava uma mão aos trabalhadores e ajudava a levantar-se o pequeno dos Lipscomb, de seis anos, quando caía. Sheba Quest era uma mulher cheia de contradições: com o Daisy se comportava como uma bruxa malvada, mas com todos outros era uma pessoa muito amável.

Sentiu que lhe atiravam da calça. Quando baixou a vista viu que era a tromba do Tater, que estava ao pé da rampa, olhando-a com adoração através de umas pestanas ridiculamente frisadas.

Digger se burlou dela.

—Seu noivo veio a verte.

—Pois vai se levar uma decepção. Não me pus perfume.

—Suponho que terá que aproximar-se mais para comprová-lo por si mesmo. Leva-o com outros, de acordo? Terá que lhes dar de beber. O cravo está ali disse, assinalando com a cabeça o objeto apoiado contra o caminhão.

Ela olhou o cravo com autentica aversão. Ao fundo da rampa, Tater barriu e girou sobre si mesmo, como se estivesse chamando-a. Logo se deteve, e

levantou uma pata atrás de outra como se fora um bebê esperneando. Ou muito se equivocava Daisy ou todo isso era por ela.

—O que vou fazer contigo, Tater? Não te dá conta do medo que me dá?

Armando-se de valor, aproximou-se do fundo da rampa enquanto se metia a mão no bolso para tirar uma cenoura murcha que tinha encontrado na geladeira. Esperava que a seguisse ao ver que ia alimentá-lo, e lhe ofereceu a hortaliça com uma mão tremente.

O bichinho alargou a tromba e olisqueó a cenoura com delicadeza, lhe fazendo cócegas na palma da mão. Ela retrocedeu um passo, utilizando a cenoura como ceva para levá-lo com outros. Tater a arrebatou da mão e a levou a boca.

Daisy observou com apreensão a mão agora vazia enquanto o alargava a tromba para ela outra vez.

—N-não tenho mais.

Mas não era comida o que ele queria; era perfume.

Colocou a tromba pelo pescoço da camiseta do Daisy procurando o aroma que tanto gostava.

—Amiguito... sinto muito... eu...

Zas! Com um dramático barrito, Tater lhe deu um golpe com a tromba e a atirou ao chão. Daisy gritou. Ao mesmo tempo, Tater levantou a cabeça e voltou a barrir, anunciando ao mundo a profunda traição da que acabava de ser objeto: Daisy não levava perfume!

—Daisy, está bem? —Alex apareceu de um nada e ficou em cuclillas a seu lado.

—Estou bem. —Fez uma careta de dor ao sentir uma pontada no quadril.

—Maldita seja! Não pode deixar que este animal continue te fazendo isso. Sheba me há dito que ontem também te atirou.

É obvio, Sheba não tinha podido resistir a deixar acontecer algo como isso, pensou Daisy, esticando-se ao trocar de postura.

Pela extremidade do olho, viu como Neeco se aproximava de grandes pernadas para eles.

—Eu me encarregarei disto —lhes disse.

Daisy soltou um grito afogado quando o viu agarrar o cravo.

—Não! Não lhe pegue! foi minha culpa. Eu... —Ignorando a dor, obrigou-se a ficar de pé e se interpôs de um salto entre o Neeco e Tater, mas chegou muito tarde.

Horrorizada, observou como Neeco golpeava ao elefantito naquele lugar sensível detrás da orelha. Tater soltou um agudo chiado e retrocedeu. Neeco se aproximou de novo a ele, levantando o cravo para propinarle um segundo golpe.

—Já basta, Neeco.

Daisy não ouviu as suaves palavras de advertência do Alex porque já se lançou sobre as costas do Neeco.

—Não volte a lhe pegar! —com um grito de indignação, tentou lhe arrebatar o cravo.

Alarmado, Neeco tropeçou, e detrás recuperar o equilíbrio, soltou uma maldição e se deu a volta. Daisy não pôde sujeitar-se a seus ombros e sentiu que se escorregava. Mas em vez de cair ao sujo pela segunda vez esse dia, Alex a apanhou em seus braços.

—Já te tenho.

Sheba se aproximou com rapidez.

—Pelo amor de Deus, Alex, há jornalistas no recinto.

Enquanto a deixava no chão, Daisy se preparou para sofrer uma bronca do Alex. Mas para sua surpresa, Alex se voltou para o Neeco.

—Acredito que Tater captou a mensagem a primeira vez.

Neeco ficou rígido.

—Sabe tão bem como eu que não há nada mais perigoso que um elefante se volte contra seus adestradores.

Daisy não pôde mordê-la língua.

—É só um bebê! E foi minha culpa. Não me pus perfume e se zangou comigo.

—te cale, Daisy —disse Alex com suavidade.

—Seu bebê pesa uma tonelada —disse Neeco apertando os lábios. —Não deixarei que nenhum dos que trabalha comigo fique sentimental com os animais. Não podemos correr riscos. Atuando dessa maneira põe em perigo a vida da gente; os animais têm que saber quem manda.

Daisy deixou sair toda sua frustração.

—Vista-las dos animais também têm valor! Tater não pediu que o encerrassem em um circo. Não pediu que o levassem por todo o país em um reboque fedorento, nem que lhe atassem para ser exibido diante de pessoas ignorantes. Deus não criou aos elefantes para que fizessem equilíbrios sobre suas patas. Criou-os para que vagassem livres.

Sheba se cruzou de braços e elevou uma sobrancelha com ironia.

—Já a vejo atirando pintura vermelha aos casacos de pele. Alex, controla a sua esposa ou a jogarei de meu circo.

Nem o mais mínimo espiono de emoção cruzou pela cara do Alex quando seus olhos se encontraram com os da Sheba.

—Daisy é a encarregada dos elefantes. Por isso vi, só cumpria com seu trabalho.

Ao Daisy quase lhe deteve o coração. Seria possível que seu marido a estivesse defendendo?

O prazer da jovem se desvaneceu quando ele se voltou para ela, assinalando com a cabeça o reboque dos elefantes.

—está-se fazendo tarde e ainda não o limpaste com a mangueira. Volta para trabalho.

Ela se deu a volta e, desejando que os três se fossem ao inferno, voltou para sua tarefa. Sabia que quão animais viajavam com o circo deviam estar sob controle, mas a idéia de que estavam sendo obrigados a comportar-se contra sua

natureza, incomodava-lhe. Talvez encontrasse tão perturbadora sua situação porque sentia que tinha algo em comum com eles. Como os animais do circo, estava cativa contra sua vontade e, como eles, seu guardião tinha todo o controle.

Sheba quase tinha chegado ao vagão vermelho quando a abordou Brady Pepper. Apesar do molesta que estava com o Brady, não podia negar quão arrumado era, com aquela pele azeitonada e esses rasgos fortes e firmes. Embora tinha quarenta e dois anos, só havia uns poucos fios chapeados no cabelo encaracolado do acrobata e aquele atlético e poderoso corpo que possuía não tinha nem um ápice de graxa.

—Atira ao Neeco? —perguntou ele dessa maneira agressiva que sempre a fazia chiar os dentes.

—Não é teu assunto.

—Aposto-me o que seja a que sim. É o tipo de tio que você gosta. Bonito e curto de entendederas.

—Vete ao inferno. —A irritação da mulher se devia ao feito de que sim se deitou com o Neeco em alguma ocasião ao início da temporada. Entretanto, tinha perdido rapidamente o interesse nele e não tinha sentido vontades de repetir a experiência. Não queria que ninguém suspeitasse que o sexo já não lhe interessava tanto como antes.

—Com um tio como Neeco sempre pode levar a voz cantante, verdade? Enquanto que com alguém como eu...

—Alguém como você nunca poderia me satisfazer. —lhe dirigindo um falso sorriso, percorreu-lhe com a unha o deltoides que se marcava sob a camiseta. —As garotas dizem que já não te levanta, é certo?

Para desgosto da Sheba, ele reagiu à pua com uma gargalhada.

—Vigia essa língua viperina que tem, Sheba Quest. Um dia te meterá em grandes problemas.

—Eu gosto dos problemas.

—Sei. Em especial os que provocam os homens.

Ela continuou caminhando para o vagão vermelho, mas em vez de dar-se por aludido e partir, Brady não demorou para ajustar seu passo ao dela. Tudo nele, da longitude de sua pernada até o movimento de seus ombros, anunciava que se considerava um presente de Deus para as mulheres. Era além disso um machista confesso, por isso Sheba sempre tinha que lhe recordar quem era a que mandava. E mesmo assim, apesar de tudo o que a exasperava, era o tipo de homem que mais gostava. Orgulhoso, trabalhador e honesto. debaixo de sua áspera fachada tinha uma natureza generosa e, a diferença do Alex Markov, não havia nele mais do que se via.

Percorreu-a com o olhar tal e como fazia sempre. Brady nunca tinha mantido em segredo que gostava das mulheres e, apesar de que estava acostumado a paquerar com as jovens do circo, tinha uma maneira de olhá-la que

a fazia sentir como se ainda estivesse na flor da vida. Ela tinha fingido não notar a sensual cadência de quadris desse homem, pois não podia esquecer que Brady era o filho de um açougueiro do Brooklyn sem uma só gota de sangue circense nas veias.

—Heather e você passam muito tempo juntas ultimamente —disse ele.

—Hoje lhe tenho feito uma trança, se for isso ao que te refere.

Brady a agarrou do braço e a girou para ele.

—Isso não é o que quero dizer, e sabe. Estou falando do tempo que dedica a treiná-la.

—E o que?

—Não quero que a faça albergar falsas esperanças. Sabe que não tem madeira para ser uma boa equilibrista.

—por que diz isso? Nem sequer lhe deste uma oportunidade.

—Está de coña? trabalhei com ela desde que chegou e não melhorou nada!

—E te parece estranho?

—O que quer dizer?

—Quero dizer que poderia chegar a ser boa se você fosse um bom treinador.

—Não me jodas! Não há ninguém que treine melhor que eu. —cravou-se o polegar no peito. —Fui eu quem ensinou a meus filhos tudo o que sabem.

—Matt e Rob são tão duros como você. Uma coisa é ensinar a dois meninos briguentos e outra trabalhar com uma jovem sensível. Como vai aprender algo contigo se não fazer mais que lhe dizer quão mau o faz?

—Que demônios saberá você de jovencitas sensíveis? Por isso me hão dito, sua mãe te amamentou com arsênico.

—Muito gracioso.

—Não tente me convencer de que seu pai se añilaba com contemplações quando te ensinava a fazer o triplo salto.

—Não tinha que andar-se com nada. Eu já sabia que me queria.

Brady apertou os lábios.

—Está insinuando que não quero a minha filha?

Ela plantou as mãos nos quadris.

—Mas que estúpido é! Não te ocorreu pensar que neste momento te necessita mais como pai que como treinador? Se deixasse de pressioná-la tanto, faria-o melhor.

—Vá, mas se tivermos aqui a jodida Arm Landers —disse refiriéndose à famosa colunista do Chicago Tribune.

—Vigia sua língua!

—Olhe quem foi falar. Advirto-lhe isso, Sheba, não me jodas com o Heather. Já o tem bastante difícil neste momento sem que você tente pô-la em meu contrário.

E se foi gotejando animosidade.

Observou-o durante um momento, logo abriu a porta e entrou no vagão vermelho. Brady e ela tinham chocado desde o começo, mas além disso existia entre eles uma poderosa atração sexual que a fazia manter-se em guarda. A experiência lhe tinha ensinado a ser precavida com os homens que elegia como amantes. O dia que se casou com o Owen Quest tinha sido o dia que se prometeu a si mesmo que nunca mais se deitaria com um homem ao que não pudesse controlar. Tinha malote soe com os homens e em duas ocasiões quase a tinham destruído: primeiro Carlos Méndez e logo, de maneira mais contundente, Alex Markov.

Fazia pagar ao Carlos Méndez pelo que lhe tinha feito, e se recordou a si mesmo que Alex tinha tido seu próprio castigo. Olhou pela janela e viu o Daisy Markov lutando com um fardo de feno. Sheba quase sentiu lástima por ela —e a tivesse sentido de ter sido outra pessoa, —mas Daisy era o instrumento com o que podia castigar ao Alex. O que humilhado devia sentir-se.

Seguro que estava grávida, por que outra razão se casou Alex com essa mulher? Mas apesar do muito que odiava ao Alex, o circo o significava tudo para a Sheba, e lhe parecia lhe denigra que o sangue dos Markov —uma das famílias mais famosas na história do circo— passasse a seguinte geração através de uma trombadinha. Cada vez que olhava ao Daisy, Sheba se perguntava como poderia ter mantido a cabeça em alto se não se feito pública a verdade sobre o Daisy.

Tempo depois Daisy não pôde recordar como conseguiu agüentar durante os dez dias seguintes enquanto o circo percorria Carolina do Norte antes de cruzar a fronteira da Virginia. Durante o dia Alex e ela estavam sozinhos na caminhonete e, quando ele se dignava a lhe falar, ela sentia como se lhe estivesse cravando com pedaços de gelo. Nem sequer compartilhavam as comidas. Alex sempre se abria alguma lata de conservas enquanto ela estava no quarto de banho arrumando-se para a função e lhe deixava preparado um prato de comida enquanto ele se trocava. Nunca lhe perguntou o que gostava de comer nem lhe pediu que cozinhasse, embora ela tampouco teria tido forças para fazê-lo.

Algumas vezes Daisy pensava que tinha sonhado aquele apaixonado beijo que tinham compartilhado. Agora a nem sequer se tocavam, salvo nessas ocasiões nas que ficava dormida na caminhonete e despertava acurrucada contra ele. Quando isso ocorria se separava de um salto, só para sentir a intensa energia sexual que existia entre eles, tão evidente como a brisa que entrava na caminhonete.

Ou pode que todo isso fora coisa de sua imaginação. Talvez Alex não se sentia atraído por ela. Como ia encontrar atrativa a uma garota com as mãos cheias de ampolas, o nariz queimado pelo sol e os cotovelos cheios de crostas, que não vestia outra coisa que roupa de trabalho suja? Em algum momento da última semana tinha deixado de maquiar-se até a hora da função. Durante o dia se recolhia o cabelo em um acréscimo, com alguns cachos soltos que lhe caíam

sobre o pescoço e as bochechas. Em só duas semanas tinha abandonado os costumes de toda uma vida.

Nem sequer sabia quem era quando se olhava no espelho.

Sempre estava cansada. ficava dormida no sofá antes de meia-noite, mas logo, uma vez que Alex entrava na caravana, resultava-lhe impossível voltar a dormir. Dava igual o que fizesse, dava voltas durante horas até que finalmente caía em um sonho intranqüilo e despertava sem ter descansado. sentia-se esgotada, confundida e incrivelmente sozinha.

Como todos acreditavam que era uma benjamima, continuavam fazendo todo o possível para evitá-la e, por outro lado, tampouco tinha melhorado a relação com os elefantes. Tater ainda se comportava como se o tivesse traído. Várias vezes chegou a considerar a possibilidade de ficar perfume, mas a assustava ainda mais o carinho do elefantito que seu ódio. Quando Neeco e Digger estavam perto, o animal a deixava tranqüila, mas, se não estavam à vista, procurava qualquer oportunidade para arrojá-la ao chão; derrubou-a tantas vezes que Daisy tinha machucados por toda parte.

Os outros elefantes se deram conta em seguida de que era uma presa fácil e a converteram no branco de todas suas travessuras. Orvalhavam-na com água, chiavam-lhe e a atiravam ao chão se se aproximava muito. O pior era ver como esperavam a que se aproximasse deles antes de divertir-se a sua costa. Neeco lhe dizia que, como se negava a usar o cravo, tinha o que se merecia e que jamais venceria.

Embora se manteve afastada do Sinjun e averiguou mais coisas dele pelo que lhes ouviu outros. Era um tigre velho, tinha uns dezoito anos e fama de arisco. Segundo Digger, nenhum de seus treinadores tinha conseguido ganhar sua confiança, e todos o consideravam imprevisível e perigoso.

Como seu marido.

Alex a confundia de tal maneira que não sabia o que pensar dele. Tão logo se comportava como um monstro sádico como aparecia pelo caminhão dos elefantes com umas novas luvas de trabalho para ela ou uma boina de beisebol para que não se queimasse com o sol. E, mais de uma vez, chegou bem a tempo de baixar um carrinho de mão carregado de esterco pela rampa antes de que Daisy tivesse ocasião de fazê-lo. Entretanto, a maior parte do tempo só parecia sentir pena por ela.

Era um dia insoportablemente quente para estar só em meados de maio. A temperatura superava os trinta e cinco graus e a espessa umidade dificultava a respiração. De novo instalaram o circo em um estacionamento, em um pequeno povo ao sul do Richmond, e o asfalto negro intensificava o calor. Os elefantes já tinham conseguido atirar ao Daisy duas vezes esse dia e, a segunda vez, raspou-se o cotovelo. Para piorar as coisas, todos os membros do circo pareciam desfrutar de um tempo de relax exceto ela.

Brady e Perry Lipscomb estavam sentados à sombra do toldo da caravana Airstream da família Pepper, tomando uma cerveja fria e escutando um

partido de beisebol na rádio. Jill se orvalhava com água enquanto o tomava o sol recostada em uma cadeira com o último exemplar do Cosmopolitan nas mãos. Inclusive Digger jogava uma sesta à sombra.

—Daisy, move o culo e te ocupe do feno! —ordenou-lhe Neeco a gritos da porta da caravana dos equilibristas, logo rodeou os ombros do Charlene com o braço. Algumas vezes, desde que se tinham enfrentado pelo cravo, Neeco a tratava com hostilidade. Encarregava-lhe os trabalhos mais duros, e a fazia trabalhar durante horas intermináveis, até que chegava Alex e lhe dizia que já tinha sido suficiente por esse dia.

Quando começou a mover o feno, ardia-lhe cada músculo do corpo. Tinha a camiseta empapada de suor e um quebrado no ombro; seu jeans pareciam não ter visto uma máquina de lavar roupa em semanas, e a sujeira, o feno e o abono pegavam a cada centímetro de sua úmida pele. Tinha o cabelo enredado e as unhas tão quebradas como seu espírito.

Ao outro lado do recinto, Sheba tomava um refresco e se pintava as unhas dos pés. Ao Daisy gotejava o suor pelos olhos, fazendo que lhe picassem, mas tinha as mãos muito sujas para enxugá-la cara.

—Quer te apressar, Daisy? —gritou Neeco, enquanto Charlene soltava uma risita tola. —Está entrando outra carga.

Algo dentro do Daisy explorou. Estava farta de ser o cabrito expiatório de todos. Estava cansada de que os elefantes a atirassem e de que os seres humanos a desprezassem.

—Sabe o que te digo? Que o você faça mesmo! —Jogou no chão o restelo e se afastou com passo irado. Já tinha tido suficiente. ia procurar ao Alex e a lhe exigir que lhe comprasse esse bilhete de avião. Nada podia ser tão mau como isso.

Um grande rugido ressonou no recinto. Nesse momento, começou-lhe a arder a pele e sua desidratada garganta clamou por água. Viu uma mangueira enganchada ao caminhão da água, que serpenteava até a zona das feras. Correu para ela, presa do pânico porque jamais se havia sentido tão acalorada.

Uma vez mais ouviu o rugido, e lhe surpreendeu ver o Sinjun em sua jaula cozendo-se sob o sol. Quebras de onda de calor ricocheteavam contra o asfalto, e as raias laranjas e negras do tigre pareciam brilhar fracamente.

Não todos os animais estavam debaixo da carpa das feras. Alguns estavam em uma pequena zona cercada entre a carpa dos animais e o circo. Chester, um camelo de aspecto doentio, não estava muito longe de ali, ao lado do Lollipop, uma chama de olhos sonolentos. Um grande toldo de náilon branco, um tanto gasto, dava-lhes sombra; mas nada protegia ao Sinjun do sol inclemente que o golpeava através dos barrotes da jaula. Igual a ela, Sinjun parecia ter sido escolhido para que outros abusassem dele.

O animal cravou os olhos no Daisy com amarga resignação, sem sequer incomodar-se em mover as orelhas. detrás dele, chama-a emitiu um som estranho, mas o camelo não lhe fez nem caso. O calor do asfalto transpassava a sola das

esportivas do Daisy e lhe queimava os pés. Gotejava-lhe o suor entre os peitos. Os olhos do Sinjun lhe brocaram a alma. «Calor. Tenho calor.»

Daisy odiava esse lugar onde os animais se exibiam em jaulas. O estranho som da chama reverberou em seus ouvidos. Doía-lhe a cabeça e tinha o estômago revolto pelo aroma de mofo do toldo de náilon. Instintivamente deu um passo atrás, tentando afastar do sol, e desses tristes animais, do horrível calor e desse aroma nauseabundo. Pisou em um atoleiro. Olhou para baixo e viu uma fuga na mangueira que levava a água ao abrevadero.

Sem nem sequer pensar o que estava fazendo, correu para onde a mangueira se conectava à boquilha de latão. Tomou e cortou o fluxo da água. Até que só caíram umas gotas em suas mãos.

Entrecerró os olhos ante o resplendor que se refletia no sujo toldo branco e sentiu os olhos do Sinjun queimando-a, lhe derretendo a pele.

«Calor. Tenho tanto calor.»

Daisy olhou a água fria que lhe gotejava nas mãos. Acionou a boquilha de novo, levantou a mangueira e começou a orvalhar água fria na jaula de tigre.

Sim!

Ao momento sentiu o alívio do animal em seu próprio corpo.

—Né! —Digger se aproximou dela correndo tão depressa como seus artríticos joelhos o permitiam. —Detenha, Daisy! Pára de uma vez, ouviste-me?

O tigre lhe ensinou os dentes ao ancião. Daisy se girou com rapidez e lançou o jorro de água fria ao homem, lhe molhando a imunda camisa de trabalho.

—Não te aproxime!

Digger se deteve.

—O que está fazendo? vais matar ao tigre! Aos felinos não gosta da água.

Voltou a dirigir o jorro ao tigre e sentiu um fresco alívio nos ossos, como se estivesse molhando-se ela mesma.

—A este sim.

—Hei-te dito que te detenha! Não pode fazer isso.

—Ao Sinjun gosta. Olha-o, Digger.

Certo, em vez de afastar da água, o tigre se recreava nela, permanecendo imóvel sob o jorro. Enquanto continuava molhando ao felino, Daisy quis lhe dizer ao Digger que isso não teria sido necessário se ele tivesse feito melhor seu trabalho, mas sabia que o pobre homem não podia fazer mais do que fazia e se mordeu a língua.

—me dê isso!

Neeco se tinha plantado detrás dela e alargou o braço para lhe tirar a mangueira da mão. Mas Daisy vai estava farta do Neeco Martin e não deixou que a arrebatasse.

A água trocou de direção. Daisy soltou um ofego ao sentir toda a força do jorro na cara, mas não soltou a mangueira.

Lhe retorceu a boneca.

—Detenha, Daisy! me dê a mangueira.

O rugido enlouquecido do Sinjun vibrou através do pesado ar da tarde, afogando por completo o alvoroço habitual do circo. A jaula tremeu quando Sinjun lançou seu enorme corpo contra os barrotes, quase como se estivesse tentando chegar ao Neeco para protegê-la. Alarmado, o domador soltou a boneca do Daisy e se voltou para os rugidos.

Sinjun aplanou as orelhas contra a cabeça e lhe vaiou ao homem. Daisy lhe arrancou de um puxão a mangueira.

—Condenado tigre louco —resmungou Neeco. —Alguém deveria havê-lo dobrado faz anos.

Daisy enviou outro jorro de água à jaula. Com mais segurança da que sentia, disse-lhe:

—Não gosta que te coloque comigo.

—Olhe isso, Neeco —disse Digger. —A esse bode gosta da água.

—Que coño passa aqui?

Todos se voltaram fazia Alex, que se aproximava deles. Daisy se limpou os olhos com a manga da camisa suja enquanto seguia apontando o jorro de água para a jaula do tigre.

—Daisy decidiu tomar banho ao Sinjun —disse Neeco.

—Tomar banho ao Sinjun? —Alex a observou com esses inescrutáveis olhos russos.

—Sinjun tinha calor —explicou ela fracamente. —Queria que o refrescasse.

—Há-lhe isso dito ele?

Daisy estava muito esgotada para responder. Além disso, como podia lhe explicar que Sinjun se comunicou com ela? Nem sequer ela podia compreender essa espécie de conexão mística que parecia ter com o tigre.

Dirigiu o jorro da água ao barro que se acumulou no fundo da jaula.

—Estas jaulas estão asquerosas. Terei que as limpar com mais freqüência.

Digger se mostrou ofendido.

—Eu não posso contudo. Se crie que as jaulas estão asquerosas, possivelmente deveria as limpar você mesma.

—Vale. Farei-o.

O que estava dizendo? Só uns minutos antes, tinha decidido ir-se dali, e agora se oferecia voluntária para tornar-se mais trabalho à costas. Como ia poder encarregar-se de outra tarefa se quase não conseguia terminar as que lhe atribuíam?

Alex franziu o cenho.

—Daisy, você já faz muito. Apenas te mantém em pé e não quero que faça nada mais.

A jovem já estava um pouco farta de que seu marido lhe dissesse o que podia ou não podia fazer.

—Já hei dito que o faria, e o farei. Agora, a menos que Neeco e você queiram acabar tão molhados como Digger, será melhor que me deixem sozinha.

A surpresa brilhou nos olhos do Alex. Neeco a pressionou mais.

—Daisy não consegue sequer terminar as tarefas que lhe atribuo. Como vai se ocupar também das feras?

—Não o fará —disse Alex firmemente.

—Farei-o.

—Daisy...

—Não pode me dizer o que tenho que fazer em meu tempo livre.

—Não tem tempo livre —lhe recordou.

—Então suponho que terei que trabalhar mais rápido.

Ele a olhou durante um bom momento. Daisy viu brilhar em seus olhos algo que não pôde compreender de tudo. um pouco de reconhecimento? Um espiono de respeito?

—De verdade quer fazê-lo? —perguntou-lhe ele.

—Sim.

—Está segura de saber o que faz?

Lhe sustentou o olhar sem pestanejar.

—Não tenho a menor ideia.

Uma emoção que quase parecia ternura brilhou nos olhos do Alex, mas desapareceu logo que este assentiu bruscamente com a cabeça.

—Vale, estará a prova durante uns dias. Pode trabalhar aqui um par de horas a primeira hora da manhã e logo te encarregará de fazer o que te mande Neeco.

Digger começou a protestar.

—Mas necessito ajuda! Não posso fazê-lo todo eu sozinho!

—Tampouco pode fazê-lo Daisy —disse Alex em voz baixa.

Surpreendida, a jovem cravou os olhos nele. Ele arqueou uma sobrancelha.

—Algo mais?

Daisy acabava de recordar que lhe davam medo os animais, mas não era o momento de tirar o tema a colação e negou com a cabeça.

—Então, será você quem se ocupe das feras.

Enquanto Alex se afastava, Daisy pensou que cada vez que o considerava o mau do filme, ele a surpreendia. Também se deu conta de que já não lhe dava medo. Não de verdade. Alex tinha umas regras duras e, para o Daisy, injustas, mas sempre se atia a elas e Daisy não podia imaginar o comprometendo-se em algo no que não acreditasse.

Durante as horas seguintes, regou as jaulas com a mangueira e limpou a porcaria acumulada enquanto tentava mantê-lo mais afastada possível dos animais. Quando por fim terminou, estava inclusive mais suja que quando começou, dado que se tinha acrescentado barro à imundície que a cobria.

Convenceu a um dos trabalhadores para que movesse a jaula do Sinjun à sombra, logo pôs feno limpo ao Chester e ao Lollipop. O camelo tentou chutá-la, mas a chama se manteve tranqüila, e quando Daisy olhou os olhos sonolentos do Lollipop, decidiu que por fim tinha encontrado um animal que gostava.

—É toda uma dama, Lollipop. Nos vamos levar muito bem.

Chama-a moveu os beiçudos e lhe lançou um escupitajo fedorento.

Isso era gratidão, sim senhor.

CAPÍTULO 10

Ao Alex nada tinha dado tanta lástima como seu pobre algema cabeça oca. Deu-lhe as costas à panela do Chile que estava cozinhando e a observou entrar na caravana, com a roupa tão suja que poderia ter saído de uma pocilga. Fibras de feno e restos de comida para lhes anime se pegavam ao que ficava de acréscimo. Tinha os braços salpicados de barro e cheirava que emprestava.

Como Alex também tinha sido o branco da chama mais de uma vez, reconheceu o aroma.

—Também tiveste uma topada com o Lollipop?

Ela resmungou algo indecifrável e se dirigiu ao donnicker.

Alex sorriu e voltou a remover o Chile.

—Não te entendi. O que há dito?

A resposta da jovem teve o acento bem educado de alguém acostumado às coisas boas da vida.

—Vete a fritar aspargos. —E fechou a porta de uma portada.

Ele se Rio entre dentes.

—foi seu primeiro encontro com uma chama?

Ela não respondeu.

Alex jogou outra colherada de pimenta picante, acrescentou molho quente à mescla e a provou. Muito suave.

Não se ouvia nenhum som no banheiro, nem sequer o da água. Com o cenho franzido, deixou o molho picante ao fogo.

—Daisy? —Como ela não respondeu, ele se aproximou do banho e bateu na porta. —Daisy? Passa-te algo?

Nada.

Girou o cabo e a viu imóvel, diante do espelho, com as lágrimas caindo em silencio pelas bochechas enquanto olhava seu próprio reflexo.

Alex notou um estranho sentimento de ternura em seu interior.

—O que te ocorre, carinho?

Ela não se moveu, as lágrimas continuaram deslizando-se o pelas bochechas.

—Não é que nunca tenha sido tão bonita como minha mãe, mas agora estou horrível.

Em lugar de irritá-lo, ver que ela tinha perdido qualquer rastro de vaidade lhe tocou a fibra sensível.

—Eu acredito que é muito formosa, cara de anjo, inclusive quando está suja. Mas se sentirá melhor depois de tomar banho.

Daisy não se moveu. Seguia com o olhar cravado no espelho enquanto as lágrimas lhe caíam pelo queixo.

Ele se agachou a seu lado, levantou-lhe um pé e lhe tirou a esportiva e o meia três-quartos. Logo fez o mesmo com o outro.

—Por favor, vete. —Daisy o disse com a mesma dignidade muda que ele tinha observado nela durante os últimos dez dias enquanto se concentrava em completar uma tarefa atrás de outra. —Está me ajudando porque estou chorando de novo, mas só choro porque estou cansada. Sinto muito. Não me faça conta.

—Nem sequer notei que estivesse chorando. —Alex se ajoelhou ante ela e lhe abriu a cremalheira dos jeans e, depois de vacilar um momento, os deslizou pelos quadris. Quando os desceu pelas magras pernas da jovem, Alex sentiu uma pontada de desejo e teve que obrigar-se a apartar a vista do tentador triângulo das calcinhas cor verde memora que levava postas.

Quanto tempo mais ia poder manter as mãos afastadas dela? Durante a última semana e meia Daisy tinha estado tão cansada que logo que podia manter-se em pé, mas ele só tinha podido pensar em seu suave e flexível corpo. Tinha chegado a um ponto no que não podia olhá-la sem ficar duro, e isso lhe tirava de suas casinhas. Gostava de ter todos os aspectos de sua vida sob controle e esse lhe escapava das mãos.

Inclusive para uma mulher que tivesse crescido no circo tivesse sido muito duro fazer tudo o que lhe tinha ordenado fazer ao Daisy. convenceu-se de que só era questão de dias —por não dizer horas— que ela atirasse a toalha e se fora. E quereria poder estar seguro de que não a tocaria, pelo menos não como desejava fazê-lo. Manter relações sexuais nesse momento só complicaria uma situação já de por si complicada, e por isso não importava o muito que a desejasse, tinha que deixá-la em paz.

Mas Daisy seguia sem dar-se por vencida e ele não sabia quanto tempo mais poderia manter-se afastado. Quando se metia na cama de noite, era tão consciente dela acurrucada no sofá, a tão somente uns metros dele, que tinha dificuldades para ficar dormido. E o simples feito de vê-la durante o dia fazia impossível que se concentrasse em seu trabalho.

por que não se rendeu? Era delicada. Débil. Não fazia mais que chorar. E, ao mesmo tempo, tinha tido o valor de enfrentar-se ao Neeco Martin e defender a essas pobres e tristes criaturas da casa de feras. Daisy Devreaux Markov não era a jovem pusilânime que ele tinha suposto.

Que não tivesse resultado ser como ele acreditava o irritava quase tanto como o doloroso efeito que tinha sobre seu corpo, e por esse motivo lhe falou bruscamente:

—Levanta os braços.

Daisy estava muito cansada depois de haver-se passado todo o dia trabalhando, assim obedeceu de maneira automática. Alex lhe tirou a camiseta pela cabeça, deixando ao descoberto o prendedor que fazia jogo com as braguitas. A jovem estava tão esgotada que não podia evitar que lhe caísse a cabeça, mas Alex seguia sem poder confiar em si mesmo, por isso se zangou ainda mais. deu-se a volta, ajustou a temperatura da água da ducha e colocou ao Daisy dentro da cabine com a roupa interior incluída.

—Servirei-te a comida quando sair. Já me fartei que comer latas de conservas, assim que esta noite preparei o Chile.

—Sei cozinhar —disse ela entre dentes.

—Por hoje já tem feito suficiente.

Daisy se colocou sob o jorro da ducha e deixou que a água escorregasse por seu corpo.

Quando por fim saiu do quarto de banho, levava o cabelo retirado da cara e tinha o penhoar azul posto do Alex. Parecia uma adolescente quando se deslizou detrás da mesa da cozinha.

Alex lhe plantou diante um prato do Chile quente e logo se aproximou do fogão para servir-se outro para ele.

—Posso faltar esta noite à função?—perguntou ela.

—Está doente?

—Não.

Alex pôs seu prato sobre a mesa e se sentou em frente dela, endurecendo seu coração ante a muda dignidade que mostrava sua esposa.

—Então não pode faltar.

Daisy pareceu aceitar a negativa com resignação, algo que ao Alex incomodou mais que se tivesse discutido com ele.

—Jamais me havia sentido tão desprezada.

—As chamas são assim com todo mundo. Não lhe o lomes como algo pessoal.

—Frankie também me odeia. Hoje me lançou uma caixa de bolachas.

—teve que ser um acidente. Frankie é amável com todo mundo.

Daisy apoiou um cotovelo na mesa e descansou a cabeça na mão enquanto revolvia o Chile com inapetência.

—Desfilar com tão pouca roupa denigre às mulheres.

—Mas é estupendo para a bilheteria.

Alex lamentou imediatamente haver tirado o sarro, sobre tudo quando sabia que ela estava muito cansada para responder à brincadeira. E o certo era que lhe incomodava vê-la desfilar com esse maillot. Não era tão alta como as demais garotas nem tão pechugona como elas, mas a beleza juvenil e o doce sorriso de sua esposa a faziam destacar, e inclusive tinha tido que ficar sério com alguns caipiras do público que tinham tentado ligar com ela depois da função. Surpreendentemente, Daisy parecia não ser consciente das reações que provocava.

Ela deixou cair um biscoitinho salgado no Chile.

—Já que presume do bem que se cuida dos animais no circo, deveria saber que a casa de feras é uma vergonha.

—Estou totalmente de acordo contigo. Levo anos dizendo-o, mas ao Owen adorava e sempre se negou em redondo a desfazer-se dela.

—E Sheba?

—Opina como eu. Espero que a fechamento logo, mas não há mercado para os animais velhos dos circos. Em realidade estão melhor conosco que se os vendesse às reservas de caça ilegais.

Daisy se levou um pouco do Chile à boca mas voltou a pôr o garfo no prato como se comer supusera muito esforço.

Alex já não o suportou mais. Não lhe importava se lhe criticavam por lhe dar a sua esposa um trato de favor, mas não podia tolerar essas sombras púrpura sob seus olhos nem um dia mais.

—Vete à cama, Daisy. troquei que idéia. Hoje pode te saltar a função.

—De verdade? Está seguro?

A alegria do Daisy o fez sentir ainda mais culpado.

—Isso é o que hei dito, não?

—Sim, sim, claro. OH, obrigado, Alex. Não o esquecerei.

Daisy dormiu durante a primeira função mas, para surpresa do Alex, apresentou-se quando começava a segunda função. A sesta de duas horas tinha feito maravilha nela e parecia mais relaxada que nos dias anteriores. Enquanto percorria a pista de areia sobre a Misha, Alex a viu saudar com as mãos e lançar beijos aos meninos sem ser consciente do efeito que aquele chamejante maillot vermelho tinha nos pais das criaturas. Alex teve que conter-se para não arrancar a boina de algum desses palurdos com o látego.

Quando a função finalizou, ele se foi à caravana para trocar-se de roupa. Daisy estava acostumado a estar já ali, mas não a viu por nenhuma parte.

Intranqüilo, vestiu-se rapidamente e retornou ao circo. Um brilho de lentejoulas vermelhas perto da porta principal atraiu sua atenção. Viu sua esposa rodeada por três espectadores. Todos se comportavam com cortesia e, certamente, ela não corria perigo, mas mesmo assim queria estelar o punho contra aquelas caras presumidas.

Um deles disse algo e Daisy se Rio, um som angélico que flutuou no ar da noite. Alex amaldiçoou pelo baixo.

—O que é o que te põe de tão mau leite?

Ao ver o Brady detrás dele, Alex se obrigou a relaxar-se.

—O que te faz pensar que estou de mau leite?

Brady ficou um palito na comissura da boca.

—A maneira em que olha a esses tios.

—Não sei do que está falando.

—Não o entendo, Alex. Pensava que ela não te importava.

—Não quero falar disso.

—Não se preocupe, não tenho intenção de te falar dela. —passou-se o palito de um lado a outro dos lábios. —Mas de todas maneiras acredito que, apesar de que seja uma benjamima e a odeie, não deveria fazer trabalhar tão duro a uma mulher grávida.

—Quem te há dito que está grávida?

—É o que pensa todo mundo. A noite da festa surpresa não parecia exatamente um noivo feliz.

Alex apertou os dentes.

—Não está grávida.

Ao Brady lhe caiu o palito.

—Então por que coño te casou com ela?

—Isso não é teu assunto. —Alex se afastou.

Alex trabalhou até meia-noite. Quando entrou na caravana, Daisy estava dormida, mas em lugar de estar acurrucada sobre um montão de lençóis enrugados como sempre, jazia no sofá com o maillot da função ainda posto, como se se tivesse sentado uns minutos e se ficou dormida sem querer. Ele sabia que uma coisa era ser duro com ela e outra levá-la até o limite de suas forças. Nesse momento soube que não podia deixar que seguisse trabalhando assim. No que a ele concernia, Daisy tinha pago sua dívida e tinha chegado o momento de baixar o ritmo.

Daisy tinha os lábios ligeiramente entreabiertos e as mechas do cabelo escuro se estendiam sobre o almofadão do sofá como cintas sedosas. Estava tombada de barriga para baixo e ao Alex lhe secou a boca ao ver esse doce culito arrebitado talher só pela trama em forma de diamantes das meias negras de rede. A fina tira de lentejoulas que cobria a união das nádegas fazia que a visão fora ainda mais atraente. obrigou-se a apartar o olhar, despiu-se e entrou no quarto de banho, onde se meteu rapidamente sob a água fria.

O ruído da ducha deveu despertar ao Daisy, porque quando Alex apareceu envolto em uma toalha, a jovem estava diante da pia com a bata azul do Alex cobrindo o maillot. As pequenas mãos femininas apareciam pelas mangas enquanto cortava uma parte de pão.

—Quer que te faça um sanduíche? —Daisy parecia de melhor humor que qualquer dos dias anteriores. —Fiquei dormida antes de jantar e estou morta de fome.

Lhe abriu o penhoar, revelando as curvas dos peitos sob as lentejoulas chamejantes do maillot. Alex deslizou o olhar sobre ela e em vez de lhe agradecer o oferecimento, espetou-lhe:

—Como Sheba te apanhe dormindo com um de seus maillots, despirá-te esteja onde esteja.

—Então terei que me assegurar de que não me pilhe.

O renovado ânimo na voz do Daisy fez que Alex se sentisse melhor.

—Não se pode esperar que o aprenda tudo imediatamente.

Daisy se voltou para ele, mas algo que fora a dizer morreu em seus lábios. Deslizou o olhar pelo peito de seu marido até a toalha amarela que lhe cobria os quadris.

Alex quis lhe gritar, lhe dizer que não o olhasse dessa maneira a não ser que queria acabar na cama com ele. Quase sentiu que perdia o controle.

—Quer que... er... quer sua bata? —perguntou ela.

Ele assentiu com a cabeça.

Ela atirou do cinturão, a tirou e a tendeu.

Alex a deixou cair ao chão.

Ela ficou olhando.

—Não acaba de me pedir isso —Porque no sería sagrado. Hacer el amor significa algo más para mí. No lo hago con cualquiera.

—Quão único queria era que lhe tirasse isso.

Daisy se umedeceu os lábios e ele a estudou enquanto esperava uma resposta, chamando-se estúpido em todos os idiomas que conhecia, pois sabia que não poderia resistir a ela outra noite.

—Não estou segura do que quer dizer exatamente —disse ela com acanhamento.

—Quero dizer que não vou poder manter minhas mãos afastadas de ti durante mais tempo.

—Isso é o que me temia. —Daisy respirou fundo e elevou o queixo. —Sinto muito, mas não posso me deitar contigo. Não estaria bem.

—por que?

—Porque não seria sagrado. Fazer o amor significa algo mais para mim. Não o faço com qualquer.

—Me alegro de ouvi-lo. —Impulsionado por uma força que não podia resistir, Alex se aproximou dela.

Daisy deu um passo atrás, até tropeçar contra o mostrador, sem apartar o olhar dos olhos dele.

—Não posso fazê-lo sem que signifique algo.

—Espero que isso queira dizer que não tenho que me preocupar com nenhuma enfermidade de transmissão sexual como as que lhe mencionou à garçonete ao pouco de nos casar.

—É obvio que não!

—Nesse caso tampouco tem que preocupar-se por mim. Estou perfeitamente são.

—Me alegro muito por ti, mas... —Não te há dito ninguém que falas muito?

Ele plantou as mãos no mostrador apanhando-a entre seus braços.

—Temos que falá-lo. É importante. É... —O que realmente precisamos é deixar de falar. Rodeou a cintura do Daisy com as mãos. —Já jogamos suficiente ao gato e ao camundongo, cara de anjo. Não crie que chegou o momento de atuar?

O aroma do Daisy o tentava. Percorreu-a com o olhar; seu corpo ficava ressaltado pelo maillot de chamejantes lentejoulas vermelhas e a suave respiração da oven lhe agitava o pêlo do peito.

—por que quer fazê-lo com alguém a quem não respeita?

Ao Daisy lhe fecharam os olhos quando ele inclinou a cabeça e lhe acariciou o pescoço com os lábios.

—por que não deixa que eu seja quem se preocupe disso?

—Considera-me uma benjamima.

—Bom, estive lhe dando voltas a esse assunto.

Daisy inclinou a cabeça, e outra pontada de culpabilidade golpeou ao Alex quando viu que os olhos violeta de sua esposa brilhavam com deleite e sua boca suave se curvava em um sorriso tolo.

—Crie-me! Sabe que não fui eu quem roubou o dinheiro!

Ele não havia dito isso. Mas já não estava zangado. Embora não podia lhe perdoar o que tinha feito, entendia o que era o desespero e não queria seguir julgando-a.

—Acredito que é endemoniadamente sexy. —Roçou-lhe o lábio inferior com o polegar e o encontrou úmido sob sua carícia. —Utiliza algum anticoncepcional ou quer que me eu encarregue?

Os olhos do Daisy flamejaram.

—Tomo a pílula, mas...

—Bem.

Alex inclinou ainda mais a cabeça e cobriu os lábios dela com os seus. Os dois se estremeceram. Santo Deus, que doces eram! Daisy devia haver-se comido uma das ameixas amadurecidas que havia em uma bolsa sobre o mostrador, porque ele podia saborear a fruta em sua boca.

A jovem entreabriu os lábios, mas o movimento foi hesitante, como se ainda não tivesse tomado uma decisão. lhe resultou muito excitante essa aceitação tímida e insegura. Nesse momento decidiu que não lhe daria mais tempo para pensar, e a estreitou contra seu corpo.

Fora do pequeno mundo da caravana, começaram a cair as primeiras gotas de chuva, que golpearam o teto metálico com um ligeiro e agradável repico. O som era hipnótico e tranqüilizador. O ruído da chuva os isolava, arrumava-os do resto do universo e os levava a um lugar íntimo e acolhedor.

Daisy suspirou contra os gentis e pacientes lábios de seu marido. A medalha esmaltada que pendurava do pescoço do Alex se roçava contra ela e, quando lhe aconteceu a ponta da língua pela sensível superfície interior do lábio inferior, uma quebra de onda de calor lhe atravessou as veias. Nesse momento todos seus princípios morais se evaporaram, e qualquer idéia que tivesse tido de ré ' chazarlo se esfumou. Ela tinha desejado isso desde o começo e já não podia reprimir a força que a impulsionava para ele.

rendeu-se e separou os lábios, lhe deixando entrar.

Alex se tomou seu tempo e, quando lhe invadiu a boca, o beijo foi completamente arrebatador. Daisy respondeu com ardor e lhe permitiu indagar tudo o que quis.

Ela introduziu a língua entre os lábios do Alex, beijando as comissuras dessa boca dura, explorando o interior uma e outra vez. Rodeou os ombros de seu marido com os braços e ficou nas pontas dos pés para lhe mordiscar a orelha. Deixou-lhe a marca dos dentes na curva da mandíbula antes de retornar de novo a sua boca.

Entrava e saía.

retirava-se e indagava.

E dentro outra vez.

Daisy se sentia cada vez mais excitada, uma excitação alimentada pela respiração entrecortada do Alex e pela sensação que lhe provocavam suas mãos, estreitando-a com força: uma na cintura, outra magreándole as nádegas. Como podia ter tido medo dele? A imagem dos látegos guardados sob a cama apareceu em sua mente, mas ela a ignorou. Alex não lhe faria mal. Não poderia.

Daisy lambeu o doce caminho entre o pescoço e o peito de seu marido e pinçou com a ponta da língua no pêlo escuro que lhe cobria o torso até chegar à pele de debaixo. A respiração do Alex era agora mais rápida e, quando falou, sua voz soou rouca.

—Se for assim como beija, anjo, não quero nem pensar em como... —gemeu quando ela encontrou o bico da mamadeira.

Daisy lhe subiu os braços ao pescoço e um dos dedos ficou apanhado na cadeia de ouro que sustentava a medalha esmaltada. Esses beijos ardentes e essas carícias tentadoras eram tão deliciosos que não tinha suficiente. O corpo do Alex era agora seu para explorá-lo a prazer, e ela ansiava conhecer cada centímetro dele.

—Quero te tirar a toalha —sussurrou.

Alex lhe afundou os dedos no cabelo. Ela alargou o braço para o nó, mas lhe apanhou a mão.

—Não tão rápido, carinho. Primeiro insígnia me você algo.

—O que quer ver?

—O que você queira.

—Com este maillot não deixo nada à imaginação

—Mesmo assim quero verte mais de perto.

Daisy sabia que o sexo podia ser excitante, mas não tinha esperado o sensual tom provocador na voz dava Alex. De repente pensou que possivelmente deveria lhe dizer que era virgem, mas então ele acreditaria que era um inseto estranho. E o certo é que Alex nunca saberia se ela não o dizia. Ao contrário do que diziam os livros românticos, os frágeis hímenes não sobreviviam a vinte e seis anos de exames médicos e exercício físico.

Jogando a cabeça para trás, Daisy observou como Alex a comia com os olhos e, enquanto permanecia diante dele, só coberta pelo maillot, encontrou que a idéia de jogar a ser uma experimentada mulher fatal era muito excitante para ignorá-la. Tinha lido montões de livros a respeito, mas seria capaz de conseguilo? O que podia fazer para provocá-lo ainda mais?

Deu-lhe as costas, tentando ganhar tempo para pensar, e então viu que as cortinas azuis que penduravam na janela da cozinha não estavam fechadas de tudo. Duvidava que alguém se passeasse por aí fora com esse tempo, mas no caso de se apressou às fechar. Apoiando uma mão no mostrador, estirou-se por cima para alcançar a cortina.

Ouviu um som afogado, quase como um gemido.

—Uma boa eleição, carinho.

Não soube do que estava falando Alex até que o sentiu detrás, lhe acariciando as nádegas. Lhe amassou a carne por cima das malhas de rede em forma de diamante.

Ao Daisy lhe esticaram os mamilos e sua pele começou a arder de uma maneira estranha. Começou a sentir-se nervosa. Não importava o que tinha querido que pensasse ele, nem sequer sabia fazer o amor da maneira básica, assim que muito menos podia provar a fazer o de forma exótica.

Alex lhe deslizou um dedo sob a tira de lentejoulas e lhe desenhou a fenda entre as nádegas. Daisy se mordeu os lábios para não gritar de prazer. O dedo se deslizou mais abaixo.

Incapaz de resisti-lo mais, Daisy se endireitou e se girou para os braços do Alex.

—Quero voltar a te beijar.

Ele gemeu.

—Seus beijos são mais do que posso dirigir agora mesmo. —Alex se ajustou o nó da toalha e Daisy se deu conta de que a tinha avultada. De fato estava muito avultada.

Ela se ficou olhando-o fixamente e sentiu que lhe secava a boca.

—S-sigo querendo te beijar.

—Façamos um trato. te abra o colchete do maillot e nos beijaremos tudo o que queira.

Daisy levantou a vista a contra gosto e levou os braços à costas para fazer o que lhe pedia. Quando terminou, o sutiã começou a cair, mas ela o sustentou contra seus peitos.

Alex inclinou a cabeça e a beijou ao tempo que lhe agarrava as bonecas e as arrumava do peito. Enquanto o indagava com a língua em sua boca, o maillot lhe baixou até a cintura. Alex a empurrou contra a parede, ao lado da mesa, levantou-lhe as bonecas e as sujeitou a ambos os lados da cabeça.

—Não é justo —sussurrou ela contra seus lábios enquanto a apertava contra a parede. —É mais forte que eu.

—Agora é meu turno —respondeu ele com um sussurro.

E foi.

lhe mantendo as bonecas imobilizadas, Alex usou a boca para excitá-la. Mordiscou-lhe a orelha e o pescoço. Percorreu-lhe com rapidez a clavícula e a base da garganta. E logo se tornou para trás para poder olhá-la de cima abaixo.

Aquela posição fazia que os peitos do Daisy ficassem elevados. Ele brincou com um e logo com o outro, fazendo que lhe ardessem com tal ferocidade que ela logo que podia suportá-lo.

—Para —disse a jovem sem fôlego. —me solte.

Lhe soltou imediatamente as bonecas.

—Faço-te mal?

—Não, mas vai muito rápido.

—Muito rápido? —olhou-a com um sorriso torcido. —Está criticando minha técnica?

—OH, não. Sua técnica é maravilhosa —repôs ela com rapidez, em tom sério e ansioso, e ele sorriu. Envergonhada, Daisy evitou olhá-lo aos olhos e cravou a vista em sua boca. Logo se deu conta de que se ia fazer o amor com esse homem feroz e orgulhoso, tinha que ser tão forte como ele.

Levantou a cabeça e lhe sustentou o olhar.

—Não quero que você seja quem leva a voz cantante. Não agora. Possivelmente depois, mas ainda não.

—Está-me dizendo que quer mandar um momento?

Ela assentiu com a cabeça. Pode que estivesse nervosa, mas nada ia impedir que explorasse os maravilhosos mistérios ocultos sob a toalha.

—Só te ponho uma condição, anjo. —Alex enganchou um dedo no maillot que se enredava na cintura da jovem. —tire-lhe isso tudo exceto as médias.

Daisy tragou saliva. Não levava calcinhas debaixo das médias. Estas consistiam em uma rede que a cobria da cintura aos dedos dos pés, e que não tampavam absolutamente nada.

Ele arqueou uma sobrancelha depois de desafiá-la, logo a soltou e se sentou aos pés da cama.

—E quero ver como lhe nuas.

Isso era muito. Daisy se esclareceu garganta e lhe falou com toda a despreocupação que pôde fingir.

—Quer dizer aqui mesmo? Com luz e tudo?

—Assim é. te dispa e faz-o devagar.

A jovem se armou de valor decidida a manter-se a sua altura.

—Logo te tirará a toalha?

—Cada costure a seu tempo.

Daisy se deslizou lentamente o maillot pelos quadris, inclinando-se para diante enquanto o baixava para cobrir sua nudez ante ele. O maillot deslizou aos tornozelos. Ela o apartou com o pé, examinou a desgastado tapete e escutou o ligeiro repico da chuva sobre o teto da caravana.

—OH, não, assim não. —Ele se Rio entre dentes. —te erga. E te esqueça do maillot.

A rouca voz do Alex fez que se estremecesse. Tremeram-lhe as mãos quando acatou sua ordem.

—É muito formosa —sussurrou Alex quando se exibiu ante ele, nua salvo pelas negras meias de rede que realçavam, mais que ocultavam, a parte inferior de seu corpo.

Daisy decidiu que já lhe tinha dado tempo mais que suficiente para olhá-la.

—te tenda na cama —lhe disse ela em voz baixa.

Ele vacilou só um momento antes de deitar-se como lhe dizia, apoiando-se nos cotovelos.

—Assim?

—Ah, não. Disso nada; te tombe por completo.

Para deleite do Daisy, ele fez o que lhe pedia. Alex recostou a cabeça em dois travesseiros empilhados para não perder-se nada.

Ela se mordiscou os lábios. Não estava completamente segura de poder consegui-lo, mas sim decidida a tentá-lo.

—Agora levanta as mãos até tocar a parede. E não te ocorra as mover.

Lhe dirigiu um preguiçoso sorriso que fez que lhe derretessem os ossos.

—Está segura?

—Muito segura.

Alex colocou os braços como ela queria, fazendo-a sentir muito orgulhosa de si mesmo. aproximou-se da cama. Lhe percorreu os peitos e o ventre com um olhar ardente, fazendo-a ser consciente de que estava quase nua. Quando se aproximou dele, cada célula do corpo do Daisy bulia de excitação e antecipação. Por um momento a imagem dos látegos guardados sob a cama irrompeu em sua mente, mas a afugentou.

Olhou os braços estendidos do Alex naquela falsa pose de escravidão. Era seu cativo. Se ficava dessa maneira, cada parte daquele corpo seria dela, para explorá-lo a vontade, incluindo o imponente montículo que avultava a toalha. Apartou os olhos dali e se ajoelhou no bordo da cama.

—Recorda-o —sussurrou ela. —Não aparte as mãos na parede. Não as mova.

—Se separar um poquito as pernas, carinho, serei tão colaborador como quer.

Daisy decidiu que era um trato justo, e separou as coxas. Alex se recreou no que ficava agora à vista. Esticou o braço direito, como se fora a movê-lo, mas logo se relaxou.

Daisy inclinou a cabeça e começou a lhe saborear de novo, mordiscando cada centímetro do torso masculino, e seguiu baixando. A pele, firme e tensa, delineava cada músculo. Deslizou-lhe as mãos pelo peito, desfrutando da textura do pêlo e da pele úmida. Não pôde resistir aos bicos da mamadeira cor café e as

capturou com os lábios, fazendo que Alex se contorsionara debaixo dela. Estendendo uma mão, Daisy lhe agarrou o bíceps e o apertou. Depois deslizou os dedos para baixo, procurando o suave pêlo de sua axila. Quando se atrasou ali, ao Alex lhe pôs a pele de galinha e soltou um profundo gemido entrecortado. Ela levantou a cabeça lentamente e o olhou aos olhos.

—vou tirar te a toalha.

—Agora?

O cru desejo no olhar do Alex lhe recordou que estava jogando com fogo. Mas não pensava retroceder; baixou as mãos à toalha. Desfez o nó com um movimento fluido e a abriu.

—OH... —Era magnífico. Alargou a mão e o tocou timidamente com a ponta do dedo. Alex deu um salto e ela apartou a mão.

O olhar do Daisy voou para a cara do Alex; a careta que esboçava parecia refletir dor.

—Tenho-te feito mal?

—Tem sessenta segundos —grasnou ele, —depois moverei os braços.

Um estremecimento de prazer atravessou como um relâmpago o corpo do Daisy ao dar-se conta do que acontecia.

—Não o fará até que te dê permissão —lhe disse com severidade.

—Cinqüenta segundos —repôs ele.

Daisy se apressou a acariciá-lo outra vez, deixando que as indagadoras pontas de seus dedos vagassem por toda parte, acariciando-o aqui e lá. Deslizou a mão pelas coxas separadas do Alex e procurou mais sítios onde tocá-lo.

—Vinte segundos —gemeu ele.

—Não conte tão rápido.

Ele se Rio entre dentes ao tempo que gemia, fazendo-a sorrir. Mas o sorriso do Daisy se desvaneceu com rapidez. depois de tantos anos de abstinência, como obteria seu pequeno corpo alojar algo desse tamanho? Quando fechou sua mão em torno dele, lhe ocorreu que possivelmente suas partes privadas se atrofiaram por falta de uso. Daisy o acariciou.

—acabou-se o tempo!

Sem prévio aviso, encontrou-se de costas sobre a cama sob o corpo do Alex.

—É hora de que receba um pouco de sua própria medicina. Ponha na mesma postura que eu.

—Como diz?

—As mãos contra a parede.

Daisy tragou saliva e pensou nos látegos. Possivelmente isso de jogar a mulher fatal lhe tinha dado muito bem. Ele a estava acreditando muito mais experimentada do que era em realidade.

—Alex?

—Não quero que fale, mas sim obedeça minhas ordens.

Lentamente Daisy levantou os braços por cima do travesseiro.

—Hei-te dito que apóie as mãos contra a parede.

Fez o que lhe ordenava e se sentiu indefesa e excitada. Quando seus nódulos roçaram o cabecero da cama, Daisy estava confundida pela inquietante mescla de desassossego e profundo desejo sexual. Queria lhe rogar que fora suave com ela mas, de uma vez, queria que a possuísse com todas suas forças.

Permaneceu cativa sob o olhar do Alex. O fato de que não a tivesse pacote de verdade não fazia que seu cativeiro fora menos real. Ele era mais forte que ela, mais poderoso, podia lhe fazer o que quisesse, estivesse Daisy de acordo ou não. O desejo da jovem se incrementou ainda mais quando lhe aconteceu a gema do dedo pelo estômago, de um lado a outro da cinturilla das médias de rede, até que Daisy quis gritar. Alex seguiu baixando até roçar os cachos escuros.

—Separa as pernas, carinho. Ela o fez, mas ao parecer Alex não ficou satisfeito com sua ação porque lhe agarrou as coxas e os separou ainda mais.

As meias não supunham nenhuma barreira para ele, e Daisy se sentiu muito exposta, muito vulnerável. Apartou as mãos da parede.

—Nem te ocorra —sussurrou Alex, lhe deslizando os dedos sobre a parte de seu corpo que ela tinha revelado.

Daisy gemeu e permaneceu imóvel enquanto ele separava suas úmidas dobras com os polegares por debaixo da trama em forma de diamante. Então Alex inclinou a cabeça. A jovem gritou e apertou os punhos contra a parede quando ele a acariciou com a boca, lambendo-a através da rede. Um rouco murmúrio de prazer escapou da garganta do Daisy. Sentiu como ele esticava a rede sobre ela, apertando profundamente os fios contra sua suavidade feminina.

Alex lhe separou mais os joelhos com os ombros e lhe cavou os peitos com as Palmas das mãos enquanto a acariciava com os lábios. A chuva tamborilava no ventre de metal que os cobria e o próprio ventre do Daisy se estremeceu em resposta ao que lhe estava ocorrendo. Estava perdida em um torvelinho de sensações quando sentiu nas mãos a vibração de um trovão através da parede que retumbou em cada nervo de seu corpo. Daisy arqueou as costas e se entregou a um clímax destrutivo.

Ele a sustentou enquanto se estremecia. Só quando se recuperou sentiu Daisy que Alex lhe atirava com força das pernas. Daisy não compreendeu o que seu marido estava fazendo até que se acomodou sobre ela e experimentou essa penetração tão longamente esperada na entrada de seu corpo.

—Tem-me quebrado as meias —murmurou Daisy, lhe deslizando os braços ao redor dos ombros e recreando-se na sensação desse corpo masculino apertando-a contra o colchão.

Alex lhe roçou a têmpora com os lábios.

—Comprarei-te um novo par. Juro-lhe isso. —E investiu com suavidade.

E não conseguiu nada.

Ela ficou rígida. Seus piores temores se estavam fazendo realidade. Seu corpo se atrofiou por tantos anos sem usar.

Alex se retirou um pouco e lhe sorriu, mas ela podia sentir a tensão de seu corpo e notava quão próximo estava de perder o controle.

—Pensei que estava preparada, mas imagino que não é suficiente. — Trocou de posição sobre ela e começou a acariciá-la.

A voz do Alex pareceu chegar de muito longe.

—É muito estreita, carinho. passou muito tempo para ti, não?

Lhe afundou as unhas nos ombros.

—Sim... pode ser... —a jovem soltou um ofego quando as novas sensações cresceram vertiginosamente em nem interior —que esteja um pouco fechada.

Ele gemeu e se voltou a colocar sobre ela.

—Voltemos a tentá-lo. —Dito isso tentou penetrá-la outra vez.

Daisy gritou e se arqueou sem saber se queria apartar-se ou aproximar-se mais a ele. Seu corpo se abriu brandamente com uma ardente dor. Ele a sujeitou pelas nádegas e a penetrou profundamente ao tempo que lhe cobria a boca com a sua, devorando-a. Sua posse era rápida e intensa, mas a tensão que ela sentia em lhe dizia que Alex seguia controlando-se. Não soube por que até que escutou seu murmúrio.

—Deixa de te conter, carinho. Deixa de te conter.

Daisy soube nesse momento que ele a estava esperando e essas palavras suaves a fizeram chegar outra vez ao clímax.

Quando voltou em si, a pele do Alex estava úmida e seu corpo tenso de desejo sob as mãos do Daisy. Mas era um amante forte e generoso.

—Outra vez, carinho. Outra vez.

—Não, eu...

—Sim! —Com firmeza, conduziu-a de novo ao êxtase.

Fora da caravana retumbou um trovão e, dentro, ela fez o que lhe pedia. E, esta vez, ele a seguiu.

O tempo transcorreu enquanto jaziam imóveis, com os corpos entrelaçados, com o ainda enterrado em seu interior.

Daisy não o esqueceria jamais. Apesar de todas as coisas horríveis que a tinham conduzido a esse momento, não podia ter tido uma iniciação mais maravilhosa, e sempre lhe estaria agradecida ao Alex por isso.

Apertou os lábios contra o peito de seu marido enquanto lhe acariciava com as Palmas das mãos. depois de tanto tempo, por fim tinha passado.

—Já não sou virgem.

Daisy sentiu que Alex ficava rígido debaixo de suas mãos. Só então se precaveu de que havia dito seu segredo em voz alta.

CAPÍTULO 11

—O que há dito? —Alex se incorporou sobre ela com rapidez.

Daisy quis mordê-la língua. Como podia haver lhe escapado aquilo? Tinha estado tão sonolenta e feliz que tinha pensado em voz alta.

—N-nada —gaguejou, —não hei dito nada.

—Ouvi-te claramente.

—Então, para que perguntas?

—Há dito que já não é virgem.

—Sério?

—Daisy... —a voz do Alex tinha um detestável tom de advertência. —Há-o dito literalmente?

Ela tentou adotar um tom de superioridade.

—Não é teu assunto.

—Bobagens. —O saltou fora da cama, agarrou os jeans e os pôs como se fora obrigatório pôr algum tipo de barreira entre eles. girou-se para enfrentar-se a ela. —me diga, a que está jogando?

Daisy não pôde evitar fixar-se em que ele não se subiu a cremalheira dos jeans e teve que obrigar-se a apartar a vista da tentadora V daquele duro e plano ventre.

—Não quero falar disso.

—Não esperará a sério que cria que foi virgem?

—Claro que não. Tenho vinte e seis anos.

Ele se passou a mão pelo cabelo e se passeou de um lado a outro do estreito espaço que havia aos pés da cama. Parecia como se não a tivesse ouvido.

—notei que foi muito estreita. acreditei que era porque tinha passado muito tempo da última vez que esteve com alguém, mas nunca tivesse imaginado.... Como coño chegaste aos vinte e seis anos sem jogar um pó?

Ela se incorporou bruscamente.

—Não é necessário usar essa classe de linguagem. Quero que te desculpe agora mesmo!

Ele a olhou como se se tornou louca.

Lhe sustentou o olhar. Se Alex pensava que ia se acovardar, podia esperar sentado. Durante os anos que tinha vivido com o Lani tinha ouvido suficientes palavras obscenas para toda uma vida e não pensava deixar acontecer aquele tema como alto.

—Estou esperando.

—Responde à pergunta.

—depois de que te desculpe.

—Sinto muito! —gritou ele, perdendo seu rígido controle. —Ou me diz a verdade agora mesmo ou vou estrangular te com as meias e a arrojar seu corpo em uma sarjeta ao lado da estrada depois de pisoteá-lo.

Como desculpa não valia muito, mas Daisy não esperava conseguir nada melhor.

—Não sou virgem —repôs com suavidade.

Por um momento, Alex pareceu aliviado, logo a olhou com suspicacia.

—Não é virgem agora, mas o foi quando entrou na caravana?

—Pode que o fora —resmungou ela.

—Pode que fosse?

—Vale, era-o.

—Não te acredito! Ninguém com seu aspecto chega aos vinte e seis anos sem jogar...

Lhe dirigiu um olhar fulminante.

—... sem fazê-lo. Pelo amor de Deus! por que?

Ela brincou com o bordo do lençol.

—Enquanto crescia vi como minha mãe se atava com um tio atrás de outro.

—E isso o que tem que ver contigo?

—A promiscuidade não é nada agradável, e me rebelei.

—Rebelou-te?

—Decidi ser justamente o contrário a minha mãe.

Alex se sentou aos pés da cama.

—Daisy, ter um amante de vez em quando não te tivesse convertido em uma mulher promíscua. É muito apaixonada. Merece ter uma vida sexual.

—Não estava casada.

—E o que?

—Alex, eu não acredito no sexo fora do matrimônio.

Ele a olhou aniquilado.

—Não acredito no sexo fora do matrimônio —repetiu ela. —Nem para as mulheres. Nem para os homens.

—Está de coña?

—Não pretendo julgar a ninguém, mas isso é o que penso. Se quer rir, adiante.

—Como pode pensar algo assim nos tempos atuais?

—Sou filha ilegítima, Alex. Isso faz que veja as coisas de outra maneira. Provavelmente me considere uma puritana, mas não posso evitá-lo.

—depois do que passou entre nós esta noite, não me atreveria a te chamar puritana. —Ele sorriu pela primeira vez. —Onde aprendeu todos esses truques?

—Que truques?

—o de pôr as mãos contra a parede e coisas pelo estilo.

—Ah, isso. —Daisy notou que se ruborizava. —Tenho lido alguns livros porcos.

—Bem feito.

Ela franziu o cenho, preocupada.

—Não te gostou? Aceito críticas construtivas. Quero aprender, pode me dizer a verdade.

—Gostou-me.

—Mas possivelmente não fui o suficientemente imaginativa para ti. —Daisy pensou nos látegos. —Para ser sincera, não acredito que possa ser muito mais atrevida. E deveria saber que o sadomasoquismo não é o meu.

Por um momento Alex pareceu confundido, logo sorriu.

—Dão-lhe medo os látegos?

—É difícil não pensar neles quando os vejo por toda parte.

—Suponho que tão difícil como me resulta pensar que alguém tão interessado no sexo fora ainda virgem.

—Não disse que estivesse interessada. Só estava tratando de que nos entendêssemos. E no que se refere a minhas crenças, pouco antes de morrer minha mãe tinha amantes mais jovens que eu. De verdade que o odiava.

Alex se levantou da cama.

—por que não me há dito que foi virgem?

—Tivesse trocado algo?

—Não sei. Talvez. Sem dúvida alguma não tivesse sido tão rude.

Daisy abriu os olhos com surpresa.

—Estava sendo rude?

Alex relaxou as duras linhas de sua boca. sentou-se ao lado dela e lhe aconteceu o polegar pelos lábios.

—O que vou fazer contigo?

—Tenho uma idéia, mas ao melhor não gosta.

—me diga.

—Poderíamos... não sei exatamente quanto tempo leva recuperar-se, mas... quando o fizer...?

—Está tentando dizer que você gostaria de repetir?

—Sim.

—Está bem, carinho. —Ele sorriu, mas parecia preocupado. —Suponho que alguém que esperou tanto, tem que recuperar o tempo perdido.

Daisy abriu os lábios, ansiosa por beijá-lo, mas ele retirou o lençol e a envergonhou lhe dizendo que não faria nada até assegurar-se de que estava bem. Ignorando os protestos da jovem, Alex se desfez das meias e fez justo o que lhe havia dito. Quando finalmente comprovou que não lhe tinha feito mal, começou a seduzi-la de novo. A chuva repicava contra as janelas e, depois de amar-se, Daisy se afundou no primeiro sonho reparador em meses.

Logo que tinha amanhecido quando ele começou a agredi-la verbalmente. E tudo porque ele a tinha distraído antes de que ela tivesse tido tempo de lhe explicar um pequeno detalhe.

—Pensei que sabia o que dizia. Pensei-o! meu deus, que asno sou. Mereço estar casado contigo. Como pude pensar que estava bem informada sobre isso quando não faz nada a direitas?

depois da tenra magia da noite anterior, aquele ataque era duplamente hiriente. Ao princípio, a cólera do Alex tinha sido fria e acalmada, mas agora era como se tivesse estalado uma válvula a pressão.

—Não podia terminar de me explicar isso destrambelhou ele. —Não, claro que não. Tivesse sido muito lógico.

Ela piscou ante a dureza de seus olhos e se odiou a si mesmo com todas suas forças por não ser o tipo de pessoa capaz de lhe devolver os gritos.

—Quando me disse que tomava a pílula, tinha que haver me contado isso tudo, Daisy. Tinha que me haver dito que acabava de começar a tomar, que não levava nem um mês com o tratamento, que ainda existia alguma jodida possibilidade de que ficasse grávida! Não podia haver me explicado isso tudo?

Ela se cravou as unhas nas pal mas das mãos para não chorar. Ao mesmo tempo se amaldiçoava a si mesmo por permitir que lhe fizesse isso.

—me responda de uma puta vez!

O nó na garganta do Daisy se tornou tão grande que teve que obrigar-se a cuspir as palavras.

—Me... deixei levar pela p-paixão.

Parte da tensão pareceu abandonar o corpo do Alex. Ele soltou um pouco o acelerador e a olhou com o cenho franzido.

—Está chorando?

Ela elevou o queixo e negou com a cabeça mas, ao mesmo tempo, escorregou-lhe uma lágrima pela bochecha. Daisy não podia suportar a idéia de voltar a chorar diante dele. A jovem sempre tinha odiado a facilidade com que lhe saltavam as lágrimas.

Ele baixou o tom de voz e recuperou o controle.

—Daisy, sinto muito. —Olhou pelo espelho retrovisor e dirigiu a caminhonete à borda.

—Não te atreva a parar! —disse-lhe ela com ferocidade.

As rodas levantaram o cascalho quando Alex deteve a caminhonete, ignorando como sempre os desejos do Daisy. Tentou abraçá-la, mas ela se apartou.

—Não sou uma debilucha! —espetou-lhe enquanto se enxugava as lágrimas com fúria.

—Não hei dito que fosse.

—Mas o pensa! É certo que choro com facilidade, mas isso não quer dizer nada e não estou tratando de te manipular com lágrimas. Quero que te desculpe porque está te levando como um imbecil, não porque esteja chorando e te remoa a consciência.

—Definitivamente, estou me levando como um imbecil.

—Não posso evitar chorar. Sempre fui uma pessoa muito emotiva. Bebem, anúncios muito sensíveis, balidas. Vejo ou ouço algo e quão seguinte sei é que...

—Daisy estou tratando de me desculpar. Se quiser, pode seguir chorando, mas te cale, vale?

Ela sorveu pelo nariz e procurou um lenço de papel na bolsa.

—Vale.

—Não esteve bem que te grite. Estava zangado comigo mesmo e me desforrei contigo. Fui eu quem te impediu de te explicar ontem à noite. Foi minha culpa. Nunca tinha sido tão irresponsável antes e, a verdade, não o entendo. Suponho que simplesmente... —Ele vacilou.

Ela se soou o nariz.

—Deixou-te arrastar pela paixão?

Ele sorriu.

—Suponho que essa é uma razão tão boa como qualquer outra. Mas se fica grávida por culpa de minha estupidez...

O medo que ela ouviu em sua voz fez que queria chorar uma vez mais. Mas só sorveu pelo nariz com seriedade.

—Estou segura de que não ocorrerá. Não é o momento apropriado. Tem que me vir a regra em um par de dias.

O alívio do Alex foi quase evidente e Daisy se sentiu ainda mais doída. Não é que queria ficar grávida, porque não queria, mas não gostava que a idéia o repelisse.

Ele se passou as mãos pelo cabelo.

—Suponho que me volto irracional quando surge este tema, mas não posso evitá-lo. Não quero ter filhos, Daisy.

—Não tem do que preocupar-se. Amelia enviou a seu ginecologista faz umas semanas.

—Vale. Espero que o entenda. Quando digo que não quero ter filhos, quero dizer que não quero os ter nunca. Seria um pai terrível e nenhum menino se merece isso. me prometa que jamais se esquecerá de tomar a pílula.

—Não me esquecerei. E, francamente, Alex, estou-me cansando de que me trate como se fora estúpida.

Ele olhou o espelho retrovisor e colocou a marcha antes de voltar para a estrada.

—Usarei preservativos até o mês próximo, quando já não correr perigo de ficar grávida.

Ao Daisy não gostou que Alex desse por feito que continuaria deitando-se com ele.

—Asseguro-te que não haverá necessidade.

Ele a olhou.

—Do que?

—Atua como se o que aconteceu ontem à noite fora a repetir-se.

—me acredite. Voltará a repetir-se.

Tanta segurança a irritou.

—Não esteja tão seguro.

—Não finja que não te gostou. Estava ali, recorda?

—Não estou fingindo. Foi maravilhoso. Uma das coisas mais maravilhosas que me ocorreu na vida. O que quero dizer é que sua atitude com respeito a fazer o amor deixa muito que desejar.

—O que acontece com minha atitude?

—É insultante. Só terá que fixar-se em seu vocabulário: as palavras que usa são, definitivamente, insultantes.

—Não estou de acordo.

—supõe-se que fazer o amor é algo sagrado.

—supõe-se que é tórrido, suarento e divertido.

—Isso também. Mas segue sendo um ato sacrossanto.

—Sacrossanto? —Olhou-a com incredulidade. —Como é possível que alguém que cresceu rodeada de parasitas sociais e estrelas de rock tenha saído assim de puritana?

—Sabia! Sabia que pensava que sou puritana, mas ontem à noite não foi o suficientemente sincero para admiti-lo.

—Já entendo. Está tentando me tirar de gonzo a propósito. Ouça o que diga te encherá o saco igualmente comigo, não? —Alex lhe dirigiu um olhar exasperado.

—Não tente te fazer o inocente comigo. É muito bordo para isso.

Alex voltou a cabeça e, para surpresa do Daisy, parecia muito doído.

—De verdade crie que sou silvestre?

—Não o é todo o momento —admitiu ela. —Mas sim a maior parte do tempo. Quase sempre, em realidade.

—Qualquer do circo te dirá que sou o gerente mais imparcial que conheceram.

—É imparcial. —Fez uma pausa. —Com todos menos comigo.

—fui justo contigo. —Vacilou. —Bom, talvez não fui o dia da festa surpresa, mas aquilo me pilhou despreparado Y... isso não me desculpa, verdade? Sinto muito, Daisy. Não deveria te haver humilhado daquela maneira.

Ela o observou, logo assentiu com a cabeça.

—Aceito suas desculpas.

—E não fui bordo ontem à noite.

—Preferiria não falar do que passou ontem à noite. E quero que me prometa que não tentará me seduzir de novo esta noite. Tenho que refletir e penso fazê-lo no sofá.

—Não sei o que tem que pensar. Não crie no sexo fora do matrimônio, mas estamos casados, assim, qual é o problema?

—Nosso matrimônio é um «acordo legal» —assinalou ela com suavidade. —Há uma sutil diferencia.

Ele resmungou uma obscenidade especialmente desagradável. antes de que pudesse recriminar-lhe Alex girou à direita bruscamente e entrou no estacionamento de caminhões de uma estação de serviço.

Esta vez a garçonete era áspera e de média idade, assim Daisy não teve nenhum problema em deixá-lo solo para ir ao serviço. Deveria haver o pensado melhor, pois quando saiu ele tinha cercado conversação com uma atrativa loira que estava sentada na mesa do lado.

Daisy sabia que ele a tinha visto sair do banho, mas mesmo assim viu como a loira agarrava sua taça de café e se sentava ao lado de seu marido. Sabia por que Alex fazia isso. Queria assegurar-se que não lhe dava importância ao que tinha acontecido entre eles.

Daisy apertou os dentes. Tanto se Alex Markov queria admiti-lo como se não, era um homem casado, e nenhum flerte do mundo trocaria isso.

Viu um telefone público na parede, não longe da mesa onde a loira admirava os músculos de seu marido. Assim que controlou seu temperamento, desprendeu o telefone e o manteve apertado contra a orelha enquanto contava até vinte e cinco. Finalmente, voltou-se para ele e exclamou:

—Alex, querido! A que não o adivinha?!

Ele levantou a cabeça e a olhou com cautela.

—Boas notícias! —cantarolou. —O médico diz que esta vez serão trigêmeos!

Alex voltou a lhe dirigir a palavra quando chegaram ao novo recinto. Quando desceu da caminhonete e começou a desenganchar a caravana, disse ao Daisy que não voltaria a trabalhar com os animais. Que devia dedicar-se a coisas mais ligeiras, como ordenar o vestuário e, claro está, aparecer no desfile todas as noites.

Ela o olhou com o cenho franzido.

—Pensava que te alegraria não ter que trabalhar tão duro —disse ele. —O que é o que te parece mal agora?

—por que esperaste até esta manhã para aliviar minhas tarefas?

—Por nenhuma razão em particular.

—Seguro?

—Deixa de rodeios e me diga o que está pensando.

—Sinto-me como uma prostituta a que estão pagando pelos serviços emprestados.

—Vá ridicularia. Tinha tomado a decisão antes de que nos deitássemos juntos. Além disso, quem diz que teria que te pagar. Acredito sem dúvida alguma que minha atuação foi muito bom.

Ela não picou o anzol.

—Pinjente que me ocuparia das feras e isso é o que farei.

—E eu te digo que não tem por que fazê-lo.

—E eu digo que quero fazê-lo. —Era certo. Depois de sua experiência com os elefantes, sabia que seria um trabalho duro, mas não podia ser pior do que já tinha sido.

Tinha sobrevivido. Tinha recolhido esterco até que lhe saíram ampolas nas mãos, tinha transportado pesados carrinhos de mão e tinha sido golpeada por mal-humorados elefantitos. enfrentou-se ao medo e ainda seguia em pé — machucada, talvez— mas com a cabeça bem alta.

O a olhou com uma mescla de incredulidade e algo que quase parecia admiração, embora Daisy sabia que não podia ser isso.

—por que não me faz caso e deixa correr o tema?

Daisy se mordiscou o lábio inferior e franziu o cenho.

—Olhe, não sei o que me proporcionará o futuro, limito-me a viver o dia a dia. Agora mesmo o único que tenho claro é que tenho que fazê-lo.

—Daisy, é muito trabalho.

—Sei. —Sorriu. —Por isso tenho que fazê-lo.

Alex a observou um bom momento e logo, para surpresa do Daisy, inclinou a cabeça e a beijou. Ali mesmo, em metade do recinto, com todos indo de um lado para outro, com o Brady e seus filhos ensaiando seus saltos acrobáticos e Heather fazendo equilíbrios a seu lado. Em meio de todo isso lhe deu um beijo comprido e profundo.

Quando se separaram, ela se sentia débil e ofegante. É levantou a cabeça e olhou a seu redor. Daisy esperava que se sentisse envergonhado por aquela exibição pública, mas não o parecia. Possivelmente tentava compensar o incidente da festa surpresa, ou talvez suas motivações fossem mais complicadas mas, sem importar qual fora a razão, tinha deixado claro a tudo o que queria olhar que ela significava algo para ele.

Daisy teve pouco tempo para pensar no tema quando empreendeu suas tarefas na casa de feras. Pouco depois apareceu um jovem chamado Trey Skinner que disse que Alex lhe tinha enviado para ajudá-la com o trabalho mais pesado. Daisy lhe mandou pôr a jaula do Sinjun à sombra e colocar dentro um pouco de feno, depois lhe disse que podia partir.

Por sorte, Lollipop não tentou lhe cuspir de novo, mas mesmo assim Daisy se manteve afastada da chama. além do Lollipop, Sinjun e Chester, na casa de feras também havia um leopardo chamado Fred, um abutre com as asas cortadas e uma gorila. Havia também uma jibóia mas, para alívio do Daisy, a serpente se converteu no mascote da Jill e vivia em sua caravana quando não estava na exibição.

Seguindo as diretas instruções do Digger, Daisy alimentou aos animais e depois começou a limpar as jaulas, começando pela do Sinjun. O tigre a olhava com ar condescendente quando começou a encharcá-lo com a mangueira, como se lhe estivesse outorgando o privilégio de servi-lo.

—Eu não gosto de —murmurou ela empapando o de água.

«Mentirosa.»

Ela quase deixou cair a mangueira.

—Deixa de fazer isso —vaiou. —Deixa de te colocar em minha mente.

O tigre bocejou e se estirou sob o jorro de água, fazendo-a sentir incrivelmente tola.

Quando terminou de tomar banho ao Sinjun, voltou para a carpa e olhou a gorila que recebia o nome da Glenna e ocupava a jaula da esquina. Seus olhos cor chocolate pareciam tristes e lhe sustentaram o olhar quando a observou através dos barrotes oxidados daquela velha jaula que parecia muito pequena para ela. Algo na tranqüila resignação do animal enterneceu ao Daisy, que se aproximou da jaula.

Glenna se sentou, observando-a em silêncio, estudando a uma mais das centenas de humanos que passava cada dia por sua jaula. Daisy se deteve e esperou. De algum jeito sentia que tinha que obter a permissão da Glenna para poder aproximar-se mais, como se neste pequeno ato a gorila tivesse voz e voto.

Glenna se aproximou da parte dianteira da jaula e a observou. Lentamente o animal levantou o braço e o colocou entre os barrotes. Daisy a olhou e se deu conta de que a gorila tratava de lhe dar a mão.

Glenna esperou pacientemente, com a mão tendida para ela. Ao Daisy lhe acelerou o coração. Se apenas se atrevia a acariciar a um gatinho, nem pensar de tocar a um animal selvagem. Quis dá-la volta, mas o animal parecia tão humano que ignorar seu gesto tivesse sido imperdoável, e se aproximou vacilante fazia ela.

Glenna se manteve imóvel com a palma para cima. Com grande relutância, Daisy estendeu a mão e tocou cautelosamente a ponta do dedo da Glenna com seu dedo indicador. Era branda e suave. Sentindo-se um pouco mais valente, deslizou o dedo sobre o da gorila. Glenna fechou os olhos e suspirou com suavidade.

Daisy ficou ali um momento, lhe acariciando a mão, e sentindo como se lhe tivesse encontrado sentido a sua vida.

Conforme transcorreu a manhã, multiplicaram-se as dúvidas do Daisy sobre o cuidado correto dos animais. Várias vezes acudiu ao Digger para pedir conselho sobre piensos e rotinas diárias e, cada vez que se aproximava, Tater lhe dava um golpe com a tromba como se fora o valentão do pátio.

Digger respondeu às perguntas a contra gosto, por isso Daisy supôs que ainda estava molesto pelo ocorrido no dia anterior. A segunda vez que se aproximou de lhe perguntar esse dia, ele cuspiu perto da esportiva dela.

—Não tenho tempo para mais pergunta, senhorita. Não quero que ninguém pense que não faço meu trabalho.

—Digger, não disse que não fizesse seu trabalho. Só estava preocupada com as condições nas que se encontravam os animais da casa de feras. —Daisy se perguntou para seus adentros se Digger conheceria realmente a maneira correta de tratar aos animais da exposição. Digger estava louco pelos elefantes, mas outros lhe traziam sem cuidado. O certo é que o homem não sabia que aos tigres gostava da água. Daisy decidiu informar-se em seu tempo livre.

Os legañosos olhos do ancião estavam cheios de ressentimento.

—Levo cinqüenta anos cuidando animais. Quanto leva você?

—Só duas semanas. Por isso necessito seu conselho.

—Não tenho tempo para falar. Tenho muito trabalho que fazer. —O homem olhou por cima do ombro do Daisy e esboçou um amplo sorriso que deixou ao descoberto seus dentes amarelados e os ocos dos que lhe faltavam. A jovem se deu conta muito tarde de qual era a fonte de sua diversão. Tater se tinha aproximado dela às escondidas.

«Zas!»

Daisy sentiu como se lhe tivessem golpeado no peito com um tapete enrolado. Sem nada ao que aferrar-se, patinou pelo chão antes de tropeçar com um fardo de feno. Caiu de lado sobre o esterco golpeando-a quadril e a dor lhe atravessou o corpo de cima abaixo. A risada cascata do Digger ressonou em seus ouvidos. Daisy levantou a cabeça bem a tempo de ver nos olhos do Tater uma expressão que se parecia muitíssimo a um sorriso de satisfação.

Daisy começou a ver vermelho. Já tinha tido suficiente!

Ignorando a dor da perna e do quadril, ficou bruscamente em pé e se plantou diante do elefantito meneando o punho ante seus narizes.

—Não volte a fazê-lo! Jamais! Ouviste-me?

O elefante retrocedeu torpemente enquanto ela avançava para ele.

—É bruto, sujo e mau. E a próxima vez que me atire, lamentará-o! Não deixarei que siga abusando de mim! Entendeste-me?

Tater soltou um gemido lastimoso e agachou a cabeça, mas já se passou muito com ela e Daisy não se abrandou. Esquecendo sua aversão a tocar animais, cravou-lhe o dedo indicador na tromba.

—Se quiser minha atenção, te comporte como é devido! Mas não volte a me golpear!

Ele encolheu a tromba e pregou uma de suas orelhas. Daisy se ergueu em toda sua estatura.

—Entendemo-nos ou não?

Tater levantou a cabeça e lhe deu uma cabezadita no ombro. Ela se cruzou de braços, rechaçando aquela oferta de reconciliação.

—Não posso esquecer o que tem feito.

Lhe deu outro empurrãozinho com a cabeça, com esses melancólicos olhos escuros. Daisy se fez a forte ante o olhar que lhe brindava atrás das frisadas pestanas.

—Sinto muito, mas te vai levar seu tempo. Tem que me fazer esquecer muitas coisas. Agora se me perdoa, tenho que voltar para a casa de feras. —girou-se para partir.

Tater gemeu. Desconsolado. Triste. Como um menino que tivesse perdido a sua mãe.

Daisy diminuiu o passo e lhe rompeu o coração quando viu o desolado elefantito com as orelhas quedas e os escuros olhos tristes. Arrastava a pequena tromba pelo estou acostumado a manchando a de terra.

—Você lhe procuraste —assinalou isso.

O animal soltou um gemido choroso.

—Eu tentei ser simpática.

Outro gemido patético. E logo, para assombro do Daisy, viu que começavam a cair lágrimas dos olhos. Digger lhe havia dito que os elefantes eram um dos animais mais sentimentais que existiam e que além disso choravam, mas não lhe tinha acreditado. Agora, enquanto observava escorregar as lágrimas pela enrugada pele do Tater, evaporou-se todo seu ressentimento.

Pela segunda vez no dia, ignorou a aversão que sentia a acariciar animais. Tendeu a mão e acariciou a tromba do Tater.

—Isso não vale. É tão chorão como eu.

Ele levantou a cabeça e deu uns passos vacilantes para ela. Quando esteve a seu lado se parou como se queria pedir permissão antes de lhe esfregar a cabeça contra o ombro.

Uma vez mais quase a jogou no chão, mas esta vez o gesto tinha sido carinhoso. Daisy lhe acariciou a frente.

—Não pense que te perdôo porque sou uma debilucha. Tem que melhorar suas maneiras ou tudo terá terminado entre nós.

Ele se esfregou contra ela com a mesma suavidade que um patito.

—Nada de golpes. Nada de truques.

Tater deixou sair um suave suspiro e Daisy se rendeu.

—É um bebê tolo.

Enquanto Daisy perdia o coração pelo elefante, Alex estava na porta traseira do circo, observando o acontecido. Viu como o elefante curvava a tromba em torno do braço de sua esposa e sorriu. Soubesse Daisy ou não, acabava de fazer um amigo para toda a vida. Se Rio entre dentes e se encaminhou para o vagão vermelho.

Heather nunca se havia sentido tão desventurada. Sentada na mesa de cozinha da Airstream de seu pai, cravou o olhar nos deveres da escola, mas o escrito na página não captava sua atenção. Como outros meninos do circo, recebia lições por correspondência através da Calvert School de Baltimore, um lugar especializado em ensinar aos meninos que não podiam ir à escola. Cada poucas semanas chegava um grosso pacote com livros, cadernos e exames.

Sheba se tinha acostumado a fiscalizar a tarefa escolar do Heather, mas a educação da mulher não tinha sido muito boa e não havia muito que pudesse fazer exceto comprovar os exames. Heather tinha dificuldades com a geografia e tinha suspenso língua inglesa.

Nesse momento apartou o livro e olhou o caderno de apontamentos que havia debaixo, onde tinha rabiscado alguns nomes. «Senhora do Alex Markov. Heather Markov. Heather Pepper Markov.»

«Mierda.» Porque ele o tinha permitido? por que Alex tinha deixado que Daisy o beijasse dessa maneira diante de todo mundo? Heather tinha querido morrer ao presenciar esse beijo. Odiava ao Daisy, e o melhor que lhe tinha ocorrido essas duas semanas tinha sido vê-la suja e coberta de mierda. Era o que se merecia, estar coberta de mierda.

mais de uma vez, Heather tinha tentado aliviar a culpa que sentia pelo que tinha feito ao Daisy dizendo-se a si mesmo que o merecia. Que ali não havia sitio para ela. Que não encaixava no circo. E que nunca deveria haver-se casado com o Alex. Que Alex era dele.

apaixonou-se por ele fazia seis semanas, a primeira vez que o viu. Ao contrário que seu pai, Alex sempre tinha tempo para falar com ela. Não lhe importava passar o momento com ela e inclusive, antes de que chegasse Daisy, tinha deixado que o acompanhasse a fazer alguns recados. Uma vez, no Jacksonville, tinham ido juntos a uma sala de exposições e lhe tinha explicado coisas sobre os quadros. Também a tinha convidado a falar sobre sua mãe e em duas ocasiões a tinha consolado por algo que lhe havia dito seu teimoso pai.

Mas apesar do muito que o amava, Heather sabia que ainda a via como uma menina. Ultimamente tinha estado pensando em que talvez, se ele se deu conta de que era uma mulher, a teria cuidadoso de forma diferente e não se teria casado com o Daisy.

De novo sentiu que lhe invadia a culpa. Não tinha planejado agarrar esse dinheiro e escondê-lo na mala do Daisy, mas tinha entrado no vagão vermelho e Daisy estava ocupada com aquela chamada Telefónica. A gaveta da arrecadação estava aberto e, simplesmente, tinha ocorrido.

Estava mau, mas não deixava de dizer-se a si mesmo que não era tão grave como parecia. Alex não amava ao Daisy, até a Sheba o dizia. Daisy carregaria com a culpa do delito e ele se desfaria dela agora em vez de mais adiante.

Mas o beijo que tinha presenciado essa manhã lhe dizia que Daisy não ia deixar o escapar com tanta facilidade. Heather ainda não podia acreditá-la maneira em que se equilibrou sobre ele. Alex não a necessitava! Não necessitava ao Daisy quando podia tê-la a ela.

Mas como ia ou seja ele o que ela sentia se alguma vez o havia dito? Apartou os livros a um lado e se levantou de um salto. Não podia suportá-lo mais. Tinha que lhe fazer entender que já não era uma menina. Tinha que lhe fazer entender que não necessitava ao Daisy.

Sem dar-se tempo a pensá-lo duas vezes, saiu rapidamente da caravana e se encaminhou ao vagão vermelho.

Alex levantou a vista do escritório quando entrou Heather. A jovencita tinha colocados os polegares dentro dos bolsos de umas calças curtas de quadros, que ficavam quase talheres por completo por uma enorme camiseta branca. A via

pálida e infeliz, como uma fada com as asas cortadas. Sentiu pena por ela. Tratavam-na de uma maneira muito dura, mas apesar disso seguia lutando e lhe gostava que o fizesse.

—O que te passa, carinho?

Não lhe respondeu. Em vez disso perambulou pela caravana, tocando o braço do sofá ou agarrando um arquivo. Alex viu uma imperceptível mancha laranja na bochecha, onde tinha tentado tampar uma tíbia, e sentiu um espiono de ternura. Algum dia, muito em breve, Heather se converteria em uma autêntica beleza.

—Problemas?

Ela levantou a cabeça de repente.

—Não.

—Bem.

Heather tragou saliva e se esclareceu garganta.

—É só que pensei que talvez queria saber... —A jovencita inclinou a cabeça e começou a mordiscar uma unha já comida.

—Saber o que?

—Vi o que Daisy te tem feito hoje —disse Heather com rapidez. —Só quero que saiba que sei que não pode evitá-lo e todo isso.

—E o que me fez Daisy?

—Já sabe a que me refiro.

—Pois me temo que não.

—Já sabe —ela cravou a vista em um ponto sobre a mesa. —Beijou-te onde todos podiam vê-lo e todo isso. Humilhou-te.

Tal e como Alex o recordava, tinha sido ele quem a tinha beijado a ela. Não gostava da maneira em que todos olhavam o ventre de sua esposa e contavam os meses com os dedos. Tampouco gostava da maneira em que a ridicularizavam a suas costas, em especial quando sabia que ele tinha a culpa.

—Não sei o que tem que ver isso contigo, Heather.

Ela se agarrou as mãos e falou atropeladamente.

—Todos sabem o que sente por ela e todo isso. Que você não gosta. E quando meu pai me disse que não estava grávida nem nada, não pude entender por que lhe casou com ela. Logo recordei que os tios lhes voltam loucos se tiverem uma garota perto e não podem... já sabe... manter relações com ela, mas às vezes lhes dizem que não conseguirão nada a menos que lhes casem com elas. Assim que imaginei que foi por essa razão pela que te casou com ela. Mas o que quero dizer é que... se quiser que se vá e todo isso...

Pela primeira vez desde que começou sua acalorada perorata, olhou-o diretamente aos olhos e ele viu desespero neles. Heather fez uma careta e soltou a fervuras o resto das palavras.

—Sei que pensa que sou uma menina, mas não o sou. Tenho dezesseis anos. Pode que não seja tão bonita como Daisy, mas já sou uma mulher e posso

fazer que... deixaria-te manter relações sexuais comigo e todo isso, assim não teria que fazê-lo com ela.

Alex ficou pasmado e não soube o que dizer. Heather se tinha posto tinta como um tomate —provavelmente igual a ele— e não fazia outra coisa que olhar o chão.

Ele ficou em pé lentamente. enfrentou-se a sujos bêbados e caminhoneiros com navalhas, mas nunca a nada semelhante. Heather tinha confundido sua amizade com outra coisa e tinha que esclarecê-lo imediatamente.

—Heather... —Alex se esclareceu garganta e rodeou o escritório. Quando se deteve, Daisy apareceu na porta detrás do Heather, mas a adolescente estava tão absorta no que havia dito que não se deu conta. Daisy deveu notar que estava ocorrendo algo importante porque se deteve e esperou.

—Heather, quando uma jovencita se encapricha...

—Não é um teimosia! —Heather levantou a cabeça com os olhos suplicantes e chorosos. —Apaixonei-me por ti a primeira vista, e acreditava que possivelmente você também me queria, mas que, como era tão jovem e todo isso, não te decidia a dar o primeiro passo. Por isso vim a lhe dizer isso —¡Sabía que te encontraría aquí, lagarta! ¡Piensas que porque eres joven y muy guapa puedes robarme al marido sin que yo te lo impida!

Alex desejou que Daisy lhe desse uma mão, mas ela seguia imóvel e em silêncio, assimilando o que acabava de ouvir. Pelo bem do Heather, ele tinha que lhe fazer ver a realidade da situação.

—Não me ama, Heather.

—Sim te amo!

—Só crie que me ama. Mas é uma menina, é só um teimosia absurdo. Superará-o. me acredite, dentro de um par de meses os dois nos riremos disto.

Heather o olhou como se a tivesse esbofeteado e Alex se deu conta de que tinha metido a pata. A garota respirou fundo e lhe encheram os olhos de lágrimas. Pensou com consternação em como poderia reparar o dano.

—Eu gosto, Heather, sério. Mas só tem dezesseis anos. Eu sou adulto e você é ainda uma menina. —deu-se conta por sua expressão de que só estava piorando as coisas. Nunca se havia sentido tão indefeso e lançou ao Daisy um olhar suplicante.

Para irritação do Alex, sua esposa pôs os olhos em branco, como se ele fora a pessoa mais estúpida da terra. Logo se plantou diante do Heather como um vaqueiro em um duelo.

—Sabia que te encontraria aqui, lagarta! Pensa que porque é jovem e muito bonita pode me roubar ao marido sem que eu lhe o límpida!

Heather a olhou boquiaberta e deu um passo atrás. Alex cravou os olhos no Daisy com incredulidade. De todas as idiotices que a tinha visto fazer, e eram umas quantas, esta se levava a palma. Inclusive um atrasado mental se teria dado conta do histriônico de suas palavras.

—Não me importa o jovem e bonita que seja! —exclamou Daisy. —Não deixarei que arruíne meu matrimônio! —e com ar dramático alargou o braço e assinalou a porta com um dedo. —Agora te sugiro que te largue daqui antes de que faça algo do que possa me arrepender.

Heather fechou a boca de repente. Correu às cegas para a porta e fugiu dali.

Passaram vários segundos antes de que Alex se afundasse bruscamente no sofá e perguntasse:

—Caguei-a?

Daisy o olhou com um pouco parecido à piedade.

—Para ser um homem preparado não parece ter muito sentido comum.

CAPÍTULO 12

Alex cravou os olhos na porta por onde acabava de desaparecer Heather, logo olhou a sua esposa.

—A tua foi a pior atuação que vi em minha vida. De verdade há dito que lhe vais impedir que te roube o marido ou me imaginei isso?

—Heather o acreditou e isso é quão único conta. depois do que lhe há dito era necessário que alguém a tratasse como a uma mulher adulta.

—Não pretendia ferir seus sentimentos, mas o que queria que fizesse? Não é uma adulta. É uma menina.

—Ofereceu-te seu coração, Alex, e você o rechaçaste como se não valesse nada.

—Não só me ofereceu seu coração. um pouco antes de que chegasse me deixou bem claro que seu corpo também ia incluído no lote.

—Está desesperada. Se tivesse aceito, deprimiu-se do susto.

Ele se estremeceu.

—Uma quinceañera não está em minha lista de perversões favoritas.

—Que classe de perversões...? —Daisy se mordeu a língua. Quando ia começar a pensar antes de falar?

Alex lhe brindou um sorriso enloquecedora que lhe pôs a pele de galinha.

—Será mais divertido que vá averiguando pouco a pouco.

—por que não me diz isso agora?

—Espera e verá.

Daisy o observou.

—Inclui algo com...? Não, claro que não.

—Está pensando nos látegos outra vez.

—Não, é obvio que não —mentiu.

—Bem. Porque não tem por que preocupar-se disso. —Alex fez uma pausa significativa. —Se o fizer bem não dói absolutamente.

Daisy abriu os olhos de par em par.

—Deixa de fazer isso!

—O que?

A expressão inocente do Alex não a enganou nem por um instante.

—Deixa de plantar todas essas dúvidas em minha cabeça.

—Não sou eu quem planta dúvidas em sua cabeça. Faz-o você sólita.

—Só porque você segue dizendo essas coisas. Eu não gosto que tire o sarro. Só tem que me responder sim ou não. Alguma vez lhe deste chicotadas a uma mulher?

—Só sim ou não?

—Isso hei dito, não?

—Sem nenhuma elucidação?

—Sem nenhuma elucidação.

—Bom, então sim. Sim, definitivamente lhe dei chicotadas a uma mulher.

—Vale, será melhor que me esclareça —disse isso ela fracamente tragando saliva.

—Sinto muito, carinho, mas já te respondi. —Com um amplo sorriso, ele se sentou atrás do escritório. —Tenho muito trabalho que fazer, possivelmente seja melhor que me diga para que queria lombriga.

Passaram vários segundos antes de que Daisy conseguisse recordar o que a tinha levado até ali.

—trata-se da Glenna.

—O que acontece ela?

—É um animal grande e sua jaula é muito pequena. Necessita uma nova.

—Nada mais? Só quer que compremos uma jaula nova? —replicou ele com ironia.

—É desumano que a pobre viva em um lugar tão estreito. A vê muito deprimida, Alex. Tem esses deditos tão suaves, e os tira pelos barrotes como se necessitasse o contato de outro ser vivo. E esse não é o único problema que temos. As jaulas são tão velhas que não são de confiar. A do leopardo se fecha só com um arame.

Alex agarrou um lápis e tamborilou com ele a gasta superfície do escritório.

—Estou de acordo contigo. essa ódio condenada exposição de feras, parece-me desumana, mas as jaulas são caras e Sheba ainda se está pensando se desfazer-se desses lhes anime ou não. por agora terá que lhe arrumar isso como pode. —Alex deslocou o olhar à janela e a cadeira chiou quando se reclinou para ver melhor. —Vá, olhe aí fora. Parece que tem visita.

Ela seguiu a direção do olhar e viu um elefantito com a correia pendurando diante do vagão vermelho,

—É Tater. —Quando ela o olhou, o elefante levantou sua tromba e bramou como um trágico herói que vagasse pelo mundo em busca de seu amor perdido. —O que faz aí?

—Suponho que estará te buscando. —Alex sorriu. —Os elefantes criam fortes vínculos familiares, e Tater parece havê-lo estabelecido contigo.

—É um pouco grande para ser meu mascote.

—Alegra-me ouvir isso, porque por muito que me peça isso jamais dormirá em nossa cama.

Daisy se Rio. Mas se absteve de lhe recordar que ainda não estava segura de se ela dormiria ou não com ele. Havia muitas coisas por resolver entre eles.

Sheba estava de um humor de cães quando se aproximou do Alex. Essa manhã Brady lhe havia dito que Daisy não estava grávida. A idéia de que essa mulher levasse a um Markov em seu ventre era tão aborrecível que deveria haver-se sentido aliviada, mas pelo contrário lhe tinha posto um nó de angústia na boca do estômago. Se Alex não se casou com o Daisy porque estava grávida, então o tinha feito porque queria. Tinha-o feito porque a amava.

A bílis a corroía por dentro. Como podia Alex amar a essa pobre e inútil menina rica quando não a tinha amado a ela?

Não via quão indigna era Daisy? Teria perdido Alex todo seu orgulho?

Nesse momento a intenção da Sheba era pôr em prática o plano que fazia dias que lhe rondava a mente. Tinha cabeça para os negócios —sempre pensava no melhor para o circo, por cima de seus sentimentos perenales, —mas o que lhe tinha ocorrido faria que Alex visse com outros olhos a sua esposa.

deteve-se detrás dele enquanto este estava transportando na grua de montagem do circo. A camiseta úmida K pegava aos firmes músculos das costas. Recordou o tato dessa pele tensa sob as mãos, mas em lugar de excitá-la essa lembrança fez que sentisse asco de si mesmo. Sheba Quest, reina-a da pista central, tinha-lhe roubado a esse homem que a amasse e ele a tinha rechaçado. O rancor fez que lhe revolvesse o estômago.

—Temos que falar sobre seu número.

Ele agarrou um trapo gordurento e se limpou as mãos com ele. Alex sempre tinha sido um mecânico de primeira e reparar a grua não era um problema para ele, embora hora mesmo Sheba não sentia nenhum tipo de gratidão pelo dinheiro que lhe economizava.

—me diga.

A mulher levantou a mão para protegê-los olhos do sol, tomando-se seu tempo, lhe fazendo esperar. Demorou um bom momento em falar.

—Deveria fazer alguma mudança. Não o tem feito da última excursão e ainda fica muita temporada para seguir repetindo o mesmo.

—O que pensaste?

Sheba agarrou os óculos de sol com as que se retirava d cabelo da cara.

—Quero que Daisy intervenha em seu número.

—Esquece-o.

—Crie que não poderá fazê-lo?

—Sabe muito bem que não.

—Bom, pois terá que fazê-lo. Ou é que agora é ela quem leva as calças em sua casa?

—O que pretende, Sheba?

—Daisy é agora uma Markov. É hora de que comece a comportar-se como tal.

—Isso é meu assunto, não teu.

—Não enquanto eu siga sendo a proprietária do circo, Daisy sabe como meter-se ao público no bolso e tenho intenção de aproveitá-lo. —Dirigiu ao Alex um largo e duro olhar. —Quero que atue no espetáculo, Alex, dou-te duas semanas para prepará-la. Se se negar a fazê-lo lhe recorde que, se quiser, ainda posso denunciá-la.

—Estou farto de suas ameaças.

—Então te limite a pensar no que é melhor para o espetáculo.

Alex terminou de reparar a grua e se dirigiu à caravana para lavá-las mãos cheias de graxa. Enquanto tomava a escova das unhas e o sabão de debaixo da pia, obrigou-se a reconhecer que Sheba tinha razão. Daisy sabia como chavecar ao público e, embora não tinha querido admiti-lo antes, já tinha pensado em inclui-la no número. Sua reticência provinha de quão difícil seria treiná-la.

Todas as ajudantes com as que tinha trabalhado no passado tinham sido artistas com experiência e não lhes davam medo os látegos. Mas Daisy sentia terror. Se se sobressaltava quando não devia...

Afugentou esse pensamento. Podia treiná-la para que não se sobressaltasse e permanecesse completamente imóvel. Seu tio Sergey o tinha treinado a ele e o tinha feito tão bem que inclusive quando a função terminava e aquele pervertido filho de puta o perseguia por alguma ofensa imaginária, Alex não tinha movido nem um só músculo.

Sua mente tinha percorrido aquele tortuoso caminho de sua infância mais vezes das que queria recordar e não queria remover aquela mierda outra vez, assim apartou um lado aquelas velhas lembranças. Havia outra vantagem em utilizar ao Daisy como ajudante, uma mais importante que o simples feito de trocar o número, daria a ele uma razão válida para lhe mandar menos trabalho, uma razão contra a que ela não poderia discutir.

Ainda não podia acreditar que Daisy se negou a permitir que lhe facilitasse as coisas. Essa manhã Alex havia tornado a insistir, mas algo na expressão de sua esposa o tinha feito desistir. O trabalho era importante para ela; deu-se conta de que Daisy o considerava uma espécie de prova de sobrevivência.

Mas apesar do que ela pensava, ele não tinha intenção de permitir que acabasse esgotada. Soubesse Daisy ou não, atuar na pista central com ele era muito menos duro que recolher esterco de elefante. Ou limpar jaulas.

Enquanto se lavava as mãos e as secava com uma toalha de papel, recordou o frágil que a havia sentido baixo elas a noite anterior. A maneira de fazer o amor de sua esposa tinha sido tão boa que o assustava. Não o tinha esperado, nunca se tivesse imaginado que Daisy tivesse tantas facetas: inocente e tentadora, infantil e insegura, agressiva e generosa. Tinha querido conquistá-la e protegê-la ao mesmo tempo, e agora estava jodidamente confundido.

Ao outro lado do recinto, Daisy saiu do vagão vermelho. Ao Alex não agradaria descobrir que tinha feito um par de chamadas a larga distância com seu móvel, mas ela estava mais que satisfeita com o que tinha aprendido do guardião do zoológico de San Diego. O homem lhe tinha sugerido algumas mudanças que ela tentaria levar a cabo: tinha que reajustar a dieta dos animais, lhes dar vitaminas extras e trocar os horários de alimentação.

Caminhou para a caravana, onde tinha visto dirigir-se a seu marido uns minutos antes. Ao terminar as tarefas na casa de feras tinha ido jogar uma mão ao Digger, mas o homem lhe havia dito com um grunhido que não necessitava sua ajuda, assim Daisy tinha decidido aproveitar essas horas livres para ir à biblioteca da localidade. Viu-a o passar pelo povo e queria investigar um pouco mais sobre os animais. Mas antes tinha que conseguir que Alex lhe deixasse as chaves da caminhonete, coisa que, até então, não tinha conseguido.

Quando ela entrou na caravana, ele estava diante da pia lavando-as mãos. Atravessou-a uma espécie de vertigem absurda. Alex era muito grande para um lugar tão estreito e Daisy pensou que aquela escura presença que ele possuía parecia muito mais adequada para vagar por um páramo inglês do século XIX que para viajar com um circo itinerante do século XX. Alex se voltou e ela conteve o fôlego ante o impacto desse olhar cor âmbar.

—Poderia me deixar as chaves da caminhonete? —disse Daisy quando recuperou a voz. —Tenho que fazer uns recados.

—Vai comprar tabaco?

—Se por acaso não te deste conta, deixei que fumar.

—Estou orgulhoso de ti. —Alex lançou a toalha de papel ao lixo e Daisy observou como a camiseta lhe pegava ao peito úmido de suor. Tinha uma mancha de graxa no braço. —Levarei-te dentro de uma hora ou assim.

—Posso ir sozinha. Esta manhã vi uma lavanderia ao lado da biblioteca do povo. pensei que poderia fazer a penetrada e, ao mesmo tempo, pilhar algum livro. Parece-te bem?

—Genial. Mas prefiro te levar eu.

—Tem medo de que te roube a caminhonete?

—Não. É só que... a caminhonete não é minha. É do circo e não acredito que você deva conduzi-la.

—Sou uma condutora excelente. Não vou lhe dar nenhum golpe.

—Isso não pode assegurá-lo.

Daisy tendeu a mão decidida a sair-se com a sua.

—Por favor, me dê as chaves.

—Acompanharei-te e aproveitarei para agarrar um livro da biblioteca.

Lhe dirigiu seu olhar mais lhe intimidem.

—As chaves, por favor.

Ele se esfregou o queixo com os dedos como se considerasse a idéia.

—Façamos um trato. te desabotoe a camisa e te darei as chaves.

—O que?

—É minha melhor oferta. Ou a tomadas ou a deixa.

Ao observar o brilho divertido nos olhos do Alex, Daisy se perguntou como alguém tão sério podia ter uma natureza tão brincalhona quando se tratava de sexo.

—De verdade espera que eu...?

—Estraga. —Alex se apoiou na pia e se cruzou de braços, esperando.

Uma ardente labareda de excitação atravessou o corpo do Daisy ao ver o desejo nos olhos do Alex. Não estava segura de estar preparada para outro encontro sexual com ele, mas por outro lado... que dano podia lhe fazer jogar um momento? A umidade da blusa lhe recordou que levava toda a manhã trabalhando e que estava suja. Embora por outro lado, ele também o estava e, depois de tudo, só pulariam um pouco. Então o que importava o resto?

Olhou-o por cima do ombro com um gesto altivo.

—Não acostumo a utilizar meu corpo como moeda de mudança. É ofensivo.

—Sinto que pense assim. —Tirou as chaves do bolso e, com exagerada inocência, lançou-as ao ar e as colheu com a mão.

A suave pele dos peitos do Daisy se arrepiou sob a úmida camisa e os mamilos lhe puseram como calhaus.

—De verdade você gostaria que fizesse algo assim?

—Carinho, eu adoraria.

Contendo um sorriso, Daisy se desabotoou lentamente o botão superior.

—Está bem, mas só uma miradita. —Uma vocecilla interior lhe disse que estava jogando com fogo, mas a ignorou.

—Com uma miradita conseguirá a chave da porta, mas não a do contato.

Daisy se desabotoou outro botão.

—O que teria que fazer para conseguir a chave do contato?

—Leva prendedor?

—Sim.

—Pois lhe tirar isso —Haz lo que te digo y nadie resultará herido.

Daisy sabia que deveria pôr fim ao jogo nesse momento, mas se desabotoou o seguinte botão.

—Bom, suponho que como é o responsável pela caminhonete, é normal que você ponha as regras.

tomou seu tempo com os últimos botões. Quando estiveram todos abertos, agarrou as lapelas da blusa e brincou com elas, tomando o cabelo, embora sabia que o estava provocando.

—Possivelmente me deveria pensar isso um pouco mais.

—Não faça que me ponha duro. —O rouco sussurro do Alex não era ameaçador, mas fez que Daisy ficasse a tremer.

—Já que te põe assim... —abriu a blusa, mostrando um prendedor com um estampado floral.

—tire-lhe isso também.

Daisy o acariciou com a mão, mas não o abriu.

—Faz o que te digo e ninguém resultará ferido.

Daisy não pôde ocultar um sorriso enquanto abria o broche. desprendeu-se lentamente das úmidas taças de encaixe que lhe cobriam os peitos e se exibiu ante ele com descarado atrevimento, sem haver-se despido de tudo, mas com a blusa aberta e os peitos nus.

—É preciosa. —O te sussurrem completo do Alex a fez sentir a mulher mais bela do mundo.

—O bastante para que me dê a chave do contato?

—O suficiente para que te dê toda a puta caminhonete.

Em dois passos tomou entre seus braços. Alex baixou a cabeça com rapidez e lhe cobriu a boca com a sua, e Daisy sentiu que o mundo começava a girar como um louco carrossel. Ele se desfez da camisa do Daisy facilmente, baixando-lhe pelos ombros; logo a agarrou pelos quadris e a elevou o justo para roçá-la contra as suas. Daisy o sentiu duro e exigente, e soube que o tempo de jogar tinha terminado.

O sangue rugiu ardente e necessitada nas veias do Daisy. Separou os lábios para que a língua do Alex penetrasse em sua boca enquanto ele a agarrava em braços e a levava a cama onde a deixou cair sem nenhum olhar.

—Estou suja e suada.

—Eu também, assim não há problema. —Com um rápido movimento Alex se tirou a manchada camiseta pela cabeça. —Vai muito vestida para meu gosto.

Daisy se desfez dos sapatos e se desabotoou os jeans, mas ao parecer não com a suficiente rapidez para ele.

—por que demora tanto? —Em uns instantes Alex lhe tinha arrancado a roupa para deixá-la tão nua como ele.

Os olhos do Daisy percorreram o corpo de seu marido, os músculos marcados, a pele moréia e o pêlo do peito onde ressaltava a medalha esmaltada. Tinha que lhe perguntar por ela. Tinha que lhe perguntar muitas coisas.

Quando Alex se deixou cair junto a ela, Daisy inalou o carnal aroma de suor, produto do trabalho duro, e se perguntou por que não se sentia enojada. O primitivo daquele encontro a excitava de uma maneira que nunca tivesse acreditado possível. O desenfreio que sentia a fazia envergonhar-se.

—T-tenho que tomar banho.

—Depois. —Alex agarrou uma camisinha da gaveta da mesinha, abriu-o e o pôs.

—Mas estou muito suja.

Lhe separou os joelhos.

—Quero que desfrute, Daisy.

Ela gemeu e lhe mordeu o ombro quando se apertou contra ela. Sua pele lhe teve sabor de sal e a suor; quão mesmo ele saboreava em seus peitos. Lhe pôs um nó na garganta.

—De verdade, Alex, tenho que tomar banho.

—Depois.

—OH, Meu deus, o que me está fazendo?

—Você gosta?

—Gosta a ti?

—Sim. Quer mais?

—Sim, OH, sim.

Aromas e sabores. Carícias. Suor e força sob as Palmas das mãos do Daisy enquanto Alex investia uma e outra vez.

A ela lhe pegou o cabelo às bochechas e uma fibra de palha lhe fez cócegas no pescoço. Alex lhe aconteceu os dedos pela fenda do traseiro e a pôs sobre seu corpo, lhe manchando o flanco com a graxa do braço. Aferrou-lhe as coxas com as mãos e a elevou sobre ele.

—me monte.

Ela o fez. arqueou-se e baixou com rapidez, movendo-se como lhe ditava seu instinto, e fez uma careta de dor ao tentar lhe albergar em seu corpo.

—Mais devagar, carinho. Não vou a nenhum sítio.

—Não posso. —Olhou-o através de uma neblina de dor e desejo e viu a cara do Alex coberta de suor com os lábios apertados e pálidos. A sujeira obscurecia esses rudes maçãs do rosto eslavos e tinha um pouco de palha no brilhante cabelo negro. O suor se deslizava entre os peitos do Daisy. Voltou a descender sobre ele e soltou um ofego de dor.

—Assim não, carinho. Shhh... mais devagar.

Alex lhe deslizou as mãos pelas costas e a atraiu para ele, lhe apertando os peitos contra seu torso, lhe ensinando a encontrar um novo ritmo.

Daisy o abraçou com as coxas e a medalha esmaltada lhe arranhou a pele. moveu-se sobre o corpo masculino. Lentamente ao princípio, rebolando depois adorando a sensação de ter o controle, de ditar o compasso e a profundidade. Agora já não havia dor, só agradar.

Alex lhe aferrou as nádegas, mas deixou que seguisse a seu ritmo. Daisy sabia pela tensão desses duros músculos que lhe custava renunciar ao controle. Alex lhe mordeu na clavícula, sem lhe fazer danifico; como se queria utilizar outra parte de seu corpo para senti-la.

Daisy se abandonou no meio do suor e o aroma almiscarado. Alex emitiu uns sons incoerentes e ela respondeu na mesma linguagem. Esqueceram qualquer rastro de civilização, retornando à selva, à caverna, ao mundo primitivo; a um momento suspenso no tempo no que recordaram a origem da criação.

Daisy deixou a cama assim que pôde e se meteu no quarto de banho. Enquanto a água caía sobre seu corpo se estremeceu por essa desconhecida e selvagem parte de si mesmo Era sagrada ou profana? Como podia abandonar-se dessa maneira a um homem ao que não amava? Aquela pergunta a atormentava.

Quando saiu do banho envolta em uma toalha, com a pele limpa e a alma confusa, Alex estava apoiado na pia. tornou-se a pôr os jeans sujos e sustentava uma cerveja na mão.

Olhou-a fixamente e franziu o cenho.

—vais complicar o tudo, verdade?

Ela agarrou roupa limpa da gaveta e lhe deu as costas para vestir-se.

—Não sei a que te refere.

—Vejo-o em sua cara. Está lhe dando voltas ao que acaba de ocorrer.

—E você não?

—por que ia fazer o? É só sexo, Daisy. É divertido e ardente. E não faz falta enredá-lo mais.

Ela assinalou a cama com a cabeça.

—Pareceu-te algo singelo?

—esteve bem. Isso é tudo o que importa.

Daisy subiu a cremalheira das calças curtas e ficou umas sandálias.

—Deitaste-te com muitas mulheres, verdade?

—Não de maneira indiscriminada, se for isso o que quer dizer.

—foi assim sempre?

Alex vacilou.

—Não.

Por um momento, desapareceu parte da tensão do Daisy.

—Me alegro. Quero que signifique algo.

—Quão único significa é que, embora nos custe nos comunicar a nível mental, nossos corpos não encontram nenhuma dificuldade para fazê-lo.

—Não acredito que seja tão singelo.

—Para mim sim.

—A terra se moveu —disse ela brandamente. —É algo mais que dois corpos que se atraem.

—Às vezes acontece, às vezes não. nos passa e ponto.

—De verdade crie isso?

—Daisy, me escute. Se começar a imaginar coisas que não vão ocorrer, quão único conseguirá é sair ferida.

—Não sei o que quer dizer.

Alex a olhou fixamente aos olhos e ela sentiu como se estivesse lhe olhando a alma.

—Não vou apaixonar me por ti, carinho. Não ocorrerá. Importa-me, mas não te amo.

Como feriam essas palavras. De verdade era amor o que queria dele? Certamente, desejava-o. Respeitava-o. Mas como era possível chegar a amar a

alguém que sentia tão pouco aprecio por ela? No mais profundo de sua alma sabia que lhe resultaria muito difícil amar a um homem como Alex Markov. Ele necessitava a alguém tão teimoso e arrogante como ele, alguém obstinado e impossível de intimidar, uma mulher que não pusesse-se a tremer ante todos esses escuros cenhos e que lhe respondesse da mesma maneira. Uma mulher que se sentisse como em casa no circo, que não temesse aos animais nem o trabalho exaustivo. Necessitava a Sheba Quest.

O ciúmes a alagaram. Embora reconhecia a lógica de que Alex e Sheba eram perfeitos o um para o outro, seu coração rechaçava a idéia.

Viver com lhe tinha ensinado um pouco de orgulho, e Daisy ergueu a cabeça.

—Cria-o ou não, não me passei todo o tempo pensando em como vou conseguir que te apaixone por mim. —Agarrou a cesta de roupa que ia se levar a lavanderia. —De fato, não quero seu amor. O que sim quero são as chaves da maldita caminhonete.

Agarrou-as do mostrador e saiu correndo para a porta. Ele se moveu com rapidez para lhe bloquear o passo. Alex lhe tirou a cesta das mãos.

—Não pretendo te fazer danifico, Daisy —disse. —Importa-me. Não queria que fora assim, mas não posso evitá-lo. É doce e graciosa, e eu adoro te olhar.

—Seriamente?

—Estraga.

Daisy alargou a mão para lhe limpar com o polegar uma mancha do maçã do rosto.

—Bom, apesar de que é um homem com muito mau gênio, também eu gosto de te olhar.

—Me alegro.

Ela sorriu e tentou agarrar de novo a cesta da roupa suja, mas ele não a deu.

—antes de que vá... Sheba e eu falamos. A partir de agora terá uma nova tarefa.

Ela o olhou com cautela.

—Já estou ajudando com os elefantes e com as feras. Não acredito que tenha tempo para fazer nada mais.

—A partir de agora, já não te encarregará dos elefantes, e Trey se fará cargo da casa de feras.

—Os animais são minha responsabilidade.

—Bem. Pode fiscalizá-lo se quiser. O fato é, Daisy, que gosta ao público e Sheba quer aproveitar-se disso. Atuará comigo. —Ela cravou os olhos nele. —Começarei a te treinar amanhã.

Daisy se deu conta de que lhe fugia o olhar.

—me treinar para que faça o que?

—Seu trabalho consistirá em estar quieta e formosa.

—E que mais?

—Terá que me ajudar. Não será difícil.

—te ajudar. A que te refere com isso de te ajudar?

—Só isso. Falaremo-lo amanhã.

—diga-me isso agora.

—Sustentará algumas costure, isso é tudo.

—as sustentar? —Daisy tragou saliva. —Arrancará-as de minha mão?

—De sua mão —Alex fez uma pausa, —de sua boca.

Daisy empalideceu.

—De minha boca?

—É um truque fácil. Tenho-o feito centenares de vezes, e não deve preocupar-se de nada. —Alex abriu a porta e lhe pôs a cesta nos braços. —Se quer te acontecer pela biblioteca, será melhor que vá já. Verei-te mais tarde.

Com um suave empurrão a jogou fora. Daisy se deu A volta para lhe dizer que de maneira nenhuma pensava atuar na pista central com ele, mas Alex lhe fechou a porta nos narizes antes de que pudesse pronunciar uma só palavra.

CAPÍTULO 13

—Pode tentar manter os olhos abertos esta vez?

Daisy notou que Alex estava perdendo a paciência com ela. Estavam detrás das caravanas, em um campo de beisebol aos subúrbios de Maryland, um sítio muito parecido ao que tinham estado os dias anteriores e levavam assim quase duas semanas. A jovem tinha os nervos tão tensos que estavam a ponto de estalar.

Tater estava perto deles, alternando suspiros de amor por sua dama removendo o barro. depois de que Daisy se enfrentou ao elefantito umas semanas atrás, Tater tinha começado a escapar para procurá-la e, finalmente, Digger o tinha castigado com o cravo. A jovem não tinha podido tolerar tal coisa, assim que lhe havia dito que ela se encarregaria de cuidar de elefante durante o dia quando vagasse por aí. Todos —exceto a própria Daisy—pareciam haver-se acostumado a ver trotando ao Tater detrás dela como se fora um perrito mulherengo.

—Se abrir os olhos darei um coice —assinalou Daisy enquanto seu marido empunhava o látego— e me disse que me faria mal se dava coices.

—Tem o branco tão afastado de seu corpo que poderia estar dançando O lago dos cisnes e nem sequer te roçaria.

Havia algo de verdade no que dizia. O cilindro de periódico que sustentava na mão media mais de trinta centímetros e, além disso, ela tinha o braço estendido. Mas cada vez que Alex agitava o látego arrancando uma parte do extremo, ela dava um salto. Não podia evitá-lo.

—Pode que manhã consiga abrir os olhos.

—Em três dias estará na pista central. É melhor que os abra já.

Daisy abriu os olhos de repente para ouvir a voz sarcástica e acusadora da Sheba que estava onde Alex tinha deixado os látegos enroscados no chão. Tinha os braços cruzados e o sol arrancava brilhos a seu cabelo, que brilhava como as chamas do inferno.

—Já deveria te haver acostumado. —agachou-se com rapidez e agarrou um dos cilindros de papel de dez centímetros que havia no chão. Esses eram os brancos de verdade, os que se supunha que Daisy devia sustentar na função, mas até esse momento Alex não tinha podido convencê-la para que praticassem com algo que medisse menos de trinta centímetros.

Sheba começou a fazer rodar um dos pequenos cilindros entre os dedos como se fora um cigarro, logo se aproximou do Daisy e se deteve seu lado.

—te tire de no meio.

Daisy retrocedeu.

Sheba olhou ao Alex com um brilho desafiante nos olhos.

—Aprende como se faz.

ficou de perfil, jogou o cabelo para trás e se colocou o cilindro entre os lábios.

Por um momento Alex não fez nada, e Daisy notou que havia uma velha história entre a proprietária do circo e ele, uma história da qual Daisy não sabia nada. Parecia como se Sheba desafiasse a seu marido, mas para que fizesse o que? Alex levantou o braço tão repentinamente que ela logo que viu o movimento de sua boneca.

«Zas!» O látego estalou a poucos centímetros da cara da mulher e o extremo do cilindro desapareceu.

Sheba não se moveu. manteve-se tão serena como se estivesse assistindo a um coquetel enquanto Alex agitava o látego uma e outra vez, rompendo um trocito de cilindro cada vez. Pouco a pouco, foi cortando até que só ficou o cabo entre os lábios da mulher.

Nesse momento o agarrou e o tendeu ao Daisy.

—Agora vejamos como o faz você.

Daisy reconhecia uma provocação quando o via, mas essa gente se criou tentando ao perigo. Ela não tinha que demonstrar seu valor, sentia que já o tinha feito quando se enfrentou ao Tater.

—Possivelmente em outro momento.

Alex suspirou e baixou o látego.

—Sheba, isto não funciona. Continuarei fazendo o número eu sozinho.

—Tem-te dominado, Alex? Cinco gerações de sangue circense e lhe deste o nome do Markov a alguém que não tem valor para entrar na pista central contigo.

Os olhos verdes da Sheba se obscureceram com desprezo quando olhou ao Daisy.

—Não lhe estamos pedindo que ande pela corda frouxa nem que Montes a cabelo. Quão único tem que fazer é estar ali de pé. Mas nem sequer é capaz de fazê-lo, verdade?

—Sinto muito, mas não valho para isto.

—E para que vale então?

Alex deu um passo adiante.

—Já basta. Daisy se encarregou que os animais embora não teria por que havê-lo feito, e estão em melhores condicione que nunca.

—Não a defenda. —Daisy sentiu o impacto dos olhos da Sheba com a mesma intensidade que se fosse o impacto do látego. —Sabe algo da família Markov?

—Alex não me falou muito de seu passado. —E tampouco lhe tinha falado muito de sua presente. Cada vez que tentava lhe perguntar pela vida que levava fora do circo, ele trocava de tema. Suspeitava que tinha ido à universidade e que a medalha esmaltada que tinha pendurada do pescoço era uma relíquia familiar, mas nada mais.

—Deixa-o, Sheba —lhe advertiu ele.

Não lhe fez caso e sustentou o olhar do Daisy com firmeza.

—Os Markov são uma das famílias mais famosas na história do circo. A mãe do Alex era a melhor montando a cabelo. Alex poderia ter sido um campeão eqüestre de não ser por sua altura.

—Ao Daisy não importa nada disso —disse ele.

—Sim que me importa. Continua, Sheba.

—Sua mãe formava parte da quinta geração de artistas russos que atuaram para os czares. O mais interessante dos Markov é que a história de sua família se transmite através das mulheres. Não importa com quem se casaram, os homens renunciaram a seu próprio sobrenome para manter o do Markov e passá-lo a seus filhos. Mas os homens Markov foram também grandes artistas com o látego e alguns dos melhores cavaleiros que se viram no circo.

Alex começou a recolher os cilindros de periódico e a colocá-los em uma velha bolsa de lona.

—Vamos, Daisy. Por hoje é suficiente.

A expressão da Sheba se voltou amarga.

—Os Markov sempre seguiram a tradição e escolheram bem a suas algemas. Ao menos até chegar ao Alex. —Fez uma pausa. Em seus olhos apareceu um sorvete desprezo. —Não está a sua altura, Daisy, não merece levar o sobrenome Markov.

Depois de dizer isso se girou e partiu, com um passo tão régio que fez que suas roupas desarrumadas parecessem dignas de uma rainha.

Daisy se sentiu desprezível.

—Tem razão, Alex. Não valho para nada.

—Tolices. —Alex enrolou os látegos e os apoiou sobre o ombro. —Sheba considera a tradição do circo tão sagrada como a religião. Não faça conta.

Daisy olhou a bolsa com os cilindros de periódico. aproximou-se e tirou um com decisão.

—O que faz?

—Dar a talha como mulher Markov.

—Pelo amor de Deus, solta isso. Hei-te dito que ela aconteça. Sheba sempre teve uma visão distorcida da história dos Markov. Meu tio Sergey era o maior bastardo que conheci em minha vida.

—Agradeço-te que tente que me sinta melhor, mas não posso ignorar o que há dito. —Caminhou para o lugar onde tinham estado praticando antes e ficou de perfil. —Estou cansada de ser sempre a pior.

ficou o rollito nos lábios; os joelhos lhe tremiam mais que nunca. Se Alex falhava, golpearia-lhe na cara e, possivelmente, deixaria uma cicatriz em sua pele e em sua alma.

—Deixa-o, Daisy. —Ela fechou os olhos. —Daisy...

Ela se tirou o rollito da boca para falar, mas não lhe olhou.

—Por favor, Alex, faz o de uma vez. quanto mais me faça esperar, mais difícil será para mim.

—Está segura?

Não estava segura absolutamente, mas ficou de novo o rollito na boca e fechou os olhos, rezando por não dar um salto.

Daisy gritou quando ouviu o estalo do látego e sentiu uma corrente de ar na cara. O som retumbou em seus ouvidos. Tater abriu a boca e soltou um barrito.

—Dei-te? Maldita seja, sei que não te dei!

—Não..., não..., estou bem. É só... —Respirou fundo e recolheu o rollito que tinha deixado cair, observando que Alex tinha enviesado um trocito do extremo. —É só que estou um pouco nervosa.

—Daisy, não tem por que...

Ela se colocou o branco de novo na boca e fechou os olhos.

«Zas!»

Daisy gritou outra vez.

—Se segue gritando começarei a me pôr nervoso —disse Alex em tom seco.

—Não gritarei! Mas Por Deus, não perca os nervos. —Agarrou o rollito, era muito mais curto do que tinha sido em um princípio.

—Quantas vezes mais?

—Dois.

—Dois??—chiou.

—Dois.

Esta vez colocou o rollito justo no bordo dos lábios.

—Está fazendo armadilha.

O suor corria entre os peitos do Daisy quando voltou a colocá-lo. Respirou fundo.

«Zas!» Outra corrente de ar lhe agitou uma mecha de cabelo contra a bochecha. Quase se deprimiu, mas de algum jeito conseguiu conter o grito. Só uma vez mais. Uma vez mais.

«Zas!» A jovem abriu lentamente os olhos.

—Já está, Daisy, acabou-se. Agora só teria que saudar o público.

Estava viva e sem marcas. Atordoada, olhou-o e falou com um rouco sussurro.

—Tenho-o feito.

Ele sorriu e soltou o látego.

—Pois claro que sim. Estou orgulhoso de ti.

Com um grande grito de alegria, correu para ele e se jogou em seus braços. Alex a apanhou automaticamente. Quando a estreitou contra seu corpo, uma lenta quebra de onda de calor percorreu o corpo do Daisy. Ele deveu sentir o mesmo porque se tornou atrás e a deixou no chão.

Daisy sabia que Alex não aceitava que se negou a fazer o amor com ele desde aquela tarde de suor e sexo que a tinha perturbado tão profundamente. Seu período lhe tinha dado uma desculpa perfeita durante uns dias, mas tinha terminado fazia meia semana. Tinha-lhe pedido um pouco de tempo para esclarecê-las idéias e, embora Alex tinha estado de acordo, não lhe tinha gostado de nada.

—Só um truque mais —disse ele— e logo terminamos.

—Possivelmente deveríamos deixá-lo para amanhã. —É o truque mais fácil. Venha, vamos fazer o antes de que perca o valor. Ponha onde estava.

—Alex...

—Venha. Não te doerá. Prometo-lhe isso.

A contra gosto, Daisy retornou ao lugar onde tinha estado antes.

Alex agarrou o látego mais largo e o sustentou entre os dedos.

—te coloque frente a mim e fecha os olhos.

—Não.

—Confia em mim, carinho. Esta vez tem que ter os olhos fechados.

Daisy fez o que lhe dizia, mas entreabriu um dos olhos para ver o que ele fazia.

—Levanta os braços por cima da cabeça.

—Os braços?

—Levanta-os por cima da cabeça. E cruzamento as bonecas.

Ela abriu os dois olhos.

—Acredito que me esqueci de lhe dizer ao Trey algo sobre a nova dieta do Sinjun.

—Todas as mulheres Markov fizeram este truque.

Resignada, Daisy levantou os braços, cruzou as bonecas e fechou os olhos, dizendo-se a si mesmo que não podia ser pior que sustentar um rollito com os lábios.

«Zas!»

Logo que tinha percebido o estalo do látego quando sentiu que este lhe rodeava e lhe atava as bonecas com força.

Esta vez o grito lhe saiu da alma. Deixou cair os braços tão rapidamente que sentiu que lhe deslocavam os ombros. olhou-se com incredulidade as bonecas atadas.

—Deste-me! Disse que não me tocaria, mas o tem feito.

—Estate quieta, Daisy, e deixa de gritar de uma vez. Não te doeu.

—Não me doeu?

—Não.

Ela olhou suas bonecas e se deu conta de que ele tinha razão.

—Como o tem feito?

—Destensé o látego antes de estalá-lo. —Alex fez um movimento com a boneca para que o látego se afrouxasse, e a liberou. —É um truque muito velho, mas o público o adora. Embora, depois de que te ate as bonecas, deve sorrir para que todos saibam que não te tenho feito mal. Acabarei no cárcere se não o fizer.

Daisy se examinou uma boneca e logo a outra. deu-se conta com assombro de que estavam intactas.

—E se se esquece de destensar o látego antes de me capturar as bonecas?

—Não o farei.

—Poderia cometer um engano, Alex. É impossível que sempre te saia bem.

—claro que sim. Levo anos fazendo-o e nunca machuquei a ninguém. —Começou a recolher os látegos e ela se maravilhou daquela perfeita arrogância, mas ao mesmo tempo se sentiu inquieta.

—Esta manhã as coisas saíram algo melhor—disse ela, —mas ainda me parece impossível que possa atuar contigo dentro de dois dias. Jack me há dito que vou interpretar a uma gitanilla indomável, mas não acredito que as ciganas indomáveis gritem como o faço eu.

—Já pensaremos algo. —Para surpresa da jovem, Alex lhe deu um besito na ponta do nariz antes de girar-se para partir, mas se deteve em seco e se voltou de novo para ela. Olhou-a um bom momento. Logo inclinou a cabeça e posou seus lábios sobre os do Daisy.

A jovem lhe rodeou o pescoço com os braços quando ele se apertou contra ela. Embora sua mente lhe dizia que o sexo devia ser sagrado, seu corpo desejava ardentemente as carícias do Alex, e Daisy soube que nunca teria suficiente dele.

Quando se separaram, Alex sustentou o olhar dela durante um comprido e doce instante.

—Sabe como um raio de sol —sussurrou.

Ela sorriu.

—Darei-te uns dias mais, carinho, porque sei que tudo isto é novo para ti, mas nada mais.

Daisy não teve que lhe perguntar a que se referia.

—Talvez necessito mais tempo. Temos que nos conhecer melhor. nos respeitar o um ao outro.

—Carinho, no que concerne ao sexo, asseguro-te que sinto muito respeito por ti.

—Por favor, não faça como se não soubesse do que falo.

—Eu gosto do sexo. você gosta do sexo. Nós gostamos de praticá-lo juntos. Isso é tudo.

—Isso não é tudo! O sexo deveria ser sagr...

—Não o diga, Daisy. Se disser essa palavra outra vez, juro-te que flertarei com cada garçonete que encontre daqui ao Cincinnati.

Ela entrecerró os olhos.

—Justo o que tentava demonstrar. E não acredito que sagrado seja um palavrão. Vamos, Tater, temos muito trabalho que fazer.

Daisy se foi com o elefante trotando atrás dela. Se lhe tivesse ocorrido voltar o olhar, teria visto algo que a teria assombrado. Teria visto seu duro e mal-humorado marido sonriendo como um adolescente apaixonado.

Apesar dos protestos do Alex, ela tinha contínuo cuidando dos animais, embora Trey fazia agora muitas das rotineiras tarefas diárias. Sinjun cravou o olhar no Tater quando se aproximaram. Os elefantes e os tigres eram inimigos confesos. Mas ao Sinjun parecia lhe incomodar a presença do Tater por outra coisa. Alex dizia que estava ciumento, mas ela não era capaz de lhe atribuir tal emoção a aquele velho tigre mal-humorado.

Daisy observou ao Sinjun com satisfação. Graças ao novo penso e às duchas diárias, a pelagem do animal tinha agora melhor aspecto. Fez-lhe uma zombadora reverência.

—bom dia, majestade.

Sinjun lhe ensinou os dentes, gesto que ela interpretou como uma maneira de lhe dizer que não ficasse muito brega com ele.

Não tinha experiente mais momentos de comunicação mística com ele, por isso tinha começado a pensar que os que tinha tido antes tinham sido induzidos pela fadiga. Mesmo assim, não podia negar que ainda seguia sentindo medo quando estava perto dele.

Tinha deixado uma bolsa com quinquilharias que tinha comprado com seu próprio dinheiro em uma loja do povo perto de um fardo de feno. Agarrou-a e a levou a jaula da Glenna. A gorila já a tinha divisado e apertava sua cara contra os barrotes, esperando pacientemente.

A muda aceitação da Glenna de seu destino, junto com o desejo que mostrava por desfrutar de contato humano, rompia o coração do Daisy. Acariciou a suave palma que o animal alargava através dos barrotes.

—Olá, carinho. Tenho algo para ti. —Tirou da bolsa uma amadurecida ameixa púrpura. A fruta tinha a mesma textura que os dedos da Glenna. Áspera por fora. Branda por dentro.

Glenna tomou a ameixa e se retirou à parte posterior da jaula onde a comeu com pequenos e delicados mordisquitos enquanto olhava ao Daisy com triste gratidão.

Daisy lhe deu outra e continuou falando com ela. Quando a gorila terminou de comer, aproximou-se de novo aos barrotes, mas esta vez agarrou o cabelo do Daisy.

A primeira vez que tinha feito isso Daisy tinha sentido medo, mas agora sabia o que queria fazer Glenna e se arrancou a borracha elástica do acréscimo.

Durante um bom momento permaneceu com paciência ante a jaula, deixando que a gorila a asseasse como se fora sua filha enquanto pinçava em seu cabelo em busca de pulgas e mosquitos inexistentes.

Quando por fim terminou, Daisy notou que lhe tinha posto um nó na garganta pela emoção. Não importava o que dissessem, não entendia como podiam ter enjaulada a uma criatura tão humana.

Duas horas mais tarde, Daisy retornava à caravana acompanhada de seu enorme mascote quando viu o Heather praticando com os aros perto do campo de jogo. Agora que já não estava tão cansada, Daisy tinha podido recordar com claridade o acontecido a noite em que tinha desaparecido o dinheiro e pensou que era o momento apropriado para falar com a garota.

Heather deixou cair um aro quando ela se aproximou, e enquanto se agachava para recolhê-lo, olhou ao Daisy com cautela.

—Quero falar contigo. Heather. vamos sentar nos nos degraus.

—Não tenho nada que falar contigo.

—Estupendo. Então falarei eu. te mova. Heather a olhou ressentidamente mas respondeu a seu tom autoritário. depois de recolher os aros, seguiu ao Daisy, arrastando as sandálias.

Daisy se sentou na terceira fila e Heather o fez uma fila mais abaixo. Tater localizou um lugar perto da segunda base e começou a derrubar-se no lodo, que é o que fazem os elefantes para esfriar-se.

—Suponho que vais largar me um cilindro pelo do Alex.

—Alex está casado, Heather, e o matrimônio é um vínculo sagrado entre um homem e uma mulher. Ninguém tem direito a tentar rompê-lo.

—Não é justo! Não lhe merece isso.

—Não é quem para julgar isso.

—De verdade é tão santarrã?

—Como vou ser santarrã? —disse Daisy com voz fica. —Sou uma benjamima, recorda?

Heather se levou os dedos à boca e começou a mordê-las unhas.

—Todos lhe odeiam por ter roubado esse dinheiro.

—Já sei. Mas isso não é justo, verdade?

—É obvio que é justo.

—Mas as duas sabemos que eu não o fiz.

Heather ficou tensa e permaneceu um segundo comprido em silencio antes de responder.

—Sim que o fez.

—Você esteve no vagão vermelho essa noite depois de que Sheba comprovasse a arrecadação; antes de que eu fechasse a gaveta.

—Que mais dá? Não roubei o dinheiro e não pode me acusar de nada!

—Houve uma chamada para o Alex. Agarrei o telefone e enquanto estava distraída, colocou a mão na gaveta da arrecadação e roubou os duzentos dólares.

—Não o fiz! Não pode demonstrá-lo!

—Logo te penetrou em nossa caravana e escondeu o dinheiro em minha mala para que todos pensassem que tinha sido eu.

—Memore!

—Deveria me haver dado conta imediatamente, mas estava tão cansada por tentar me acostumar a tudo isto que me esqueceu que tinha estado ali.

—Memore —repetiu Heather, embora esta vez com menos veemência. —E como vai com o conto a meu pai, lamentará-o.

—Não pode me ameaçar com nada pior que o que já me tem feito. Não tenho amigos, Heather. Ninguém quer falar comigo porque pensam que sou uma benjamima. Nem sequer me crie meu marido.

A cara do Heather era a viva imagem da culpa e Daisy soube que tinha razão. Olhou a adolescente com tristeza.

—O que tem feito está muito mal.

Heather baixou a cabeça e seu fino cabelo caiu para diante, lhe cobrindo o rosto.

—Não pode provar nada —resmungou.

—É assim como quer viver? Atuando de maneira desonesta? Sendo cruel com outras pessoas? Todos cometemos enganos, Heather, e se quer maturar tem que aprender a assumi-los.

A adolescente afundou os ombros e Daisy viu em que momento exato se deu por vencida.

—vais dizer se o a meu pai?

—Não sei. Mas tenho que dizer-lhe ao Alex.

—Mas ele o dirá a meu pai.

—É provável. Alex tem um profundo sentido da justiça.

Uma lágrima caiu sobre a coxa do Heather, mas Daisy endureceu o coração para não compadecê-la.

—Meu pai me disse que se me metia em alguma confusão me enviaria de volta com tia Terry.

—Pois talvez deveria ter pensado nisso antes de me tender uma armadilha.

Heather não disse nada e Daisy não a pressionou. Finalmente, a jovem se enxugou as lágrimas com a prega da camiseta.

—Quando vais dizer se o —¿Te pega?

—Ainda não o pensei. Esta noite, possivelmente. Ou talvez amanhã.

Heather assentiu bruscamente com a cabeça.

—Eu só... o dinheiro estava ali e embora não o tinha planejado...

Daisy tentou tragá-la lástima que sentia recordando-se a si mesmo que, pelas ações dessa garota, seu marido pensava que era uma benjamima e seu matrimônio tinha fracassado antes de ter tido sequer uma oportunidade.

—O que fez não esteve bem. Tem que te enfrentar às conseqüências.

—Sim, suponho. —Heather tentou secá-las lágrimas com os dedos. —Me alegro de que te tenha dado conta. É difícil..., sei que não o mereço, mas possivelmente poderia falar com a Sheba em vez de com o Alex. Prefiro que o ela diga a meu pai. brigam todo o momento, mas pelo menos se respeitam e pode que não perca o julgamento se o diz ela.

Daisy se endireitou.

—Seu pai é violento contigo?

—Bom, suponho. Quero dizer que grita e todo isso.

—Pega-te?

—Papai? Não, nunca me pegou. Mas às vezes se zanga tanto que quase preferiria que o fizesse.

—Entendo.

—Já tinha assumido que voltaria com minha tia cedo ou tarde. Sei que necessita que lhe dê uma mão com os meninos e todo isso. fui muito egoísta querendo ficar aqui, mas os meninos são uns autênticos monstros e, algumas vezes, tiram-me de gonzo.

Daisy estava recebendo mais informação da que queria e se sentiu culpado.

A adolescente se levantou do banco com os olhos cheios de lágrimas.

—Sinto ter sido tão imbecil e te haver causado tantos problemas. —Uma lágrima penetrou entre suas pestanas. —Se não queria acabar com tia Terry e os meninos, deveria me haver levado melhor. Não deveria havê-lo feito, mas estava ciumenta pelo Alex. —As palavras lhe saíam entre pequenos hipidos. —É muito major... e nunca se apaixonaria por alguém como eu. Mas sempre foi agradável comigo e suponho que... suponho que queria isso todo o momento, embora... —respirou fundo, —embora sempre soube que não resultaria. Sinto muito, Daisy.

Com um soluço, girou-se e fugiu. Daisy se aproximou do Tater e o elefantito a rodeou com a tromba. apoiou-se contra ele, sem saber muito bem o que fazer. antes de enfrentar-se ao Heather, tinha-o tido tudo muito claro, mas agora não estava tão segura. Se não dizia ao Alex a verdade sobre o Heather, ele continuaria acreditando que era uma benjamima. Mas se o dizia, Heather receberia um grande castigo e Daisy não acreditava poder viver saindo-se responsável por isso.

Da estrada viu como Alex subia à caminhonete para dirigir-se ao povo. Um momento antes lhe havia dito que tinha que resolver um problema com a

companhia que subministrava os donnickers e que podia demorar varia horas em voltar. Daisy tinha pensado dedicar esse tempo a desempacotar as compras que levava semanas fazendo em segredo e que transformariam a feia caravana verde em um pouco parecido a um lar. Mas seu encontro com o Heather lhe tinha tirado o entusiasmo. Entretanto era melhor ocupar-se disso que sentar-se sem fazer nada.

Mas enquanto se dirigia à caravana, recuperou o ânimo. Por fim ia dedicar seu tempo a algo para o que sim valia. Estava desejando ver a cara que poria Alex quando voltasse.

CAPÍTULO 14

—Que coño tem feito aqui? —Alex ficou paralisado sob a soleira da porta.

—A que fica genial? —Daisy contemplou com satisfação a transformação da caravana no que ela considerava um acolhedor e encantador nidito de amor.

Umas capas em tom nata salpicadas de pensamentos em cores púrpuras, azuis e caramelo ocultavam o horroroso estampado a quadros do sofá; os colines a jogo faziam que os velhos móveis parecessem quentes e confortáveis. Tinha instalado também umas [tequeñas gradeia de latão em cima das janelas, substituindo aquelas horríveis cortinas amareladas por outras de musselina branca adornadas com cintas azuis e lavanda de diversas texturas e larguras.

Um laço de seda azul e violeta camuflava a tela rota do abajur na esquina, e várias cestas de vime continham agora as revistas e quão periódicos antes estavam pulverizados por toda parte. Um sortido de vasilhas desemparelhadas, desde floreiros e tigelas de olaria a jarras azuis Wedgwood, enchiam a prateleira de em cima da cozinha onde tinha parecido com chínchelas uma corda de cores para que não caíssem os utensílios quando a caravana estivesse em movimento. A mesa estava disposta com mantelitos individuais na mesma gama de cores púrpura e violeta, assim como a porcelana a China, que embora não fazia jogo entre si, possuía as mesmas tonalidades. Havia duas taças brancas, duas taças de cristal, uma das quais tinha uma fissura, e uns pratos de cor anil. No centro da mesa, um recipiente de barro albergava um buquê silvestres que Daisy tinha pego no bordo do recinto.

—Não pude fazer mais com o tapete —lhe explicou ainda ofegante por ter tido que prepará-lo com pressa. —Mas tirei as piores mancha e não ficou tão mal. Quando tiver um pouco de dinheiro, ocupar-me da cama. Possivelmente lhe ponha uma dessas colchas índias e mais almofadões. Não sou boa costureira, mas acredito que posso...

—De onde tiraste o dinheiro para fazer isto?

—De meu salário.

—Gastaste-te seu dinheiro nisto?

—procurei em lojas de segunda mão e nos mercadillos dos povos que visitamos. Sabia que alguma vez tinha entrado em um WalMart até faz duas semanas? É assombroso o que pode dar de si um dólar se lhe propuser isso... — Nesse momento Daisy viu a expressão na cara do Alex e seu sorriso se desvaneceu. —Você não gosta.

—Não hei dito isso.

—Não faz falta que o diga. Te vê na cara.

—Não é que eu não goste. É que não tem sentido que desperdice seu dinheiro neste lugar.

—Não acredito que seja um desperdício.

—É uma caravana, pelo amor de Deus. Não vamos viver aqui tanto tempo.

Essa não era a verdadeira razão da reticência do Alex. Daisy o observou e chegou à conclusão de que tinha duas opções: podia partir zangada ou podia lhe obrigar a ser sincero com ela.

—me diga exatamente o que é o que você não gosta.

—Nada.

—Sim, algo você não gosta. Sheba me disse que tinha rechaçado uma caravana melhor que esta. —Ele se encolheu de ombros. —Acaso só queria me fazer as coisas mais difíceis?

Alex foi à geladeira e agarrou uma garrafa de vinho que tinha comprado no dia anterior; uma garrafa que ela tinha considerado muito cara para seu pressuposto.

Daisy se negou a deixar acontecer o tema.

—Queria seguir vivendo neste lugar tal e como estava?

—Estava bem —repôs ele tirando um saca-rolha da gaveta.

—Não te acredito. Você gosta das coisas bonitas. observei como miras a paisagem quando viajamos e sempre me assinala as cristaleiras quando vê algo bonito. Ontem, quando paramos naquele quiosque ao lado da estrada, disse que a cesta com frutas recordava a um Cézanne.

—Quer uma taça de vinho?

Ela negou com a cabeça e o estudou. Finalmente se deu conta do que acontecia.

—transpassei a linha outra vez, verdade?

—Não sei a que te refere.

—Refiro a essa linha invisível que riscaste em sua mente entre um matrimônio de verdade e outro que não o é. Cruzei-a outra vez, não?

—O que diz não tem sentido.

—Claro que o tem. Fez uma lista mental de regras e preceitos para nosso matrimônio. supõe-se que devo acatar suas ordens sem pigarrear e que devo me manter separada de ti, salvo para nos deitar juntos, claro. Mas o mais importante de tudo é que não devemos criar vínculos emocionais. Não me está permitido me

preocupar com ti, nem por nosso matrimônio, nem por nossa vida em comum. Nem sequer posso me ocupar de que esta feia caravana resulte acolhedora.

Por fim conseguiu que Alex reagisse. Ele posou com um gesto brusco a taça de vinho sobre o mostrador.

—Não quero que faça um «nidito de amor», isso é tudo! Não é uma boa idéia.

—Assim tenho razão —disse ela em voz baixa.

Alex se passou a mão pelo cabelo.

—É uma maldita romântica. Algumas vezes, quando te vejo me observando, tenho a sensação de que não me vê como sou em realidade, mas sim como você quer que seja. Isso é o que faz com este acordo... este vínculo legal que há entre nós. vais moldar o até que se ajuste a suas idéias.

—É um matrimônio, Alex, não um simples vínculo legal. Fizemos uns votos sagrados.

—Durante seis meses! Não entende que estou preocupado por ti? Intento te proteger para não te fazer danifico.

—me proteger? Já entendo. —Daisy respirou fundo. —Por isso contas minhas pílulas anticoncepcionais?

A expressão do Alex se voltou fria e distante.

—Isso não significa nada.

—Ao princípio não entendia por que se sobressaíam da prateleira do estojo de primeiro socorros quando sempre as deixava ao fundo. Logo me dava conta de que as contava.

—Só me assegurava de que não se esquecia nenhuma, isso é tudo.

—Em outras palavras, estiveste-me espiando.

—Não penso me desculpar. Sabe o importante que a para mim não ter filhos.

Ela o olhou com tristeza.

—Não há nada entre nós, verdade? Nem respeito, nem afeto, nem confiança.

—Existe afeto, Daisy. Pelo menos por minha parte. Vacilou. —E também te ganhaste meu respeito. Nunca pensei que tomaria o trabalho tão a sério. É muito valente, Daisy.

A jovem se negou a sentir-se agradecida por aquelas palavras.

—Mas não confia em mim.

—Acredito que tem boas intenções.

—Mesmo assim crie que sou uma benjamima. Isso não fala bem de minhas boas intenções.

—Estava desesperada quando agarrou esse dinheiro. Estava cansada e assustada ou não o teria feito. Agora sei.

—Eu não agarrei o dinheiro.

—Não importa, Daisy. Não te culpo.

O fato de que ele ainda não acreditasse não deveria lhe doer tanto. A única maneira de convencê-lo seria implicar ao Heather e, como agora sabia, não podia fazê-lo.

O que ganharia com isso? Não queria ser a responsável pelo desterro do Heather. E aquela relação não funcionaria se tinha que lhe demonstrar ao Alex sua inocência.

—Se confiar em mim, por que contava as pílulas?

—Não posso correr riscos. Não quero ter filhos.

—Isso já o deixaste claro. —Quis lhe perguntar se o que encontrava tão repulsivo era ter um filho ou o ter com ela, mas lhe dava medo a resposta. —Não quero que volte às contar. Hei-te dito que tomaria e o farei. Mas terá que confiar em mim.

A jovem percebeu a luta interna de seu marido. Apesar de que sua própria mãe a tinha traído com o Noel Black, Daisy não tinha perdido a fé na raça humana. Mas Alex não confiava em ninguém salvo em si mesmo.

Para sua surpresa, sentiu que a indignação que sentia se desvanecia e a compaixão ocupava seu lugar. Que terrível devia ser esperar sempre o pior da gente.

Daisy roçou a mão do Alex com a ponta dos dedos.

—Nunca te faria mal a propósito, Alex. Eu gostaria que ao menos acreditasse isso.

—Não é fácil.

—Sei. Mas é necessário que o faça. Ele a olhou durante um bom momento antes de assentir brevemente com a cabeça.

—Vale. Não as contarei mais.

Daisy sabia o que essa pequena concessão lhe havia flanco a seu marido e se emocionou.

—Yyyyy agora, entrará na pista central do circo dos Irmãos Quest, Theodosia, a formosa esposa do Alexi o Cossaco!

Ao Daisy tremiam tanto os joelhos que trastabilló, estragando sua primeira entrada. «O que tinha sido do da gitanilla selvagem?», perguntou-se freneticamente enquanto escutava o discurso do Jack pela primeira vez. Essa manhã, durante o ensaio, tinha começado a contar uma história de uma cigana, mas se tinha partido cheio de frustração quando ela soltou o primeiro grito. Daisy se inteirou de que o narrador contaria outra história quando Sheba lhe deu o vestido, mas a proprietária do circo se afastou sem dar mais explicações.

A música da balalaica ressonava no circo, situado esta vez no estacionamento de um povo do verão no Seaside Height, New Jersey. Alexi entrou na pista central com o látego na mão. Sob o resplendor carmesim dos focos, ressaltavam as brilhantes expulsa negras e as lentejoulas vermelhas do cinturão cintilavam ante qualquer movimento.

—Parece nervosa, damas e cavalheiros? —perguntou Jack, assinalando-a com a mão. —A meu sim que me parece isso. Mas esta jovem teve que armar-se de muito valor para entrar na pista com seu marido.

O vestido do Daisy sussurrou enquanto entrava lentamente na areia. Era um vestido de noite recatado, com o pescoço alto de encaixe adornado com pedraria. Alex lhe tinha colocado uma rosa vermelha de papel de seda entre seus peitos antes de sair. Havia-lhe dito que formava parte do vestuário.

Daisy sentiu os olhos do público nela. A voz do Jack se mesclava com a música russa e com o sussurro da brisa do oceano que agitava os laterais da carpa.

—Filha de ricos aristocratas franceses, Theodosia esteve se separada do mundo moderno pelas monjas que a instruíam.

«Monjas?» Mas o que estava dizendo Jack?

Enquanto o diretor de pista continuava seu monólogo, Alex começou o lento baile do látego que sempre dava começo a seu número, enquanto ela se mantinha imóvel sob os focos frente a ele. A luz se voltou mais suave; o público escutava a história do Jack hipnotizado pelos grácis movimentos do Alex.

—Conheceu cossaco quando o circo atuou em um povo próximo ao convento onde vivia, e os dois se apaixonaram profundamente. Mas os pais da jovem se opuseram à idéia de que sua gentil filha se casasse com um homem ao que consideravam um bárbaro e a encerraram sob chave. Theodosia teve que escapar de sua família.

A música se fez mais dramática e o baile do látego do Alex passou de enérgico a sedutor.

—Agora, damas e cavalheiros, entra na pista com seu marido, um pouco muito difícil para ela. O látego aterroriza a esta doce jovem. Por isso lhes rogamos que estejam o mais quietos possível para que ela possa enfrentar-se a seus medos. Vos lembrança que se estiver aqui é só por uma coisa —o baile do látego do Alex alcançou seu clímax, —o amor que sente por seu feroz marido cossaco.

A música seguiu in crescendo e, sem prévio aviso, Alex agitou o látego formando um arco sobre sua cabeça. O fôlego abandonou o corpo do Daisy em um grito estrangulado e deixou cair o rollito que acabava de tirar do bolso especial que Sheba lhe tinha costurado ao vestido só umas horas antes.

O público conteve o fôlego e ela se precaveu de que a incrível historia do Jack tinha funcionado. Em lugar de rir pela reação do Daisy, tinham simpatizado com a necessitada jovem.

Para sua surpresa, Alex se aproximou dela, recolheu o rollito do chão e o ofereceu como se fora uma rosa, logo inclinou a cabeça e lhe roçou os lábios com os seus.

O gesto foi tão romântico que Daisy ouviu suspirar a uma mulher na primeira fila. Ela mesma também teria suspirado se não tivesse sabido que ele só jogava com as emoções do público. Ao Daisy tremeram os dedos quando sustentou o rollito de papel tão afastado de seu corpo como pôde.

Conseguiu manter a compostura quando ele se afastou, mas quando chegou o momento de ficar o na boca, começaram a lhe tremer os joelhos de novo. Deslizou ligeiramente o rollito entre os lábios, fechou os olhos e ficou de perfil.

Soou o estalo do látego e o extremo do rollito caiu ao chão. Daisy fechou os punhos aos flancos. Se tinha pensado que ter audiência faria que aquilo resultasse mais fácil, estava equivocada.

Alex estalou o látego duas vezes mais até que só ficou o cabo entre os lábios de sua esposa. Daisy tinha a boca tão seca que não podia tragar.

A voz do Jack surgiu então, lhe sussurrem e dramática.

—Damas e cavalheiros, necessitamos sua colaboração enquanto Alexi tenta fazer o último corte ao pequeno cilindro de papel que sua mulher sujeita entre os lábios. Necessita silêncio absoluto. Recordo-lhes que o látego passará tão perto da cara de quão jovem o mais mínimo equívoco por parte de seu marido poderia marcar a de por vida.

Daisy gemeu. cravou-se as unhas nas Palmas das mãos com tanta força que temeu haver-se feito sangue.

O estalo ressonou em seus ouvidos quando o látego cortou a última seção do rollito que sustentava na boca.

O público estalou em vítores. Daisy abriu os olhos, sentindo-se tão enjoada que temeu deprimir-se. Alex lhe fez indicações com a mão, lhe assinalando o que ia fazer a seguir. Quão único ela pôde fazer foi elevar o queixo.

Quando levantou a cabeça, a ponta do látego voou para ela e a vermelha flor que levava entre os peitos explorou em um desdobramento de frágeis pétalas de papel.

Ela deu um coice e deixou escapar um vaio que o público sossegou com seus aplausos. Alex fez outro gesto, lhe indicando que levantasse as mãos e cruzasse as bonecas. Tremendo, ela seguiu suas indicações.

O látego estalou de novo e a multidão soltou um grito afogado quando o látego se enroscou ao redor das bonecas do Daisy. Ele esperou um momento, logo a liberou. Um murmúrio indecifrável surgiu dos degraus. Alex a olhou com o cenho franzido e ela recordou que devia sorrir. Conseguiu curvar os lábios e mostrar as bonecas para que vissem que estava ilesa. Enquanto fazia isso, ele voltou a estalar o látego.

Daisy deu um coice. Olhou para baixo e viu que o látego lhe rodeava os tornozelos. Alex não tinha feito isso antes e lhe dirigiu um olhar preocupado. Liberou-a e arqueou uma sobrancelha lhe indicando que saudasse. Lhe dirigiu ao público outro sorriso falso. A seguir Alex lhe indicou que levantasse os braços. Com uma sensação de fatalidade, Daisy fez o que lhe ordenava.

«Zas!»

Ao Daisy lhe escapou um gritito quando o látego se curvou em torno de sua cintura. Ela esperava que ele aliviasse a pressão da corda, mas Alex se limitou a atirar com força do látego, obrigando-a a aproximar-se dele. Só quando a saia

do vestido roçou as coxas do Alex, ele substituiu o látego por seus braços para lhe dar um beijo arrebatador que teria feito justiça à capa de um livro romântico.

A multidão soltou uma ovação.

Daisy se sentia enjoada, e embora estava zangada com o Alex, não pôde evitar sentir-se feliz. Seu marido assobiou e Misha resfolegou com fúria ao voltar para a areia. Alex a soltou só um momento e montou a lombos do cavalo de um salto enquanto o eqüino trotava pela pista. Um calafrio de inquietação se deslizou pelas costas do Daisy. Sem dúvida alguma ele não ia A...

Daisy sentiu que seus pés deixavam de tocar o chão quando Alex se inclinou sobre o lateral do cavalo para subi-la em seus braços. antes de saber o que acontecia, estava sentada em seu regaço.

apagaram-se as luzes, deixando a pista sumida na escuridão. Os aplausos foram ensurdecedores. Alex afrouxou um dos braços enquanto ela se agarrava freneticamente a sua cintura. Um momento depois, soou uma explosão e o grande látego de fogo dançou por cima de suas cabeças.

Daisy cruzou a estreita estrada asfaltada que separava o estacionamento onde estava instalado o circo da praia vazia. À esquerda as luzes multicoloridos da feira, no passeio marítimo de Pulôver Shore, cintilavam no caos da noite: a noria, os carros de choque, os carrosséis e os postos de quinquilharias.

A estréia do Daisy tinha tido lugar na primeira representação do circo nesse pequeno povo costeiro e agora estava muito excitada para dormir. O público da segunda função tinha reagido com mais entusiasmo ainda e uma maravilhosa sensação de realização lhe impedia de sentir-se cansada. Inclusive Brady Pepper tinha abandonado seu acostumado silêncio para lhe brindar uma gélida inclinação de cabeça.

Inalou o aroma do mar e começou a passear pela areia, que tinha perdido o calor do dia e lhe esfriava os pés ao meter-se o nas sandálias. adorava estar junto ao oceano e se alegrava de que o circo fora a permanecer ali mais de uma noite.

—Daisy? —voltou-se e viu o Alex no alto das escadas, uma alta e magra silhueta recortada contra o tênue resplendor da noite. A brisa lhe revolvia o cabelo e lhe pegava a camisa ao corpo. —Importa-te se passeio contigo ou prefere estar sozinha?

—Vai armado?

—Já guardei os látegos por esta noite.

—Então vêem. —Daisy sorriu e lhe tendeu a mão.

Alex vacilou um momento e ela se perguntou se o gesto teria sido muito pessoal para ele. Dizia muito de sua relação o fato de que agarrar-se da mão fora mais íntimo que manter relações sexuais. Mesmo assim, não baixou o braço. Aquilo só era uma provocação mais que ela devia vencer.

As botas do Alex ressonaram nos degraus de madeira quando se aproximou. Agarrou-lhe a mão e as calosidades de sua palma recordaram ao Daisy que era um homem acostumado ao trabalho duro. Aquela cálida e firme emano envolveu a sua.

A praia estava deserta, mas ainda ficavam restos que tinha deixado a gente que tinha ido ao lugar adiantando-se à temporada veraniega: latas vazias, plásticos, a tampa rota de um copo térmico. dirigiram-se por volta do mar.

—Ao público lhe gostou do número.

—Estava tão assustada que me tremiam os joelhos. Se não tivesse sido pelo giro que Jack lhe deu à história, minha atuação tivesse resultado um desastre. Quando tentei agradecer-lhe me disse que tinha sido tua idéia. —Olhou-o e sorriu. —Não crie que te aconteceste um pouco com o das monjas francesas?

—Conheço de primeira mão suas crenças morais, carinho. A menos que me equivoque, estou seguro de que as monjas formaram parte dessa estranha educação que recebeu.

Daisy não o negou.

Passearam durante um momento em um cômodo silêncio. A brisa agitava o cabelo do Daisy e o vaivém das ondas sossegava os longínquos ruídos da feira, ao outro lado da estrada, lhes dando a sensação de que estavam sozinhos no mundo. Daisy esperava que lhe soltasse a mão em qualquer momento, mas seguia mantendo-a arranca-rabo.

—Fez um bom trabalho esta noite, Daisy. Trabalha duro.

—Seriamente? De verdade crie que trabalho duro?

—Claro.

—Obrigado. Nunca me haviam dito isso. —Soltou uma risita irônica. —E se o tivessem feito, certamente não me teria acreditado isso.

—Mas me crie.

—Não é um homem que diga as coisas à ligeira.

—Estou ouvindo um completo?

—Não estou segura.

—Não é justo.

—O que?

—Hei-te dito algo agradável. Ao menos poderia dizer uma coisa boa de mim.

—É obvio que posso. Faz um Chile de morte. Para surpresa do Daisy, ele franziu o cenho.

—Estupendo. Esquece-o.

Atônita, Daisy se deu conta de que, sem querer, tinha ferido os sentimentos de seu marido. Pensava que ele estava brincando, mas tratando-se do Alex deveria saber que isso não era possível. Mesmo assim era toda uma surpresa que lhe importasse sua opinião.

—Só me estava reservando o melhor —disse ela.

—Não é importante. De verdade, deixa-o.

Mas tinha importância e lhe encantava.

—Mmm, me deixe pensar...

—Esquece-o.

Daisy lhe apertou a mão.

—Sempre faz o que crie que é correto, inclusive se a gente o desaprova. É algo pelo que te admiro. Admiro sua integridade, mas... —Daisy lhe rodeou os dedos com os seus. —Quer que seja sincera?

—Isso hei dito, não?

Ela ignorou o beligerante gesto de sua mandíbula.

—Tem um sorriso maravilhoso.

Alex pareceu um pouco aturdido e relaxou a mão baixo a dela.

—Você gosta de meu sorriso?

—Sim, muitíssimo.

—Ninguém me havia isso dito nunca.

—Não muitas pessoas conseguem vê-la. —Daisy conteve um sorriso enquanto observava o gesto sério com o que Alex considerava o que ela havia dito. —E há outra coisa mais, mas não sei como lhe vais tomar isso —¿También qué?

—Solta-o.

—Tem um corpo de enfarte.

—Um corpo de enfarte? Sim? Essa é a segunda coisa que mais você gosta de mim?

—Não hei dito que fora a segunda. Estou-te dizendo coisas que eu gosto de ti e essa em concreto eu adoro.

—Meu corpo?

—Tem um corpo estupendo, Alex. Sério.

—Obrigado.

—De nada.

O embate das ondas encheu o silêncio que se estendeu entre eles.

—Você também —disse ele.

—Também o que?

—Tem um corpo estupendo. Eu gosto.

—Seriamente? Mas se não ser grande coisa. Tenho os ombros muito estreitos em comparação com os quadris e as coxas muito grossas. E meu estômago...

Ele negou com a cabeça.

—A próxima vez que ouça uma mulher dizer que os homens são uns neuróticos, recordarei isto. Você me diz que você gosta de meu corpo, e o que faço eu? Dou-te as obrigado. Logo te digo que eu gosto do teu, e o que escuto? Uma larga lista de queixa.

—É culpa das Barbies. —A careta de desagrado do Alex a agradou sobremaneira. —Obrigado pelo completo, mas sei sincero. Não crie que tenho os peitos muito pequenos?

—Essa é uma pergunta com armadilha, seguro.

—Só quero que me diga a verdade.

—Está segura?

—Sim.

—Vale. Vejamos. —Tomou pelos ombros e a fez girar de cara ao oceano, logo ficou detrás dela. Rodeou-a com os braços e lhe cavou os peitos. A pele do Daisy se arrepiou de desejo quando Alex apertou e moldou os montículos, lhe percorrendo os suaves pendentes e roçando as endurecidos topos com os polegares.

Ao Daisy lhe entrecortou a respiração. Alex lhe acariciou a orelha com os lábios e lhe murmurou ao ouvido:

—Acredito que são perfeitos, Daisy. Exatamente do tamanho adequado.

Ela se voltou e não havia nada no mundo que pudesse ter evitado que o beijasse. Rodeou-lhe o pescoço com os braços, ficou nas pontas dos pés e apertou sua boca contra a dele, com lábios suaves e flexíveis. A língua do Alex brincou com a sua e ela respondeu à provocação. Daisy perdeu a noção do tempo e nem lhe passou pela cabeça separar-se dele. Os dois corpos se fundiram em um.

—Olhe, Dwayne! É o casal do circo.

Daisy e Alex se separaram de repente, como dois adolescentes pilhados in fraganti pela polícia.

A proprietária da estridente voz era uma mulher de média idade, com um vestido de flores verde lima e uma enorme bolsa negra pendurada do ombro. Seu marido levava posta uma boina azul que cobria o que, quase com toda segurança, seria uma calva. O homem tinha as calças enroladas nas pantorrilhas e a camiseta de esporte rodeava a proeminente barriga.

A mulher lhes brindou um alegre sorriso.

—assistimos à função. Este é Dwayne. Não se acreditou que estivessem apaixonados de verdade. Assegurou-me que tudo era falso, mas lhe disse que ninguém podia fingir algo assim. —Deu um tapinha na barriga de seu marido. —Dwayne e eu temos casados trinta e dois anos, assim sei reconhecer o amor verdadeiro quando o vejo.

Ao lado do Daisy, Alex estava rígido e punha cara de pôquer, deixando que fora ela quem sonriera ao matrimônio.

—Seguro.

—Nada eu gosto mais que um matrimônio com os pés no chão.

Alex saudou o casal com uma brusca inclinação de cabeça e agarrou o braço do Daisy para afastá-la dali. Daisy se voltou e lhes gritou:

—Espero que desfrutem de outros trinta e dois anos untos!

—E vós também, tesouro.

Deixou que Alex a arrastasse, sabendo que não conseguiria nada protestando. O tema do amor o punha um nervoso que ela sentiu o absurdo impulso de consolá-lo. Quando chegaram aos degraus que conduziam l a estrada, deteve-se e se voltou para ele.

—Alex, não passa nada. Não vou apaixonar me por ti.

Assim que as palavras saíram de sua boca, Daisy notou uma pequena pontada no coração. Isso a assustou, porque sabia que seria uma catástrofe apaixonar-se por ele. Eram muito diferentes. Ele era duro, sério e cínico, enquanto que ela era justo o contrário.

Então, por que ele provocava algo tão elementar em seu interior? E por que ela parecia lhe compreender tão bem quando Alex não lhe tinha contado nada de seu passado nem sobre sua vida fora do circo? Apesar de tudo, Daisy sabia que Alex a tinha ajudado a encontrar-se a si mesmo. Graças a ele era mais independente do que nunca o tinha sido. Pela primeira vez em sua vida, sentia-se bem consigo mesma.

Alex subiu os degraus.

—É uma romântica, Daisy. Não é que me considere um ser irresistível, bem sabe Deus que não o sou, mas levo anos observando que quanto mais indiferente se mostra um homem, mais interessada se volta a mulher.

—Ora.

Quando chegaram acima, ele apoiou os quadris no corrimão e a observou.

—Vi-o muitas vezes. As mulheres desejam o que não podem ter, inclusive embora não seja bom para elas.

—É assim como te considera? Mau para as pessoas que lhe rodeiam.

—Não quero te fazer danifico. Por isso me incomodou a mudança que fez na caravana. Agora é mais acolhedora e será mais fácil viver nela, mas não quero jogar às casitas. Apesar de que nosso matrimônio seja um acordo legal, isto não é mais que um simples cilindro. Uma cã ao ar. Só isso.

—Um cilindro?

—Uma confusão. Uma aventura. Chama-o como quer. Só é algo passageiro.

—É imbecil.

—Vê como tenho razão?

Ela tentou controlar a cólera.

—por que te casou comigo? Ao princípio pensei que meu pai te tinha pago, mas agora sei que não foi assim.

—E o que é o que te tem feito trocar de opinião?

—Agora te conheço.

—E crie que não me deixo comprar?

—Sei que é impossível que te deixe comprar.

—Todo mundo tem um preço.

—Pois me diga, qual foi o teu?

—Devia-lhe um favor a seu pai e tinha que pagar-lhe Isso é tudo.

—Devia ser um favor muito grande.

A expressão do Alex se voltou fria e Daisy se surpreendeu quando, depois de um comprido silencio, acrescentou:

—Meus pais morreram em um acidente ferroviário na Austria quando eu tinha dois anos. fez-se cargo de mim o parente mais próximo, o irmão de minha mãe, Sergey. Era um sádico filho de puta ao que lhe dava prazer me pegar.

—OH, Alex...

—Não quero ganhar sua simpatia. Só quero que compreenda como sou. —Ele se sentou em um banco e parte de sua raiva desapareceu. inclinou-se para diante e se esfregou a ponte do nariz com o polegar e o índice. —Sente-se, Daisy.

Agora que já não tinha remédio, Daisy se perguntou se não deveria ter deixado as coisas tal e como estavam, mas tinha chegado muito longe para retroceder agora, e se sentou a seu lado. Ele ficou olhando para diante; parecia cansado e vazio.

—Terá lido historia sobre meninos maltratados, meninos aos que mantêm encerrados durante anos. —Ela assentiu com a cabeça. —Os psicólogos dizem que inclusive depois de ter sido liberados dessa tortura, estes meninos não se desenvolvem da mesma maneira que outros. Não têm as mesmas atitudes sociais. E se não os resgatam a tempo, nem sequer aprendem a falar. Suponho que isso é o que me passa com o amor. Não cheguei a experimentá-lo na infância e agora não posso senti-lo.

—A que te refere?

—Não sou um desses cínicos que acredita que o amor não existe, porque o vi em outras pessoas. Mas eu não posso senti-lo. Nem por uma mulher nem por ninguém. Nunca amei.

—OH, Alex.

—Não é que não o tenha tentado. conheci algumas mulheres maravilhosas ao longo de minha vida mas, ao final, só consegui as ferir. Por isso te contei as pílulas. Por isso não quero ter filhos.

—Crie que alguma vez poderá manter uma relação duradoura? Refere a isso?

—Sei que não posso. Mas é mais profundo que todo isso.

—Não entendo. O que é o que te passa?

—Não ouviste nada do que hei dito?

—Sim, mas...

—Não posso sentir as mesmas emoções que outros homens. Por ninguém. Nem sequer por um menino. Qualquer menino merece que seu pai o ame, mas eu não poderia.

—Não te acredito.

—Acredita-o! Conheço-me mesmo e sei que não poderia fazê-lo. Muita gente se toma à ligeira ter filhos, mas eu não. Os meninos necessitam amor e, se não o tiverem, algo morre em seu interior. Não poderia viver comigo mesmo sabendo que um menino sofre por minha culpa.

—Todo mundo é capaz de amar, e mais quando se trata de seu próprio filho. Vê-te ti mesmo como uma espécie de... de monstro.

—Mas bem como uma mutação. Não tive uma educação normal e é por isso que sou distinto. Não posso tolerar a idéia de ter um filho e que cresça sabendo que não lhe amo. Não penso lhe fazer a ninguém o que me fizeram .

Era uma noite calorosa, mas Daisy se estremeceu ao dar-se conta do terrível legado que aquele violento passado lhe tinha deixado ao Alex. Esse legado também a afetava a ela e se abraçou a si mesmo. Nunca se tinha imaginado tendo um filho com o Alex, mas possivelmente a idéia já tinha germinado em seu subconsciente porque sentia como se acabasse de sofrer uma profunda perda.

Daisy observou o perfil de seu marido recortado contra o carrossel que girava ao longe. A imagem a encheu de pena. Os cavalos de madeira, de brilhantes cores, pareciam representar a inocência, enquanto que Alex, com aqueles olhos sombrios e o coração vazio, era como um condenado a morte. Durante todo o tempo Daisy tinha pensado que era ela a que mais amor necessitava, mas ele tinha feridas muito mais profundas.

Guardaram silêncio enquanto voltavam caminhando à caravana; não havia nada mais que dizer. Tater se tinha escapado outra vez e a estava esperando. Trotou para ela saudando-a com um barrito.

—Atarei-o de novo —disse Alex.

—Não se preocupe, já o faço eu. Preciso estar sozinha um momento.

Ele assentiu com a cabeça e lhe aconteceu o polegar pela bochecha enquanto lhe dirigia um olhar tão desolado que Daisy não pôde suportá-lo, assim que se voltou e acariciou a tromba do Tater.

—Vamos, carinho.

Levou-o com outros elefantitos e o atou com a correia; logo agarrou uma velha manta de lã e a pôs no chão a seu lado. sentou-se e se rodeou os joelhos com os braços, Tater se aproximou dela. Por um momento pensou que a pisaria e ficou tensa, mas o animal se limitou a colocar suas patas dianteiras a ambos os lados e a rodeá-la com a tromba.

Daisy se encontrou inundada em uma cálida cova. Pressionou a bochecha contra o áspero corpo do animal, protegida entre as patas do Tater enquanto ouvia o forte batimento do coração de seu doce e travesso coração. Sabia que deveria mover-se, mas apesar de estar sob uma tonelada de elefante, nunca se havia sentido mais segura. Ali sentada, pensou no Alex e desejou que fora o suficientemente pequeno para estar onde ela estava, justo debaixo do coração do Tater.

CAPÍTULO 15

Alex estava dormido quando Daisy retornou à caravana. A jovem se despiu tão silenciosamente como pôde e ficou uma das camisetas de seu marido. Quando se aproximava do sofá, ouviu um rouco sussurro:

—Esta noite não, Daisy. Necessito-te.

girou-se e o viu através da escuridão. Tinha os olhos entrecerrados pelo desejo. Estava despenteado e a medalha esmaltada que lhe pendurava do pescoço resplandecia sob a luz da lua que entrava pela janela. Daisy ainda podia ouvir em sua mente o forte batimento do coração do coração do Tater lhe transmitindo uma mensagem de amor incondicional. Sabia que não podia dar as costas ao Alex nesse momento.

Esta vez não houve sorrisos. Nem doçura. Possuiu-a com ferocidade, quase com desespero e, quando tudo terminou, Alex se acurrucó detrás ela, sem soltá-la. ficaram dormidos com a mão dele lhe sustentando um peito.

Daisy não retornou ao sofá a noite seguinte. A partir desse dia, compartilhou a cama com seu marido enquanto sentia que seu coração se alagava de uma emoção a que não queria dar nome.

Uma semana mais tarde, chegaram ao centro de New Jersey. Instalaram o circo no pátio de uma escola situada em um bairro dos subúrbios, com casas brancas de dois novelo, balanços nos pátios traseiros e monovolúmenes nas garagens. De caminho à casa de feras, onde Tater estava pacote, Daisy se passou pelo vagão vermelho para fazer umas mudanças no pedido de penso e, quando entrou, viu o Jack examinando algumas pastas.

Saudou-a com uma inclinação de cabeça. Lhe devolveu a saudação e se dirigiu ao escritório para procurar os papéis que necessitava. Soou o móvel e o agarrou ela.

—Circo dos Irmãos Quest.

—Queria falar com o doutor Markov —respondeu um homem com acento britânico. —Poderia avisá-lo?

Daisy se deixou cair na cadeira.

—Com quem?

—Com o doutor Alex Markov.

Ao Daisy começou a lhe dar voltas a cabeça.

—N-não está aqui neste momento. Quer deixar algum recado?

A mão lhe tremeu ao apontar o nome e o número. Quando pendurou sentiu que se cambaleava. Alex era doutor! Sabia que era um homem cultivado e que tinha uma vida oculta, mas jamais se imaginou algo assim.

O mistério que rodeava a seu marido era cada vez mais profundo, mas não sabia como lhe surrupiar a verdade. Alex seguia esquivando qualquer pergunta que lhe fizesse, seguia atuando como se não tivesse uma existência mais à frente do circo.

umedeceu-se os lábios ressecados e olhou ao Jack.

—Era um homem que queria falar com o Alex. Chamou-o doutor Markov.

Jack colocou várias pastas na gaveta aberta do arquivo sem olhá-la.

—lhe deixe a mensagem no escritório. Verá-o quando entre.

Jack não tinha mostrado reação alguma, assim evidentemente sabia mais da vida de seu marido que ela. Tal certeza lhe doeu.

—Deve ser um descuido por sua parte, mas Alex não me há dito que ramo da medicina pratica.

Jack agarrou outra pasta.

—Talvez porque não quer que saiba.

Daisy se sentia carcomida pela frustração.

—me conte o que sabe dele, Jack.

—No circo aprendemos a não colocar os narizes na vida de outros. Se alguém quer falar sobre seu passado, faz-o. Se não, é assunto dele.

Ela se deu conta de que quão único tinha conseguido era envergonhar-se a si mesmo. Fez tempo folheando alguns periódicos e escapou dali o mais rapidamente que pôde.

Encontrou ao Alex acuclillado junto à Misha, examinando a ferradura do cavalo. Observou-o durante um bom momento.

—É veterinário.

—De que falas?

—É veterinário.

—Desde quando?

—Não o é?

—Não sei de onde tira essas idéias.

—Acaba de receber uma chamada. Alguém queria falar com o doutor Markov.

—E?

—Se não ser veterinário, que tipo de doutor é?

Ele ficou em pé e aplaudiu o pescoço da Misha.

—Não pensaste que podia ser um apodo?

—Um apodo?

—De meus dias da prisão. Já sabe que os sentenciados lhe põem apodos a todo mundo.

—Não estiveste na prisão!

—Mas se o disse você mesma. Por assassinar a aquela garçonete.

Daisy chutou o chão com frustração.

—Alex Markov, me diga agora mesmo a que te dedica quando não está no circo!

—por que quer sabê-lo?

—Sou sua esposa! Mereço saber a verdade.

—Tudo o que precisa saber é que tem diante de ti a um antipático artista circense que possui um péssimo senso de humor. Não precisa saber nada mais.

—Isso é o mais indulgente e condescendente...

—Não é minha intenção ser condescendente, carinho. Mas não quero que te faça ilusões. Isto é o que há. Uma excursão com o circo dos Irmãos Quest. Caravana e trabalho duro. —A expressão do Alex se suavizou. —Faço o que está em minha mão para não te fazer danifico. Por favor, aceita-o e deixa de me fazer perguntas.

Se tivesse sido hostil, o teria desafiado, mas Daisy não pôde lutar contra essa repentina doçura em sua voz. Deu um passo atrás e observou as profundidades de seus olhos. Eram tão dourados como os do Sinjun, e igual de misteriosos.

—Isto eu não gosto, Alex —disse ela com suavidade, —eu não gosto de nada. —E se dirigiu para a casa de feras.

Um momento mais tarde, Heather entrou na carpa. Nesse momento, Daisy acabava de terminar de limpar a jaula da Glenna com uma mangueira.

—Posso falar contigo?

—Sim. —Ao fechar a mangueira, Daisy viu que a garota estava tensa e que tinha olheiras.

—por que não contaste a Sheba o do dinheiro?

Daisy enrolou a larga mangueira e a sustentou entre as mãos.

—decidi não fazê-lo.

—Não vais dizer se o Algunas cosas no se podían arreglar, pero Daisy no se lo dijo a Heather. Había tomado una decisión: no pensaba dejar que la culpa pendiera sobre la cabeza de la adolescente.

Daisy negou com a cabeça.

Os olhos do Heather se encheram de lágrimas.

—por que não vais fazer o depois de tudo o que lhe tenho feito!?

—Pode me devolver o favor me prometendo não fumar mais.

—Vale! Farei o que seja. Nunca esquecerei o que tem feito por mim, Daisy. Nunca. —Heather agarrou a mangueira que Daisy acabava de enrolar. —me deixe te ajudar. me diga o que quer que faça. Farei algo.

—Obrigado pela oferta, mas não é necessário. —Começou a enrolar a mangueira de novo, mas esta vez a levou fora e a apoiou contra a carpa.

Heather a seguiu.

—Farei o que queira... Sei que só sou uma menina e todo isso, mas como não tem amigos aqui, possivelmente poderíamos fazer coisas juntas. —deteve-se pensar o que poderiam fazer para superar o ocorrido, algo no que não importasse a diferença de idade. —Poderíamos ir tomar pizza ou algo pelo estilo. Ou poderíamos nos pentear a uma à outra.

Daisy não pôde evitar sorrir ante o tom esperançado da garota.

—Sonha bem.

—vou recompensar te por isso, prometo-lhe isso.

Algumas costure não se podiam arrumar, mas Daisy não o disse ao Heather. Tinha tomado uma decisão: não pensava deixar que a culpa pendesse sobre a cabeça da adolescente.

Brady Pepper se aproximou delas, com uma expressão que não pressagiava nada bom.

—O que faz aqui, Heather? Hei-te dito que te dela afaste.

Heather se ruborizou.

—Daisy foi muito amável comigo e queria ajudá-la.

—Vete com a Sheba. Quer praticar contigo a posição do pinheiro.

Heather parecia cada vez mais infeliz.

—Papai, Daisy é genial. Eu não gosto que pense mal dela. É muito bom com os animais e me trata...

—Vete, Heather—disse Daisy lhe agradecendo o esforço com um gesto de cabeça. —Obrigado por te oferecer a ajudar.

Heather se foi a contra gosto.

Brady parecia tão zangado como um Silvestre Stallone com ração dobro de testosterona.

—Manten afastada dela, ouve-me? Pode que Alex esteja cego contigo, mas outros não esquecem o que tem feito.

—Não me envergonho de nada do que tenho feito, Brady.

—Não te envergonha do que tem feito? Se se tivesse tratado de dois mil dólares em vez de duzentos estaria envergonhada? Sinto muito, neném, mas para mim um ladrão é sempre um ladrão.

—Acaso leva uma vida tão reta que alguma vez tem feito nada do que te arrependa?

—Nunca roubei nada, disso pode estar segura.

—Rouba-lhe segurança em si mesmo a sua filha. Isso não conta?

Brady apertou os lábios.

—Não me dê lições sobre como criar a minha filha. Não é teu assunto nem da Sheba. Nenhuma das duas têm filhos, assim já podem manter fechadas suas malditas bocazas.

E se foi, com os músculos brilhando e as plumas da cauda despenteadas.

Daisy suspirou com pesar. Não dava uma. Tinha discutido com o Alex e se enfrentou ao Jack e ao Brady. Que mais podia sair mau?

O agudo murmúrio de vozes excitadas captou sua atenção e observou que outro grupo de meninos da escola vizinha chegava ao circo. Durante toda a manhã tinham chegado ao recinto um grupo de escolar atrás de outro. Com tantos meninos rondando, Daisy se tinha assegurado de que a jaula do Tater estivesse bem fechada, algo que desgostava ao elefantito. Esta vez os meninos eram muito pequenos. Deviam ser do jardim de infância.

Olhou com tristeza à professora de média idade que os acompanhava. Pode que esse trabalho não gostasse a muita gente, mas era o que desejava desempenhar ela.

Observou a soltura com a que a professora vigiava que os meninos não se descontrolassem e, por um momento, Daisy se imaginou que era ela. Não se entreteve com essa fantasia muito tempo. Para ser professora se necessitava um título universitário, e ela já era muito major para ficar a estudar.

Não pôde resistir a aproximar-se dos meninos quando se aproximaram da jaula do Sinjun, que tinha uma cinta ao redor para que os pequenos visitantes não se aproximassem muito. depois de sorrir à professora, dirigiu-se a uma menina com rosto de querubim que olhava ao tigre com temor.

—chama-se Sinjun e é um tigre siberiano. Os siberianos são os tigres maiores que existem.

—Come gente? —perguntou a pequena.

—Não come pessoas, mas é um carnívoro. Isso quer dizer que come carne.

A pequena se mostrou mais animada.

—Meu jerbo come comida de jerbo.

Daisy se Rio. A professora sorriu.

—Parece que sabe muito sobre tigres. Importaria-lhe lhe contar aos meninos algo sobre o Sinjun?

Uma quebra de onda de excitação atravessou ao Daisy.

—eu adoraria! —Rapidamente rebuscou em sua mente tudo o que tinha aprendido sobre os animais em seus recentes visita a biblioteca e escolheu aqueles detalhes que os meninos pudessem compreender. —Faz cem anos, os tigres vagavam livres por muitas partes do mundo, mas agora já não é assim. A gente começou a viver nas terras que habitavam os tigres... —seguiu lhes falando sobre aqueles felinos, sobre sua lenta extinção, e se sentiu gratificada ao ver que os meninos escutavam atentamente suas palavras.

—Podemos lhe dar mimitos? —perguntou um deles.

—Não. Já é maior e tem más pulgas. Não entenderia que não quer lhe fazer danifico. Não é como os cães ou os gatos.

Seguiu respondendo a um grande número de perguntas, incluindo várias sobre as necessidades fisiológicas do Sinjun e que provocou um coro de risitas tolas, escutou atentamente a história de um dos meninos sobre um cão que tinha morrido e o anúncio de que outro que acabava de passar a varicela. Eram tão ricos que Daisy poderia haver-se passado todo o dia falando com eles.

Quando a classe se dispôs a seguir adiante, a professora lhe agradeceu a explicação e a pequena de bochechas rosadas lhe deu um abraço. Daisy se sentiu como se flutuasse em uma nuvem.

Seguiu observando-os enquanto se aproximava da caravana para desfrutar de um almoço rápido. deteve-se de repente quando uma familiar figura, embutida em umas calças marrom escura e uma pálida camisa amarela, saiu do vagão vermelho. Daisy era incapaz de acreditar o que via. Nesse momento foi consciente das roupas sujas e do despenteado cabelo que luzia, resultado do último asseio da Glenna.

—Olá, Theodosia.

—Papai? O que faz aqui? —Seu pai era uma figura tão capitalista na mente do Daisy que a jovem estranha vez notava que este possuía uma constituição bastante miúda, apenas um pouco mais alto que ela. Era a imagem da opulência e a elegância, com aquele cabelo grisalho talhado por um perito cabeleireiro —que se passava pelo escritório de seu pai uma vez à semana, —o relógio de ouro e os mocasines italianos com um discreto adorno dourado na impigem. Era difícil imaginar o abandonando a dignidade o tempo suficiente para

apaixonar-se por uma modelo e conceber uma filha ilegítima, mas Daisy era a prova vivente de que seu pai havia sido humano uma vez.

—vim a ver o Alex.

—Ah. —esforçou-se por ocultar a dor que lhe produzia saber que não tinha ido ver a ela. —Também queria saber como ia.

—E?

—Queria me assegurar de que ainda estava com ele, que não tinha feito nenhuma tolice.

Por um momento Daisy se perguntou se Alex lhe teria falado do dinheiro roubado, mas imediatamente soube que não o tinha feito. Essa certeza a consolou.

—Como pode ver, ainda estou aqui. Se me acompanhar à caravana servirei algo de beber. Ou te prepararei um sándwich se tiver fome.

—Uma taça de chá estaria bem.

Conduziu-o até a caravana. Max se deteve o ver o deteriorado exterior.

—meu deus. Não me diga que vivem aqui.

Daisy se sentiu impulsionada a defender seu pequeno lar.

—O interior está muito melhor; arrumei-o. Abriu a porta e o convidou a entrar, mas apesar das mudanças que ela tinha feito, Max não se sentiu mais impressionado interior que com o exterior.

—Acredito que Alex poderia ter conseguido algo melhor.

Embora resultasse estranho, aquela crítica a fez ficar à defensiva.

—É perfeito para nós.

Max ficou olhando a única cama da caravana durante um bom momento. Daisy acreditava que a imagem o faria sentir incômodo, mas se foi assim, ela não o notou.

Enquanto punha a água a ferver na cozinha, ele sacudiu o sofá antes de sentar-se, como se temesse contrair alguma enfermidade. Daisy se sentou frente a ele enquanto esperava a que a água fervesse.

O incômodo silêncio que se estendeu entre eles foi quebrado finalmente por seu pai.

—Como lhes levam Alex e você?

—Bem.

—É um homem estupendo. Quase ninguém consegue sobrepor-se a uma infância como a sua. Contou-te como nos conhecemos?

—Há-me dito que lhe salvou a vida.

—Não sei se isso será certo, mas quando o conheci seu tio lhe estava dando uma surra detrás de umas caminhonetes. Sujeitava-o contra o chão com um pé enquanto o açoitava com um látego.

Daisy se surpreendeu. Alex lhe havia dito que tinha sido maltratado, mas ouvir o de lábios de seu pai o fazia parecer ainda mais horrível.

—A camisa do Alex parecia farrapos. Tinha vergões vermelhos por todas as costas; alguns deles sangravam. Seu tio lhe amaldiçoava por alguma tolice enquanto o açoitava com todas suas forças. —Daisy fechou com força os olhos,

desejando que seu pai deixasse de falar, mas ele continuou. —O que mais me impactou é que Alex se mantinha absolutamente silêncio. Não chorava. Não pedia ajuda. Só agüentava. Foi o mais trágico que vi em minha vida.

Daisy se sentiu doente. Não era de sentir saudades que Alex não acreditasse no amor.

Seu pai se reclinou no sofá.

—Ironicamente eu não tinha nem idéia de quem era o menino. naquela época Sergey Markov viajava no velho Circo Curzon e decidi ir ver o aonde se instalaram no Fort Lê. É obvio, tinha ouvido rumores sobre a relação familiar. Inclusive a tinha investigado para me assegurar de que era autêntica, mas sempre sou cético com histórias como essas e, ao princípio, não me acreditei isso.

Embora Daisy conhecia a paixão de seu pai pela história russa, não sabia que esta se estendesse até o circo. Quando a bule começou a assobiar, dirigiu-se nem fogão.

—Mas a relação é autentica. Os Markov são uma das famílias mais famosas da história do circo —disse Daisy.

Ele a olhou com estranheza enquanto ela começava t preparar o chá.

—Os Markov?

—Ao parecer a maioria das gerações conservou o sobrenome das mulheres. Não te parece algo incomum?

—Mas bem irrelevante. Os Markov eram camponeses, Theodosia. Gente do circo. —Apertou os lábios com desdém. —Pelo único que me interessava Sergey Markov era pelos rumores que corriam sobre o matrimônio de sua irmã, Katya, a mãe do Alex.

—A que te refere?

—O que me interessava era a família do pai do Alex. O homem com o que se casou Katya Markov. Pelo amor de Deus, Theodosia, os Markov não são importantes. Acaso não sabe nada de seu marido?

—Sei muito pouco —admitiu ela. Levou as duas taças ao sofá e lhe tendeu uma. Sujeitou sua taça com ambas as mãos enquanto tomava assento no outro extremo do sofá.

—Pensei que lhe teria contado isso, mas é tão reservado que é normal que não te haja dito nada.

—me dizer o que? —Daisy levava tempo esperando isso, mas agora que chegava o momento não estava segura de querer sabê-lo.

Um leve tremor de excitação tingiu a voz do Max quando o explicou.

—Alex é um Romanov, Theodosia.

—Um Romanov?

—Pela linha paterna.

A primeira reação do Daisy foi de diversão, mas esta se desvaneceu ao dar-se conta de que seu pai estava tão obcecado pela história russa que tinha estado investigando em todos os circos.

—Papai, isso não é certo. Alex não é um Romanov. É um Markov dos pés à cabeça. A história dos Romanov é só parte de seu número; algo que se inventou para fazê-lo mais lhe apaixonem.

—Não insulte minha inteligência, Theodosia. Não me deixaria enganar por um conto chinês. —Cruzou as pernas. —Não tem nem idéia de quanto investiguei antes de chegar a esta conclusão. Quando soube que Alex era um autêntico Romanov, separei-o do Sergey Markov, que ainda demorou dez anos em morrer. Encarreguei-me da educação do Alex, que tinha sido abominável até esse momento. Meti-o em um internato, mas insistiu em pagar-se ele mesmo a universidade, pelo qual foi impossível mantê-lo afastado do mundo do circo. Crie que tivesse feito todo isso se não tivesse estado absolutamente seguro de quem era?

Um sorvete calafrio percorreu as costas do Daisy,

—E quem é exatamente?

Max voltou a reclinar-se no sofá.

—Alex é o bisneto de czar Nicolás II.

CAPÍTULO 16

Daisy olhou fixamente a seu pai.

—Isso é impossível. Não te acredito.

—É certo, Daisy. O avô do Alex foi o único filho varão do último czar da Rússia, Alexi Romanov.

Daisy conhecia toda a história sobre o Alexi Romanov, o jovem filho do Nicolás II. Em 1918, quando Alexi tinha quatorze anos, seus pais, suas quatro irmãs e ele foram encerrados pelos bolcheviques no porão de uma mansão no Ekaterinburgo, onde foram executados. O recordou a seu pai.

—Todos foram assassinados. O czar Nicolás, sua esposa Alexandra, os meninos. Encontraram os restos da família em uma fossa comum dos Montes Urales em 1993. fizeram-se provas de DNA.

Max tomou um sorvo de chá da taça que lhe tinha devotado.

—As provas de DNA identificaram ao czar, a Alejandra e a três das quatro filhas. Mas faltava uma filha. Muitos acreditam que era Anastasia, e tampouco foram encontrados os restos do jovem herdeiro, Alexi.

Daisy tentou assimilá-lo. Com o passar do século XX, tinham surto pessoas que afirmavam ser um dos filhos assassinados do czar, mas a maioria tinham sido mulheres que acreditavam ser Anastasia. Seu pai lhe havia dito que todas eram umas impostoras. Era um homem muito meticuloso e não podia imaginá-lo deixando-se enganar por ninguém. por que agora acreditava que o príncipe herdeiro tinha escapado daquela fria morte? Acaso sua obsessão pela história russa o tinha feito perder o julgamento?

Falou-lhe com cautela.

—Não posso imaginar como o príncipe herdeiro conseguiu escapar de uma massacre tão terrível.

—Foi resgatado por uns monges que o esconderam com uma família no sul da Rússia. Anos depois, em 1920, um grupo leal ao czar o tirou às escondidas do país. Sabendo de primeira mão quão violentos podiam chegar a ser os bolcheviques, é normal que vivesse escondido. Finalmente se casou e teve um filho, o pai do Alex, Vasily. Vasily conheceu a Katya Markov quando esta atuava no Múnich, apaixonou-se como um parvo e se fugiu com ela. Vasily logo que era um adolescente. Seu pai acabava de morrer e o era rebelde e indisciplinado, de outra maneira nunca se casou com alguém inferior a sua fila. Tinha só vinte anos quando Alex nasceu. Uns dois anos depois, Katya e ele morreram em um acidente ferroviário.

—Sinto muito, papai. Embora não duvido de sua palavra, simplesmente, não posso acreditá-lo.

—me acredite, Theodosia. Alex é um Romanov. E não um Romanov qualquer. Esse homem que se faz chamar Alex Markov é o herdeiro da coroa da Rússia.

Daisy olhou a seu pai com tristeza.

—Alex trabalha em um circo. Isso é tudo.

—Já me disse Amelia que reagiria assim. —Em um gesto inusitado nele, Max lhe aplaudiu o joelho. —Levará-te tempo te acostumar à idéia, mas espero que...e conheça o suficiente para compreender que nunca assinaria tal coisa se não estivesse absolutamente seguro.

—Mas...

—Contei-te muitas vezes a história de minha família, mas é evidente que a esqueceste. Os Petroff estiveram ao serviço dos czares da Rússia do século XIV, do reinado do Alejandro I. estivemos vinculados através do dever e a obrigação, mas nunca através do matrimônio. até agora.

Daisy ouviu o ruído de um avião, o rugido de um caminhão. Pouco a pouco foi compreendendo o que seu pai lhe estava insinuando.

—Assim que o planejou tudo, não? consertaste meu matrimônio com o Alex por culpa dessa absurda idéia que tem sobre sua origem.

—Não é uma absurda idéia. lhe pergunte ao Alex.

—Farei-o —disse ficando em pé. —Por fim o entendo tudo. Não sou mais que um peão em seu louco sonho dinástico. Queria unir as duas famílias como faziam os pais na Idade Média. É tão incrivelmente cruel que não me posso acreditar isso.

—Eu não diria que seja uma crueldade estar casada com um Romanov.

Daisy se pressionou as têmporas com os dedos.

—Nosso matrimônio só durará cinco meses mais. Como pode estar tão satisfeito? Um matrimônio de cinco meses não é precisamente o início de uma dinastia!

Max deixou a taça e se aproximou lentamente para ela.

—Alex e você não têm por que lhes divorciar. De fato, espero que não o façam.

—OH, papai...

—É uma mulher chamativa, Daisy. Possivelmente não tão bonita como sua mãe mas, não obstante, atrativa. Se fosse menos frívola, possivelmente poderia reter o Alex. Já sabe que uma esposa deve adaptar-se a determinados róis. Antepor os desejos de seu marido aos teus. Sei complacente. —Olhou os sujos jeans e a desarrumada camiseta do Daisy com o cenho franzido. —Deveria cuidar mais sua aparência. Nunca te tinha visto tão descuidada. Sabia que tem palha no cabelo? Possivelmente Alex não estaria tão ansioso por desfazer-se de ti se fosse a classe de mulher que um homem quer ter esperando-o em casa.

Daisy o olhou com consternação.

—Quer que o espere na porta da caravana com as sapatilhas na mão?

—Esse é justo o tipo de comentário frívolo que afugentaria a alguém como Alex. É um homem sério. Como não reprima esse inapropriado senso de humor, não terá nenhuma possibilidade com ele.

—Quem diz que quero tê-la? —Mas enquanto o dizia, Daisy sentiu uma dolorosa pontada em seu interior.

—Já vejo que não quer ser razoável. Acredito que é hora de ir. —Max se dirigiu para a porta. —Só espero que não atire pedras contra seu próprio telhado, Theodosia. Recorda que é uma mulher que não se sabe valer por si só. Deixando a um lado o assunto da linhagem familiar do Alex, é um homem sensato e digno de confiança, e não me ocorre ninguém melhor para cuidar de ti.

—Não necessito que um homem cuide de mim!

—Então, por que aceitou te casar com ele?

Sem esperar resposta, Max abriu a porta da caravana e saiu à luz do sol. Como podia lhe explicar ela as mudanças que tinham tido lugar em seu interior? Sabia que já não era a mesma pessoa que tinha saído da casa de seu pai um mês antes, mas Max não acreditaria.

Fora, os meninos com os que tinha falado antes se agrupavam ao redor de sua professora, preparados para retornar ao jardim de infância. Durante no mês anterior, Daisy se tinha acostumado aos aromas e as imagens do circo dos Irmãos Quest, mas agora o olhava tudo com novos olhos.

Alex e Sheba estavam perto do circo discutindo por algo. Os palhaços ensaiavam um truque de malabarismo enquanto Heather praticava o pinheiro e Brady a olhava com o cenho franzido. Frankie jogava no chão junto à Jill, que adestrava aos cães com alguns exercícios que faziam que Daisy se encolhesse de medo. O aroma dos hambúrgueres que as showgirls assavam à churrasqueira alagou suas fossas nasais enquanto ouvia o onipresente zumbido do gerador e via como as bandeirolas ondeavam com a brisa de junho.

E logo se ouviu um grito infantil.

O som foi tão ensurdecedor que todo mundo o escutou. Alex girou a cabeça com rapidez. Heather deixou de fazer o pinheiro e os palhaços soltaram o

que tinham entre mãos. Max se deteve em seco, impedindo que Daisy visse o que acontecia. A jovem ouviu o grito afogado que este emitiu e ficou a seu lado para ver o que causava a comoção. Lhe deteve o coração.

Sinjun se tinha escapado da jaula.

O tigre estava na franja de erva que havia entre a casa de feras e a parte traseira do circo. A porta de sua jaula estava aberta; quebrado-se uma das dobradiças. O animal tinha as orelhas levantadas e seus pálidos olhos dourados se cravaram em algo que estava a menos de três metros dele.

A pequena das bochechas rosadas. A menina se separou do resto da classe e tinha sido seu penetrante grito o que tinha captado a atenção do Sinjun. A pequena chiava espavorida embora permanecia quieta; a mancha que lhe estendia pelo babi do jardim de infância indicava que se feito pis.

Sinjun respondia aos gritos, revelando seus afiados e letais dentes, curvos como cimitarras, desenhados para manter imóvel a sua presa enquanto a despedaçava com as garras. A menina voltou a soltar aquele chiado penetrante. Os poderosos músculos do Sinjun se esticaram e Daisy empalideceu. Sentiu que o tigre estava a ponto de saltar. Para o Sinjun, aquela menina que agitava os braços e gritava sem parar era um de seus mais ameaçadores inimigos.

Neeco apareceu de um nada e correu até o Sinjun. Daisy viu a picana em sua mão e deu um passo adiante. Queria lhe advertir que não o fizesse. Sinjun não estava acostumado às descargas. Não se acovardaria da mesma maneira que os elefantes, só se enfureceria mais. Mas Neeco estava reagindo de maneira impulsiva, com a intenção de conter ao tigre da única maneira que sabia, como se Sinjun não fora mais que um elefante revoltoso.

Quando Sinjun lhe deu as costas à pequena, girando-se para o Neeco, Alex se aproximou com rapidez pelo lado contrário. aproximou-se da menina e a agarrou entre seus braços para levá-la a uma zona segura.

E logo, tudo passou em um instante. Neeco pressionou a picana no ombro do tigre. O animal se revolveu enlouquecido, rugiu cheio de fúria e lançou seu enorme esfolo contra Neeco, atirando ao domador ao chão; Neeco soltou a picana que rodou fora de seu alcance.

Daisy nunca havia sentido tanto terror. Sinjun ia atacar ao Neeco e ela não podia detê-lo de maneira nenhuma.

—Sinjun! —gritou desesperada.

Para surpresa da jovem, o tigre elevou a cabeça. Daisy não sabia se tinha respondido a sua voz ou a outro tipo de instinto. aproximou-se dele, apesar de que lhe tremiam tanto os joelhos que logo que podia manter-se em pé. Não sabia o que ia fazer. Só sabia que tinha que atuar.

O tigre permaneceu curvado sobre o corpo imóvel do Neeco. Por um momento Daisy pensou que o treinador estava morto, mas logo se deu conta de que permanecia quieto à espera de que o tigre se esquecesse dele.

Ela ouviu a tranqüila mas autoritária voz do Alex.

—Daisy, não dê um passo mais.

E logo a de seu pai, mais gritã.

—O que está fazendo? Retorna aqui!

Daisy os ignorou aos dois. O tigre se girou ligeiramente e ficaram olhando fixamente o um ao outro. Os dentes afiados e curvos do animal estavam ao descoberto, tinha as orelhas esmagadas contra a cabeça e a olhava de uma maneira selvagem. Daisy sentiu que estava aterrorizado.

—Sinjun —disse ela com suavidade. Passaram uns segundos. Daisy viu um brilho de cabelo avermelhado entre o Sinjun e a carpa principal; era o cabelo chamejante da Sheba Quest. A proprietária do circo corria para o Alex, que já tinha deixado à menina nos braços da professora. Sheba deu algo ao Alex, mas Daisy estava muito aturdida para deduzir o que era.

O tigre passou por cima do corpo do Neeco e centrou toda sua feroz atenção nela. O animal tinha todos os músculos tensos e preparados para saltar.

—Tenho uma arma. —A voz do Alex só foi um sussurro. —Não te mova.

Seu marido ia matar ao Sinjun. Compreendia a lógica do que estava a ponto de fazer —com gente no recinto, um tigre selvagem e aterrorizado era, evidentemente, um perigo, —mas ela não podia consenti-lo. Essa magnífica besta não devia ser executada só por seguir os instintos de sua espécie.

Sinjun não tinha feito nada mau, salvo atuar como um tigre. Às pessoas só as encerravam quando delinqüiam. o tinham arrebatado de seu hábitat natural, tinham-no encerrado em uma jaula diminuta e o tinham obrigado a viver sob o olhar de seus inimigos. E agora, só porque Daisy não se deu conta de que a porta de sua jaula estava rota, foram matar o.

moveu-se o mais rapidamente que pôde para interpor-se entre seu marido e o tigre.

—te tire de no meio, Daisy. —O tom tranqüilo de sua voz não suavizava a autoridade de sua ordem.

—Não deixarei que o mate —sussurrou ela em resposta. E se aproximou lentamente ao tigre.

Os olhos dourados do animal se cravaram nela. Atravessaram-na. Daisy sentiu como o terror do Sinjun penetrava em cada célula de seu corpo até unir-se ao dela. Suas almas se fundiram e ela o ouviu em seu coração.

«Os ódio.»

«Sei.»

«Detenha.»

«Não posso.»

Daisy cortou a distância entre eles até que apenas os separaram dois metros.

—Alex te matará —sussurrou, olhando fixamente os olhos dourados da besta.

—Daisy, por favor... —Ela ouviu uma desesperada tensão na súplica do Alex e lamentou o desassossego que lhe estava causando, mas não podia deter-se.

Quando se aproximou do tigre, sentiu que Alex trocava de posição para poder disparar desde outra direção. Daisy sabia que lhe acabava o tempo.

A pesar do medo que lhe oprimia o peito até deixá-la sem respiração, ficou de joelhos diante do tigre. Chegou-lhe seu aroma selvagem enquanto o olhava aos olhos.

—Não posso deixar que morra —sussurrou. —Vêem comigo. — Lentamente estirou o braço para tocá-lo.

Uma parte dela esperava que as poderosas mandíbulas do Sinjun se fechassem sobre sua mão, mas havia outra parte —sua alma talvez, porque só a alma podia resistir com tal teima à lógica— a que não lhe importava que lhe mordesse se com isso lhe salvava a vida. Acariciou-lhe com muita suavidade entre as orelhas.

A pelagem era de uma vez suave e áspera. Deixou que se acostumasse a seu contato, e o calor do animal lhe transpassou a palma da mão. Os bigodes do felino lhe roçaram a suave pele do braço, e sentiu seu fôlego através do magro tecido de algodão da camiseta. Ele trocou de posição e pouco a pouco se deixou cair na terra com as patas dianteiras estendidas.

A calma se estendeu pelo corpo do Daisy, que deixou de sentir medo. Experimentou uma sensação mística de bem-vinda, uma paz que jamais tinha conhecido antes, como se o tigre se converteu nela e ela no tigre. Por um momento Daisy compreendeu todos os mistérios da criação: que cada ser vivo era parte de outros, que tudo era parte de Deus, que estavam unidos pelo amor, postos sobre a terra para cuidar uns de outros. Sem medo, enfermidade ou morte. Não existia nada salvo o amor.

E nessa fração de segundo, Daisy entendeu que também amava ao Alex da maneira terrestre em que uma mulher ama a um homem.

Rodeou com os braços o pescoço do tigre como se fora o mais natural do mundo. Tão natural como apertar a bochecha contra ele e fechar os olhos. Passou o tempo. Ouviu os batimentos do coração do coração da fera e, por cima, um ronrono rouco e profundo.

«Amo-te.»

«Amo-te.»

—Tenho que te encerrar de novo —sussurrou ela finalmente, com as lágrimas deslizando-se o pelas pálpebras fechadas. —Mas não te abandonarei. Nunca.

O ronrono e o batimento do coração do coração se fizeram um.

Permaneceu ajoelhada um momento mais, com a bochecha pressionada contra o pescoço do Sinjun. Daisy nunca havia sentido tanta paz, nem sequer quando tinha permanecido coberta entre as patas do Tater. Havia muitas coisas más no mundo, mas este lugar... este lugar era sagrado.

Pouco a pouco foi consciente do que a rodeava. Outros se ficaram paralisados como estátuas.

Alex ainda apontava com a arma ao Sinjun, Que tolo. Como se ela fora a permitir que ferisse esse animal. A pele bronzeada de seu marido tinha adquirido a cor do giz, e soube que tinha medo por ela. Com o retumbar do coração do tigre debaixo de sua bochecha, Daisy soube que tinha posto o mundo do Alex patas acima de uma maneira que ele não poderia perdoar. Quando todo aquilo acabasse, ela teria que confrontar as terríveis conseqüências.

Max —velho, fraco e com a tez cinzenta— permanecia de pé não muito atrás do Alex, ao lado da Sheba. Heather se aferrava ao braço do Brady. Os meninos guardavam absoluto silêncio.

O mundo exterior tinha irrompido na mente do Daisy e já não pôde permanecer mais tempo quieta. moveu-se lentamente. Mantendo a mão sobre o pescoço do Sinjun, afundou as pontas dos dedos em sua pelagem.

—Sinjun voltará agora para sua jaula —anunciou a todo mundo. —Por favor, lhes mantenha afastados dele.

ficou em movimento e não se surpreendeu quando o tigre a seguiu; suas almas estavam entrelaçadas, assim não ficava outra eleição. O animal lhe roçava a perna com a pata enquanto o guiava à jaula. Com cada passo, Daisy era consciente da arma do Alex lhe apontando.

Quando mais se aproximavam de seu destino, major era a tristeza do tigre. A jovem desejava que Sinjun entendesse que aquele era o único lugar onde podia mantê-lo a salvo. Quando chegaram à jaula, o animal se deteve.

Daisy se ajoelhou ante ele e o olhou aos olhos.

—Ficarei um momento contigo.

O felino a olhou fixamente. E logo, para surpresa do Daisy, esfregou a cabeça contra a bochecha da jovem. Roçou-lhe o pescoço com os bigodes e de novo soltou aquele ronrono profundo e rouco.

Logo Sinjun se apartou e, com um poderoso impulso de seus quartos traseiros, entrou na jaula de um salto.

Daisy ouviu que todo mundo começava a mover-se detrás dela e se voltou. Viu que Neeco e Alex se aproximavam correndo à jaula para agarrar a porta rota e pô-la em seu lugar.

—Alto! —Daisy levantou os braços para que se detiveram. —Não lhes aproximem mais.

Os dois homens se detiveram em seco.

—Daisy, te tire de no meio —a voz do Alex vibrava e a tensão endurecia seus formosos rasgos.

—nos deixem sozinhos. —voltou-se para a porta aberta da jaula lhes dando as costas.

Sinjun a observou. Agora que estava encerrado de novo, mostrava-se tão altivo como sempre: régio, distante, como se o tivesse perdido tudo salvo a dignidade. Daisy sabia o que ele queria e não podia suportá-lo. Queria que ela fora seu carcelera. Tinha-a eleito para que o encerrasse na jaula.

Daisy não se deu conta de que estava chorando até que sentiu que as lágrimas lhe deslizavam pelas bochechas. Os olhos dourados do Sinjun brilharam tenuemente enquanto a olhava com seu acostumado desdém, fazendo-a sentir um ser inferior.

«Faz-o, debilucha —ordenou com os olhos. —Já.»

A jovem levantou os braços com esforço e agarrou a porta da jaula. A dobradiça rota fazia que pesasse mais e fora difícil de mover, mas conseguiu fechá-la com um soluço.

Alex se aproximou com rapidez e agarrou a porta para assegurá-la mas, no momento em que a tocou, Sinjun lhe ensinou os dentes e lançou um rugido.

—Deixa que o eu faça! —exclamou ela. —está-se zangando. Por favor. Eu fecharei a porta.

—Maldita seja! —Alex deu um passo atrás, cheio de raiva e frustração.

Mas fechar a jaula não era uma tarefa fácil. A plataforma sobre a que descansava estava a um metro de altura e Daisy tinha que levantar muito os braços para fechar a porta. Neeco agarrou um tamborete e o pôs ao lado. Logo lhe deu uma parte de corda. Por um momento Daisy não soube para que era. —Passa-a entre os barrotes para que faça de dobradiça —disse Alex. —Carrega seu peso contra a porta para sujeitá-la. E pelo amor de Deus, estate preparada para saltar para trás se decide atacar.

Alex se colocou detrás dela e lhe deslizou as mãos ao redor dos quadris para sustentá-la. Com sua ajuda, tentou fazer o que ele havia dito: sujeitar a porta fechada com o ombro enquanto atava a corda ao redor da dobradiça rota. Começou a tremer devido à tensão de sua postura. Sentiu o vulto da arma que Alex tinha metido na cinturilla dos jeans. Seu marido a sujeitou com mais força.

—Já quase está, carinho.

O nó era grande e tosco, mas servia. Daisy deixou cair os braços. Alex a desceu do tamborete e a estreito contra seu peito.

A jovem permaneceu imóvel uns instantes, agradecendo seu consolo antes de levantar o olhar para aqueles olhos tão parecidos com os do tigre. Saber que amava a esse homem era aterrador. Eram muito diferentes, mas sentia a chamada de sua alma tão claramente como se Alex tivesse falado em voz alta.

—Sinto te haver assustado.

—Já falaremos disso depois.

Arrastaria-a à caravana para fustigá-la em privado. Pode que isso fora a gota que enchesse o copo; o que faria que Alex se desfizera dela. Daisy afugentou esse pensamento e se afastou dele.

—Não posso ir ainda. Hei- dito Ao Sinjun que ficaria um momento com ele.

As linhas de tensão da cara do Alex se fizeram mais profundas, mas não a questionou.

—Vale.

Max se aproximou deles.

—É idiota! É incrível que ainda esteja viva! Em que diabos estava pensando? Jamais volte a fazer uma coisa assim. De tudo o que...

Alex lhe interrompeu.

—te cale, Max. Eu me encarregarei disto.

—Mas...

Alex arqueou uma sobrancelha e imediatamente Max Petroff guardou silêncio. Esse singelo gesto de seu marido tinha sido suficiente. Daisy nunca tinha visto seu dominante pai ceder ante ninguém, e esse fato lhe recordou a história que lhe tinha contado. Durante séculos os Petroff tinham tido o dever de obedecer os desejos dos Romanov.

Nesse momento, Daisy aceitou que o que seu pai lhe tinha contado era certo, mas agora o que lhe importava era Sinjun, que parecia inquieto e encrespado.

—Amelia se perguntará onde estou —disse seu pai a suas costas. —Será melhor que vá. Adeus, Theodosia. —Max estranha vez a tocava e Daisy se surpreendeu ao sentir o suave roce de sua mão no ombro. antes de que ela pudesse responder, seu pai se despediu do Alex e se foi.

A atividade do circo tinha voltado para a normalidade. Jack falava com a professora enquanto a ajudava a escoltar aos meninos até o jardim de infância. Neeco e outros tinham voltado para seu trabalho. Sheba se aproximou deles.

—Bom trabalho, Daisy. —A proprietária do circo disse as palavras a contra gosto. Embora ao Daisy pareceu ver algo de respeito em seus olhos, teve a estranha sensação de que o ódio que Sheba sentia para ela se intensificou. A ruiva evitou olhar ao Alex e se afastou deixando-os solos com o Sinjun.

O tigre se mantinha em atitude vigilante, mas os olhava com seu acostumado desprezo. Daisy colocou as mãos entre os barrotes da jaula. Sinjun se aproximou delas. A jovem notou que Alex continha o fôlego quando o tigre começou a esfregar aquela enorme cabeça contra seus dedos.

—Poderia deixar de fazer isso?

Ela alargou mais as mãos para arranhar ao Sinjun detrás das orelhas.

—Não me fará mal. Não me respeita, mas me quer. Alex se Rio entre dentes e logo, para surpresa do Daisy, rodeou-a com os braços desde atrás enquanto ela acariciava ao tigre.

—Nunca tinha passado tanto medo —disse ele apoiando a mandíbula em seu cabelo.

—Sinto muito.

—Sou eu quem o sente. Advertiu-me sobre as jaulas e deveria te haver feito conta. foi minha culpa.

—A culpa é minha. Sou eu quem se encarrega das feras.

—Não tente te culpar. Não o permitirei.

Sinjun acariciou a boneca do Daisy com a língua. A jovem notou que Alex esticava os músculos dos braços quando o tigre começou a lambê-la.

—Por favor, poderia tirar as mãos da jaula? —pediu ele em voz baixa. —Está a ponto de me dar um ataque.

—Em um minuto.

—envelheci dez anos de repente. Não posso me permitir o luxo de perder mais.

—Eu gosto de lhe tocar. Além disso, Sinjun se parece com ti, não oferece seu afeto com facilidade e não quero lhe ofender partindo.

—É um animal, Daisy. Não tem emoções humanas. —Daisy sentia muita paz para discutir-lhe Carinho, tem que deixar de te fazer amiga dos animais selvagens. Primeiro Tater, agora Sinjun. Sabe o que? É evidente que necessita um mascote de verdade. O primeiro que faremos amanhã pela manhã será comprar um cão.

Ela o olhou com alarme.

—OH, não, não podemos fazê-lo.

—por que?

—Porque me dão medo os cães. Ele ficou imóvel, logo se pôs-se a rir. Ao princípio só foi um ruído surdo no fundo do peito, mas logo se converteu em um alegre rugido que ricocheteou contra as paredes do circo e ressonou no recinto.

—Claro, era de esperar—murmurou Daisy com um sorriso. —Para que Alex Markov ria, tem que ser a minha costa.

Alex levantou a cara para o sol e estreitou ao Daisy entre seus braços rendo-se com mais força.

Sinjun os olhou com chateio, logo apertou a cabeça contra os barrotes da jaula e lambeu o polegar do Daisy.

Alex se abriu passo a empurrões entre os jornalistas e fotógrafos que rodeavam ao Daisy ao término da última função.

—Minha esposa teve suficiente por hoje. Precisa descansar um pouco.

lhe ignorando, um jornalista colocou uma pequena grabadora sob os narizes do Daisy.

—No que pensou quando se deu conta de que o tigre andava solto?

Daisy abriu a boca para responder, mas Alex a interrompeu sabendo que sua esposa era tão condenadamente educada que responderia a todas as perguntas embora estivesse morta de cansaço.

—Sinto muito, não temos nada mais que dizer. —Passou o braço pelos ombros do Daisy e a afastou dali.

Os jornalistas se inteiraram em seguida da fuga do tigre e não tinham deixado de entrevistá-la desde a primeira função. Ao princípio Sheba se alegrou pela publicidade que isso supunha, mas logo tinha ouvido que Daisy comentava que a casa de feras era cruel e desumana, por isso se havia posto feita uma fúria.

Quando Sheba tinha tratado de interromper a entrevista, Daisy lhe tinha arrojado um olhar inocente e havia dito sem pingo de malícia:

—Mas Sheba, os animais odeiam estar ali. São infelizes nessas jaulas.

Quando Alex e Daisy chegaram à caravana, ele estava um contente de tê-la sã e salva que não podia concentrar-se no que lhe estava contando. Daisy trastabilló e Alex se deu conta de que caminhava muito rápido. Sempre lhe estava fazendo isso. Arrastando-a. Empurrando-a. Fazendo que se tropeçasse. E se tivesse resultado ferida? E se Sinjun a tivesse matado?

Sentiu um pânico lhe esmaguem enquanto lhe cruzavam pela cabeça umas imagens horripilantes das garras do Sinjun despedaçando aquele magro corpo. Se lhe tivesse ocorrido algo ao Daisy, jamais o tivesse perdoado a si mesmo. Necessitava-a muito.

Chegou-lhe a doce e picante fragrância de sua esposa mesclada com algo mais, possivelmente o aroma da bondade. Como tinha obtido Daisy meter-se o sob a pele em tão pouco tempo? Não era seu tipo, mas o fazia sentir emoções que nunca tinha imaginado. Essa jovem trocava as leis da lógica e fazia que o negro fora branco e a ordem se convertesse em caos. Nada era racional quando ela estava perto. Convertia aos tigres em mascotes e retrocedia com espanto ante um perrito. Tinha-lhe ensinado a rir e, também, tinha conseguido algo que ninguém mais tinha obtido desde que era um menino, tinha destruído seu rígido autocontrol. Talvez fora por isso que ele começava a sentir dor.

Uma imagem lhe cruzou pela mente, ao princípio difusa, embora pouco a pouco se voltou mais nítida. Recordou quando nos dias mais frios de inverno passava muito tempo à intempérie e logo entrava para esquentar-se. Recordou a dor em suas mãos congeladas quando começavam a entrar em calor. A dor do deslució. Seria isso o que lhe ocorria? Estava sentindo o degelo de suas emoções?

Daisy voltou o olhar aos repórteres.

—vão pensar que sou uma mal educada, Alex. Não deveria haver ido assim.

—Importa-me um nada o que pensem.

—Isso é porque tem a auto-estima alta. Eu, entretanto, deixo-a baixa...

—Não comece...

Tater, pacote perto da caravana, soltou um barrito ao ver o Daisy.

—Tenho que lhe dar as boa noite.

Alex sentiu os braços vazios quando ela se aproximou do Tater e apertou a bochecha contra sua cabeça. Tater a rodeou com a tromba e Alex teve que conter o desejo de arrumá-la antes de que o elefantito a esmagasse por um excesso de carinho. Um gato. Possivelmente poderia comprar um gato. Sem unhas, para que não lhe arranhasse.

A idéia não o tranqüilizou. Conhecendo o Daisy, provavelmente se assustaria também dos gatos domésticos.

Finalmente Daisy se afastou do Tater e seguiu ao Alex à caravana, onde começou a despir-se, mas o pensou melhor e se sentou aos pés da cama.

—Venha, me jogue a bronca. Sei que leva querendo fazê-lo todo o dia.

Alex nunca a tinha visto tão desolada. por que sempre tinha que pensá-lo pior dele? Embora seu coração o impulsionava a tratá-la com suavidade, sua mente lhe dizia que tinha que deixar as coisas claras e lhe jogar um sermão que jamais esqueceria. O circo estava cheio de perigos e ele faria algo para mantê-la a salvo.

Enquanto pensava nisso, ela o olhou e todos os problemas do mundo se refletiram nas profundidades violeta de seus olhos.

—Não podia deixar que o matasse, Alex. Não podia.

As boas intenções do Alex se dissolveram.

—Sei. —sentou-se a seu lado e começou a lhe tirar os fios de palha do cabelo enquanto lhe falava com voz rouca: —O que tem feito hoje foi o mais valente que vi nunca.

—E o mais estúpido. Venha, diga-o.

—Isso, também. —Alex alargou a mão e lhe apartou uma mecha da bochecha com o dedo indicador. Olhou nariz arrebitado e não pôde recordar ter visto algo que o comovesse mais profundamente. —Quando te conheci, pensei que foi uma menina mimada, tola e consentida; muito formosa para seu próprio bem.

Como era de esperar, ela começou a negar com a cabeça.

—Não sou formosa. Minha mãe...

—Sei. Sua mãe era muito belo e você é muito feio —sorriu. —Lamento te dizer, neném, que não estou de acordo contigo.

—Isso é porque não a conheceu.

Daisy o disse com tal seriedade que ele teve que reprimir um desses ataques de risada que o assaltavam cada vez que estavam juntos.

—Sua mãe teria conseguido colocar ao tigre na jaula?

—Possivelmente não, mas era muito boa com os homens. esforçavam-se por ela.

—Pois este homem se esforçará por ti. Daisy abriu muito os olhos, e ele lamentou haver dito essas palavras porque sabia que tinham revelado muito. prometeu-se a si mesmo que a protegeria de seus sonhos românticos, mas acabava de insinuar quanto lhe importava. Conhecendo o Daisy e sua antiquada visão do matrimônio, imaginaria que aquele carinho era amor e começaria a construir castelos no ar sobre um futuro juntos; quimeras que a retorcida carga emocional de não lhe deixariam cumprir. A única maneira de protegê-la era lhe fazer ver com que bode filho de cadela se casou.

Mas era difícil. De todas as cruéis sacanagens que lhe tinha feito o destino, a pior tinha sido atá-lo a essa frágil e decente mulher, com esses belos olhos e esse coração tão generoso. O carinho não era suficiente para ela. Daisy necessitava a alguém que a quisesse de verdade. Necessitava filhos e um bom marido, um desses tipos com o coração de ouro e trabalho fixo, que fora à igreja os domingos e que a amasse até o final de seus dias.

Sentiu uma dolorosa pontada em seu interior ao pensar que Daisy poderia casar-se com outra pessoa, mas a ignorou. Sem importar o que tivesse que fazer, ia proteger a.

—O que quer dizer, Alex? Esforçaria-te realmente por mim? —Apesar de todas aquelas boas intenções, Alex assentiu como um parvo. —Então sente-se e me deixe te fazer o amor.

Alex se esticou, duro e palpitante; desejava tanto ao Daisy que não podia conter-se. No último instante, antes de que o desejo de possui-la-o dominasse, a bota do Daisy se curvou em um sorriso tão doce e suave que ele sentiu como se lhe chutassem o estômago.

Ela não se reservava nada. Nada absolutamente. Se oferecia a ele em corpo e alma. Como podia alguém ser tão autodestructivo? Alex ficou à defensiva. Se ela não era capaz de proteger-se a si mesmo, ele faria o trabalho sujo.

—O sexo é algo mais que dois corpos —lhe disse com dureza. —Isso foi o que me disse. Que tinha que ser sagrado, mas não há nada sagrado entre nós. Entre nós não há amor, Daisy. É só sexo. Não esqueça.

Para absoluta surpresa do Alex, lhe brindou um tenro sorriso, tinta por um pouco de piedade.

—É tolo. É obvio que há amor. Acaso não sabe? Eu te amo.

Ele sentiu como se lhe tivessem golpeado a traição.

Ela teve o descaramento de rir.

—Amo-te, Alex, e não há necessidade de fazer uma montanha de um grão de areia. Sei que te disse que não o faria, mas não pude evitá-lo. estive negando a verdade, mas hoje Sinjun me fez compreender o que sinto.

Apesar de todas as advertências e ameaças, de todos seus sermões, Daisy tinha decidido que estava apaixonada por ele. Mas era ele quem tinha a culpa. Deveria ter mantido mais distancia entre eles. por que tinha passeado pela praia com ela? por que lhe tinha aberto seu coração? E o mais reprovável de tudo, por que não a tinha mantido afastada de sua cama? Agora tinha que lhe demonstrar que o que ela pensava que era amor não era mais que uma visão romântica da vida. E não ia ser fácil.

antes de que pudesse lhe assinalar seu engano, lhe cobriu a boca com a sua. Alex deixou de pensar. Desejava-a. Tinha que possui-la.

Daisy lhe percorreu os lábios com a ponta da língua, logo aprofundou o beijo com suavidade. Lhe agarrou a cabeça entre as mãos e afundou os dedos em seu suave cabelo. A jovem se acomodou entre seus braços, oferecendo-se a ele por completo.

Daisy gemeu com doçura. Vulnerável. Excitada. O som atravessou a embotada consciência do Alex e o trouxe de volta à realidade. Tinha que lhe recordar ao Daisy como eram as coisas entre eles. Por seu bem tinha que ser cruel. Melhor que ela sofresse uma pequena dor nesse momento que um devastador mais adiante.

apartou-se bruscamente dela. Fez-a tombar-se na cama com uma mão e se cavou a protuberância dos jeans com a outra.

—Olhe-o como o olha, um bom pó é melhor que o amor.

Alex deu um coice para seus adentros ante a expressão de surpresa que cruzou pela cara do Daisy antes de que se ruborizasse. Conhecia sua esposa e se preparou para o que viria a seguir: ia levantar se da cama de um salto e a fazer que lhe saísse fumaça pelos ouvidos com um sermão sobre a vulgaridade.

Mas não o fez. O rubor da cara do Daisy se desvaneceu e foi substituído pela mesma expressão de pesar que tinha adotado antes.

—Sabia que ficaria difícil com isto. É tão previsível.

«Previsível? Assim o via? Maldita fora, estava tratando de salvá-la e ela o pagava burlando-se dele. Pois bem, o demonstraria com feitos.»

obrigou-se a esboçar um sorriso cruel.

—te tire a roupa. Sinto-me um pouco violento e não lhe quero rasgar isso —Muy bien —dijo. —¿Qué quieres que haga?

—Violento?

—Isso é o que hei dito, neném. Agora te dispa.

CAPÍTULO 17

Daisy tragou saliva.

—Quer que me dispa?

Sabia que parecia idiota, mas Alex a tinha pego por surpresa. O que queria dizer exatamente com que «se sentia violento»? Olhou ao outro lado da caravana o látego que ele tinha deixado enrolado sobre o braço do sofá. Sabia que lhe tinha assustado muitíssimo ao lhe dizer que o amava, mas ela não se esperou essa reação. Mesmo assim, sabendo que aquele era um tema delicado para o Alex, deveria ter imaginado que reagiria de maneira exagerada.

—Deixa de perder o tempo. —Alex se tirou a camiseta. Os jeans lhe caíam à altura dos quadris, lhe fazendo parecer escuro e perigoso. Estava médio nu e mostrava essa flecha de pêlo escuro que lhe dividia o estômago plano em dois e que indicava o caminho do perigo com a mesma sutileza que um letreiro de néon. —Quando diz que se sente violento... —Quero dizer que é o momento de te mostrar algo diferente.

—Para ser sinceros, não acredito que ainda esteja preparada para isso.

—Pensava que havia dito que me amava, Daisy, demonstre-me isso Definitivamente Alex a estava desafiando, e Daisy contou mentalmente até dez. —Não sou desses homens românticos que dão de presente flores. Sabe. Eu gosto do sexo. Eu gosto de praticá-lo freqüentemente e eu não gosto de me conter.

«Deus! Sim que lhe tinha assustado.» Daisy se mordiscou o lábio inferior. Apesar do que ela havia dito antes, Alex não era previsível, assim devia ser cautelosa. Por outra parte, Tater e seus companheiros lhe haviam ensenado uma regra básica para tratar com bestas grandes. Se retroceder, esmagam-lhe.

—Muito bem —disse. —O que quer que faça?

—Já lhe hei isso dito. te dispa.

—Hei-te dito que queria te fazer o amor, nada mais.

—Possivelmente eu não queira fazer o amor. Possivelmente só queira follar.

Era uma ceva; um que, evidentemente, Alex queria que picasse. Daisy teve que mordê-la língua para não cair na armadilha. Se perdia a calma lhe estaria seguindo o jogo, que era justo o que ele queria. Tinha que lhe fazer frente de algum jeito e tinha que ser ela a que ditasse as normas. Amava-o muito para deixar que a intimidasse.

Considerou suas opções, logo se levantou da cama e começou a despir-se. Ele não disse nada; limitou-se a observá-la. Daisy se tirou os sapatos e se desfez do maillot, mas quando ficou em calcinhas e prendedor, deteve-se indecisa. Alex estava muito excitado, um fato que revelavam os rodeados jeans, e seu estado de ânimo era tão volátil que ela não sabia o que esperar. Possivelmente o melhor seria distrai-lo. Pode que dessa maneira conseguisse ganhar um pouco de tempo.

Do bate-papo que tinha mantido com seu pai, Daisy não tinha tido oportunidade de falar com o Alex sobre sua assombrosa origem. Se agora tirava o tema a colação, pode que lhe pilhasse despreparado. Uma conversação sobre seus orígenes familiares poderia acalmar o imprevisível humor de seu marido.

—Meu pai me há dito que seu pai era um Romanov.

—me tire os jeans.

—E não qualquer Romanov. Há-me dito que é o neto do czar Nicolás II.

—Não quero ter que lhe repetir isso Alex a olhou com tal arrogância que não lhe resultou difícil imaginá-lo sentado no trono da Catalina a Grande enquanto ordenava a alguma das obstinadas mulheres Petroff que se lançasse à a Volga.

—Diz que é o herdeiro da coroa russa.

—Cala e faz o que te digo.

Daisy conteve um suspiro. «Senhor, que difícil estava sendo.» Parecia que não havia nada como uma declaração de amor para que esse russo se lançasse ao ataque. Ao Daisy custou trabalho lhe sustentar o olhar com um pouco de dignidade quando só levava posta a roupa interior e ele parecia tão alarmantemente onipotente, mas o fez o melhor que pôde. Estava claro que esse não era o momento adequado para obter as respostas que desejava dele.

—E quando me tirar os jeans, faz o de joelhos —disse Alex com desdém.

«Mamão insofrível!»

Ele apertou os lábios.

—Agora.

Daisy respirou fundo três vezes. Nunca tivesse imaginado que ele a pressionaria dessa maneira. Surpreendia-lhe como reagia um homem sob os

efeitos do medo. E agora tinha intenção de pressioná-la para que ela retirasse aquela declaração de amor. Quantos tigres tinha que domesticar em um dia?

Ao estudar os arrogantes olhos entreabridos do Alex, a labareda insolente de suas fossas nasais, Daisy sentiu uma inesperada quebra de onda de ternura. Pobrecito. enfrentava-se ao medo da única maneira que sabia e castigá-lo só o poria mais à defensiva. «OH, Alex, o que lhe fez o látego de seu tio?»

Olhou-o aos olhos e ficou de joelhos. Alagou-a uma quebra de onda de sensações ao ver quão excitado estava. Nem sequer o medo podia evitá-lo. Alex fechou os punhos.

—Maldita seja! E seu orgulho?

Daisy se sentou sobre os talões e olhou aquela cara dura e inflexível; essa combinação eslava de maçãs do rosto proeminentes e profundas sombras, assim como as pálidas linhas de tensão que lhe emolduravam a boca.

—Meu orgulho? Está em meu coração, é obvio.

—Está permitindo que te humilhe!

Ela sorriu.

—Você não pode me humilhar. Só eu posso me rebaixar. E me ajoelho ante ti para te despir porque isso me excita.

Um traidor silêncio se estendeu entre eles. Alex parecia muito torturado e ao Daisy doeu vê-lo assim. inclinou-se para ele e apertou os lábios contra aquele duro abdômen, justo em cima da cinturilla dos jeans. Deu-lhe uma ligeira dentada, logo atirou do botão até que cedeu sob seus dedos e lhe baixou a cremalheira.

Ao Alex lhe pôs a pele de galinha.

—Não te compreendo absolutamente. —Sua voz soou áspera.

—Acredito que a mim sim. É a ti mesmo a quem não compreende.

Alex a agarrou pelos ombros e a fez ficar em ate. Seus olhos pareciam tão escuros e infelizes que ela não podia suportar olhá-los.

—O que vou fazer contigo? —disse ele.

—Possivelmente corresponder a meu amor?

Alex respirou fundo antes de lhe cobrir a boca com a sua. Daisy sentiu seu desespero, mas não sabia como lhe ajudar. O beijo os capturou aos dois. Envolveu-os como um ciclone.

Daisy não soube como se despojaram da roupa, mas antes de dar-se conta estavam nus sobre a cama. Uma sensação cálida e ardente começou a estender-se por seu ventre. A boca do Alex estava em seu ombro, em seus peitos, lhe roçando os mamilos. Beijou-a no ventre. Daisy abriu as pernas para ele e permitiu que lhe subisse os joelhos.

—vou tocar te por toda parte —lhe prometeu ele contra a suave pele do interior de suas coxas. E o fez. OH, como o fez. Pode que não a amasse com o coração, mas a amava com seu corpo, e o fez com uma desenfreada generosidade que a encheu de desejo. Daisy aceitou tudo o que ele quis lhe dar e o devolveu a sua vez, usando as mãos e os peitos, a calidez de sua boca e o roce de sua pele.

Quando finalmente ele se afundou profundamente em seu interior, Daisy o envolveu com as pernas aferrando-se a ele.

—Sim —sussurrou ela. —OH, sim.

As barreiras entre eles desapareceram e enquanto procuravam juntos o êxtase, ela começou a murmurar:

—OH, sim. Eu gosto disso. eu adoro... Sim. Mais profundo. OH, sim. Justo assim...

Daisy seguiu sussurrando aquelas palavras, guiada, pelo instinto e a paixão. Se deixava de falar, ele trataria de esquecer quem era ela e a converteria em um corpo anônimo. E isso não podia consenti-lo. Era Daisy. Era sua esposa.

Assim falou, aferrou-se a ele e juntos alcançaram ti êxtase.

Finalmente, a escuridão deixou passo à luz.

—foi sagrado.

—Não foi sagrado. foi sexo.

—Façamo-lo de novo.

—Vamos a cem por hora, não dormimos mais de três horas e chegamos com atraso ao Allentown.

—Estirado.

—A quem chamas estirado?

—A ti.

A olhou de esguelha, com uma faísca diabólica nos olhos.

—A ver se te atreve a repeti-lo quando estiver nua.

Não voltará para ver-me nua até que admita que foi sagrado.

—E se admitir que foi especial? Porque foi muito especial.

Lhe dirigiu um olhar presunçoso e o deixou passar. A noite anterior tinha sido mais que especial e os dois sabiam. Daisy o tinha sentido na urgência com a que tinham feito o amor e na forma em que se abraçaram depois. Quando se tinham cuidadoso aos olhos não se ocultaram nada, não se tinham reservado nada.

Essa manhã, Daisy esperava que ele voltasse para as ninhadas e que atuasse da mesma maneira áspera e distante de sempre. Mas para sua surpresa, ele se tinha mostrado tenro e carinhosamente zombador. Como se se tivesse rendido. Daisy queria acreditar com cada pulsado de seu romântico coração que seu marido se apaixonou por ela, mas sabia que isso não seria fácil. por agora, agradecia que Alex tivesse baixado o guarda.

A chuva começou a cair sobre o poeirento pára-brisa da caminhonete. Era um dia frio e cinza, e segundo o prognóstico do tempo só iria a pior. Alex a olhou, e Daisy teve a sensação de que lhe tinha lido a mente.

—Não posso resistir a ti —disse Alex com suavidade. —Sabe, não? E já me cansei que fingir o contrário —adotou uma expressão de profunda preocupação. —Mas não te amo, Daisy, e não pode te fazer uma idéia de quanto o sinto, porque se tivesse que amar a alguém, seria a ti.

Ela se obrigou a tragar saliva.

—É pelo da mutação da que falou?

—Não brinque com isso.

—Sinto muito. Mas é que é incrivelmente... —«Estúpido». Porque era uma estupidez, embora se calou a palavra. Se ele acreditava que não podia amá-la, quão único conseguiria discutindo com ele seria que ficasse de novo à defensiva. A menos que fora certo. Tão desafortunado pensamento cruzou como um relâmpago pela mente do Daisy. E se Alex tinha razão? E se aquela violenta infância lhe tinha deixado uma cicatriz tão profunda que alguma vez seria capaz de amar? E se simplesmente não podia amá-la a ela?

A chuva tamborilou com força contra o teto. Daisy baixou o olhar a sua aliança de casamento.

—me diga como seria. Como seria se me amasse?

—Se te amasse?

—Sim.

—É uma perda de tempo falar de algo que não pode ocorrer.

—Sabe o que penso? Que não acredito que fora melhor que isto. Agora é perfeito.

—Mas não durará. dentro de seis meses nosso matrimônio terá terminado. Não poderia viver comigo mesmo vendo como frouxidões por não te dar o que te merece. Não posso te dar amor. Nem filhos. E isso é o que necessita, Daisy. É esse tipo de mulher. Murchará-te como uma flor se não o tiver.

Daisy sentiu uma pontada de dor para ouvir aquelas palavras, mas não podia lhe reprovar sua sinceridade. Como sabia que ele não admitiria nada mais no momento, trocou de tema.

—Sabe o que é o que quero de verdade?

—Suponho que umas semanas em um spa com manicura incluída.

—Não. Quero trabalhar em uma creche.

—Sério?

—É uma tolice, a que sim? Teria que ir à universidade e já sou muito major. Para quando me graduasse, teria passado dos trinta.

—Igual a se não ir à universidade?

—Perdão?

—Os anos passarão igual, vá ou não à universidade.

—Está-me dizendo a sério que deveria fazê-lo?

—Não vejo por que não.

—Porque já coloquei a pata muitas vezes em minha vida e não quero fazê-lo mais. Sei que sou inteligente, mas tive uma educação muito pouco convencional e não sou capaz de seguir uma rotina. Não imagino compartilhando classe com um punhado de jovencitos de dezoito anos de olhos brilhantes recém saídos do instituto.

—Possivelmente é hora de que comece a verte com outros olhos. Não esqueça que é a dama que domestica tigres. —Dirigiu-lhe um misterioso sorriso

que fez que Daisy se perguntasse de que tigre falava: do Sinjun ou de si mesmo, mas Alex era muito arrogante para pensar que ela o tinha domesticado.

Olhou para diante e divisou uma série de flechas indicando a direção.

—Excursão aí diante.

Encontrar as flechas que assinalavam a localização do circo era tão natural para o Alex como respirar. Daisy suspeitou que já as tinha visto, mas ele assentiu com a cabeça. A chuva aumentou e ele aumentou a velocidade dos limpador de pára-brisas.

—Suponho que não seremos tão afortunados para nos instalar sobre o asfalto esta vez —disse ela.

—Temo-me que não. Estaremos em um descampado.

—Suponho que agora saberei de primeira mão por que aos circos como o dos Irmãos Quest lhes chama circos de barro. Só espero que a chuva não incomode aos animais.

—Estarão bem. São os empregados os que sofrerão mais.

—E você. Você estará ali com eles. Sempre o está.

—É meu trabalho.

—Estranho trabalho para alguém que deveria ser czar. —O olhou de esguelha. Se ele pensava que havia se esquece dou desse tema, equivocava-se.

—Já estamos com isso outra vez?

—Se me disser a verdade não voltarei a mencioná-lo nunca mais.

—Promete-me isso?

—Prometo-lhe isso.

—Está bem, pois —respirou fundo. —É provável que seja verdade.

—O que!? —Daisy voltou a cabeça com tal rapidez que quase se partiu o pescoço.

—As provas dizem que tenho ascendência Romanov e, por isso Max pôde averiguar, existem muitas probabilidades de que seja o bisneto do Nicolás II.

Ela se afundou no assento.

—Não me acredito.

—Bom. Então não há nada mais do que falar.

—Diz-o a sério?

—Max tem provas bastante convincentes. Mas dado que não posso fazer nada a respeito, será melhor que falemos de outros temas.

—É o herdeiro do trono russo?

—Na Rússia não há trono. Se por acaso te esqueceu, ali não existe a monarquia.

—Mas se a houvesse...

—Se a houvesse, sairiam Romanov de cada carpintaria da Rússia afirmando ser o herdeiro.

—Por isso me disse meu pai, há provas mais que suficientes em seu caso, não?

—Provavelmente, mas que mais dá? Os russos odeiam mais aos Romanov que aos comunistas, assim não acredito que se restaure a monarquia.

—E se o fizessem?

—Trocaria-me de nome e fugiria a alguma ilha deserta.

—Meu pai poria o grito no céu.

—Seu pai está obcecado.

—Sabe por que consertou este matrimônio, não? Eu pensava que estava tratando de me castigar me buscando o pior marido do mundo, mas não é assim. Queria que os Petroff e os Romanov se unissem e me utilizou para isso. —Daisy se estremeceu. —É como uma novela vitoriana. Tudo isto me põe a pele de galinha. Sabe o que me disse ontem?

—Provavelmente o mesmo que a mim. Terá-te enumerado todas as razões pelas que deveríamos seguir casados.

—Disse-me que se queria te reter teria que reprimir meu caráter. E estar disposta a te esperar na porta com as sapatilhas na mão.

Alex sorriu.

—me disse que ignorasse seu caráter e me fixasse em seu doce corpo.

—Seriamente?

—Não com essas palavras, mas essa era a idéia.

—Não o entendo. por que se incomodou em tramar tudo isto para um matrimônio de seis meses?

—Não é evidente? Espera que cometamos um deslize e fique grávida. —Daisy o olhou fixamente. —Quer garantir o futuro da monarquia. Quer um bebê com sangre Petroff e Romanov que ocupe um lugar na história. Esse é seu plano. Que dê a luz a um bebê mítico; se logo seguimos casados ou não, não importa. De fato, provavelmente preferiria que nos divorciássemos; assim que rompêssemos tentaria fazer-se carrego do menino.

—Mas sabe que tomo anticoncepcionais. Amelia me acompanhou ao ginecologista. Inclusive é ela quem se encarrega de conseguir as receitas porque não se confia em mim.

—É evidente que Amelia não está tão ansiosa como ele por ter um pequeno Petroff-Romanov correndo pela casa. Ou simplesmente ainda não quer ser avó. Suponho que ele não sabe, mas duvido que sua madrasta possa ocultar-lhe durante muito mais tempo.

Ela olhou pelo guichê os quatro sulcos da auto-estrada. Um letreiro de néon de Taco Bell brilhava intermitentemente a um lado. Logo passaram ante um concessionário do Subaru. Daisy experimentou uma sensação de irrealidade pelo contraste entre os modernos signos de civilização e a conversação que mantinha com o Alex sobre antigas monarquias. Ao momento lhe assaltou um pensamento horrível.

—O príncipe Alexi tinha hemofilia e é hereditária. Alex, não terá essa enfermidade, verdade?

—Não. Só se transmite através das mulheres. Embora Alexi a tinha, não podia passá-la a seus filhos. —passou-se ao sulco esquerdo. —Segue meu conselho, Daisy, e não pensa nisto. Não vamos seguir casados e não vais ficar te grávida, assim que minhas conexões familiares não têm importância. Só te contei isto para que deixe de me dar a lata.

—Eu não te dou a lata.

Alex lhe percorreu o corpo com um olhar lascivo.

—Isso é como dizer que você não...

—Cala. Como pronuncia essa palavra com «F», lamentará-o.

—Que palavra é essa? diga-me isso ao ouvido para que saiba de que falas.

—Não te vou dizer nada.

—Soletra-a.

—Tampouco a soletrarei.

Alex seguiu brincando com ela até chegar ao recinto, mas não conseguiu que a dissesse.

A primeira hora da tarde, a chuva se converteu em um dilúvio. Graças ao impermeável que lhe tinha emprestado Alex, Daisy não se molhou a cabeça, mas para quando terminou de comprovar a casa de feras e visitar o Tater, tinha os jeans talheres de lodo e suas esportivas estavam tão duras que pareciam sapatos de cimento.

Essa noite, os artistas tinham começado a falar com ela antes da função. Brady se desculpou pela rudeza que tinha mostrado no dia anterior e Jill a convidou a ir às compras essa mesma semana. Os Tolea e os Lipscomb a felicitaram por sua valentia e os palhaços lhe deram um buquê de papel.

A pesar do mau tempo, a publicidade que tinha rodeado a fuga do Sinjun tinha atraído a muita gente e conseguiram vender todas as entradas da função matinal. Jack tinha narrado a história heróica do Daisy, mas ela o tinha estragado ao soltar um grito quando Alex lhe rodeou as bonecas com o látego.

Quando acabou a função, Daisy voltou a ficá-los jeans enlodados na zona provisória de vestuários que se dispôs junto à porta traseira do circo para que os artistas não se molhassem os trajes de atuação. grampeou-se o impermeável, inclinou a cabeça e saiu rapidamente sob as rajadas de chuva e vento. Embora não eram nem as quatro da tarde, a temperatura tinha descendido muito e para quando chego à caravana tocavam castanholas os dentes. tirou-se os jeans, pôs o aquecedor em marcha e acendeu todas as luzes para iluminar a estadia.

Quando a luz encheu o confortável interior e a caravana começou a esquentar-se, Daisy pensou que aquele lugar nunca lhe tinha parecido tão acolhedor. ficou um moletom cor pêssego e uns meias três-quartos de lã antes de começar a transportar na pequena cozinha. Estavam acostumados a jantar antes da

última função e, durante as últimas semanas, tinha sido ela quem se encarregou de fazer a comida; adorava cozinhar quando não tinha que guiar-se por uma receita.

Cantarolou enquanto cortava uma cebola e vários brotos de aipo antes de começar a salteá-los com estrago em uma pequena frigideira; logo acrescentou um pouco de romeiro. Encontrou um pacote de arroz silvestre e o acrescentou junho com mais ervas aromáticas. Sintonizou a rádio portátil do mostrador em uma emissora de música clássica. Os aromas caseiros da cozinha e os exuberantes acordes do Prelúdio em dou menor do Rachmaninov alagaram a caravana. Fez uma salada, acrescentou peito de frango à frigideira e adicionou o vinho branco que ficava em uma garrafa que tinham aberto fazia vários dias.

empanaram-se as janelas e regueros de condensação se deslizaram pelos cristais. A chuva repicava contra o teto metálico, enquanto os aromas, a música suave e a acolhedora cozinha a mantinham em um quente casulo. Pôs a mesa com a descascada baixela de porcelana a China, as sopeiras de barro, desemparelhada-las taças e um velho bote de mel que continha uns trevos vermelhos que tinha recolhido no campo no dia anterior, antes da fuga do Sinjun. Quando finalmente olhou a seu redor, pensou que nenhuma das luxuosas casas nas que tinha vivido antes lhe tinha parecido tão perfeita como aquela caravana desmantelada.

A porta se abriu e entrou Alex. A água lhe deslizava pelo impermeável amarelo e tinha o cabelo pego à cabeça. Lhe aconteceu uma toalha enquanto ele fechava a porta. O estalo distante de um trovão sacudiu a caravana.

—Cheira bem aqui dentro. —Ele jogou uma olhada a seu redor, ao interior calidamente iluminado, e Daisy observou em sua expressão algo que parecia desejo. Tinha tido alguma vez um lar? É obvio não quando era menino, mas, e de adulto?

—Tenho o jantar quase lista —disse ela. —por que não te troca?

Enquanto Alex ficava roupa seca, ela encheu as taças de vinho e revolveu a salada. Na rádio soava Debussy. Quando ele retornou à mesa com uns jeans e uma sudadera cinza, ela já tinha servido o frango com arroz.

Alex se sentou depois de que Daisy tomasse assento. Agarrou sua taça e a levantou para ela em um silencioso brinde.

—Não sei como estará a comida. utilizei os ingredientes que tinha à mão.

Alex a provou.

—Está muito bom.

Durante um momento comeram em um agradável silêncio, desfrutando da comida, a música e a acolhedora caravana sob a chuva.

—Comprarei-te um máquina de moer de pimenta com meu próximo salário —disse ela, —assim não terá que condimentar a comida com o que contém essa horrível lata.

—Não quero que te gaste seu dinheiro em um máquina de moer para mim.

—Mas se você gosta da pimenta.

—Isso não vem ao caso. O fato é...

—Se fosse para mim a quem gostasse da pimenta, meu compraria um máquina de moer?

—Se quisesse...

Ela sorriu.

Alex pareceu ficar perplexo.

—É isso o que quer? Um máquina de moer de pimenta?

—OH, não. Eu não gosto da pimenta.

Ele curvou a boca.

—Envergonha-me admiti-lo, Daisy, mas parece que começo a entender estas conversações tão complexas que tem.

—Pois não me surpreende. É muito brilhante.

Dirigiu-lhe uma sonrisita travessa.

—E você, senhora, é a bomba.

—E além sexy.

—Isso é obvio.

—Poderia dizer o de todas maneiras?

—Claro. —Alex a olhou com ternura e lhe agarrou a mão por cima da mesa. —É sem dúvida a mulher mais sexy que conheço. E a mais doce...

Ao Daisy lhe pôs um nó na garganta e se perdeu nas profundidades âmbar dos olhos do Alex. Como tinha podido pensar que eram frios? Baixou a cabeça antes de que ele pudesse ver as lágrimas de desejo.

Ele começou a lhe falar da função e logo riam da confusão que se formou entre um dos palhaços e uma senhorita muito bem dotada da primeira fila. Compartilharam os pequenos detalhes do dia: os problemas do Alex com um dos empregados ou a impaciência do Tater por estar pacote todo o dia. Planejaram uma viagem à lavanderia para o dia seguinte e Alex mencionou que tinha que trocar o azeite da caminhonete. Poderiam ter sido um matrimônio qualquer, pensou Daisy, falando do dia a dia, e não pôde evitar sentir a esperança de que, depois de tudo, pudessem resolvê-las coisas entre eles.

Alex lhe disse que esfregaria os pratos se ficava a lhe fazer companhia, depois se queixou, naturalmente, pelo número de utensílios que ela tinha utilizado. Enquanto ele brincava com ela, ao Daisy lhe ocorreu uma idéia.

Embora Alex lhe tinha falado abertamente de sua linhagem Romanov, não lhe tinha revelado nada sobre sua vida atual, algo que para ela era muito mais importante. Até que dissesse a que se dedicava quando não viajava com o circo não existiria entre eles uma verdadeira comunicação. Mas não lhe ocorria outra maneira de averiguar a verdade mais que enganando-o. Decidiu que possivelmente não havia nada mau em dizer uma pequena mentirijilla quando era a felicidade de seu matrimônio o que estava em jogo.

—Alex, acredito que tenho uma infecção de ouvido. —Ele deixou o que estava fazendo e a olhou com tal preocupação que ao Daisy remoeu a consciência.

—Dói-te o ouvido?

—Um poquito. Não muito. Só um poquito nada mais.

—Iremos ao médico assim que termine a função. —Para então todas as consultas estarão fechadas. —Levarei-te a urgências.

—Não quero ir a urgências. Asseguro-te que não é nada sério.

—Não vou deixar que viaje com uma infecção de ouvido.

—Suponho que tem razão. —Daisy vacilou; sabia que agora tocava pôr a ceva. —Tenho uma idéia —disse lentamente. —Importaria-te me olhar isso você?

Ele ficou quieto.

—Quer que te eu examine o ouvido? —Daisy se sentiu culpado. Inclinou a cabeça e brincou com o bordo da enrugado guardanapo de papel. Ao mesmo tempo, recordou a maneira em que lhe tinha perguntado se estava vacinada do tétanos ou como tinha administrado os primeiros auxílios a um empregado. Tinha direito ou seja a verdade.

—Suponho que, seja qual seja sua especialidade, estará qualificado para tratar uma infecção de ouvido. A menos que seja veterinário.

—Não sou veterinário.

—Vale. Então faz-o.

Ele não disse nada. Daisy conteve os nervos enquanto recolocaba os trevos e alinhava os botes de sal e a pimenta. obrigou-se a recordar que aquilo era pelo bem do Alex. Não poderia conseguir que seu matrimônio funcionasse se ele insistia em manter tantas coisas em segredo.

Ouviu-o mover-se.

—Vale, Daisy. Examinarei-te.

A jovem elevou a cabeça com rapidez. Tinha-o conseguido! Por fim o tinha pilhado! Com astúcia, tinha obtido que admitisse a verdade. Seu marido era médico e ela tinha obtido que confessasse.

Sabia que se zangaria quando a examinasse e descobrisse que não tinha nada no ouvido, mas já as arrumaria depois. Sem dúvida alguma poderia lhe fazer entender que tinha sido por seu bem. Não era bom para ele ser tão reservado.

—Sente-se na cama —disse. —E te aproxime da luz para que possa ver.

Ela o fez.

Alex se atrasou secando-as mãos diante da pia antes de deixar a um lado a toalha e aproximar-se dela.

—Não necessita o instrumental?

—Está no porta-malas da caminhonete e preferiria não ter que me molhar outra vez. Além disso, há mais de uma maneira de diagnosticar uma infecção de ouvido. Qual deles te dói?

Daisy vacilou uma fração de segundo, logo assinalou a orelha direita. Alex lhe retirou o cabelo a um lado e logo se inclinou para examiná-la.

—Não vejo bem com esta luz, te deite.

Daisy se recostou no travesseiro. O colchão se afundou quando ele se sentou a seu lado e lhe pôs a mão na garganta.

—Traga.

Fez-o.

Alex apertou com a ponta dos dedos.

—Outra vez.

Daisy tragou pela segunda vez.

—Mmm. Agora abre a boca e dava «ah».

—Ahhh...

Alex inclinou a cabeça do Daisy para a luz.

—O que opina? —perguntou ela finalmente. —Pois parece que sim tem uma infecção, mas acredito que seja no ouvido.

«Tinha uma infecção?»

Alex baixou a mão a sua cintura e lhe pressionou o abdômen.

—Dói-te aqui?

—Não.

—Bem. —Agarrou-lhe um tornozelo e o separou do outro. —Estate quieta enquanto comprovo o pulso alterno.

Ela se manteve em silencio com a frente enrugada de preocupação. «Como era possível que tivesse uma infecção?» encontrava-se bem. Logo recordou que tinha tido uma leve dor de cabeça fazia um par de dias e que às vezes se sentia um pouco enjoada quando se levantava muito rápido. Talvez estava doente e não sabia.

Olhou-o com preocupação.

—Tenho o pulso normal?

—Shh... —Deslocou-lhe o outro tornozelo para que mantivera as pernas separadas e lhe apertou os joelhos sobre o tecido do moletom. —Doeu-te algo ultimamente?

«Tinha-lhe doído algo?»

—Acredito que não.

Alex lhe subiu a parte superior do moletom e lhe tocou um peito.

—Sente algo aqui?

—Não.

Roçou-lhe o mamilo com os dedos e, embora seu toque pareceu impessoal, Daisy entrecerró os olhos com suspicacia. Logo se relaxou ao notar a intensa concentração na cara do Alex. Estava comportando-se como todo um profissional; não havia indício de luxúria no que estava fazendo.

Tocou-lhe o outro peito.

—E aqui? —perguntou.

—Não.

Alex baixou a parte superior do moletom, cobrindo-a com modéstia, e ela se sentiu envergonhada por ter duvidado dele.

Parecia preocupado.

—Temo-me que...

—O que?

Cobriu a mão do Daisy com a sua e lhe deu um tapinha consolador.

—Daisy, eu não sou ginecologista, e normalmente não faria isto, mas eu gostaria de te examinar. Importaria-te?

—Se me importaria...? —Daisy vacilou. —Bom, não, suponho que não. Quer dizer, estamos casados e já me viu... mas o que tem que fazer? Crie que me acontece algo?

—Estou virtualmente seguro de que não é nada, mas os problemas glandulares podem complicar-se e só quero me assegurar de que não é assim. —Alex deslizou os polegares até a cinturilla das calças do Daisy. Ela levantou os quadris e deixou que os tirasse junto com as calcinhas.

Quando ele atirou a roupa ao chão, as suspeitas do Daisy retornaram de novo, mas as ignorou quando se deu conta de que ele não estava olhando-a. Parecia distraído, como se estivesse ensimismado. E se em realidade tinha uma enfermidade estranha e ele estava pensando a melhor maneira de dizer-lhe Los ojos de Alex chispearon de risa y pareció tan satisfecho de sí mismo que la irritación de Daisy se aplacó y le resultó difícil mantener el ceño fruncido.

—Prefere que te cubra com o lençol? —perguntou ele.

A jovem arderam as bochechas.

—Er..., isto... Não é necessário. Quer dizer, dadas as circunstâncias...

—Vale. Então... —Apertou-lhe com suavidade seus joelhos. —me diga se te doer.

Não lhe doeu. Nem um poquito. Enquanto a examinava, ao Daisy lhe fecharam os olhos e começou a flutuar. Alex tinha um toque do mais assombroso. Controlado. Delicioso. Um roce aqui. Outro lá. Era delicioso. Esses dedos deixaram um rastro suave e úmido. Sua boca... Era sua boca!

Daisy levantou de repente a cabeça do travesseiro.

—É um pervertido! —chiou ela.

Ele soltou uma gargalhada e a imobilizou, agarrando-a com firmeza.

—Não é médico!

—Já lhe havia isso dito! É muito ingênua. —Alex se Rio mais forte. Ela tentou soltar-se e ele a sujeitou com tina emano enquanto se baixava a cremalheira com a outra. —Pequena farsante, tentaste me enganar com uma falsa infecção de ouvidos.

Daisy entreabriu os olhos quando ele se baixou os jeans.

—O que está fazendo?

—Só há uma padre para o que te passa, carinho. E eu sou o único homem que lhe pode proporcionar isso Un rato después, cuando Daisy estaba en el cuarto de baño aplicándose el maquillaje para la función, la sensación de bienestar se evaporó. No importaba lo que ella quisiera creer, no habría verdadera intimidad entre ellos si Alex guardaba tantos secretos.

Os olhos do Alex faiscaram de risada e pareceu tão satisfeito de si mesmo que a irritação do Daisy se aplacou e lhe resultou difícil manter o cenho franzido.

—Pagará-me isso!

—Não até que me cobre a consulta. —Os jeans do Alex caíram ao chão em um suave sussurro junto com as cueca. Com uma ampla e lobuna sorriso, cobriu o corpo do Daisy com o seu e entrou nela com uma suave aposta.

—Degenerado! É um horrível..., ahh..., um horrível... Mmm...

Alex esboçou um sorriso de orelha a orelha.

—Dizia?

Daisy lutou contra a crescente excitação que a alagava, decidida a não ceder a ele com muita facilidade.

—Acreditei que me acontecia algo! Y... e durante todo esse tempo estava... ahhh... estava procurando um pó!

—Essa linguagem... Ela gemeu e capturou os quadris do Alex entre as mãos.

—E o diz alguém que violou o juramento hipocrático...

Ele soltou uma gargalhada que enviou vibrações de prazer ao interior da jovem. Quando Daisy olhou aos olhos, viu que o desconhecido tenso e perigoso com quem se casou tinha desaparecido. Em seu lugar havia um homem que não tinha visto nunca: jovem, alegre e despreocupado. Ao Daisy deu um tombo o coração.

Lhe empanaram os olhos. Alex lhe mordiscou o lábio inferior.

—OH, Alex...

—Cala, amor. te cale e deixa que te ame. Disse as palavras com o ritmo que marcavam suas investidas. Lhe respondeu e se uniu a ele com os olhos cheios de lágrimas. Em um par de horas teriam que enfrentar-se na pista, mas por agora não havia perigo, só o prazer que atravessava seus corpos, alagava seus corações e estalava em um manto de estrelas.

Um momento depois, quando Daisy estava no quarto de banho aplicando a maquiagem para a função, a sensação de bem-estar se evaporou. Não importava o que ela queria acreditar, não haveria verdadeira intimidade entre eles se Alex guardava tantos secretos.

—Quer tomar um café antes de que saiamos a nos molhar? —gritou ele.

Daisy guardou o lápis de lábios e saiu do quarto de banho. Alex estava apoiado no mostrador com apenas os jeans e uma toalha amarela pendurando do pescoço. Ela colocou as mãos nos bolsos do penhoar.

—O que quero é que se sente e diga a que te dedica quando não viaja com o circo.

—Já estamos com isso outra vez?

—Mas bem seguimos com isso. Já basta, Alex. Quero sabê-lo.

—Se for pelo que acabo de fazer...

—Isso foi uma tolice. Mas não quero mais mistérios. Se não ser médico nem veterinário, me diga, que tipo de doutor é?

—Pode que seja dentista.

Alex parecia tão esperançado que Daisy quase sorriu.

—Não é dentista. Nem sequer utiliza a seda dental todos os dias.

—Sim que o faço.

—Mentiroso, como muito a cada dois dias. E, definitivamente, não é psiquiatra, embora esteja neurótico perdido.

Ele agarrou a taça de café do mostrador e ficou olhando o conteúdo.

—Sou professor universitário, Daisy.

—Que é o que?

Alex a olhou.

—Sou professor de história da arte em uma pequena universidade privada de Connecticut. Agora mesmo agarrei uma excedencia.

Daisy se tinha imaginado muitas coisas, mas não essa. Embora, se o pensava bem, tampouco deveria assombrar-se tanto. Ele tinha deixado cair pistas sutis. Recordou que Heather lhe havia dito que Alex a tinha levado a uma exposição e lhe tinha comentado os quadros. E havia muitas revistas de arte na caravana, embora ela tinha pensado que as tinham deixado os anteriores inquilinos. Além disso, estavam as numerosas referências que Alex fazia a pinturas famosas. aproximou-se dele.

—E por que tanto mistério?

Alex se encolheu de ombros e tomou um sorvo de café.

—A ver se o adivinho. É pelo mesmo motivo pelo que usamos esta caravana, não? A mesma razão pela que escolheu viver no circo em vez de outro sítio? Sabia que estaria mais cômoda com um professor universitário que com o Alexi o Cossaco, e não queria que estivesse a gosto.

—Queria que te desse conta de quão diferentes somos. Trabalho em um circo, Daisy. Alexi o Cossaco é uma parte muito importante de minha vida.

—Mas também é professor universitário.

—Em uma universidade pequena.

Daisy recordou a puída camiseta universitária que às vezes ficava ela para dormir.

—Estudou na Universidade da Carolina do Norte?

—Fiz práticas ali, mas me licenciei e doutorei na Universidade de Nova Iorque.

—Custa-me imaginá-lo.

Alex lhe roçou o queixo com o polegar.

—Isto não troca nada. Ainda diluvia, temos uma função que fazer e está tão formosa que quão único quero é te tirar o penhoar e voltar a jogar aos médicos.

Daisy se obrigou a deixar de lado as preocupações e a viver o presente, ao menos de momento.

Essa noite, a metade da função, levantou-se vento. Quando os laterais da lona de náilon do circo começaram a inchar-se e desinchar-se como um grande

fole, Alex ignorou a afirmação da Sheba de que a tormenta amainaria e ordenou ao Jack que suspendesse a função.

O mestre de cerimônias o anunciou de maneira discreta, lhe dizendo ao público que precisavam baixar a coberta do circo como medida de segurança, garantindo a todos o reembolso da entrada. Enquanto Sheba jogava fumaça pelo dinheiro perdido, Alex deu instruções aos músicos de tocar uma alegre melodia para acelerar a saída da gente.

Parte do público se deteve sob o toldo de entrada para não molhar-se e tiveram que animá-lo para que continuasse saindo. Enquanto ajudava à evacuação, Alex só pensava no Daisy; em se teria seguido suas ordens de permanecer na caminhonete até que amainasse o vento.

E se não o tinha feito? E se estava aí fora nesse momento, sob o vento e a chuva, se por acaso se tinha perdido algum menino ou para ajudar a um ancião a chegar até seu carro? Maldição, seguro que era assim! Daisy tinha mais coração que sentido comum e se esqueceria de sua própria segurança se sabia que alguém estava em problemas.

Um suor frio lhe cobriu a pele e teve que recorrer a todo seu controle para olhar com gesto tranqüilo ao público que acontecia seu lado. disse-se a si mesmo que ela estaria bem, e inclusive esboçou um sorriso quando recordou a sacanagem que lhe tinha feito antes. riu-se mais no tempo que levavam juntos que em toda sua vida. Nunca sabia qual seria a próxima ocorrência de sua esposa. O fazia sentir-se como o menino que nunca tinha sido. O que faria quando ela se fora? negava-se a pensar nisso. Superaria-o e ponto, tal como tinha feito com todo o resto. A vida o tinha convertido em um solitário, e era assim como gostava de viver.

Quando o último dos espectadores abandonou o circo, o vento tinha aumentado e a empapada lona se abombaba pelas rajadas. Alex tinha medo de perder a coberta se não a asseguravam com rapidez, e se moveu de um grupo a outro para ordenar e ajudar a afrouxar as cordas. Um dos empregados soltou a corda antes de tempo e lhe deu na bochecha, mas Alex já tinha sentida chicotadas antes e ignorou a dor. A fria chuva caiu sobre ele lhe cegando, o vento lhe revolveu o cabelo e, durante todo o tempo que esteve trabalhando, pensava no Daisy. «Será melhor que esteja na caminhonete, anjo. Por sua própria segurança e pela minha.»

Daisy estava escondida no centro da jaula do Sinjun com o tigre acurrucado a seu lado e a chuva entrando pelos barrotes. Alex não confiava na segurança da caravana durante a tormenta e lhe havia dito que se metesse na caminhonete até que amainasse o vento. dirigia-se ali quando tinha ouvido o rugido aterrorizado do Sinjun. deu-se conta de que a tormenta o tinha assustado.

O tigre estava à intempérie, exposto aos elementos enquanto todos ajudavam a desmontar o circo. Ao princípio Daisy se ficou junto à jaula, mas o

embate da chuva e do vento fazia que lhe resultasse difícil manter-se em pé. Sinjun ficou frenético quando ela tentou resguardar-se debaixo da jaula e, sem que ficasse outra eleição, colocou-se dentro com ele.

Agora a rodeava como se fora um gato grande. Daisy sentia a vibração da respiração e do ronrono do felino nas costas e graças ao calor do animal não tinha frio. Se acurrucó contra ele e se sentiu tão segura como umas horas antes, quando se encontrava entre os braços do Alex.

Daisy não estava na caminhonete.

Daisy não estava na caravana.

Alex atravessou o recinto procurando-a freneticamente. Que teria feito esta vez? Onde se teria metido? Maldita seja, todo isso era culpa dela! Sabia de sobra o louca que estava; deveria a haver acompanhado à caminhonete e, já postos, pacote ao volante.

Alex sempre se havia sentido orgulhoso de manter a cabeça fria ante uma crise, mas agora não podia pensar. A tormenta amainou depois de que assegurassem a carpa e passaram uns quantos minutos revisando os danos superficiais; o cristal dianteiro de um dos caminhões estava salpicado de escombros e um dos postos tinha derrubado pelo vento. A lona do circo tinha algum rasgão, mas não parecia ter sofrido danos sérios. Depois de assegurar-se de que tudo estava em ordem decidiu ir procurar ao Daisy. Entretanto, quando chegou à caminhonete, e viu que não estava ali, sentiu como o pânico lhe atendia as vísceras.

por que não a tinha vigiado de perto? Era muito frágil, muito confiada. «meu deus, que não lhe tenha ocorrido nada.»

Viu um brilho de luz ao outro lado do recinto, mas um dos reboques lhe bloqueava a vista. Enquanto corria para ali, ouviu a voz do Daisy e lhe afrouxaram os músculos de puro alívio. Rodeou o veículo com rapidez e pensou que nunca tinha visto nada mais formoso que Daisy sustentando uma lanterna e dirigindo a dois dos empregados para que carregassem a jaula do Sinjun na parte traseira do caminhão que transportava às feras.

Quis sacudi-la por lhe haver feito acontecer tanto medo, mas se conteve. Não era culpa dela que ele se converteu em um debilucho e um covarde.

Quando o viu, Daisy esboçou um sorriso tão cheia de felicidade que fez que o calor alcançasse os dedos dos pés do Alex.

—Está bem! Estava tão preocupada com ti.

Ele se esclareceu garganta e tomou fôlego para tranqüilizar-se.

—Necessita que te dê uma mão?

—Acredito que já estamos acabando —disse Daisy, subindo ao caminhão.

Embora Alex queria levar a à caravana e amá-la até a manhã seguinte, conhecia-a o suficiente para saber que nenhuma fanfarronada por sua parte a

separaria do caminhão até que estivesse totalmente segura de que os animais a seu cargo estavam bem resguardados. Se o permitia, inclusive lhes teria lido um conto antes de agasalhá-los.

Daisy saiu por fim e, sem nenhuma vacilação, estirou os braços e se deixou cair da parte superior da rampa para ele. Quando Alex a estreitou contra seu peito, decidiu que isso era o que mais gostava dela: nunca duvidava dele. Daisy tinha sabido que a apanharia entre seus braços custasse o que custasse.

—Ficou na caminhonete durante a tormenta como te disse? —perguntou-lhe lhe plantando um beijo duro e desesperado sobre o cabelo molhado.

—Mmm... estive a salvo, asseguro-lhe isso.

—Bem. Voltemos para a caravana. Os dois necessitamos uma ducha quente.

—Antes necessito...

—Saber como está Tater. Irei contigo.

—Mas não volte a olhá-lo com cara de poucos amigos.

—Nunca o Miro com cara de poucos amigos.

—A última vez que o olhou assim feriu seus sentimentos.

—Não tem...

—É obvio que tem sentimentos.

—O mímicas muito.

—É carinhoso, não mimada. Há uma grande diferencia.

Alex lhe dirigiu um olhar significativo.

—me acredite, conheço a diferença entre carinhoso e mimada.

—Está insinuando...?

—foi um completo.

—Não soou assim.

Discutiu com ela até que chegaram ao reboque onde se encontrava o elefante, mas Alex não lhe soltou a mão em nenhum momento. Nem lhe apagou o sorriso da cara.

CAPÍTULO 18

Durante os meses de junho e julho, o circo dos Irmãos Quest passou o Equador da excursão enquanto se dirigia para o oeste através de povos da Pensilvania e Ohio. Algumas vezes seguiam o curso de um rio: Allegheny, Monongahela, Hocking, Scioto e Maumee. Atuaram em povos pequenos que tinham sido esquecidos pelos circos grandes, povos mineiros com as minas fechadas, povos com moinhos abandonados, povos com fábricas enclausuradas. Os circos mais famosos podiam ter esquecido às pessoas comum da Pensilvania e Ohio, mas o dos Irmãos Quest a recordava e a função continuava.

A primeira semana de agosto, o circo chegou a Indiana e Daisy nunca tinha sido mais feliz em sua vida. Cada dia era uma aventura. sentia-se como se fora uma pessoa diferente: forte, confiada e capaz de defender-se por si mesmo.

Da fuga do Sinjun se ganhou o respeito de outros e já não a tratavam como a uma emparelha. As showgirls intercambiavam intrigas com ela e os palhaços lhe pediam opinião sobre os truques novos.

Brady a buscava para falar de política e a ajudava 4 melhorar o tom muscular com os pesos. E Heather passava um momento com ela todos os dias salvo que estivesse Alex perto.

—estudaste psicologia? —perguntou-lhe Heather uma tarde a princípios de agosto quando estavam almoçando no McDonald's de um povo onde estavam atuando, ao leste de Indiana.

—Durante uns meses. Tive que abandonar o colégio antes de terminar o curso. —Daisy agarrou uma batata frita, mordiscou-a e logo a deixou onde estava. A comida frita não lhe sentava bem ultimamente. ficou a mão sobre o ventre e se obrigou a concentrar-se no que Heather dizia.

—Acredito que estudarei psicologia. Digo-o porque, depois de tudo o que passei, acredito que poderia ajudar a muitos meninos.

—com certeza que sim.

Heather parecia preocupada, algo estranho nela. Entretanto, a miúda adolescente se mostrava animada quando estava com ela. Embora Daisy sabia que o tema do dinheiro roubado lhe pesava na consciência, a jovem jamais o tinha mencionado.

—Há-te dito Alex algo de...? riu-se de quão tola fui e todo isso?

—Não, Heather. Asseguro-te que nem sequer tornou a pensar nisso.

—Cada vez que me lembro do que fiz morro de vergonha.

—Alex está acostumado a que as mulheres lhe joguem em cima. Se te disser a verdade, não acredito que se lembre sequer.

—Seriamente? Acredito que só o diz para que me sinta melhor.

—Cai-lhe genial, Heather. E te asseguro que não acredita que seja tola.

—Parecia muito cheia o saco quando nos encontrou juntos.

Daisy conteve um sorriso.

—Não é muito agradável para uma mulher maior ver como uma garota vai detrás de seu homem.

Heather assentiu com ar de entendida.

—Sim. Mas, Daisy, não acredito que Alex lhe jogasse um pó a ninguém que não fosse você. Juro-lhe isso. Ouvi-lhes comentar a Jill e ao Madeline que nem sequer as olhe quando tomam o sol em biquini. Acredito que os jode muito.

—Heather...

—Sinto muito, chateia-lhes muito. —Desmigó distraídamente a casca do pão. —Posso te perguntar uma coisa? É sobre... bom..., sobre quando se mantêm relações sexuais e todo isso. O que quero dizer é, não se sente vergonha?

Daisy se deu conta de que Heather se esteve mordendo as unhas e soube que não era porque lhe preocupasse o tema do sexo, mas sim porque sentia remorsos de consciência.

—Quando é correto, não dá vergonha.

—Mas como sabe quando é correto?

—Terá que dar tempo ao tempo e conhecer bem à outra pessoa. Heather, deveria esperar até estar casada.

Heather pôs os olhos em branco.

—Agora ninguém espera até estar casado.

—Eu o fiz.

—Sim, mas você está algo...

—Um pouco zumbida?

—Sim, mas é muito simpática. —Heather abriu os olhos como pratos e mostrou o primeiro signo de animação em semanas. Deixou seu refresco sobre a mesa. —OH, Deus! Não olhe!

—Olhar o que?

—A porta. Acaba de entrar aquele menino que esteve falando comigo ontem. OH, Deus... que bom está...

—Quem é?

—que está na caixa. Não olhe! Leva um colete negro e calças curtas. Vale, olhe depressa, mas que não te pilhe fazendo-o.

Daisy observou a área das caixas com a maior dissimulação que pôde. Viu um adolescente estudando o menu. Era da idade do Heather, com um espesso cabelo castanho e uma expressão adorablemente panaca na cara. Daisy estava contente de que, por fim, Heather atuasse como uma adolescente normal e não como se carregasse o peso do mundo sobre seus ombros.

—Ai, Deus! Me vai ver! —gemeu Heather. —OH, joder! Meu cabelo...

—Não diga palavrões. E está estupenda.

Heather afundou a cabeça e Daisy soube que o menino se estava aproximando.

—Olá...

Heather ganhou tempo revolvendo o gelo da Coca-cola antes de levantar a vista.

—Olá...

Os dois se ruborizaram de uma vez e Daisy soube que ambos estavam pensando algo brilhante que dizer. Foi o menino quem falou primeiro.

—O que há de novo?

—Nada.

—Estará hoje por aqui? Digo..., refiro-me, no circo.

—Sim.

—Vale, então irei verte.

Outra larga pausa, esta vez rota pelo Heather.

—Esta é Daisy. Pode que a recorde da função. É meu melhor amiga. Daisy, este é Kevin.

—Olá, Kevin.

—Olá. Me..., isto..., eu gostei na função.

—Obrigado.

Tendo esgotado esse tema de conversação, Kevin se voltou para o Heather.

—Jeff e eu, não o conhece, mas é um bom tipo..., pensávamos nos passar por ali.

—Vale.

—Possivelmente nos vejamos.

—Sim. Estaria genial.

Silêncio

—Vale, até mais tarde.

—Até mais tarde.

Quando o menino se foi, uma expressão sonhadora apareceu na cara do Heather, seguida quase imediatamente por uma de incerteza.

—Crie que gosta?

—É evidente.

—O que faço se me convida a sair esta noite entre as funções ou algo pelo estilo? Sabe que papai não me deixará ir.

—Terá que dizer a verdade ao Kevin. Que seu pai é muito estrito e não vai dar permissão para sair com ninguém até que cumpra os trinta.

—De novo, Heather pôs os olhos em branco, mas Daisy não In deixou passar.

Considerou o dilema do Heather. Era bom que a garota tivesse um ligue, inclusive um de doze horas. Precisava comportar-se como uma adolescente normal em lugar de parecer que fazia penitencia. Daisy era consciente de que Heather tinha razão: Brady se negaria.

—E se lhe ensina o circo? Isso gostaria. E logo pode te sentar junto às caminhonetes onde seu pai possa verte sem que por isso perca sua intimidade.

—Isso não funcionará. —Heather enrugou a frente com preocupação. —por que não fala com meu pai e lhe diz que não me humilhe diante do Kevin?

—Falarei com ele.

—Que não diga nenhuma estupidez diante do Kevin, Por favor, Daisy.

—Farei o que possa.

Heather inclinou a cabeça e passou o dedo indicador pela vasilha vazia. Afundou os ombros de novo, e Daisy notou que voltava a cair a sombra da culpabilidade sobre ela.

—Quando penso no que te fiz me sinto... uma mierda! Quero dizer fatal. —Levantou a vista. —Sabe que sinto muitíssimo o que fiz, verdade?

—Sim. —Daisy não sabia como ajudá-la. Heather tinha tentado compensar o de todas as maneiras possíveis. Quão único não tinha feito era lhe dizer a verdade a seu pai, e Daisy não queria que o fizesse. A relação do Heather com o Brady já era muito difícil e isso só pioraria as coisas.

—Daisy, jamais houvesse... Refiro ao que aconteceu Alex, foi algo muito imaturo. Ele tinha sido muito amável comigo, mas nunca me tinha tentado ligar isso nem nada parecido, se for isso o que se preocupa...

—Obrigado por me dizer isso Daisy se dedicou a recolher os restos de comida para que Heather não a visse sorrir.

A adolescente enrugou o nariz.

—Sem intenção de ofender, Daisy, pode que seja muito sexy, mas é velho.

Daisy quase se engasgou.

Heather olhou às caixas, onde Kevin estava recociendo seu pedido.

—Está muito bom.

—Alex?

Heather pareceu horrorizada.

—Não, não! Kevin!

—Ah, bom. Alex não é Kevin, isso seguro.

Heather assentiu com gravidade.

—Isso seguro.

Esta vez Daisy não pôde evitá-lo. pôs-se a rir e, para seu deleite, Heather a imitou.

Quando retornaram ao recinto, Heather saiu disparada para ensaiar com a Sheba. Daisy desempacotou as compras que tinha feito e apartou a comida dos animais, agradecendo para seus adentros que Alex nunca protestasse pelos extras na fatura do supermercado. Agora que sabia que só era um pobre professor universitário tinha tentado controlar os gastos, mas antes economizaria em sua própria comida que na dos animais.

Seguindo a rotina diária, aproximou-se dos elefantes e saudou o Tater. Ele a seguiu até as jaulas das feras.

Sinjun estava acostumado a ignorar ao elefantito, mas esta vez elevou a cabeça com orgulho e olhou a seu rival com arrogante condescendência.

«Daisy me ama, molesto infante, não o esqueça.» Lollipop e Chester estavam atados fora da carpa e Tater se acomodou no lugar de costume, onde lhe esperava um fardo de feno limpo. Daisy se aproximou do Sinjun e colocou a mão entre os barrotes para lhe arranhar detrás das orelhas. Como não era um cachorrinho, Daisy não o arrulhava como fazia com outros.

Ao Daisy adorava o tempo que passava com os animais. Sinjun tinha melhorado sob seus cuidados; sua pelagem laranja escuro tinha agora um brilho saudável. Algumas vezes, quase de madrugada, quando tudo estava silencioso e deserto, Daisy abandonava seu confortável lugar junto ao Alex e se aproximava da jaula do Sinjun, abria-lhe a porta e deixava que o enorme felino vagasse livre um momento.

Enquanto pulavam juntos na erva úmida de rocio, Sinjun mantinha suas garras cuidadosamente embainhadas. Daisy se mantinha olho atento se por acaso aparecia algum outro madrugador. Nesse momento, enquanto acariciava ao animal, sentiu que a envolvia uma sensação de letargia.

Sinjun a olhou profundamente aos olhos.

«Diga-lhe Daisy lo fulminó con la mirada. Él la miró furioso.

«Farei-o.»

«Diga-lhe —Eso no parece una promesa.

«Logo, muito em breve.»

Quanto tempo passaria antes de que sentisse a nova vida que crescia em seu ventre? Não podia estar grávida de mais de seis semanas, assim ainda passaria um tempo. Não se tinha saltado nenhuma só pílula, por isso ao princípio tinha atribuído os sintomas ao cansaço. Mas na semana anterior, depois de vomitar no quarto de banho, comprou-se um test de embaraço e tinha descoberto a verdade.

Brincou com uma das orelhas do Sinjun. Sabia que tinha que dizer-lhe ao Alex, mas ainda não estava preparada. Sabia que seu marido se zangaria —Daisy não se encanava a respeito, —mas assim que se acostumasse à idéia, ela mesma se asseguraria de que aquilo o fizesse feliz. «E lhe faria feliz», disse-se a si mesmo firmemente. Alex a amava. Embora ainda não o tivesse admitido. E amaria a seu bebê.

Embora ele ainda não havia dito as palavras que ela precisava escutar, Daisy sabia que Alex albergava profundos sentimentos para ela. O que outra coisa se não provocaria a ternura que via refletida em seus olhos de vez em quando ou a satisfação que parecia irradiar dele quando estavam juntos? Às vezes lhe resultava difícil recordar quão estranho estava acostumado a ser que ele se riera quando o tinha conhecido.

Sabia que ao Alex gostava de estar com ela. Ao viver em uma pequena caravana e graças aos intermináveis quilômetros que faziam na caminhonete quase todas as manhãs, passavam mais tempo juntos que a maioria dos matrimônios e, apesar disso, ainda a buscava durante o resto do dia para compartilhar com ela algo, para lhe comentar qualquer problema que tivesse surto na localidade em que estavam ou simplesmente lhe dar um rápido tapinha possessivo no traseiro. A comida diária entre a matinê e as funções noturnas se converteu em um ritual importante para os dois. E de noite, depois do trabalho, faziam o amor com uma paixão e uma liberdade que nunca tivesse acreditado possível.

Já não podia imaginar a vida sem ele. Por outro lado Alex tinha deixado de mencionar o divórcio, sinal de que tampouco ele podia imaginar os separados. Por esse motivo Daisy ainda não lhe tinha contado o do bebê. Simplesmente queria lhe dar um pouco mais de tempo para que se acostumasse a amá-la.

À manhã seguinte todo se foi ao garete. Alex despertou um pouco depois de que ela tivesse saído da cama e a descobriu no descampado detrás das caravanas jogando com o Sinjun. Duas horas mais tarde ainda seguia cheio o saco com ela.

Essa manhã lhe tocava conduzir ao Daisy. Tinham começado a alternar-se quando Alex se deu conta de que ela não ia destroçar a caminhonete e de que adorava conduzir.

—Deveria ter conduzido eu esta manhã —disse ele. —Assim teria tido as mãos ocupadas e não teria que pensar em onde as colocar para não te estrangular.

—Já está bem, Alex, te relaxe.

—Que me relaxe!? Está de coña?

Daisy o fulminou com o olhar. Ele a olhou furioso.

—me prometa que não voltará a soltar ao Sinjun.

—Não estávamos em um povo e não havia nem uma alma nos arredores, assim deixa de preocupar-se.

—Isso não parece uma promessa.

Daisy contemplou os campos de Indiana que se estendiam a ambos os lados da estrada.

—Fixaste-te que Jack e Jill passam muito tempo juntos ultimamente. Não seria gracioso que se casassem? Digo-o por essa série de televisão que se chama assim.

—Não tente trocar de tema e me prometa que não voltará a te pôr em perigo. —Tomou um comprido sorvo de café da taça que agarrava firmemente com a mão.

—De verdade crie que Sinjun me faria mal?

—Não é um gato doméstico, por muito que te empenhe em acreditar o contrário. Os animais selvagens são imprevisíveis. Não volte a deixá-lo solto, entendeste-me? De maneira nenhuma.

—Tenho-te feito uma pergunta. Crie que me faria mal?

—Não a propósito. É evidente que está louco por ti, mas a história do circo está cheia de animais dóceis que se voltaram contra seus domadores. E Sinjun nem sequer é dócil.

—Está comigo e odeia a jaula. De verdade. Já te hei dito que nunca o deixo sair se estivermos perto de uma zona habitada. E já viu por ti mesmo que não havia ninguém perto esta manhã. Se tivesse havido alguém, não lhe tivesse aberto a porta.

—Como não voltará a deixá-lo livre, nada disto tem importância. —Alex se terminou o café e colocou a taça no chão da caminhonete. —O que aconteceu com a mulher com a que me casei? A que acreditava que a gente civilizada não se levantava antes das onze?

—casou-se com um tipo do circo.

Daisy ouviu aquela profunda e entrecortada risada, e devolveu a atenção à estrada. Sabia que ao Alex preocupava que tivesse deixado solto ao Sinjun e esperava que não se desse conta de que não lhe tinha prometido nada.

Heather fechou a porta da Airstream de seu pai e saiu ao afresco da noite. Tinha posto uma camisola amarela de algodão com um desenho do Garfield, e os pés nus lhe afundaram na erva úmida. O circo já tinha sido desmontado, mas ela se sentia muito mal consigo mesma para emprestar atenção a familiar visão.

Cravou o olhar em seu pai, que estava sentado junto à porta do Airstream em uma cadeira azul e branca enquanto fumava o único cigarro que se permitia à semana.

Por uma vez não havia nenhuma mulher rondando-o. Nem as showgirls nem as jovens do lugar que sempre lhe perseguiam. A idéia de que seu pai praticasse o sexo lhe repelia, mas sabia que era irremediável. Pelo menos era discreto, que era mais do que podia dizer de seus irmãos. Seu pai sempre lhes brigava por dizer obscenidades perto dela.

Brady ainda não a tinha visto e a brasa do cigarro brilhou quando deu outra imersão. Heather logo que tinha comido nada no jantar, mas sentia como se fora a vomitar só de pensar no que tinha que fazer essa noite. Oxalá pudesse tampá-las orelhas e afogar por completo a voz de sua consciência, mas cada dia era mais forte. Atormentava-a de tal maneira que nem sequer podia dormir de noite e não conseguia reter a comida no estômago. Guardar silêncio se converteu em um castigo pior que dizer a verdade.

—Er... posso falar contigo um momento, papai? —fez a pergunta como se tivesse uma rã enorme na garganta e coaxasse em vez de falar.

—Pensava que estava dormida.

—Não posso dormir.

—Outra vez? O que te passa ultimamente?

—É que... —Heather se retorceu as mãos. Brady ia se zangar quando o dissesse, mas não podia seguir assim, sabendo que havia jodido a vida ao Daisy e sem fazer nada para remediá-lo.

—O que te passa, Heather? Ainda se preocupa que te tenha cansado o aro esta noite?

—Não.

—Bem, porque não deveria preocupar-se por isso. Embora deveria te concentrar mais. Quando Matt e Rob tinham sua idade...

—Não sou nem Matt nem Rob! —Estalou. —Sempre Matt e Rob! Matt e Rob! Eles são perfeitos e a mim todo sai mau!

—Não hei dito isso.

—É o que pensa. Sempre me compara com eles. Se tivesse vindo a viver contigo depois de morrer mamãe em vez de ficar com tia Terry, agora o faria melhor.

Brady não se zangou mas sim se esfregou o braço e ela soube que lhe incomodava a tendinitis.

—Heather, fiz o que era melhor para ti. Esta não é uma vida fácil.

—Eu gosto de viver assim. Eu gosto do circo.

—Não me entende.

Heather se sentou em uma cadeira a seu lado porque era mais fácil falar se estava à mesma altura que ele. Esse tinha sido o melhor e o pior verão de sua vida. A melhor graças ao Daisy e a Sheba. Embora não se levavam bem entre si, as duas se preocupavam com ela. Embora nunca o reconheceria ante o Daisy, gostava que lhe brigara por dizer palavrões, fumar e falar de sexo. Daisy era

graciosa e não tinha nem pingo de arrogância, sempre te estava acariciando o braço e coisas pelo estilo.

Sheba se preocupava com ela de outra maneira. Defendia-a quando seus irmãos se comportavam de maneira aborrecível, e se assegurava de que comesse coisas sões em vez de comida lixo. Ajudava-a a ensaiar e nunca lhe gritava, nem sequer quando não o fazia bem. Sheba tinha bom coração, sempre a penteava ou lhe corrigia a postura, ou lhe dava um tapinha de ânimo quando terminava a atuação.

Conhecer o Kevin na semana anterior também tinha sido genial. Tinham prometido escrever-se. Embora não a tinha chegado a beijar, estava segura de que tinha querido fazê-lo.

Todo o resto tinha sido horrível. humilhou-se ante o Alex e ainda se ruborizava quando pensava nisso. Seu pai sempre parecia aborrecido com ela. Mas o pior de tudo era o que tinha feito ao Daisy, um pouco tão horrível que sua consciência não lhe deixava viver nem um minuto mais sem confessá-lo.

—Papai tenho que te contar algo. —agarrou-se as mãos com força. —Um pouco muito mau.

Ele ficou rígido.

—Não estará grávida, não?

—Não! —Heather se ruborizou. —Sempre pensa o pior de mim!

Brady se afundou na cadeira.

—Sinto muito, carinho. É que te faz maior e é muito bonita. Estou preocupado por ti.

Era o mais agradável que lhe havia dito em todo o verão, mas a ver o que dizia quando confessasse o que tinha feito. Possivelmente deveria haver-lhe dito a primeiro Sheba; não era a Sheba a quem temia, a não ser a seu pai. As lágrimas fizeram que lhe picassem os olhos, mas piscou para as afugentar porque os homens odeiam as lágrimas. Matt e Rob diziam que só choravam as nenitas.

—É que fiz algo... e já não posso calá-lo por mais tempo.

Ele não disse nada. Só a observou e esperou.

—É... é como se algo horrível estivesse crescendo em meu interior e não se detivera.

—Talvez seja melhor que me conte isso.

—Eu... —Tragou saliva. —O dinheiro... o dinheiro que todos pensaram que tinha roubado Daisy... —As palavras saíram finalmente: —fui eu quem o roubou.

Por um momento ele não disse nada, logo se levantou de um salto.

—O que!!??

Heather levantou o olhar para seu pai e inclusive na escuridão da noite pôde ver sua expressão furiosa. Lhe caiu a alma aos pés, mas se obrigou a continuar.

—Fui eu... Eu agarrei o dinheiro e logo me penetrei em sua caravana e o escondi em sua mala para que todos pensassem que o tinha roubado ela.

—Não me posso acreditar isso! —Brady começou a dar patadas a destro e sinistro, golpeando a pata da cadeira sobre a que estava sentada ela e fazendo que caísse. antes de que tocasse o chão, ele a agarrou pelo braço e começou a sacudi-la. —por que fez algo assim? Maldita seja, por que mentiu?

Aterrada, Heather tentou escapar dele, mas seu pai não a soltou e a garota já não pôde conter as lágrimas.

—Queria... queria que Daisy tivesse problemas. Foi...

—É rasteira.

Voltou a sacudi-la.

—Sabe Alex algo disto?

—Não.

—consentiste que todos pensem que Daisy é uma benjamima quando foi você. Põe-me doente.

Sem nenhum olhar, arrastou-a pelo recinto. Ao Heather gotejava o nariz e estava tão assustado que começaram a lhe tocar castanholas os dentes. Tinha sabido que seu pai se zangaria com ela, mas não tinha imaginado até que ponto.

Rodearam a caravana da Sheba, e se dirigiram para a do Alex e Daisy, que estava estacionada ao lado. Com brutalidade, Brady levantou o punho e golpeou a porta. acenderam-se as luzes do interior e Alex abriu imediatamente.

—O que acontece, Brady?

A cara do Daisy apareceu por cima do ombro do Alex e, quando viu o Heather, pareceu preocupada.

—O que passou?

—Diga-lhe lhe exigiu seu pai.

Heather se explicou entre soluços.

—Fui eu... fui eu quem...

—Olha-os à cara enquanto fala! —Agarrou-lhe o queixo e lhe elevou a cabeça, sem machucá-la mas obrigando-a a olhar ao Alex aos olhos. Heather quis morrer.

—Eu agarrei o dinheiro! —soluçou. —Não foi Daisy. Fui eu! Logo me penetrei na caravana e o escondi em sua mala.

Alex ficou tenso e mostrou uma expressão tão parecida com a de seu pai que Heather deu um passo atrás.

Daisy soltou um grito afogado. Embora era uma mulher pequena conseguiu apartar ao Alex a cotoveladas e baixar um degrau. Tentou abraçar ao Heather mas seu pai a apartou.

—Não te dela compadeça. Heather foi uma covarde e será castigada por isso.

—Mas não quero que a castigue! Faz meses que passou. Já não importa.

—Quando penso em todos os desprezos que te fiz...

—Não importa. —Daisy tinha a mesma expressão teimosa que quando exortava à garota por sua linguagem. —Isto é minha coisa, Brady. Do Heather e minha.

—Está equivocada. Heather é carne de minha carne, minha responsabilidade, e nunca pensei que chegaria o dia em que me envergonharia tanto dela como agora. —Olhou ao Alex. —Sei que é um problema do circo, mas te peço que deixe que me eu encarregue mesmo disto.

Heather se tornou para trás ao ver o olhar arrepiante nos olhos do Alex quando este assentiu com a cabeça.

—Não, Alex! —Daisy tentou aproximar-se de novo ao Heather, mas Alex a apanhou desde atrás.

Brady a arrastou entre as caravanas sem dizer nenhuma palavra. Heather não tinha estado tão assustada em toda sua vida. Seu pai nunca lhe tinha pego, mas claro, ela nunca tinha feito nada tão mau.

Ele se deteve em seco quando Sheba surgiu das sombras de sua grande caravana RV. Levava posta uma bata verde de seda com estampados de aves e flores por todos lados. Heather se alegrou tanto de vê-la que a ponto esteve de lançar-se em seus braços, mas o horrível olhar nos olhos da proprietária do circo lhe fez dar-se conta de que Sheba o tinha ouvido tudo.

Heather sacudiu a cabeça e começou a chorar de novo. Agora Sheba também a odiava. Deveria havê-lo esperado, Sheba odiava o roubo mais que algo.

Sheba falou com voz trêmula:

—Quero falar contigo, Brady.

—Mais tarde. Tenho que me ocupar de uns assuntos...

—Melhor agora. —Logo se dirigiu à garota: —Vete à cama, Heather. Seu pai e eu falaremos contigo com primeira hora da manhã.

—E a ti que mais te dá? —quis gritar Heather. —Você odeia ao Daisy. Mas sabia que isso não importava agora. Sheba era tão dura como seu pai na hora de seguir as regras do circo.

Seu pai a soltou, e Heather fugiu. Enquanto corria à segurança de sua cama, soube que tinha perdido a última oportunidade de conseguir que seu pai a amasse.

CAPÍTULO 19

Brady estava furioso com a Sheba.

—Não quero que metas os narizes nisto.

—Só quero que te tranqüilize um pouco. Vamos dentro.

Ele subiu as escadas e abriu de um puxão a porta metálica. Estava muito alterado para emprestar atenção aos luxuosos móveis que faziam da RV da Sheba a caravana mais ostentosa do circo.

—É uma benjamima! Minha filha é uma puta benjamima! Permitiu que se culpasse ao Daisy. —Apartou a um lado um jogo de pesos e se deixou cair sobre o sofá, onde se passou a mão pelo cabelo.

Sheba agarrou uma garrafa do Jack Daniel's do armário da cozinha e encheu dois copos. Nenhum dos dois era bebedor e Brady se surpreendeu quando

ela esvaziou o conteúdo de um dos copos antes de lhe passar o outro. Quando se aproximou a bata rodeou aos quadris, fazendo que Brady se esquecesse de seu aborrecimento, embora só fora por um momento.

Sheba tinha a habilidade de lhe nublar a mente. Não era algo que gostasse e tinha lutado contra isso desde o começo. Era presunçosa, teimosa e o voltava louco. Era dessas mulheres que tinham que estar ao mando em qualquer situação, um controle que ele nunca cederia a uma mulher por muito que o atraíra. E não havia nenhuma dúvida de que Sheba Quest o atraía. Era a mulher mais excitante que tinha conhecido nunca. E a que mais o irritava.

Sheba lhe deu o copo de uísque e se sentou a seu lado. Ao fazê-lolhe abriu a bata deixando ao descoberto uma coxa. Era vigoroso e esbelto e Brady sabia, depois de havê-la observado trabalhar com os trapecistas, quão tonificado estava. Na RV se encontrava toda a equipe que ela utilizava para manter-se em forma. Tinha instalado uma barra de exercícios sobre a porta do dormitório. Na esquina havia um banco de treinamento com um sortido de pesos de mão.

Sheba se reclinou sobre os almofadões do sofá e fechou os olhos. Enrugou a cara, quase como se fora a tornar-se a chorar, algo que nunca lhe tinha visto fazer.

—Sheba? —Ela abriu os olhos. —O que te passa?

A mulher apoiou um tornozelo no joelho oposto adotando uma postura tipicamente masculina. Era tão descarada que Brady não entendia como podia parecer de uma vez tão feminina.

Vislumbrou um retalho de seda púrpura entre as pernas da Sheba e encontrou um branco para sua fúria.

—por que não se sinta como uma senhora em vez de como uma vulgar prostituta!

—Não sou sua filha, Brady. Sentarei-me como me dou a vontade.

Brady nunca lhe tinha pego a uma mulher em sua vida, mas nesse momento soube que lhe estalaria a cabeça se não a provocava. Com um movimento tão rápido que ela não o viu chegar, agarrou-a pela bata e a pôs em pé de repente.

—Lhe está procurando isso, neném.

—Por desgraça, você não é o suficiente homem para me dar o que quero.

Brady não pôde recordar nenhuma outra ocasião em que se sentisse tão furioso e Sheba se converteu no branco de todas as emoções que estavam a ponto de explorar em seu interior.

—Está-me provocando, Sheba? É que não tem a emano a ninguém melhor que eu? Sou o filho de um açougueiro do Brooklyn, recorda?

—O que é, é um bastardo desbocado. Insultava-o a propósito. Era como se ela mesma quisesse que a machucasse, e o estava disposto a agradá-la. Abriu-lhe a bata e a arrancou de um puxão.

Sheba ficou nua salvo por umas provocadoras calcinhas de seda cor púrpura. Tinha os peitos grandes e os mamilos escuros do tamanho de uma moeda

do meio dólar. Já não tinha o ventre plano e seus quadris eram mais arredondados do que deveriam ser. Era voluptuosa e amadurecida em toda a extensão da palavra, e Brady nunca tinha desejado tanto a uma mulher.

Ela não fez nenhum intento por cobrir-se, mas sim lhe sustentou o olhar com um descaramento tal que lhe deixou sem fôlego. Sheba arqueou as costas e colocou a perna esquerda diante da direita com um movimento elegante. Logo plantou a mão sobre o quadril. Seus peitos se balançaram ante o Brady e este perdeu o controle. —Que lhe jodan. Ela seguiu lhe provocando.

—Isso intento, Brady. Isso intento.

Tentou agarrá-la, mas esqueceu quão veloz era. Sheba se afastou com rapidez, com o cabelo vermelho flutuando a suas costas e os peitos ricocheteando. Brady se equilibrou atrás dela, mas lhe voltou a escorrer entre os dedos. Sheba se Rio, mas não foi um som agradável.

—Estas maior para isto, Brady?

ia domesticar a, não importava o que tivesse que fazer. Imporia sua vontade sobre essa mulher.

—Não tem nem a mais mínima oportunidade —se burlou ele.

—Já veremos. —Sheba lhe arrojou um dos pesos, que caiu rodando ao chão como se fora um boliche.

Apesar da surpresa, ele a esquivou com facilidade. Viu um brilho de desafio nos olhos da Sheba e como lhe brilhavam os peitos pelo suor. O jogo tinha começado.

Brady fez uma finta à esquerda e logo se voltou para a direita. Por um momento, tomou por surpresa, mas quando lhe roçou o braço com os dedos, ela deu um salto e se pendurou da barra de exercícios que havia no dintel da porta.

Com um grito triunfal, Sheba começou a balançar-se, para diante e atrás. Arqueou as costas e encolheu as pernas, as usando para golpeá-lo. Seus peitos se moviam como um convite e aquelas diminutas calcinhas púrpuras se deslizaram a um lado, revelando o pêlo avermelhado que cobriam. Brady nunca tinha visto nada mais formoso que Sheba Cardoza Quest, reina-a da pista central, atuando para ele nessa representação privada.

Aquilo só tinha uma saída possível. Brady se tirou a camiseta e os sapatos. Ela seguiu balançando-se enquanto observava como ele se tirava as calças curtas. Ao Brady não gostava de levar roupa interior e estava nu debaixo deles.

Os olhos da mulher escrutinaram cada centímetro de seu corpo; Brady sabia que ela apreciava o que via.

Quando se aproximou, Sheba lhe deu uma patada, mas ele a sujeitou pelos tornozelos.

—Bom, a ver o que temos aqui. Separou-lhe lentamente as pernas formando um arco. —É um demônio, Brady Pepper.

—Já deveria sabê-lo. —Percorreu-lhe as curvas com os lábios e seguiu explorando, subindo pelo músculo do interior da coxa. Quando alcançou o retalho

de seda púrpura, deteve-se um momento para olhá-la aos olhos, logo inclinou a cabeça e a mordiscou através do delicado tecido.

Ela gemeu e apoiou as coxas em seus ombros. Ele aferrou as nádegas da Sheba com as Palmas das mãos e continuou com sua úmida carícia. Sheba trocou de posição e se soltou da barra. Brady aprofundou a pressão de sua boca enquanto ela cavalgava sobre seus ombros e se apertava contra ele.

A mulher jogou a cabeça para trás enquanto a levava pelo corredor para a enorme cama da parte traseira. deixaram-se cair sobre ela. Sheba perdeu o controle quando Brady lhe tirou as calcinhas e afundou os dedos em seu interior enquanto se recreava em seus peitos.

Sheba se retorceu para colocar-se em cima e lhe montar, mas ele o impediu.

—Aqui mando eu.

—De verdade crie isso?

—É obvio que acredito. —Pô-la de barriga para baixo, logo a colocou de joelhos para poder penetrá-la desde atrás, mas se deu conta de que não podia tomar a desse modo. Não queria negar-se a si mesmo o prazer de observar a arrogante cara da Sheba quando se afundasse nela.

antes de que pudesse fazer nada, ela emitiu um grunhido que se converteu em um gemido. Com um poderoso movimento, Sheba se voltou e passou a perna por cima da cabeça do Brady para ficar de barriga para cima. Ele pôde sentir um desejo tão capitalista como o seu.

O peito da Sheba subia e baixava agitadamente.

—Não vais dobrar me.

—Possivelmente não queira.

Aquelas palavras tomaram aos duas por surpresa e, por um momento, não disseram nada mais.

Sheba se umedeceu os lábios.

—Bem. Porque não poderia fazê-lo. —Estendeu as mãos para ele e agarrou os poderosos braços do Brady para atrai-lo para ela. Isso o colocou na posição dominante mas, como era ela quem o tinha disposto assim, ele não se sentiu tão dominante como queria e a castigou com uma aposta profunda e dura.

Sheba respondeu elevando os quadris para recebê-lo e seu gutural sussurro ressonou nos ouvidos do Brady.

—Já pode tomar o com calma, bastardo, ou te matarei.

Ele se Rio.

—É lhe desenquadre, Sheba Quest. Realmente lhe desenquadrem.

Ela fechou o punho e o golpeou nas costas. desatou-se uma batalha pelo poder e, por um mudo acordo, decidiu-se que o primeiro que alcançasse o êxtase seria o perdedor. Uma trapecista e um equilibrista; a flexibilidade de seus corpos outorgava infinitas possibilidades a sua maneira de fazer o amor. Celebravam a necessidade de conquistar, mas cada castigo erótico que se infligiam o um ao

outro também o infligiam a si mesmos. Isto os obrigou a utilizar suas afiadas línguas como armas de batalha. Ela disse:

—Só me deito contigo para que não machuque ao Heather.

—foi o único que me ocorreu para que te tranqüilizasse.

—Mentirosa. Necessitava um semental. Todos sabem quanto necessita a seus lhes semeie a pequena Sheba.

—Não é um semental. Só um caso de caridade.

—É Alex o único ao que quer como semental? Lástima que ele não queira a ti.

—Odeio-te.

E assim seguiram, hiriéndose e castigando-se até que, de repente, deixaram de dizer-se aquelas cruéis palavras. uniram-se, escalando juntos até o topo e, em um momento arrebatador, esqueceram-se de tudo.

Depois Sheba tentou sair apressadamente da cama, mas Brady não a deixou.

—Fique aqui, neném. Só um momento.

Por uma vez, a proprietária do circo conteve sua afiada língua e se girou nos braços do Brady. As mechas de seu cabelo avermelhado se pulverizaram como cintas reluzentes sobre o peito masculino.

—Daisy será agora uma heroína. —Brady sentiu como se estremecia ao dizê-lo.

—O merece.

—A ódio. Odeio-lhe.

—Não tem nada que ver contigo.

—Não é verdade! Não sabe nada. As coisas foram bem quando todos pensavam que Daisy era uma benjamima. Mas agora não. Agora Alex pensará que ganhou.

—Esquece-o, neném. Simplesmente esquece-o.

—Não me dá medo —lhe disse desafiante.

—Sei. Sei.

—Não me dá medo nada.

Ele a beijou na têmpora mas não a chamou mentirosa. Sabia que Sheba tinha medo. Por alguma razão, reina-a da pista central já não se reconhecia a si mesmo e isso a assustava muitíssimo.

Alex ficou olhando a escura cristaleira da loja de postais do Hallmark. Três portas mais abaixo brilhavam as luzes de uma pequena pizzería enquanto, junto a eles, piscava o letreiro de néon de uma tinturaria fechada. Fazia muito tempo que tinha deixado de pensar no roubo do Daisy, mas o certo era que nunca tinha acreditado que fora inocente. Tinha que assumir a terrível injustiça que tinha cometido com ela.

por que não a tinha acreditado? Sempre se tinha orgulhado de ser imparcial, mas tinha estado tão seguro de que o desespero do Daisy a tinha conduzido a roubar o dinheiro que não lhe tinha devotado o benefício da dúvida. Deveria ter sabido que o forte código moral de sua esposa jamais lhe permitiria roubar.

Ela se removeu inquieta a seu lado.

—Podemos ir já?

Daisy não tinha querido acompanhá-lo a dar um passeio noturno pela alameda deserta, perto de onde se instalou o recinto do circo, mas Alex não estava preparado para voltar para os estreitos limites da caravana e tinha insistido nisso. Deu as costas ao desdobramento de postais e figuras de anjos e sentiu a tensão e o olhar preocupado do Daisy.

Os cachos negros emolduravam as bochechas de sua esposa e sua boca parecia tenra e delicada. Sentiu temor ante aquela doce cabeça oca que possuía uma vontade tão firme como a sua. Roçou-lhe a bochecha com o polegar.

—por que não me contou que o fez Heather? —Podemos falar disso mais tarde —disse Daisy olhando impacientemente para a estrada e afastando-se dele de novo.

—Espera! —agarrou-a brandamente pelos ombros e ela se removeu como um menino impaciente.

—me solte! Nunca deveria ter deixado que Brady a levasse assim. Viu quão zangado estava? Se lhe fizer mal...

—Espero que o quente o traseiro.

—Como pode dizer isso? Só tem dezesseis anos e foi um verão horrível para ela.

—Tampouco foi muito bom para ti. Como pode defendê-la depois do que te fez?

—Isso não importa. A experiência me curtiu, algo que certamente necessitava. por que deixaste que a levasse estando tão zangado? Virtualmente lhe deste permissão para que lhe dê uma surra. Não esperava isso de ti, Alex, de verdade. Agora!, por favor, rogo-lhe isso. Voltemos e deixa que me assegure de que está bem.

«Rogo-lhe isso.» Daisy repetia isso todo o tempo. As mesmas palavras que tinham envenenado o espírito da Sheba Quest dois anos antes, quando lhe tinha implorado que a amasse, saíam da boca do Daisy continuamente. Pela manhã, com a escova de dentes na boca lhe gritava: «Café! Por favor, rogo-lhe isso!» A noite anterior lhe tinha sussurrado suave e timidamente ao ouvido: «me faça o amor, Alex. Rogo-lhe isso.» Como se tivesse que rogar-lhe —Tal vez. Pero no de la manera que me odia a mí. Al principio no era tan malo, pero ahora...

Mas implorar não ameaçava o orgulho do Daisy. Era só sua maneira de expressar-se e, se em algum momento fora o suficientemente parvo para lhe sugerir que suplicar podia ser humilhante, Daisy lhe lançaria esse olhar

compassivo que ele tinha chegado a conhecer tão bem e lhe diria que deixasse de ser tão estirado.

Alex lhe acariciou o lábio inferior com o índice.

—Faz-te uma idéia do muito que o sinto?

Daisy se removeu com impaciência sob o roce de sua mão.

—Já te perdoei! Agora, vamos !

Alex quis beijá-la e sacudi-la ao mesmo tempo.

—Não o entende? Por culpa do Heather todo o circo pensou que foi uma benjamima. Nem sequer eu te acreditei.

—Isso é porque é pessimista por natureza. Agora, basta já, Alex. Entendo que te remoa a consciência, mas terá que deixá-lo para outro momento. Se Brady...

—Não fará nada. Está cheio o saco, mas não lhe porá um dedo em cima.

—Como pode estar seguro?

—Brady grita muito, mas não é violento, em especial com sua filha.

—Sempre há uma primeira vez.

—Ouvi-lhe falando com a Sheba um pouco antes de que saíssemos. Ela protegerá ao Heather como uma leoa a seus cachorrinhos.

—Que Heather vá ser protegida pelo Lizzie Bordem não me tranqüiliza —disse Daisy mencionando a uma famosa parricida.

—Sheba não é cruel com todo mundo.

—Odeia-me.

—Teria odiado a qualquer que se casou comigo.

—Talvez. Mas não da maneira que me odeia . Ao princípio não era tão mau, mas agora...

—Era mais fácil quando te odiava todo mundo. —Esfregou-lhe o ombro. —Sinto que te haja visto envolta nesta batalha que tem Sheba com seu orgulho. Sempre há poseído talento, inclusive de menina, e por esse motivo foram muito indulgentes com ela. Seu pai a fazia trabalhar duro, mas também alimentou seu ego, e Sheba cresceu pensando que era perfeita. Não pode aceitar que tem debilidades como todo mundo, assim sempre lhes joga a culpa de tudo a outros.

—Suponho que não é fácil enfrentar-se a seus próprios defeitos.

—OH, não. Não comece a sentir pena por ela. Não baixe o guarda, ouve-me?

—Mas eu não lhe tenho feito nada.

—Casaste-te comigo.

Daisy franziu o cenho.

—O que foi o que aconteceu entre vós?

—Ela acreditava que estava apaixonada por mim. Mas não o estava, só amava minha linhagem, embora ainda não se deu conta. Tivemos uma cena muito desagradável e perdeu os nervos. Qualquer outra mulher o teria esquecido, mas Sheba não. É muito arrogante para pensar que é culpa dela, portanto a culpa é

minha. Nosso matrimônio foi um enorme golpe para seu orgulho, mas enquanto esteve em desgraça, resultou suportável para ela. Não sei como reagirá agora.

—Mau, suponho.

—Sheba e eu nos conhecemos bastante bem. Podia viver com o passado enquanto me via como um ser desgraçado, mas agora não. Quererá me castigar por ser feliz e só tenho uma debilidade. —Olhou-a.

—Eu? Eu sou sua debilidade?

—Se te fizer mal a ti, faz-me isso . Por isso quero que tome cuidado.

—Parece-me uma perda de tempo esbanjar toda essa energia tentando convencer a todo mundo de que alguém é melhor que ninguém. Não posso compreendê-lo.

—Claro que não pode. você adora assinalar seus defeitos a todo aquele que queira te escutar.

Daisy deveu encontrar divertida a exasperação do Alex porque sorriu.

—De qualquer maneira acabariam descobrindo-os por si só assim que passassem o tempo suficiente comigo. Só lhes evito o esforço.

—Quão único descobririam é que é uma das pessoas mais decentes que conheço.

Uma expressão muito parecida com a culpa apareceu no rosto do Daisy, embora Alex não podia imaginar de que se sentia culpado. De repente, a jovem voltou a mostrar sua preocupação.

—Está seguro de que ao Heather não acontecerá nada?

—Não hei dito isso. Asseguro-te que Brady a castigará.

—Dado que sou a pessoa ofendida, deveria decidir eu o castigo.

—Brady não o verá desse modo, e Sheba tampouco.

—Sheba! Que hipócrita! adorava acreditar que eu era uma benjamima. Como pode castigar ao Heather por lhe conceder seu mais desejado desejo?

—Sheba estava encantada porque pensava que era verdade. Mas tem um forte sentido da justiça. As gente do circo levam uma vida itinerante e não há nada que odeiem mais que a um ladrão. Quando Heather cometeu o roubo e mentiu, violou tudo no que Sheba crie.

—Mesmo assim, acredito que é uma hipócrita e não fará que troque de idéia. Se não fazer algo com respeito ao Brady, farei-o eu.

—Não, você não fará nada.

Daisy abriu a boca para discutir com ele, mas antes de que pudesse emitir uma palavra, Alex se inclinou e a beijou. A jovem resistiu dois segundos tentando demonstrar que não era uma garota fácil, mas em seguida se rendeu.

Santo Deus, ao Alex adorava beijá-la, adorava sentir como se fundia com ele, a pressão suave de seus peitos. O que tinha feito para merecer a essa mulher? Era seu anjo pessoal.

Atravessou-o uma quebra de onda de frustração porque ela não exigia a vingança que merecia. Mas vingar-se não formava parte da natureza do Daisy, por isso era tão vulnerável.

apartou-se ligeiramente para falar e teve que obrigar-se a dizer aquelas palavras tão incomuns nele.

—Sinto muito, carinho. Sinto não te haver acreditado.

—Não importa —repôs ela.

Alex soube o que ela queria dizer e sentiu como se seu coração explorasse.

CAPÍTULO 20

Sheba estava sob as sombras do toldo, ocultando seu sofrimento, enquanto observava rir ao Alex e Daisy frente a sua caravana. Ele tirou uma palha do cabelo a sua esposa e logo lhe roçou a cara; um gesto tão íntimo que foi como se lhe tivesse acariciado o peito.

A amargura se estendeu por seu corpo como uma videira corrupta, despojando a de todo o resto. Tinham passado quatro dias desde que Heather tinha confessado a verdade e Sheba não podia suportar quão feliz parecia o casal. Sentia como se fora a sua costa, e Alex não merecia ser feliz.

—Esquece-o, Sheba.

girou-se e viu o Brady caminhando para ela. Ele levava pavoneando-se como um galo de briga pelo recinto do circo da noite que tinham acontecido juntos. Sheba quase esperava que ficasse as mãos sob as axilas e cacarejasse. Era típico do Brady Pepper acreditar que porque se colocou em sua cama uma vez tinha direito de entremeter-se em sua vida.

—me deixe em paz.

—Não é isso o que quer que faça.

Sheba odiou o olhar de lástima que lhe lançou.

—Não sabe nada.

—Deixa-o, Sheba. Alex forma parte de seu passado. Será melhor que o esqueça.

—Supunha que diria algo assim. É todo um perito em esquecer, não é certo?

—Se está falando do Heather...

—Já sabe que sim.

Digeriu o olhar para o caminhão dos elefantes onde Heather empurrava um carrinho de mão carregado de esterco. Agora era ela quem se encarregava dessa tarefa, quão mesma tinha realizado Daisy. Sheba o considerava um castigo apropriado, mas Brady não estava satisfeito. Tinha-o arrumado tudo para enviar ao Heather com sua cunhada Terry assim que esta retornasse de visitar sua mãe na Wichita.

—Heather é minha coisa. Em lugar de preocupar-se por ela, por que não pensa em quão bem o passamos juntos a outra noite.

—Bem? Mas se quase nos matamos o um ao outro!

—Sim. Não esteve genial?

Brady sorriu ampliamente ante a lembrança e Sheba sentiu um calafrio traidor em seu interior. Tinha estado bem: a excitação, a emoção de alcançar o clímax junto a alguém com tão mau gênio e tão exigente como ela. morria por deitar-se com ele outra vez, assim que ficou uma mão no quadril e adiantou o lábio inferior.

—Preferiria que me abrissem em canal.

—Pois neném, eu sempre tenho a furadeira preparada para o trabalho.

Ela quase sorriu. Então viu que Alex se inclinava para beijar ao Daisy na ponta do nariz. Como o odiava. Como os odiava aos dois. A ela nunca a tinha cuidadoso assim.

—Manten afastado de mim, Brady. —Empurrou-o ao passar por seu lado e se afastou com passo irado.

Três dias depois, Daisy se dirigia à casa de feras com uma bolsa de guloseimas que tinha comprado quando tinha passado com o Alex pela loja de comestíveis. Tater ia detrás e os dois se detiveram para admirar a cambalhota que Peter Tolea, de três anos, estava fazendo frente a sua mãe, Elena. A romena, esposa do acrobata, só falava um pouco de inglês, assim Daisy e ela se saudaram em italiano, um idioma que ambas dominavam à perfeição.

Depois de falar com a Elena uns minutos, Daisy seguiu caminhando para a casa de feras, onde passou uns poucos minutos com o Sinjun.

«Diga-lhe Le explicó lo que había averiguado, y Alex la miró con gravedad.

«Farei-o.»

«Diga-lhe já.»

«Logo.»

Deu-lhe as costas escapando da reprimenda que acreditava ter visto nos olhos do Sinjun. Durante os últimos dias Alex tinha sido tão feliz como um menino e ela não tinha sido capaz de lhe aguar a festa. Sabia que lhe custaria acostumar-se à idéia de um bebê, assim era importante escolher o momento adequado para lhe dar a notícia.

Agarrou as ameixas que tinha comprado para a Glenna e entrou na carpa. Mas a jaula da gorila tinha desaparecido.

Saiu com rapidez. Tater abandonou o feno e trotou felizmente atrás dela enquanto se aproximava do caminhão que transportava às feras. Troy estava jogando uma sesta dentro da cabine e ela se inclinou sobre o guichê aberto para lhe sacudir o braço.

—Onde está Glenna?

Troy despertou sobressaltado e seu desgastado Stetson se chocou contra o espelho retrovisor quando se endireitou.

—Né?

—Glenna! Não está em sua jaula.

Ele bocejou.

—Vieram esta manhã por ela.

—Quem?

—Um tio. Sheba estava com ele. Carregou a jaula da Glenna em uma caminhonete e se piró.

Aturdida, Daisy soltou ao moço e deu um passo atrás. O que tinha tramado Sheba?

Daisy encontrou ao Alex revisando a lona do circo se por acaso havia rasgões.

—Alex! levaram-se a Glenna!

—O que?

Explicou-lhe o que tinha averiguado, e Alex a olhou com gravidade.

—vamos falar com a Sheba.

A proprietária do circo estava sentada depois do escritório do vagão vermelho ocupando da papelada. Tinha o cabelo recolhido e estava vestida com uma bonita cor cáqui com o pescoço adornado com um bordado de estilo mexicano. Daisy ficou diante do Alex para enfrentar-se a ela.

—O que tem feito com a Glenna?

Sheba levantou a vista.

—por que quer sabê-lo?

—Porque sou eu quem se encarrega da casa de feras. É um de meus animais e está sob meu cuidado.

—Perdão? Um de seus animais? Temo-me que não.

—Já basta, Sheba—a interrompeu Alex. —Onde está a gorila?

—Vendi-a.

—Vendeste-a? —repreendeu-a ele.

—Se por acaso não sabiam, o circo dos Irmãos Quest está de ofertas. Como todos lhes queixavam da casa de feras, decidi vendê-la.

—Não crie que me deveria haver isso dito?

—Pois a verdade é que nem me passou pela cabeça. —levantou-se do escritório e levou um maço de documentos ao arquivo.

Daisy deu um passo adiante quando Sheba abriu uma das gavetas.

—A quem a vendeste? Onde está?

—Não sei por que está tão desgostada. Não era a ti a quem gostava de dizer a todo mundo quão desumana era nossa exibição de feras?

—Isso não quer dizer que quisesse que vendesse a Glenna. Quero saber aonde a levaram.

—A um novo lar. —Sheba fechou a gaveta.

—Aonde?

—Está me interrogando?

Alex apoiou a mão no ombro do Daisy.

—por que não volta com os animais e deixa que eu me encarregue disto?

—Quero saber onde está. Alex, tenho que lhe dizer um montão de coisas sobre os costumes da Glenna ao novo proprietário. Odeia os ruídos fortes e lhe

dão medo as pessoas que levam chapéus grandes. —Lhe pôs um nó na garganta ao pensar que não veria outra vez a doce gorila. Queria que Glenna tivesse um novo lar, mas lhe teria gostado de poder despedir-se dela. Recordou a maneira em que a gorila gostava de asseá-la e se perguntou se algum de sua novas cuidado cabeça de gado lhe deixaria fazê-lo. Sentiu que lhe enchiam os olhos de lágrimas. —adora as ameixas. Tenho que lhes dizer o das ameixas.

Alex lhe deu um tapinha no braço.

—Escreve uma lista e me assegurarei de que a leiam. Venha, agora tenho que falar com a Sheba.

Daisy quis protestar, mas se deu conta de que Alex teria mais possibilidades de conseguir que Sheba colaborasse se estavam sozinhos. dirigiu-se à porta, mas se deteve na soleira e voltou o olhar para a proprietária do circo.

—Nem te ocorra fazê-lo de novo, ouviste-me? A próxima vez que ataduras um animal, quero sabê-lo antes. E também quero falar com o novo proprietário.

Sheba arqueou as sobrancelhas.

—Não posso acreditar que te atreva a me dar ordens.

—Pois lhe acredite isso E será melhor que me faça conta. —deu-se a volta e os deixou sozinhos.

Durante um momento, nem Sheba nem Alex abriram a boca. Alex duvidava que o discurso do Daisy tivesse intimidado a Sheba, mas se sentiu orgulhoso de que sua esposa se defendeu sozinha. Observou a seu antiga amante e só sentiu asco.

—O que te passa, Sheba? Sempre foste uma mulher dura, mas nunca foi cruel.

—Não sei do que te queixa. Tampouco você gosta da exposição de feras.

—Não te faça a parva. Queria fazer mal ao Daisy e o conseguiste. Utiliza-a a ela para me fazer machuco e não penso consenti-lo.

—Não seja acreditado, não é tão importante.

—Conheço-te, Sheba. Sei como pensa. Tudo ia bem enquanto a gente pensava que Daisy era uma benjamima, mas agora que sabem a verdade, não pode suportá-lo.

—Faço o que me dá a vontade, Alex. Sempre o tenho feito e sempre o farei.

—Onde está a gorila?

—Não é teu assunto. —Sheba saiu da caravana detrás lhe fulminar com o olhar.

Alex se negou a ir atrás dela, não pensava lhe dar a satisfação de ter que lhe pedir nada. aproximou-se do telefone.

Demorou um dia em localizar ao distribuidor ao que Sheba tinha vendido a gorila. O distribuidor lhe pediu o dobro do que lhe tinha pago a Sheba pelo animal, mas Alex não regateou.

Procurou um lar confortável para a Glenna e, na quarta-feira da semana seguinte, pôde lhe dizer ao Daisy que seu gorila se acabava de converter na nova residente do zoológico Brookfield de Chicago. O que não lhe disse foi que tinha sido seu dinheiro o que o tinha feito possível.

Daisy rompeu a chorar e lhe disse que era o marido mais maravilhoso do mundo.

Brady e Heather se detiveram no mostrador da TWA no aeroporto do Indianápolis. A garota embarcaria em um avião dessa companhia rumo à Wichita. Não se tinham dirigido a palavra desde que tinham saído do recinto essa manhã, e ao Brady corroía a culpa, algo que não gostava de nada. Sheba o tinha insultado de todas as maneiras que sabia e, no dia anterior, Daisy o tinha encurralado contra uma das bancas para pôr o de volta e meia. Tinham-no feito sentir um canalha. Mas nenhuma delas sabia o que era ter uma filha nem querê-la tanto que faria algo por ela. Olhou zangado a sua filha.

—Faz caso a sua tia Terry, ouve-me? Chamarei-te todas as semanas. Se necessitar dinheiro me diz isso, e não te ocorra começar a sair com meninos ainda.

Ela olhou para diante, com a mochila arranca-rabo firmemente entre as mãos. A via tão bonita, magra e ressentida, que lhe doeu o coração. Queria proteger a sua filha, protegê-la e fazê-la feliz. Daria sua vida por ela.

—Enviarei-te um bilhete de avião para que venha a Florida a passar as férias de Natal conosco —disse bruscamente. —Possivelmente poderíamos ir a Disneylandia. Você gostaria?

Heather se voltou para ele com o queixo tremente.

—Não quero voltar a verte em minha vida.

Brady sentiu uma dor dilaceradora nas vísceras.

—Não o diz a sério.

—Oxalá não fosse meu pai.

—Heather...

—Não te quero. Nunca te quis. —Sem derramar nenhuma só lágrima e com a cara inexpressiva, Heather o olhou diretamente aos olhos. —Queria a mamãe, mas a ti não.

—Não diga isso, carinho.

—Deveria te sentir feliz. Já não tem que te sentir culpado por não me querer.

—Quem te há dito que não te quero? Maldita seja, hão-lhe isso dito os meninos?

—É você quem me há isso dito.

—Jamais tenho feito tal coisa. De que diabos falas?

—Demonstraste-me isso que mil maneiras. —ficou a mochila ao ombro. —Lamento o que aconteceu com o dinheiro, mas já lhe disse isso. Agora me piro

ao avião. Não te incomode em me chamar. Sempre estarei muito ocupada para me pôr ao telefone.

deu-se meia volta e se afastou dele. Ensinou-lhe o bilhete à aeromoça e desapareceu pela porta de embarque.

Santo Deus, o que tinha feito? O que tinha querido dizer sua filha com que lhe tinha demonstrado de mil maneiras que não a queria? Jesus, María e José, havia-o jodido todo. Ele só queria o melhor para ela. Aquele era um mundo duro e tinha que ser exigente com ela ou acabaria convertendo-se em uma vaga. Mas tudo tinha saído mau.

Nesse momento se deu conta de que não podia deixar que se fora. Sheba e Daisy tinham tido razão desde o começo.

Empurrou à aeromoça ao passar por seu lado e penetrou pela porta de embarque dando vozes.

—Heather Pepper, volta aqui agora mesmo!

Alarmada-a aeromoça se interpôs em seu caminho.

—Senhor, posso lhe ajudar em algo?

Os passageiros que se interpunham entre o Heather e ele se giraram para ver o que acontecia, mas ela seguiu caminhando.

—Volta aqui imediatamente! Ouviste-me?

—Senhor, vou ter que chamar segurança. Se tiver algum problema...

—Venha, chame-os. Essa garota é minha filha e quero que volte.

Heather quase tinha chegado à porta do avião quando Brady a alcançou.

—Não penso tolerar que nenhuma filha minha me fale assim. Nem pensar! —Apartou-a a um lado com intenção de lhe dizer o que se merecia. —Se crie que adotando essa atitude conseguirá voltar com sua tia Terry, está muito equivocada. Move o culo, voltamo-nos para circo, jovencita, e espero que você goste de limpar porque é o que vais fazer de caminho a Florida.

Ela ficou olhando com os olhos tão abertos que pareciam caramelos azuis de hortelã.

—Fico?

—É obvio que fica. E não quero te voltar para ouvir falar assim. —Lhe quebrou a voz. —Sou seu pai, e se te ocorre não me querer da mesma maneira que eu te quero, arrependerá-te.

Continuando, Brady a abraçou e lhe devolveu o abraço enquanto quão passageiros tentavam subir ao avião os empurravam com suas bolsas e carrinhos, mas a nenhum dos dois pareceu lhe importar. Brady seguiu abraçando com força a essa filha que amava com loucura e da que não pensava separar-se nunca.

A noite da segunda-feira só houve uma função, assim Alex convidou ao Daisy para jantar fora. A suave música flutuava no comilão em penumbra de um luxuoso restaurante no centro do Indianápolis, onde o casal tomou assento em um reservado da esquina.

Agora que já não estava preocupada com a Glenna, Daisy se sentia como se lhe tivessem tirado um peso de cima. Também tinha contribuído a seu bem-estar que Brady tivesse retornado do aeroporto com o Heather. O equilibrista não se mostrou muito comunicativo a respeito, mas bem se tinha comportado como um porco-espinho quando Daisy lhe tinha perguntado o que tinha acontecido, mas foi evidente que manteve a sua filha pega a ele durante quase todo o dia. Esta não tinha estado tão feliz em todo o verão.

De todas maneiras, Daisy considerava as últimas duas semanas as melhores de sua vida. Alex tinha sido tão tenro e carinhoso com ela que logo que parecia o mesmo homem. Estava decidida a lhe contar o do bebê essa noite, embora ainda não sabia como.

Alex sorriu; estava tão bonito que o coração do Daisy fez uma pirueta. Aos homens corpulentos não estava acostumado a lhes sentar bem o traje, mas ele era, definitivamente, uma exceção.

—Está preciosa esta noite.

—Pensei que já não saberia como me arrumar. —Por uma vez não se viu impulsionada a lhe dizer que sua mãe teria estado muito bonito, talvez porque ao Daisy já não importava sua aparência tanto como antes. passou-se tanto tempo em jeans, acréscimo e com a cara lavada que essa noite se sentia muito sofisticada.

—Asseguro-te que está estupenda.

Ela sorriu. Para sair para jantar se pôs a única roupa de vestir que tinha: um pulôver de seda cor osso e uma minissaia a jogo. Tinha utilizado como cinturão um largo cachecol dourado e a tinha enrolado duas vezes à cintura deixando pendurar as franjas dos extremos. As únicas jóias que levava postas eram a aliança e uns discretos pendentes de ouro. Como não tinha querido esbanjar o dinheiro em ir à barbearia, tinha o cabelo mais comprido que nunca e, depois de tantas semanas de levá-lo recolhido, sentia o sensual roce no pescoço e nos ombros.

O garçom deixou duas saladas ante eles, cada uma com corações de alcachofra, vagens de ervilha e pepino, regadas com molho de framboesa e amadurecidas com queijo ralado.

Assim que os deixou sozinhos, Daisy sussurrou:

—Talvez deveríamos ter pedido a salada da casa, isto parece muito caro.

Alex pareceu divertir-se com sua preocupação.

—Inclusive os mais humildes têm direito a viver a vida de vez em quando.

—Sei, mas...

—Não se preocupe por isso, carinho. nos podemos permitir isso —¿Sabes qué pasó la última vez que un Petroff desafió a un Romanov?

Daisy decidiu para seus adentros que as seguintes semanas faria comidas trocas para compensar o gasto. Embora Alex não falava jamais de dinheiro, ela não acreditava que um professor universitário ganhasse muito.

—Não quer que te sirva vinho?

—Não, assim está bem. —Ao beber um sorvo de água com gás, olhou o vinho que brilhava na taça do Alex. Tinha pedido uma das garrafas mais caras da carta e lhe teria encantado prová-lo, mas não pensava fazer nada perigoso para o bebê.

Não deveriam atirar o dinheiro em um jantar tão cara com um bebê em caminho. logo que terminasse a excursão, procuraria um trabalho e trabalharia até que chegasse o momento do parto, assim poderia ajudar com os gastos extra. Quatro meses antes não lhe tivesse passado pela cabeça tal coisa, mas agora a idéia de trabalhar duro não lhe preocupava. Pensou que gostava de muito a pessoa em que se converteu.

—Come. eu adoro verte colocar o garfo na boca. —A voz do Alex se tornou rouca e manifiestamente sedutora. —Recorda a todas essas outras coisas que faz com ela.

Daisy se ruborizou e voltou a concentrar-se na salada, mas sentia os olhos do Alex cravados nela com cada bocado que dava. Um montão de imagens eróticas começou a desfilar por sua mente.

—Deixa de fazer isso! —Soltou o garfo com exasperação.

Ele acariciou o caule da taça com aqueles dedos largos e elegantes, logo deslizou o polegar pelo bordo.

—Que deixe de que fazer o que?

—Deixa de me seduzir!

—Pensava que você gostava que te seduzira.

—Não quando me arrumei para jantar em um restaurante.

—Entendo. Já vejo que não leva prendedor. Leva calcinhas?

—É obvio.

—Algo mais?

—Não. Com as sandálias não uso pantis.

—Bem. Pois vais fazer o seguinte: te levante e vê o banho. te tire as calcinhas e as coloque na bolsa. Logo volta aqui.

O calor se estendeu pelos lugares mais secretos do corpo do Daisy.

—Não penso fazer isso!

—Sabe o que passou a última vez que um Petroff desafiou a um Romanov?

—Não, e não sei se quero sabê-lo.

—Perdeu a cabeça. Literalmente.

—Entendo.

—Pois te dou dez segundos.

Embora mantinha uma expressão desaprobadora, ao Daisy lhe tinha disparado o pulso ante a idéia.

—É uma ordem?

—Aposta seu doce traseiro a que sim.

Aquelas palavras foram como uma carícia erótica que quase a fez dissolver-se, mas conseguiu apertar os lábios e levantar-se da mesa com aparente relutância.

—Senhor, é você um tirano e um déspota.

Saiu do comilão com a rouca risada do Alex ressonando em seus ouvidos.

Quando retornou cinco minutos depois, aproximou-se apressadamente ao reservado. Embora as luzes eram tênues, estava segura de que todos podiam dar-se conta de que estava nua sob o magro tecido de seda. Alex a estudou com atenção enquanto se aproximava. Havia tal arrogância em sua postura que não cabia dúvida de que era um Romanov dos pés à cabeça.

Quando Daisy se acomodou a seu lado, lhe aconteceu um braço pelos ombros e lhe deslizou um dedo pela clavícula.

—Pensava te dizer que abrisse a bolsa e me mostrasse sua roupa interior para estar seguro de que tinha seguido minhas ordens, mas me parece que não será necessário.

—nota-se? —Olhou aos lados, alarmada. —Agora todos sabem que estou nua debaixo da roupa e é tua culpa. Nunca devi deixar que me convencesse disto.

Alex lhe deslizou a mão sob o cabelo e a agarrou pela nuca.

—Tal e como eu o recordo, não tinha outra opção. Foi uma ordem real, recorda?

Ele tinha aproveitado todas as oportunidades que lhe apresentavam para tomar o cabelo desde domingo, e ela desfrutava de cada minuto. Lançou-lhe um olhar reprobatoria.

—Eu não obedeço ordens reais.

Ele se aproximou mais e lhe roçou a orelha com os lábios.

—Carinho, com um estalo de dedos posso fazer que lhe encerrem em uma masmorra. Seguro que não quer reconsiderar sua postura?

A chegada do garçom a salvou de responder. Tinha retirado os restos da salada enquanto ela estava no banheiro e agora lhes serve o prato principal. Alex tinha pedido salmão defumado e ela pasta. Os linguini cheiravam a saborosas ervas e aos camarões que se escondiam entre as verduras. Enquanto provava o delicado manjar, Daisy tentou esquecer-se de que estava médio nua, mas Alex não a deixou.

—Daisy?

—Mmm?

—Não quero te pôr nervosa, mas...

Ele levantou o guardanapo que cobria o pão quente e estudou atentamente a cesta e seu conteúdo. Já que todos os pãozinhos eram iguais, ela não entendia por que demorava tanto tempo em escolher um como não fora para pô-la nervosa.

—O que? —açulou-o. —O que dizia?

Alex partiu o pão e o lubrificou lentamente de manteiga.

—Se não me satisfizer por completo esta noite... —olhou-a, e seus olhos estavam cheios de fingido pesar— me temo que terei que te ceder a meus homens.

—O que! —Daisy quase se levantou de um salto das almofadas.

—É só para te inspirar. —Com um sorriso diabólico, afundou com firmeza os dentes brancos na parte de pão.

Quem podia ter imaginado que esse homem tão complicado seria um amante tão imaginativo? Pensou que esse pícaro jogo podiam jogá-lo-os dois e sorriu com doçura.

—Entendo, Sua Alteza Imperial. Asseguro-lhe que estou muito aterrada por seu real presencia para ousar lhe decepcionar.

Alex arqueou uma sobrancelha diabólicamente enquanto cravava um camarão do prato do Daisy e o aproximava dos lábios da jovem.

—Abre a boquita, carinho.

Daisy se tomou seu tempo para comer o camarão e, enquanto, deslizou os dedos pelo interior da pantorrilha do Alex, agradecendo a intimidade e a escassa luz do reservado que os resguardavam de olhares curiosos. Teve a satisfação de sentir como a seu marido lhe esticavam os músculos da perna e soube que ele não estava tão depravado como parecia.

—Tem as pernas cruzadas? —perguntou ele.

—Sim.

—as separe. —Ela quase soltou um grito afogado. —E mantinha assim o resto da velada.

A comida se voltou insípida de repente e tudo no que Daisy pôde pensar foi sair do restaurante e meter-se na cama com ele.

Separou as pernas uns centímetros. Lhe tocou o joelho sob a toalha, e sua voz já não soou tão segura como antes.

—Muito bem. Sabe acatar as ordens. —Introduziu a mão debaixo da saia e a deslizou para cima pelo interior da coxa.

Tal audácia a deixou sem fôlego e, nesse momento, sentiu-se como uma pulseira sob o jugo do czar. A fantasia a fez sentir-se fraco de desejo.

Embora nenhum dos dois mostrou sinais de pressa, acabaram de comer em um tempo recorde e recusaram tomar o café e a sobremesa. Logo estiveram de retorno no circo.

Alex não lhe dirigiu a palavra até que estiveram dentro da caravana, onde lançou as chaves no mostrador antes de voltar-se para ela.

—tiveste suficiente diversão por esta noite, carinho?

O roce da seda em sua pele nua e seu flerte público tinham feito que Daisy abandonasse suas inibições, mas mesmo assim se sentiu um pouco parva quando baixou a vista e tentou mostrar-se total.

—O que Sua Alteza Imperial deseje.

Ele sorriu.

—Então me dispa.

Lhe tirou a jaqueta e a gravata, e lhe desabotoou a camisa ao mesmo tempo que pressionava a boca contra o torso que deixava ao descoberto. O roce sedoso do pêlo fez cócegas em seus lábios lhe pondo a pele de galinha. Lambeu um dos escuros e duros bicos da mamadeira. Sentiu os dedos torpes ao lutar com a fivela do cinturão e, quando por fim conseguiu abri-lo, começou a lhe baixar a cremalheira.

—te dispa você primeiro —disse ele, —mas antes me dê o cachecol.

Ao Daisy tremeram as mãos quando se desatou o cachecol dourado da cintura e a deu. tirou-se os pendentes e se desfez das sandálias. Com um grácil movimento se passou o pulôver pela cabeça mostrando os peitos. A cinturilla da saia cedeu sob os dedos e a frágil seda lhe deslizou pelos quadris. Apartou-a com o pé e ficou nua ante ele.

Alex a acariciou com a mão, do ombro ao quadril, das costelas às coxas, como se estivesse marcando uma propriedade. O gesto liquidificou o sangue do Daisy em suas veias, avivando-a até tal ponto que logo que era capaz de manter-se em pé. Satisfeito, ele agarrou o cachecol e deixou que o extremo se deslizasse lentamente entre seus dedos.

Havia uma ameaça erótica no gesto e Daisy não pôde apartar a vista do tecido. O que ia fazer Alex com ela?

Conteve o fôlego quando lhe aconteceu o cachecol ao redor do pescoço deixando que os extremos pendurassem sobre seus peitos. Tomando as franjas nas mãos, Alex levantou primeiro um extremo e logo o outro, deslizando os de um lado a outro. Dourado-los fios de seda lhe roçaram os mamilos com suavidade. A sensação, cálida e pesada, estendeu-se pelo ventre do Daisy.

Ao Alex lhe obscureceram os olhos até adquirir a cor do brandy.

—A quem pertence?

—A ti —sussurrou ela.

Ele assentiu com a cabeça.

—Vê que singelo é?

Terminou de despi-lo. Então, Daisy deslizou as Palmas das mãos pelas coxas do Alex, sentindo as duras texturas da pele e os músculos. Estava majestuosamente excitado. Ela sentiu os peitos pesados e considerou que tinha mais que suficiente, mas seguiu com a fantasia.

—O que quer agora de mim? —perguntou.

Ele apertou os dentes e emitiu um profundo som inarticulado enquanto a empurrava pelos ombros para baixo.

—Isto.

Ao Daisy lhe parou o coração. Acatou sua ordem silenciosa e o amou como queria. O tempo perdeu seu significado. Apesar de estar naquela postura total, nunca se havia sentido tão poderosa. Alex lhe enredou os dedos no cabelo, lhe mostrando sem palavras o que necessitava. Afogado-los gemidos de prazer do Alex incrementaram a excitação do Daisy.

A jovem sentiu a rígida tensão dos músculos sob as Palmas das mãos e o filme de suor que cobria aquela dura pele masculina. Nesse momento Alex a pôs bruscamente em pé e a tendeu na cama.

Retrocedeu um passo para olhá-la aos olhos.

—te abra para mim e deixarei que me sirva outra vez.

OH, Santo Deus. Alex deveu sentir o estremecimento que a percorreu porque seus olhos se entreabriram com satisfação. Daisy separou as pernas.

—Não tão rápido. —Lhe apanhou o lóbulo da orelha entre os dentes e o mordiscou com suavidade. —Primeiro tenho que te castigar.

—me castigar? —Ela ficou rígida pensando nos látegos guardados sob a cama, justo debaixo de seus quadris.

—Excitaste-me, mas não terminaste o que começou.

—Isso foi porque você...

—Basta. —Alex se levantou de novo e a olhou com toda a nobre arrogância herdada de seus antepassados Romanov.

Daisy se relaxou. Jamais lhe faria mal.

—Quando queira sua opinião, mulher, pedirei-lhe isso. Até então, será melhor que controles a língua. Meus cossacos levam muito tempo sem uma mulher.

Lhe lançou um olhar afiado.

Ao Alex tremeu a comissura dos lábios, mas não sorriu. limitou-se a inclinar a cabeça e lhe roçar com os lábios o interior da coxa.

—Só há um castigo adequado para uma pulseira que não sabe guardar silêncio. Uma severo e cruel reprimenda.

O teto deu voltas enquanto ele cumpria sua ameaça e a levava a um reino de ardente prazer, a um êxtase tão antigo como o tempo. O corpo do Alex se voltou escorregadio pelo suor e esticou os músculos dos ombros sob as mãos do Daisy, mas não se deteve. Só ao final, quando lhe rogou que forçasse a doce penetração que necessitava com tanto desespero.

Alex a penetrou profundamente e toda diversão desapareceu de seus olhos.

—Quero te amar —sussurrou.

lhe arderam os olhos pelas lágrimas quando ele disse as palavras que tanto tinha desejado ouvir. Alex se pegou a seu corpo, e se deixaram levar por um ritmo tão eterno como o batimento do coração de seus corações. moveram-se como se fossem um. Daisy sentiu como seu amado a enchia por completo, chegando ao mesmo centro de sua alma.

perderam-se em um torvelinho de paixão; homem e mulher, céu e terra. Todos os elementos da criação convergindo em uma perfeita combinação.

Quando tudo terminou, Daisy experimentou uma sorte que nunca havia sentido antes e teve a certeza de que tudo iria bem entre eles. «Quero te amar», havia dito ele. Não havia dito, «quero fazer o amor contigo», a não ser «quero te

amar». E o tinha feito. Não podia havê-la amado mais intensamente embora tivesse repetido as palavras cem vezes.

Olhou-o por cima do travesseiro. Estava de cara a ela, com os olhos médio fechados e sonolentos. Estendendo o braço, Daisy lhe acariciou a bochecha e ele voltou a cabeça para lhe beijar a palma da mão.

Lhe percorreu a mandíbula com o polegar, desfrutando da suave aspereza de sua pele.

—Obrigado.

—Sou eu quem deveria te dar as obrigado.

—Quer isso dizer que não vais compartilhar me com seus cossacos?

—Não te compartilharia com ninguém.

O jogo erótico que tinham estado jogando a tinha feito esquecer-se da promessa que se feito interiormente de lhe dizer o do bebê essa noite.

—Leva dias sem falar do divórcio.

Alex ficou em guarda imediatamente e rodou sobre as costas.

—Não pensei nisso.

Daisy se sentiu desanimada por sua retirada, mas já sabia que ia ser difícil e continuou pressionando-o, embora com toda a suavidade que pôde.

—Me alegro. Não é algo agradável no que pensar.

Observou-a com um olhar preocupado.

—Sei o que quer que diga, mas ainda não posso. me dê um pouco mais de tempo, vale?

Com um nó na garganta, Daisy assentiu com a cabeça.

Parecia tão nervoso como um animal selvagem obrigado a viver sob o jugo da civilização.

—Nos tomaremos dia a dia.

Daisy compreendeu que não devia seguir pressionando-o. Mas o fato de que ele não tivesse mencionado que seu matrimônio finalizaria em apenas dois meses lhe dava a suficiente esperança para atrasar um pouco mais a notícia do bebê.

—Isso faremos.

Ele se incorporou e se reclinou contra os travesseiros apoiados contra o cabecero.

—Sabe que é o melhor que me passou na vida, verdade?

—Sem lugar a dúvidas.

Ele se Rio entre dentes e deu a impressão de que o abandonava parte da tensão. Daisy ficou de barriga para baixo, apoiou-se nos cotovelos e lhe acariciou o pêlo do peito com a gema dos dedos.

—Catalina a Grande foi uma Romanov?

—Sim.

—Tenho lido que era uma mulher muito luxuriosa.

—Tinha um montão de amantes.

—E muito poder. —Daisy se inclinou para diante e lhe mordiscou o peitoral. Alex se estremeceu, assim que o mordiscou outra vez.

—Ai! —agarrou-a pelo queixo. —O que é o que está tramando exatamente essa retorcida tua mente?

—Só pensava em todos esses homens tão fortes sob o jugo da Catalina a Grande...

—Estraga.

—... obrigados a servi-la... a submeter-se a ela.

—Estraga.

Lhe acariciou com os lábios.

—Toca-te ser o escravo, machão.

Por um momento ele pareceu alarmado, logo soltou um profundo suspiro.

—Acredito que morri e fui ao céu.

CAPÍTULO 21

Alex esteve impossível toda a semana. Desde que foram para jantar para logo desfrutar daqueles jogos eróticos, procurou todo tipo de desculpas para discutir com ela. Inclusive nesse momento a olhava com o cenho franzido enquanto se secava o suor da frente com o braço.

—Não podia ter recheado o bujão de gás quando foste fazer a compra ao povo?

—Sinto muito, mas não sabia que estava vazia.

—Nunca te fixa em nada —acrescentou ele com acritud. —O que crie? Que se cheia sozinha?

Daisy apertou os dentes. Parecia como se se aproximaram muito aquela noite e precisasse distanciar-se dela outra vez. No momento tinha conseguido esquivar todas as amadurecidas que lhe tinha arrojado, mas cada vez lhe resultava mais difícil manter a raia seu próprio temperamento. Nesse instante teve que conter-se para falar com calma.

—Não sabia que queria que o fizesse eu. Sempre te ocupaste você dessas coisas.

—Sim, mas se por acaso não te deste conta, estive muito ocupado ultimamente. adoeceram os cavalos, acendeu-se a carpa da cozinha e agora temos a um inspetor de sanidade ameaçando nos multando por nos saltar não sei que normas de segurança.

—Sei que estiveste submetido a muita pressão. Se me houvesse isso dito não me teria importado me ocupar dos bujões.

—Sim, claro. Quantas vezes preencheste um bujão?

Daisy contou mentalmente até cinco.

—Nenhuma. Mas aprenderia a fazê-lo.

—Não te incomode. —E se afastou a passo irado.

Daisy já não pôde conter-se nem um minuto mais. Plantou uma mão no quadril e lhe gritou:

—Que passe um bom dia também!

Alex se deteve, logo se girou para lhe dirigir um de seus olhares mais sombrios.

—Não te passe!

Daisy cruzou os braços sobre o peito e deu golpecitos no chão com a esportiva suja. Pode que Alex estivesse experimentando um montão de sentimentos que não sabia como dirigir, mas isso não queria dizer que tivesse que desafogar sua frustração nela. Daisy levava dias tentando ser paciente, mas já não agüentava mais.

Alex se aproximou dela apertando os dentes. Daisy se negou a retroceder.

Alex se parou diante dela, tentando intimidá-la com seu tamanho.

Daisy teve que reconhecer que lhe dava muito bem.

—Passa algo? —espetou ele.

Aquela discussão era tão ridícula que não ficou mais remedeio que sorrir com picardia.

—Se alguém te disser que está muito bonito quando te zanga, minta.

A cara do Alex adquiriu um tom púrpura e Daisy pensou que exploraria. Mas em vez disso, limitou-se a elevá-la pelos cotovelos e empurrá-la contra o reboque. Logo a beijou até que Daisy ficou sem fôlego.

Quando finalmente a pôs no chão, estava de pior humor que antes de beijá-la.

—Sinto muito! —gritou.

Como desculpa não era grande coisa, pois quando partiu parecia mais um tigre mal-humorado que um marido arrependido. Embora Daisy sabia que ele estava sofrendo, lhe tinha esgotado a paciência. por que tinha que fazê-lo tudo tão difícil? por que não podia aceitar que a amava?

Recordou a vulnerabilidade que tinha visto em seus olhos a noite que lhe tinha pedido mais tempo. Suspeitava que Alex sentia medo de dar nome ao que sentia por ela. A dicotomia entre seus sentimentos e o que acreditava saber sobre si mesmo estava rasgando-o por dentro.

Isso era o que se dizia a si mesmo, porque a alternativa —que não a amasse— era algo no que não queria pensar. E mais se tinha em conta que ainda não lhe havia dito que estava grávida.

Desculpava aquela covardia de todas as maneiras que lhe ocorriam. Quando as coisas foram bem entre eles, dizia-se que não queria arriscar-se a perder a harmonia e, quando todo se desmoronava, que tinha perdido o valor.

Mas o olhasse como o olhasse, sabia que estava comportando-se como uma covarde. Devia enfrentar-se ao problema e, entretanto, seguia fugindo dele. Já tinha passado quase um mês desde que se feito a prova do embaraço. Devia estar já de dois meses e meio, mas não tinha ido ao médico porque não queria

arriscar-se a que Alex o descobrisse. que se estivesse cuidando não era desculpa para não começar um correto controle pré-natal, sobre tudo se tinha que assegurar-se de que o bebê não tinha resultado prejudicado pelas pílulas anticoncepcionais que tinha seguido tomando antes de descobrir que estas tinham falhado e estava grávida.

Colocou a mão no bolso dos jeans e tomou uma decisão. Não havia razão para seguir adiando-o mais. De todas maneiras era impossível seguir vivendo assim. Para que seguir atormentando-se? O diria essa tarde. Eram necessários dois para fazer um bebê e já ia sendo hora de que ambos aceitassem suas responsabilidades.

Assim que acabou a função da tarde foi buscá-lo, mas a caminhonete não estava. Daisy estava cada vez mais nervosa. depois de ter estado pospondo essa conversação tanto tempo, quão único desejava era tirar-se esse peso de cima.

Deveriam haver-se visto na hora do jantar, mas o inspetor de sanidade reteve o Alex até que deu começo a última função. Quando se dirigiu à porta traseira do circo antes da atuação, Daisy o viu junto à Misha. Levava um dos látegos enrolado ao ombro e o extremo lhe pendurava sobre o peito. A brisa lhe removia o cabelo escuro e a tênue luz arrojava profundas sombras a seus rasgos.

Não havia ninguém com ele. Era como se tivesse desenhado um círculo invisível a seu redor, um círculo que mantinha a todo mundo fora, incluindo-a a ela. Em especial a ela. As lentejoulas vermelhas do cinturão do Alex brilharam quando passou a mão sobre o flanco do animal. A frustração do Daisy foi em aumento. por que tinha que ser tão teimoso?

Enquanto o público ria pelas travessuras dos palhaços, Daisy se aproximou dele. Misha soprou e jogou a cabeça para trás. Daisy olhou à besta com apreensão. Não importavam as vezes que representasse o número, nunca se acostumaria a ele, incluindo o aterrador momento no que Alex a montava diante dele na cadeira.

A jovem se deteve diante do cavalo.

—Crie que alguém poderia te substituir depois da função? Tenho que falar contigo.

Alex lhe respondeu sem olhá-la enquanto ajustava a cilha da cadeira de montar.

—Terá que esperar. Tenho muito que fazer.

Mas ao Daisy lhe tinha esgotado a paciência. Se não resolviam seus problemas já, não seriam capazes de tirar esse matrimônio adiante.

—Não posso esperar.

Folgada-las mangas da camisa branca do Alex se incharam quando se incorporou.

—Olhe, Daisy, se for pelo do bujão, já te hei dito que o sinto. Sei que não foi fácil viver comigo estes últimos dias, mas tive uma semana muito dura.

—tiveste muitas semanas duras, mas nunca o pagaste comigo.

—Quantas vezes tenho que me desculpar?

—Não quero suas desculpas. Quão único quero é falar dos motivos pelos que te distancia de mim.

—Deixa-o estar, vale?

—Não posso. —O número dos palhaços chegava a seu fim. Daisy sabia que esse não era o melhor momento para falar, mas agora que tinha começado, não podia parar. —Estamo-nos fazendo mal o um ao outro. Temos um futuro juntos e precisamos falar disso. —Acariciou-lhe o braço esperando que se apartasse e, como não o fez, Daisy se sentiu confiada para seguir. —Estes meses foram os melhores de minha vida. Ajudaste-me a me encontrar a mim mesma, e espero te haver ajudado a fazer o mesmo. —Pô-lhe as mãos no peito e sentiu o batimento do coração do coração do Alex através do tecido de seda. A flor de papel que levava entre os peitos rangeu e o extremo do látego roçou a mão do Daisy. —Não sente como nos envolve o amor? Não estamos melhor juntos que separados? Somos perfeitos o um para o outro —sem havê-lo planejado sequer, as palavras que tinha estado contendo tanto tempo surgiram de sua boca, —e também o seremos para o bebê que estamos esperando.

Durante um segundo não passou nada. E logo tudo trocou. Os tendões do pescoço do Alex se esticaram e os olhos lhe obscureceram enquanto a olhava com algo que parecia terror. Depois retorceu a cara em uma máscara de fúria.

Daisy apartou as mãos de seu peito. O instinto a impulsionou a escapar, mas já tinha feito o mais difícil e estava disposta a manter-se firme.

—Alex, não procurei este bebê. Nem sequer sei como ocorreu. Mas não vou mentir te e a dizer que o sinto.

—Confiei em ti —disse o sem logo que mover os lábios.

—Em nenhum momento traí sua confiança.

Alex fechou os punhos e tragou compulsivamente. Por um momento, Daisy pensou que ia golpear a.

—De quanto está?

—De uns dois meses e meio.

—Quanto faz que sabe?

—Mais ou menos um mês.

—Sabe há um mês e não me há dito nada?

—Dava-me medo lhe dizer isso No sabía amar. Le había dicho que no podía hacerlo y ella se negó a creerle. Ahora tendría que pagar por ello.

A alegre música dos palhaços foi em aumento assinalando o final do número. Alex e ela eram os seguintes. Digger, que era o encarregado de enviar a Misha à pista no ponto gélido da atuação, aproximou-se para fazer-se carrego do cavalo.

Alex agarrou ao Daisy do braço e a afastou de outros.

—Não vais ter nenhum bebê. Entende o que te digo?

—Não, não o entendo.

—Amanhã pela manhã, assim que nos levantemos, você e eu iremos. E quando voltarmos, não existirá nenhum bebê.

Ela o olhou conmocionada. Lhe revolveu o estômago e teve que levar o punho à boca. O público guardou silêncio como sempre que Jack Daily começava a dramática introdução do Alexi o Cossaco.

—Yyyy... agora, o circo dos Irmãos Quest se orgulha em apresentar...

—Quer que aborte? —sussurrou Daisy.

—Não me olhe como se fora um monstro! Não te atreva a me olhar assim! Disse-te desde o começo o que pensava desse tema. Abri-te meu coração para que o entendesse. Mas, como sempre, decidiste que sabe mais que ninguém. Embora não tem nenhuma pingo de prudência em seu maldito corpo, decidiu que é mais lista que ninguém!

—Não me fale assim.

—Confiei em ti! —Alex fez uma careta quando as primeiras notas da balalaica romperam o silêncio da noite. Era o sinal para entrar na pista. —Acreditava que tomava as pastilhas, mas me enganaste.

Ela negou com a cabeça e se tragou a bílis que lhe subia pela garganta.

—Não vou desfazer me do bebê.

—É obvio que sim! Fará o que eu diga.

—Você tampouco quer. Seria algo horrível.

—Não tão horrível como o que você tem feito.

—Alex! —gritou um dos palhaços. —É seu turno.

Agarrou o látego de seu ombro.

—Nunca lhe perdoarei isso, Daisy. Ouve-me? Nunca. —Apartando-se dela, desapareceu em direção à pista.

Daisy ficou paralisada, embargada por um desespero tão profundo e amargo que não podia respirar. OH, Santo Deus, que parva tinha sido! Tinha pensado que ele a amava, mas Alex tinha tido razão todo o tempo.

Não sabia amar. Havia-lhe dito que não podia fazê-lo e ela se negou a lhe acreditar. Agora teria que pagar por isso.

Muito tarde recordou algo que tinha lido sobre os tigres: «Os machos desta espécie se desvinculam por completo da vida familiar. Não participam da cria dos cachorrinhos, nem sequer os reconhecem.»

Alex ia inclusive mais longe. Queria esmagar essa fibra de vida que se tornou tão preciosa para ela. Queria destrui-la antes de que pudesse chegar ao mundo.

—Espabila, Daisy! Toca-te. —Madeline a agarrou e a empurrou para a porta traseira do circo.

O foco a iluminou. Desorientada, levantou o braço, tentando protegê-los olhos.

—... e nenhum de nós sabe quanto lhe há flanco a esta jovem entrar na pista com seu marido.

Daisy se moveu automaticamente ao compasso da música da balalaica, enquanto Jack contava a história da noiva criada em um convento que tinha sido

seqüestrada por um capitalista cossaco. Apenas o escutou. Não via nada salvo ao Alex, o traidor, no centro da pista.

As luzes arrancavam brilhos carmesim do látego que caía até seus brilhantes expulsa negras, titilavam no cabelo escuro do Alex e em seus pálidos olhos dourados, que brilhavam como os de um animal encurralado. Daisy seguia sob a luz do foco quando Alex começou a mover o látego. Mas essa noite o baile do látego não falava de sedução, mas sim de loucura selvagem, de fúria.

O público ovacionou com aprovação ao princípio, mas conforme transcorria o número, percebeu a tensão do Daisy. A comunicação fluída que sempre tinha existido entre eles tinha desaparecido. A jovem nem sequer se sobressaltou quando Alex cortou o cilindro de papel em sua boca, de fato atuava como uma autômato. Embargava-a um desespero tão profundo que não sentia absolutamente nada.

O ritmo do ato decaía em picado. Alex destruiu um dos cilindros em dois cortes, outro em quatro. Esqueceu uma variante em que tinha acrescentado uma serpentina ao extremo do rollito, e quando envolveu as bonecas do Daisy com o látego, os espectadores se removeram inquietos. No ar se apalpava a tensão do casal e o que antes tinha sido um ato de sedução agora parecia uma violenta paródia. Em lugar de um marido tentando ganhar o amor de sua esposa, o público via um homem perigoso ameaçando a uma pequena mulher frágil e indefesa.

Alex notou o que ocorria e se deixou levar por seu amor próprio. deu-se conta de que não podia permitir o luxo de rodeá-la com o látego sem que o público ficasse em seu contrário, mas por outro lado necessitava um gesto final que desse por concluída a atuação antes de indicar ao Digger que soltasse a Misha.

Deslizou o olhar pelo corpo do Daisy e seus olhos caíram sobre a flor de papel que emergia entre seus peitos, e se deu conta de que a tinha esquecido antes. Com um gesto de cabeça indicou ao Daisy o que ia fazer. A jovem o observou sem mover-se; quão único queria era acabar de uma vez para poder partir e ocultar do mundo.

A música da balalaica cresceu em intensidade enquanto ela cravava os olhos em seu marido. Se não tivesse estado tão petrificada, teria se dado conta do sofrimento do Alex, de que o embargava uma pena tão profunda como a sua.

Ele moveu os braços e deu uma chicotada com um rápido movimento de boneca. A ponta do látego voou para ela como dúzias de vezes antes, mas esta vez

Daisy o viu tudo a câmara lenta. Com uma estranha sensação de desapego, ela esperou que voassem as pétalas da flor, mas em seu lugar sentiu uma dor abrasadora.

ficou sem fôlego. Uma pontada ardente atravessou seu corpo quando o látego impactou nela do ombro até a coxa. A pista começou a girar e ela a cair. Passaram uns segundos e logo voltou a soar a música, uma enérgica e alegre melodia que parecia um estranho contraponto a aquela dor tão intensa que lhe

impedia de respirar. Sentiu que a elevavam uns braços fortes e que os palhaços entravam na pista a toda velocidade.

Daisy seguia consciente embora não queria. A seus ouvidos chegou uma oração. A música, o murmúrio do público, tudo ressonava fracamente atrás do muro de dor que a envolvia.

—Apartem! Atrás todos!

A voz do Alex. Era Alex quem a levava em braços. Alex, o inimigo. O traidor.

Daisy sentiu o duro e cortante frio do exterior quando a tendeu ao lado da carpa. Seu marido se inclinou sobre ela, utilizando seu corpo para ocultar a de outros.

—Carinho, sinto muito. OH, Meu deus, quanto o sinto.

Daisy utilizou as forças que ficavam para apartar o olhar dele e cravá-la na poeirenta lona de náilon. Ofegou de dor quando Alex roçou com uma mão os pedaços rasgados do maillot.

Daisy tinha os lábios tão secos e pegos que não podia abri-los.

—Não me toque...

—me deixe te ajudar. —A respiração do Alex era rápida e entrecortada. —Levarei-te a caravana.

Daisy gemeu quando a elevou em braços, odiando que a movesse e a fizesse sentir mais dor.

—Nunca te perdoarei por isso —sussurrou.

—Seja seja sei.

Uma abrasadora esteira de fogo lhe baixava do ombro ao centro do peito e do ventre até o quadril. Sentia tanto dor que não se deu conta de que tinham atravessado o recinto e entrado na caravana até que Alex a deixou sobre a cama.

Uma vez mais, Daisy apartou o olhar dele, mordendo-os lábios para não gritar quando seu marido lhe tirou lentamente o destroçado maillot.

—Seu peito... —ele conteve o fôlego. —Tem um vergão, mas não tem a pele atalho, só arroxeada.

O colchão se moveu quando ele se levantou, mas retornou em seguida.

—Sentirá frio. vou pôr te uma compressa.

Daisy deu um coice quando lhe cobriu a pele ardente com uma toalha úmida e fria. Apertou as pálpebras, desejando que passasse tudo.

A toalha se esquentou pela pele ardente e Alex a tirou para substitui-la por outra. O colchão se afundou de novo quando ele se sentou a seu lado. Começou a falar, com voz suave e rouca.

—Não sou... não sou tão pobre como te tenho feito acreditar. Dou classes na universidade, mas... mas além dedico a compraventa de arte russa. E sou assessor em alguns dos melhores museus do país.

As lágrimas se deslizaram pelas pálpebras do Daisy e caíram no travesseiro. Quando as compressas começaram a sortir efeito, a dor diminuiu e se converteu em um batimento do coração surdo e vibrante.

Alex continuou falando com frases entrecortadas e hesitantes.

—Consideram-me uma autoridade em iconografia russa em... nos Estados Unidos. Tenho dinheiro. Prestígio. Mas não queria que soubesse. Queria que pensasse que era um inculto e pobre trabalhador do circo. Queria... te afugentar.

—Já não me importa —se obrigou a dizer Daisy.

Alex falava agora com rapidez, como se lhe acabasse o tempo.

—Possuo uma... uma grande casa de tijolo. Em Connecticut, não longe do campus. —Com um toque ligeiro como uma pluma, substituiu a compressa por uma nova. —Está repleta de arte e coisas belas e também... também tenho um celeiro na parte de atrás com um estábulo para a Misha.

—Por favor, me deixe em paz.

—Não sei por que sigo viajando com o circo. Sempre que o faço me juro que será a última vez, mas depois passam uns anos e começo a me sentir inquieto. Não importa se estiver na Rússia, em Ucrânia, ou em Nova Iorque, ao final acabo sentindo uma chamada que me impulsiona a voltar. Suponho que sempre serei mais Markov que Romanov.

Agora que já não importava, Alex lhe contava todo aquilo que lhe tinha rogado que lhe revelasse durante meses.

—Não quero ouvir mais.

Alex lhe cavou a cintura com a mão em um gesto extrañamente protetor.

—foi um acidente. Sabe, não? Não sabe quanto o sinto...

—Só quero dormir.

—Daisy, sou um homem rico. Essa noite, quando fomos jantar, sei que estava preocupada com a conta... Não tem... não tem que preocupar-se nunca mais pelo dinheiro.

—Não me importa.

—Sei que te dói. Amanhã te encontrará melhor. Sairá-te um cardeal doloroso, mas não ficará cicatriz. —Alex vacilou como se se desse conta da terrível mentira que havia dito.

—Por favor —disse ela. —Se te importar algo, me deixe em paz.

Houve um comprido silencio. Logo o colchão se moveu de novo quando Alex se inclinou e lhe roçou as úmidas pálpebras com os lábios.

—Se necessitar algo, acende a luz. Virei imediatamente.

Ela esperou que se fora. Esperou que saísse da caravana para poder romper-se em um milhão de pedaços.

Mas Alex não teve piedade dela. Levantou a ponta da compressa e soprou com suavidade, enviando uma quebra de onda de ar que lhe esfriou a pele. Algo quente e úmido caiu sobre ela, mas Daisy estava muito aturdida para saber o que era.

Finalmente Alex se levantou da cama e a caravana se encheu dos familiares sons de seu marido trocando-se de roupa: o surdo ruído das botas contra o chão, o leve sussurro das lentejoulas ao tirar o faixa vermelho, o roce da

cremalheira dos jeans. Daisy sentiu que passava uma eternidade antes de que ouvisse fechá-la porta.

O grunhido do tigre saudou o Alex quando saiu da caravana. deteve-se nos degraus e tomou ar. As luzes de cores iluminavam as bandeirolas, mas ele era incapaz de ver nada mais que o obsceno vergão vermelho que cruzava a frágil pele do Daisy. Ao Alex picavam os olhos pelas lágrimas contidas e lhe ardiam os pulmões. O que tinha feito?

aproximou-se às cegas à jaula do tigre. A função ainda não tinha terminado. A zona das caravanas estava deserta salvo por um par de palhaços com os que evitou cruzar-se.

Tudo tinha saído mal essa noite.; por que não tinha dado por finalizado o número antes? Deveria haver indicado ao Digger que enviasse a Misha quando soube que aquilo não ia bem. Mas tinha estado muito furioso. Seu orgulho lhe tinha exigido que fizesse um truque mais para tentar salvar a função. Só um truque mais, como se isso tivesse podido arrumar algo.

Alex apertou as pálpebras. Daisy tinha uma pele pálida e delicada. O vergão lhe cruzava o peito e aquele doce ventre ainda plano onde crescia seu filho. Seu filho. Esse ser do que havia dito ao Daisy que se desfizera. Como se Daisy pudesse fazer algo assim. Como se ele pudesse deixar que o fizesse. As feias e horríveis palavras que havia dito lhe ressonaram nos ouvidos. Palavras que ela nunca esqueceria nem perdoaria. Porque nem sequer Daisy tinha o coração tão grande para perdoar algo semelhante.

Quando chegou à jaula, Sinjun lhe sustentou o olhar sem piscar, com tanta atenção que pareceu chegar aos rincões mais profundos de sua alma. O que via o tigre? Alex transpassou a corda de segurança e agarrou os barrotes. Aquele lugar frio e vazio que sempre tinha tido em seu interior tinha desaparecido, mas o que tinha ocupado seu lugar?

O olhar do Alex se cravou na do tigre e lhe puseram os cabelos de ponta. Por um momento todo ficou em suspense e logo ouviu uma voz —sua própria voz — lhe dizendo exatamente o que via o tigre.

«Amor.»

O coração lhe golpeou as costelas. «Amor.» Esse era o sentimento que não tinha reconhecido, o sentimento que tinha provocado o degelo. Estava aprendendo a amar. Daisy se tinha dado conta. Tinha sabido o que lhe ocorria embora ele o tinha negado.

Amava-a. Total e absolutamente. Como não se deu conta antes? Era mais preciosa para ele que todos esses ícones antigos e que as obras de arte que encheram sua vida durante tanto tempo. Ao viver com ela tinha aprendido a ser feliz. Daisy lhe tinha mostrado a alegria, a paixão, tudo... E o tinha feito com uma impressionante humildade. E o que lhe tinha dado ele em troca?

«Não te amo, Daisy. Nunca o farei.»

Apertou as pálpebras ao recordar como tinha negado uma e outra vez o precioso presente que lhe dava. Mas com um valor que lhe deixava sem fôlego,

Daisy tinha seguido oferecendo-lhe Não importava quantas vezes tivesse negado Alex seu amor, ela continuava brindando-lhe —Alex, ¿de verdad piensas que Max te ocultaría algo después de todo el trabajo que se tomó para que estuvierais juntos?

Agora aquele amor estava encarnado no menino que crescia no ventre de sua esposa. O menino que havia dito que não queria. O menino que desejava com cada pulsado de seu coração.

O que tinha feito? Como ia recuperar a sua esposa? Voltou a cabeça para a caravana, desejando que a luz estivesse acesa, mas a janela permanecia em penumbra.

Tinha que ganhar a de novo, tinha que fazer que perdoasse todas as desagradáveis palavras que havia dito. Tinha sido tão arrogante, tinha estado tão cego, tão obcecado com o passado, que lhe tinha dado as costas ao futuro. Tinha-a traído de um modo tão absoluto que ninguém em seu lugar o perdoaria.

Mas Daisy não era uma mulher comum. Para ela amar era tão natural como respirar. Não era capaz de conter seu amor igual a não era capaz de fazer mal a ninguém. Procuraria misericórdia em sua doçura e em sua generosidade. Não teria mais secretos para ela. Diria-lhe tudo o que sentia e, se isso não a abrandava, recordaria-lhe aqueles votos sagrados que sempre tirava reluzir. aproveitaria-se de sua simpatia, intimidaria-a, faria-lhe o amor até que não recordasse que a tinha traído. Recordaria-lhe que agora era uma Markov, e que as mulheres Markov lutavam por seus homens, inclusive embora estes não o merecessem.

A janela da caravana seguia às escuras. Decidiu deixá-la dormir, lhe dar tempo para que se recuperasse, mas assim que amanhecesse faria tudo o que estivesse em sua mão para ganhar a de novo.

O circo começava a esvaziar-se e ele ficou a trabalhar. Enquanto desmontavam a coberta, pensou em como poderia lhe demonstrar seu amor, como poderia lhe fazer ver que, a partir de agora, tudo seria diferente entre eles. Voltou o olhar à janela escura da caravana, logo correu à caminhonete. Dez minutos mais tarde, encontrou uma loja que abria toda a noite.

Não havia muito para escolher, mas se encheu os braços com tudo o que encontrou a seu passo: biscoitinhos salgados para meninos com forma de animais, um chocalho de plástico azul e um patito amarelo; um exemplar do livro sobre educação infantil do doutor Spock, um babador de plástico com um coelho de grandes brinca e uma caixa de farinha de aveia, porque Daisy teria que alimentar-se bem.

Retornou ao circo com os presentes tão rápido como pôde. A bolsa se rompeu quando a agarrou do assento dianteiro. Fechou-a com suas grandes mãos e correu para a caravana. Quando Daisy visse todo isso, compreenderia o que ela significava para ele. o muito que queria esse bebê; saberia quanto a amava.

Lhe caiu o chocalho enquanto girava o bracelete da porta. O brinquedo de plástico ricocheteou no degrau superior e logo rodou pela erva. Alex entrou correndo sem lhe emprestar atenção.

Daisy se tinha ido.

CAPÍTULO 22

Petroff o fulminou com o olhar.

—por que perde o tempo procurando-a aqui? Já te disse que me poria em contato contigo assim que soubesse algo dela.

Alex olhou pela janela, escrutinando Central Park como se pudesse encontrar a resposta no parque. Não podia recordar quando tinha sido a última vez que tinha comido algo decente ou dormido mais de umas quantas horas sem despertar sobressaltado. Tinha o estômago revolto, tinha perdido peso e sabia que parecia um desastre.

Fazia um mês que Daisy tinha fugido, mas não estava mais perto de localizá-la agora que a noite que tinha desaparecido. Tinha seguido uma pista atrás de outra, faltando a mais funções das que podia enumerar, mas nem ele, nem o detetive que tinha contratado, tinham conseguido averiguar nada.

Max lhe tinha dado uma lista das pessoas com as que podia ter contatado Daisy, e Alex tinha ido visitar as todas, mas era como se sua esposa tivesse desaparecido da face da terra. Ele rezava para que suas asas de anjo a mantiveram a salvo.

voltou-se lentamente e se enfrentou ao Max.

—pensei que podia ter acontecido algo por alto. Daisy não tinha mais de cem dólares quando se foi.

Amelia interveio do sofá.

—Alex, de verdade pensa que Max te ocultaria algo depois de todo o trabalho que se tomou para que estivessem juntos?

A maneira que tinha Amelia de arquear as sobrancelhas sempre lhe tinha feito chiar os dentes e, com os nervos a flor de pele, Alex não pôde ocultar seu desagrado.

—A questão é que minha esposa desapareceu e ninguém sabe onde está.

—Tranqüilo, Alex. Estamos tão preocupados com ela como você.

—Aconselho-te —disse Amelia— que pergunte a esse empregado que a viu por última vez.

Alex tinha interrogado a Ao Pôr até não poder mais, e já se convenceu de que o ancião não tinha nada mais que lhe dizer. Enquanto Alex cometia a estupidez de ir a aquela loja, Ao tinha visto como Daisy subia a um caminhão de dezoito rodas. Levava postos os jeans e, na mão, a pequena mala do Alex.

—Não posso acreditar que fizesse autoestop —disse Max. —Poderiam havê-la assassinado.

Aquela angustiosa possibilidade tinha tido ao Alex em velo durante três dias, mas uma tarde Jack saiu precipitadamente do vagão vermelho para lhe dizer que acabava de falar com o Daisy por telefone. Ao parecer tinha chamado para assegurar-se de que os animais estavam bem.

Pendurou sem mencioná-lo a ele assim que Jack tentou lhe surrupiar onde se encontrava.

Alex amaldiçoou as circunstâncias que tinham evitado que fora ele quem respondesse ao telefone, logo recordou a meia dúzia de chamadas que não tinham tido mais resposta que um estalo ao outro lado da linha. Daisy tinha chamado até que foi outra pessoa a que respondeu. Não queria falar com ele.

Max se passeou de um lado a outro da estadia.

—Não posso compreender por que a polícia não toma mais a sério.

—Porque desapareceu voluntariamente.

—Mas poderia lhe haver ocorrido algo após. Não é capaz de valer-se por si mesmo.

—Isso não é certo. Daisy é inteligente e não lhe assusta o trabalho duro.

Max ignorou suas palavras. A pesar do incidente que tinha presenciado com o Sinjun, ainda via sua filha como uma pessoa inútil e frívola.

—Tenho amigos no FBI, já vai sendo hora de que fale com algum deles.

—Centenares de testemunhas viram o que aconteceu essa noite na pista. A polícia acredita que tinha razões de sobra para desaparecer.

—Isso foi um acidente e, apesar de todos seus defeitos, Daisy não é vingativa. Nunca te guardaria rancor. Não, Alex. Tem que haver alguém mais comprometido, não deixarei que me mantenha à margem mais tempo. Hoje mesmo me porei em contato com o FBI.

Alex não lhe tinha explicado ao Max toda a verdade, e era isso o que lhe tinha impulsionado a ir ali esse dia. Ao não lhe haver posto à corrente de todos os fatos, estava-se reservando uma informação que poderia dar uma pista ao Max ou a Amelia sobre o paradeiro do Daisy. Não gostava de ter que dizer nada desagradável de si mesmo, mas seu orgulho não era tão importante como a segurança e o bem-estar de sua mulher e seu filho.

Quando olhou a seu sogro se deu conta de que tinha envelhecido grandemente durante o último mês. Tinha perdido parte do escarro diplomático que lhe caracterizava. Seus movimentos eram mais lentos e sua voz menos firme. A sua maneira —rígida e preconceituosa, por isso Alex tinha podido observar, — Max queria ao Daisy e sofria por ela.

Alex olhou por um momento o samovar de prata que tinha encontrado para o Max em uma galeria de Paris. Tinha sido desenhado pelo Peter Cari Faberge para o czar Alejandro III e levava impressa a águia imperial russa. O distribuidor lhe havia dito que datava de 1886, mas o detalhe da peça fazia que Alex pensasse que se aproximava mais a 1890.

Contemplar o talento do Faberge era menos duro que pensar no que tinha que lhe contar ao Max. meteu-se as mãos nos bolsos das calças e logo as tirou. Pigarreou.

—Daisy não só estava molesta comigo pelo que lhe fiz com o látego.

Max o olhou fixamente.

—O que?

—Está grávida.

—Lhe disse —disse isso Amelia do sofá. Max e Amelia intercambiaram um olhar que pôs ao Alex em guarda.

—Claro que me disse isso, carinho —disse Max em tom carinhoso.

—E suponho que a reação do Alex para ouvir as boas novas não foi muito agradável.

Amelia era irritante mas não estúpida. Aquelas palavras foram como colocar o dedo na chaga.

—Comportei-me mal com ela —admitiu ele.

Amelia olhou a seu marido com ar satisfeito.

—Também te disse que ocorreria isso.

Alex trago saliva antes de obrigar-se a dizer o resto.

—Ordenei-lhe que abortasse.

Max apertou os lábios.

—Como te atreveu a lhe dizer isso?

—Algo que me diga já me hei isso dito eu mil vezes.

—Segue pensando igual?

—É obvio que não —disse Amelia. —Só terá que lhe olhar à cara para dar-se conta. A culpa lhe pesa sobre os ombros. —levantou-se do sofá. —vou chegar tarde ao massagista. Já resolverão isto vós sozinhos. Felicidades, Max.

Alex percebeu que havia algo oculto nas últimas palavras da Amelia e na sonrisita cúmplice que intercambiou com o Max. Ficou olhando enquanto abandonava a estadia e soube que Max e lhe ocultavam algo.

—Tem razão Amelia? —inquiriu Max. —Já não pensa o mesmo?

—Tampouco o pensava quando o disse a ela. Mas me deu a notícia de sopetón e a adrenalina me nublou a razão —estudou ao Max. —Amelia não se surpreendeu para ouvir que Daisy estava grávida apesar de saber que tomava a pílula. por que?

Max se aproximou da vitrine de nogueira e observou a coleção de porcelana através das portas de cristal.

—Esperávamo-lo, isso é tudo.

—Está mentindo! Daisy me disse que era Amelia quem comprava as pastilhas. O que me está ocultando?

—Nós... fizemos o que creímos mais conveniente.

Alex ficou paralisado. Pensou no pequeno bote das pílulas do Daisy. Como se o estivesse vendo nesse momento, recordou que não tinha ato. Nesta época de medicamentos atados, aquelas pílulas não o levavam.

A pressão que sentia desde que Daisy desapareceu lhe oprimiu o peito. Uma vez mais tinha duvidado de sua esposa e, de novo, equivocou-se.

—Planejou-o você, não? Igual a planejou todo o resto. Substituiu suas pílulas.

—Não sei do que me fala.

—Não quero jogar gato e ao camundongo. me diga a verdade, Max. diga-me isso já.

O homem pareceu derrubar-se. Lhe dobraram os joelhos e se afundou na cadeira que tinha mais perto.

—Não o entende? Era meu dever.

—Seu dever? Devi supor que o veria assim. Não posso acreditar que tenha sido tão estúpido. Sempre soube quão obcecado está com a história de minha família, mas nunca me ocorreu que pudesse fazer algo assim. —A amargura lhe revolveu o estômago. Desde o começo, Daisy e ele não tinham sido mais que bonecos do Max.

—E o que? Por Deus, me deveria agradecer isso Max se levantou de um salto da cadeira. Apontou ao Alex com um dedo tremente. —Para ser historiador, não respeita sua linhagem. É bisneto do czar!

—Sou um Markov. Isso é quão único significa algo para mim.

—Uma panda de vagabundos. Vagabundos, ouve-me? É um Romanov e seu dever era ter um filho. Mas não queria ser pai, verdade?

—Essa era minha decisão, não tua!

—Isto é muito mais importante que um capricho egoísta.

—Quando Daisy me disse que estava grávida pensei que o tinha feito a propósito. Acusei-a de me haver mentido, bastardo!

Max fez uma careta e a justa indignação do Alex perdeu fole.

—Alex, olha-o desde meu ponto de vista. Só dispunha de seis meses e tinha que aproveitá-los. Não podia esperar que chegasse a te apaixonar por ela, é impossível que um homem com sua inteligência se interesse por alguém tão atordoado como minha filha, salvo para deitar-se com ela.

Alex sentiu vontades de vomitar. Como era possível que seu educada e inteligente algema sentisse carinho por um pai que tinha tão pouco respeito por ela?

—Daisy é mais lista que nós dois juntos.

—Não é necessário que mascare os fatos.

—Não o faço. Não conhece sua filha absolutamente.

—Não podia aceitar que seu matrimônio finalizasse sem tentar que houvesse um herdeiro Romanov.

—Não era teu assunto.

—Isso não é certo. Ao longo da história, os Petroff sempre se dedicaram a fazer o melhor para os Romanov, inclusive embora os Romanov não estivessem de acordo.

Enquanto olhava ao Max, Alex se deu conta de que o pai do Daisy estava obcecado com esse tema. Max podia ser um homem coerente em todo o resto, mas não nisso.

—foste deixar que morrera sua estirpe —disse Max, —e eu não podia consenti-lo.

Não havia nada mais que discutir com ele. Para o Max o menino que Daisy levava em seu ventre não era mais que um peão, mas esse bebê significava algo muito diferente para o Alex, e todos seus instintos paternos afloraram para protegê-lo.

—Que coño esteve tomando Daisy? O que lhe deu?

—Nada que pudesse danificar ao bebê. Pastilhas de fluoreto, isso é tudo. —Max se derrubou na cadeira. —Tem que encontrá-la antes de que faça algo estúpido. E se se livrou que bebê?

Alex cravou os olhos no ancião. Pouco a pouco a amargura se converteu em piedade ao pensar em todos os anos que Max tinha desperdiçado, todos os anos que tinha passado sem conhecer sua maravilhosa filha.

—Nada conseguiria que Daisy fizesse isso. Tem guelra, Max. Fará o que seja para manter a salvo a esse bebê.

Alex chegou ao circo à manhã seguinte, quando os primeiros caminhões entravam no recinto da Chattanooga. Os dias eram mais curtos e o verão chegava a seu fim. O circo se dirigia para o sul para passar o inverno perto da Tampa, onde se instalariam até o final da temporada durante a última semana de outubro. A excedencia do Alex na universidade concluía em janeiro e havia pensando fazer uma investigação em Ucrânia antes de incorporar-se, mas agora sabia que não o faria. Sem o Daisy todo o resto carecia de importância.

Jogou uma olhada ao recinto. O novo assentamento estava em uma ladeira com muito pouco espaço plano para montar a carpa principal. Alex tinha olheiras pela falta de sonho, mas lhe deu a bem-vinda à provocação. Sabia que isso não apartaria ao Daisy de seus pensamentos —nada o fazia, —mas lhe ajudaria a passar o tempo.

Era Trey quem conduzia sua caravana até ali, mas ainda não tinha chegado, assim Alex se dirigiu à carpa da cozinha para tomar um café bem carregado que acalmasse o vazio de seu estômago. antes de enchê-la taça, ouviu um chiado agudo e exigente. Amaldiçoou pelo baixo e se dirigiu para onde estavam os elefantes.

Quando chegou, não lhe surpreendeu ver que Neeco parecia ressentido.

—me devolva a picana, Alex. Com uma só espetada poremos fim a esta sandice.

Apesar da petição, Alex sabia que o domador preferia não usar a picana atrás de seu encontro com o Sinjun. Gostava de pensar que tinha sido Daisy e sua maneira de tratar aos animais o que tinha aberto os olhos do Neeco, porque agora

era mais suave com os elefantes e tudo partia muito melhor. Mas tinha que assegurar-se de que Neeco o tinha entendido e de que não voltaria para as andadas.

—Enquanto siga sendo o chefe, não voltará a usar a picana.

—Então, faz-o você.

Alex se aproximou do Tater e o elefante o abraçou. Colocou-lhe a ponta da tromba pelo pescoço da camisa para cheirá-lo, igual a fazia com o Daisy. Alex o desatou e se dirigiu ao caminhão que transportava a carpa com o Tater trotando atrás dele.

Tater tinha deixado de comer ao desaparecer Daisy, mas Alex tinha estado muito submerso em seu inferno privado para notá-lo. Neeco lhe obrigou a ser consciente da situação quando o estado do elefantito começou a deteriorar-se.

Não demorou muito em comprovar que o elefante encontrava quietude com sua presença; mas não pelo Alex, mas sim porque Tater o associava com o Daisy. Começou a comer outra vez e pouco depois seguia ao Alex pelo recinto como antes a tinha seguido a ela.

Os dois se abriram passo até o caminhão. Desenrolariam a carpa tão logo decidissem onde colocar o circo. Brady tinha chegado antes que ele, mas se apartou quando Alex se aproximou. Alex não sabia que tivesse feito sem o Brady; Jack e ele se encarregaram de que tudo partisse bem durante suas largas ausências.

Durante as horas seguintes, Alex trabalhou cotovelo com cotovelo com os empregados na montagem. Ainda tinha posta a roupa que levava no avião, mas tampouco a trocou quando chegou Trey com a caminhonete. O suor empapava a camisa azul de algodão e lhe tinha esmigalhado a calça do traje cinza, mas não lhe importou. O trabalho lhe intumescia a mente e impedia que pensasse.

Quando já não pôde pospô-lo mais, foi à caravana com o Tater lhe pisando os talões. Atou o animal perto de onde Digger tinha preparado o feno e vacilou ao aproximar-se da porta. A caravana cheirava ao Daisy, tinha seu toque, quão único faltava era sua presença e ele odiava estar ali dentro.

Entrou e se viu torturado por imagens dela entrando correndo pela porta com as bochechas manchadas, a roupa suja, a palha enredada no cabelo e um brilho de satisfação nos olhos. aproximou-se da geladeira, mas o único que encontrou foi uma lata de cerveja e um iogurte que Daisy tinha comprado. Tinha caducado duas semanas antes, mas não queria atirá-lo.

Agarrou a cerveja e a abriu enquanto se aproximava do Tater. O elefantito se estava jogando o feno no lombo, e tomou um pouco de palha fresca para polvilhar ao Alex com ela como gesto de amizade. Alex entendia agora por que sua esposa sempre levava o cabelo cheio de feno.

—Estou seguro de que Daisy te sente falta de, amiguito —disse brandamente, esfregando a tromba do elefante.

sentiria-se ainda mais perdida sem o Sinjun. Existia uma estranha comunhão entre o Daisy e o tigre, algo que ele nunca tinha entendido por

completo. A sua esposa adorava trabalhar animais que ninguém mais queria: um elefantito problemático, uma gorila tímida, um velho tigre com ar régio... Devia ser difícil para ela não estar com os seres que amava. Nesse momento ficou paralisado, lhe pôs a pele de galinha e se esqueceu de respirar. O que o fazia pensar que não estava com um deles?

Vinte e quatro horas depois estava frente à grade da zona tropical do zoológico Brookfield de Chicago olhando a Glenna. A gorila estava sentada sobre a Montana rochosa do centro do recinto e comia um caule de aipo. Alex levava horas vagando pelas passarelas que rodeavam o hábitat. Picavam-lhe os olhos pela falta de sonho, doía-lhe a cabeça e notava como se lhe ardesse o estômago.

E se se equivocava? E se ela não estava ali depois de tudo? Tinha passado pelo escritório de emprego do zoológico e sabia que não trabalhava ali. Mas estava seguro de que Daisy quereria estar perto da Glenna. Além disso, não tinha mais pistas e não perdia nada por tentá-lo.

«Tolo.» A palavra ressonava em sua cabeça como o ruído de uma taladradora. «Tolo. Tolo. Tolo. Tolo.»

O pesar que sentia era muito privado para ser exibido e, quando ouviu o murmúrio de outro grupo de meninos, subiu pelo caminho curva, bordeada por vegetação tropical e uma grade de ferro grafite de verde como o bambu e unida por uma corda. Acima estaria sozinho. Glenna se agarrou com força a uma das pesadas cordas que pendurava dos troncos que coroavam o topo da montanha dos gorilas e se aproximou dele. Parecia sã e feliz em seu novo lar. baixou-se, esta vez com uma cenoura.

De repente, a gorila elevou a cabeça e começou a emitir ruiditos. Alex seguiu a direção de seu olhar e viu como Daisy se aproximava pelo atalho de abaixo para o animal.

O coração lhe palpitou contra as costelas, mas a alegria que ameaçou fazendo estalar foi substituída quase imediatamente por ansiedade. Inclusive a quinze metros era evidente que Daisy não levava maquiagem e que as linhas de fadiga marcavam seu rosto. Levava o cabelo recolhido na nuca e, pela primeira vez desde que a conhecia, parecia murcha. Onde estava a Daisy que desfrutava maquiando-se e tornando-se perfume? A Daisy que desfrutava se lubrificando loção de damasco e pintando-os lábios de cor framboesa? Onde estava a Daisy que gastava toda a água quente em uma ducha deixando uma densa capa de vapor no quarto de banho? Ao Alex lhe secou a boca enquanto se empapava com a imagem de sua esposa e algo se rasgou em seu interior. Esta era a Daisy que ele tinha criado.

Esta era a Daisy com a luz do amor extinta.

aproximou-se mais e viu que lhe tinham fundo as bochechas; deu-se conta de que tinha perdido peso. Deslizou o olhar a seu ventre, mas a jaqueta frouxa e as calças escuras lhe impediram de ver se seu corpo tinha experiente

alguma mudança. Alex se assustou. E se tinha perdido ao bebê? Seria esse o castigo que esperava a ele?

Daisy estava tão concentrada na silenciosa comunhão com a gorila que não viu como ele se abria passo entre os meninos e se aproximava dela.

—Daisy —disse em voz baixa.

Daisy ficou tensa antes de voltar-se. Viu-a empalidecer ainda mais e fechar os punhos. Olhou-o como se se estivesse preparando para escapar e ele deu um passo adiante para detê-la, mas a fria expressão de sua esposa o deteve. Só tinha visto uns olhos tão vazios como esses quando se olhava no espelho.

—Temos que falar. —Aquelas palavras imitaram inconscientemente as que lhe havia dito tantas vezes, e a expressão fria com que o olhou devia ser um reflexo da maneira em que ele a tinha cuidadoso com freqüência.

Quem era essa mulher? Em sua cara não aparecia a animação que acostumava. Seus enormes olhos violeta estavam tão vazios que parecia que nunca tivesse chorado. Era como se algo tivesse morrido em seu interior e ele começou a suar. Teria perdido ao bebê? Era essa a causa de sua mudança? «Por favor, que não lhe tenha passado nada ao bebê.»

—Não há nada do que falar. —voltou-se e se afastou atravessando a cortina de corda que servia de entrada ao hábitat. Ele a seguiu e a tirou do braço sem pensar.

—me solte.

Quantas vezes lhe havia dito isso Daisy quando ele a arrastava pelo recinto do circo ou a tirava da cama ao amanhecer? Mas nesse momento as palavras careciam da força anterior. Olhou a cara pálida e inexpressiva de sua esposa. «O que te tenho feito, meu amor?»

—Só quero falar contigo —disse ele com rapidez, apartando a da gente.

Ela olhou em silêncio a mão com que lhe rodeava o braço.

—Se o que quer é que aborte, é muito tarde.

Alex quis jogar a cabeça para trás e uivar. Daisy tinha perdido o bebê e era culpa dela.

—Não sabe quanto o sinto —disse com muita dificuldade, deixando cair a mão.

—OH, já sei —disse ela com uma estranha calma, —deixou-me isso muito claro.

—Eu não te deixei claro nada. Não te disse que te amava. O único que te disse foi um montão de estupidezes. Coisas que não sentia de verdade. —Ao Alex doíam os braços pelo desejo de abraçá-la, mas Daisy tinha ereto uma barreira invisível a seu redor. —nos esqueçamos de todo isso, carinho. vamos começar de zero. Prometo-te que tudo será distinto esta vez.

—Tenho que ir. Não posso chegar tarde ao trabalho.

Foi como sim ele não tivesse falado. Havia-lhe dito que a amava, mas não tinha servido de nada. Daisy só queria ir-se e não voltar a vê-lo nunca mais.

A determinação do Alex se fez mais forte. Não podia deixar que ocorresse isso. Já se ocuparia mais tarde que seu pesar. Antes faria o que fora necessário para recuperar a sua esposa.

—Vem-te comigo.

—Nem pensar. Tenho que ir trabalhar.

—E o que passa com nosso matrimônio?

—Não é um matrimônio de verdade. Nunca foi mais que um acordo legal.

—Agora é de verdade. Fizemos uns votos, Daisy. Uns votos sagrados. E isso é tão certo quanto estamos aqui.

Ao Daisy tremeu o lábio inferior.

—por que faz isto? Já te hei dito que é muito tarde para que aborte.

Sofria por ela. Apesar do intenso que era sua dor, sabia que não podia ser tão intenso como o do Daisy.

—Não se preocupe, carinho. Tentaremo-lo outra vez. Assim que o médico nos permita isso.

—Do que está falando?

—Queria a este bebê tanto como você, mas não me dava conta disso até que desapareceu. Sei que é culpa minha que o tenha perdido. Se te tivesse cuidado melhor nunca teria ocorrido.

Daisy franziu o cenho.

—Não perdi ao bebê. —Olhou-o aos olhos. —Ainda estou grávida.

—Mas há dito... quando te disse que queria falar contigo, disse que era muito tarde para que abortasse.

—Estou de quatro meses e meio. O aborto já não é legal.

Enquanto ele se sentia alagado pela alegria, Daisy torceu a boca em um gesto de cinismo que nunca tivesse imaginado nela.

—Isso troca as coisas, não, Alex? Agora que sabe que o bolo segue no forno e que vai ficar aí, suponho que já não estará tão ansioso por que retorne.

Alex se viu embargado por tantas emoções que não sabia como as assimilar. Ainda estava grávida. Odiava-o. Não queria voltar com ele. Não podia dirigir tal caos emocional, assim recorreu ao prático.

—Está indo ao médico?

—Vou a uma consulta não longe daqui.

—A uma consulta? —Ele tinha uma fortuna no banco e sua esposa ia a uma consulta. Tinha que levar-lhe a um lugar onde pudesse apagar a beijos esse implacável e resolvido olhar de sua cara, mas a única maneira de fazê-lo era intimidando-a.

—Não acredito que tenha estado te cuidando muito. Está magra e pálida. E tão nervosa que parece que vá dar um ataque.

—E a ti o que te importa? Não quer ao bebê.

—OH, claro que quero ao bebê. Pode que atuasse como um bastardo quando me deu a boa nova, mas te asseguro que recuperei a prudência. Sei que

não quer voltar comigo agora, mas não tem outra opção. É perigoso para a ti e para o bebê, Daisy, e não vou permitir que siga assim.

Alex soube que tinha encontrado seu ponto débil, mas ela se seguiu opondo a ele com teima.

—Não é teu assunto.

—claro que sim. vou assegurar me de que tanto você como o bebê estejam bem. —Nos olhos do Daisy apareceu um olhar receoso. —Não me importa jogar sujo —acrescentou Alex em voz baixa, —penso descobrir onde trabalha e me encarregarei de que lhe despeçam.

—Faria-me isso?

—Sem pensá-lo duas vezes.

Daisy afundou os ombros e ele soube que tinha ganho, mas não sentiu nenhuma satisfação.

—Já não te amo —sussurrou ela. —Não te amo absolutamente.

A ele lhe pôs um nó na garganta.

—Não importa, carinho. Eu tenho amor suficiente pelos dois.

CAPÍTULO 23

Alex acompanhou ao Daisy a uma casa modesta em uma rua de um bairro operário bastante afastado do zoológico. Havia uma escultura de estuque da Virgem María no diminuto pátio dianteiro, ao lado de uns girassóis que rodeavam um canteiro de petunias rosadas. Daisy tinha alugado uma habitação na parte traseira com vistas à via do trem. Enquanto ela recolhia seus escassas pertences, ele foi pagar à caseira só para descobrir que Daisy já tinha pago o aluguel adiantado.

Graças a charlatana mulher se inteirou de que Daisy trabalhava como recepcionista em um salão de beleza durante o dia e de garçonete em uma cafeteria do bairro de noite. Não era de sentir saudades que parecesse tão cansada. Não tinha carro e tinha que ir andando ou em ônibus a todas partes; economizava tudo o que ganhava para quando nascesse o bebê. O fato de que sua esposa tivesse vivido na miséria enquanto ele tinha dois automóveis de luxo e uma casa cheia de obras de arte de incalculável valor só contribuiu a fazê-lo sentir mais culpado.

antes de ficar em caminho, Alex considerou por um momento levá-la a sua casa em Connecticut, mas imediatamente rechaçou a idéia. Ela necessitava mais que uma cura física, necessitava uma cura emocional e talvez os lhes anime que amava a ajudariam a consegui-la.

Aquilo lhe resultava tão familiar que Daisy sentiu uma momentânea felicidade quando a caminhonete se deteve. Alex e ela estavam na estrada, caminho da seguinte localização do circo. Estava apaixonada e grávida Y... despertou de repente quando a realidade se abateu sobre ela.

Alex tirou a chave do contato e abriu a porta.

—Tenho que dormir um pouco ou acabaremos nos embutindo contra uma árvore. Passaremos aqui a noite. —Desceu da caminhonete e fechou a porta.

Daisy se reclinou no assento e fechou os olhos ante o brilhante crepúsculo; também fechou o coração à doçura que escutava na voz do Alex. Ele se sentia culpado, qualquer podia vê-lo, mas não deixaria que isso a abrandasse. Seguro que ele se sentia melhor depois de lhe haver dito todas aquelas mentiras, mas se ela as acreditava acabaria apanhada. Tinha que proteger a seu bebê; já não podia permitir o luxo de ser otimista.

Alex lhe havia dito que Amelia e seu pai tinham substituído as pílulas anticoncepcionais e se desculpou por não ter crédulo nela. Outra coisa que o fazia sentir-se culpado. Ela o ignorou.

por que Alex não podia deixá-la sozinha? por que a tinha obrigado a retornar com ele? Pela primeira vez em semanas, todas as emoções que mantinha sob controle irromperam em seu interior. Apertou os nódulos contra os lábios e lutou por conter todos aqueles sentimentos até que voltou a erigir o muro que a tinha mantido em pé o último mês.

Ela sempre se deixou levar pelas emoções, mas se queria sobreviver não podia seguir assim. O orgulho o é tudo, havia-lhe dito Alex, e era certo. Foi o orgulho o que a sustentou. O que conseguiu que respondesse ao telefone na barbearia um dia atrás de outro e que passasse as noites carregando as pesadas bandejas com aquela comida gordurenta que lhe produzia náuseas. O orgulho foi o que pôs um teto sobre sua cabeça e o que lhe fez ganhar dinheiro para o futuro. O orgulho a manteve em pé quando o amor a traiu.

E agora o que? Pela primeira vez em semanas, experimentava temor por algo que não tinha nada que ver podendo pagar o aluguel. Dava-lhe medo Alex. O que queria dela?

«A pior ameaça para os tigres jovens é um tigre adulto. Os tigres não mantêm fortes vínculos familiares como os leões ou os elefantes. Não é incomum que um tigre mate a seu cachorrinho.»

Lutou com o atirador da porta só para ver que seu marido se dirigia para ela.

Alex apartou a cadeira da mesa onde o garçom do serviço de habitações tinha posto a comida que tinha pedido.

—Sente-se e come, Daisy.

Alex não tinha escolhido um motelucho de estrada, disso nada; tinha-os instalado em uma suíte de luxo em um reluzente e novísimo hotel Marriott à beira do rio Ohio, na fronteira entre Indiana e Kentucky. Daisy recordou como acostumava a contar os peniques quando ia fazer a compra e o sermão que soltava ao Alex quando adquiria uma garrafa de vinho de boa colheita. Como devia haver rido dela.

—Hei-te dito que não tenho fome.

—Então sente-se e me acompanhe.

Ao Daisy custou menos sentar-se na cadeira que discutir com ele. Alex se ajustou o nó do cinturão do penhoar branco que se pôs depois da ducha e se sentou frente a ela. Tinha o cabelo úmido e lhe frisava nas têmporas. Necessitava um bom corte.

Alex baixou a vista a enorme quantidade de comida que tinha pedido para o Daisy: uma enorme salada, peitos de frango com molho de cogumelos, batatas ao forno, massa, lasaña, dois pãozinhos, um grande copo de leite e uma ração de bolo de queijo.

—Não posso me comer tudo isto.

—Estou faminto. Comerei parte do teu.

Embora lhe gostava de comer, não comia tanto como para dar conta de todo aquilo. Daisy sentiu o estômago revolto. Tinha tido problemas para reter a comida quando abandonou ao Alex e durante todo o primeiro trimestre de embaraço.

—Prova isto —Alex tomou um pouco de lasaña de seu prato e a aproximou de seus lábios. Quando ela abriu a boca para negar-se, ele a colocou dentro com rapidez, obrigando-a a tragar-lhe Se dispuso a coger otro bocado pero detuvo el tenedor en el aire. Se dio cuenta de que la estaba engañando. Lo miró y dejó el tenedor en el plato.

—Hei dito que não tenho fome.

—Prova-a. Está boa, verdade?

Para surpresa do Daisy, assim que passou a impressão inicial, a lasaña sabia bem, embora não pensava dizer-lhe Tomou um sorvo de água.

—De verdade, não quero nada mais.

—Não me surpreende —Alex assinalou o frango. —Tem pinta de estar seco.

—Está flutuando em molho. Não está seco.

—me acredite, Daisy, este frango está tão seco como a sola de um sapato.

—Não sabe o que diz.

—me deixe provar.

Ela cravou o frango com o garfo e quando comeu uma parte, viu que era suculento.

—Aqui tem. —Daisy lhe aproximou o garfo.

Ele abriu obedientemente a boca, mastigou-o e fez uma careta.

—Seco.

Daisy agarrou a faca com rapidez, cortou um pedaço para ela e o comeu. Estava tão delicioso como parecia.

—O frango está riquíssimo.

—Suponho que não sabe a nada por culpa da lasaña. me deixe provar a massa.

Irritada, Daisy o observou girar o garfo na massa e meter-lhe na boca. Um momento depois, ele deu seu veredicto.

—Leva muito condimento.

—Agora prefiro a comida muito especiada.

—Logo não me diga que não lhe disse isso.

Ela agarrou um pouco de massa que gotejou na toalha quando a levou a boca. Estava suave e saborosa.

—Não está muito condimentada.

dispôs-se a agarrar outro bocado mas deteve o garfo no ar. deu-se conta de que a estava enganando. Olhou-o e deixou o garfo no prato.

—Outro jogo de poder.

Os dedos largos e magros do Alex se fecharam em torno de sua boneca enquanto a olhava com uma preocupação que Daisy não se acreditou nem por um momento.

—Por favor, Daisy, assusta-me quão magra está. Tem que comer pelo bem do bebê.

—Não me diga o que tenho que fazer! —Atravessou-a uma sensação dolorosa. Conteve as palavras que tinha estado a ponto de dizer e se defendeu detrás da gélida barreira que a mantinha a salvo. As emoções eram suas inimizades, embora devia fazer o mais conveniente para seu filho.

Sem dizer nada mais, concentrou-se na comida e tragou até que não pôde mais. Ignorou os intentos do Alex por cercar conversação e que ele não comesse quase nada. Daisy se tinha escapado mentalmente a um belo prado onde seu bebê e ela eram livres, onde lhes protegia um poderoso tigre chamado Sinjun, que os amava e que não se passava o dia encerrado em uma jaula.

—Está esgotada —disse Alex quando ela deixou o garfo sobre o prato. —Os dois precisamos dormir. Deitaremo-nos cedo.

Daisy se levantou da mesa, agarrou suas coisas e entrou no banheiro; permitiu-se o prazer de dar uma larga ducha. Quando saiu, a suíte estava às escuras, iluminada só pela tênue luz que se filtrava pela abertura nas cortinas. Alex estava deitado de barriga para cima em um dos lados da enorme cama.

Ela estava tão cansada que quase não se mantinha em pé, mas o peito nu do Alex impediu que se aproximasse da cama.

—Está bem —sussurrou ele na escuridão. —Não te tocarei, carinho.

Daisy permaneceu onde estava até que se deu conta que lhe dava o mesmo se a tocava ou não. Não lhe importava o que ele fizesse porque não sentia nada.

Alex colocou as mãos nos bolsos do impermeável e se apoiou na perto contra furacões que marcava o bordo do recinto onde passariam os dois dias seguintes. Estavam no Monroe County, Georgia; a fresca brisa dessa manhã do mês de outubro trazia a essência do inverno.

Brady se aproximou dele.

—Tem um aspecto horrível.

—Bom, você não parece estar muito melhor.

—Mulheres —bufou Brady. —Não se pode viver com elas, mas tampouco sem elas.

Alex nem sequer conseguiu esboçar um sorriso. Pode que Brady tivesse problemas com a Sheba, mas ao menos sua relação com o Heather ia vento em popa. Passavam muito tempo juntos, e era um treinador mais paciente que nunca. Algo que dava frutos, porque as atuações do Heather tinham melhorado substancialmente.

Daisy e ele tinham retornado dez dias antes e todos se deram conta de que ao Daisy acontecia algo mau. Sua esposa já não ria nem rondava pelo recinto com seu acréscimo ricocheteando ao vento. Era educada com todos —inclusive ajudava ao Heather com os deveres, —mas todas as qualidades especiais que a faziam ser como era pareciam ter desaparecido. E todos esperavam que ele tomasse cartas no assunto.

Brady agarrou um palito do bolso dou sua camisa e o pôs na boca.

—Daisy não parece a mesma.

—São os primeiros meses de embaraço, nada mais.

Brady não pareceu convencido.

—Sinto falta de como era. Bom, não sinto falta de que meta o nariz em meus assuntos como estava acostumado a fazê-lo, isso lhe asseguro isso, mas sim que tenho saudades a maneira em que se preocupava com todos. Parece que agora só lhe interessam Sinjun e os elefantes.

—Superará-o.

—Suponho.

Observaram em silêncio como um caminhão descarregava feno. Alex olhou como Daisy lavava ao Puddin. Havia-lhe dito que não queria que seguisse trabalhando, mas lhe respondeu que se acostumou a fazê-lo. Logo tinha tentado que se mantivera afastada dos elefantes à exceção do Tater, temendo que algum lhe fizesse mal. Daisy o tinha cuidadoso sem responder e tinha feito o que lhe veio em vontade.

Brady se cruzou de braços.

—Acredito que deveria saber que ontem à noite voltei a vê-la dentro da jaula do Sinjun.

—Maldita seja! Juro-te que a algemarei para que se mantenha afastada da jaula desse tigre.

—Assusta-me como está. Ódio vê-la assim.

—Bom, pois não é o único.

—por que não faz algo?

—O que me sugere? Fiz trazer um de meus carros de Connecticut para que não tivesse que deslocar-se na caminhonete, mas me disse que gostava da caminhonete. Comprei-lhe flores, mas as ignora. Tentei que transladássemos a uma caravana RV nova, mas quase lhe deu um ataque quando se inteirou, assim que o deixei passar. Já não sei o que fazer. —Alex se passou uma mão pelo

cabelo. —Mas por que lhe conto todo isto? Se soubesse um pouco de mulheres não andaria detrás da Sheba.

—Não penso discutir contigo.

—Daisy ficará bem. É só questão de tempo.

—Pode que tenha razão.

—Asseguro-te que a tenho.

Se o repetia o suficiente, talvez se converteria em realidade. A sentia falta de. Agora Daisy já não chorava. Aquelas lágrimas repentinas que tinham sido parte dela como o ar que respirava, tinham desaparecido; era como se se anestesiou para não sentir nada. Recordava como estava acostumado a lançar-se a seus braços da rampa do caminhão, sua risada, como lhe acariciava o cabelo. Necessitava-a como nunca tinha necessitado a ninguém... E para cúmulo, a noite anterior havia meio doido fundo.

Fez uma careta só de recordá-lo.

Estava sonhando que Daisy lhe sorria como antes, com sua cara iluminada por completo e oferecendo-se a ele. despertou-se acurrucado contra ela. Tinha passado muito tempo da última vez que tinham feito o amor e a desejava muito para afastar-se.

Deslizou-lhe a mão pelo quadril e pelo ventre arredondado. Ela despertou ao momento e se esticou sob suas carícias, mas não se apartou. Nem sequer resistiu quando lhe separou as coxas e se colocou em cima. Daisy se manteve imóvel enquanto ele acrescentava um pecado mais à lista dos que já tinha cometido contra ela. havia-se sentido como um violador e essa manhã nem sequer se barbeou para não ver-se no espelho.

—Segue falando com o Heather —disse Brady. —Mas não como estava acostumado a fazê-lo. Heather está tão preocupada como todos nós.

Heather terminou os tacos que Sheba tinha preparado e se limpou os dedos no guardanapo de papel.

—Quer saber o que me disse meu pai ontem de noite?

Sheba a olhou da pia.

—Claro.

Heather sorriu ampliamente, logo soprou.

—Disse-me: «Bom, Heather, tira suas coisas do sofá. Que te queira tão não significa que queira me manchar o culo de maquiagem.»

Sheba se Rio.

—Seu pai sabe como enrolar às pessoas.

—Sheba, aquele dia no aeroporto... —Heather piscou. —Meu pai tinha os olhos cheios de lágrimas.

—Quer-te muito.

—Suponho que sim. —Seu sorriso se desvaneceu. —Sinto-me culpado de ser tão feliz quando Daisy está tão jodida. Ontem disse «joder» diante dela e nem sequer se alterou.

Sheba passou um pano pela encimera da cozinha.

—Não fazem mais que falar dela. Põe-me doente.

—Isso é porque não a suporta. Não entendo por que. Quero dizer que sei que Alex e você estiveram saindo e todo isso, mas já não te interessa ele e Daisy está muito deprimida. O que é o que tem contra ela?

—O que passa é que Sheba não pode agüentar que haja alguém que não a considere o umbigo do mundo. —Brady estava ao lado da porta, embora nenhuma das duas o tinha ouvido entrar.

Sheba se voltou para ele feita uma fúria.

—Não sabe bater na porta?

Heather suspirou.

—ides começar a discutir outra vez?

—Eu não discuto —disse Brady. —É ela.

—Ja! acredita-se que pode me dizer o que tenho que fazer e não penso consenti-lo.

—Isso é o que ele diz de ti —assinalou Heather com paciência. E logo, embora pensava que gastava saliva inutilmente acrescentou: —Se lhes casassem de uma vez por todas estariam tão ocupados lhes dando ordens mutuamente que nos deixariam em paz a todos outros.

—Não me casaria com ele por nada do mundo!

—Não me casaria com ela embora fora a última mulher da terra!

—Então não deveriam lhes deitar juntos. —Heather imitou o melhor que teve sabor do Daisy Markov. —Papai, sei que sai às escondidas todas as noites para dormir com ela, mas manter relações sexuais com outra pessoa sem estar apaixonado por ela é imoral.

Sheba ficou vermelha. Seu pai abriu e fechou a boca um par de vezes como se fora uma carpa dourada, logo começou a balbuciar.

—Não sabe o que diz, senhorita. Sheba e eu só somos amigos, isso é tudo. Teve problemas com o reservatório e eu...

Heather pôs os olhos em branco.

—Não sou imbecil, papai.

—me escute...

—Que classe de exemplo crie que me está dando? Ontem mesmo li algo sobre maturidade psicológica em meus deveres, e parece que tenho duas coisas em meu contrário.

—Quais?

—Perdi a minha mãe e sou produto de uma família desestructurada. Isso e o que vejo que fazem os dois adultos mais influentes de minha vida faz que tenha muitas possibilidades de acabar grávida antes de cumprir os vinte anos.

Brady arqueou as sobrancelhas até que virtualmente se perderam no nascimento do cabelo, e Heather chegou a pensar que perderia c! controle. Embora Brady já não lhe dava o mesmo medo que antes, não era estúpida.

—Me piro. Vemo-nos, meninos.

Fechou de uma portada ao sair da caravana.

—Que cabrita!

—Sente-se —disse Sheba. —Só tenta nos dizer algo.

—O que?

—Que deveríamos nos casar. —Sheba se levou uma parte de carne à boca. —O que demonstra o pouco que sabe da vida.

—Não a entendeste bem.

—Ainda não se deu conta de quão incompatíveis somos.

—Exceto aí dentro. —Brady assinalou com a cabeça o dormitório da parte de atrás.

—Bom, o certo é... —Um ardiloso sorriso se estendeu pela cara da Sheba — que parece que os meninos das classes baixas têm sua utilidade.

—Pois claro que a temos. —Tomou entre seus braços e ela se apertou contra ele. Começou a beijá-la, mas se apartou porque os dois tinham coisas que fazer e uma vez que começavam não haveria nada que os detivera.

Brady notou a preocupação nos olhos da Sheba.

—A temporada termina —disse ela. —Em um par de semanas estaremos na Tampa.

—Veremo-nos no inverno.

—Quem há dito que queira verte?

Sheba mentia e os dois sabiam. Estavam muito a gosto juntos, mas Brady tinha o pressentimento de que ela queria algo que ele não podia lhe dar.

Enterrou os lábios no cabelo da Sheba.

—Sheba, tenho que me proteger de ti. Acredito que te amo, mas não posso me casar contigo. Sou um homem orgulhoso e você sempre está pisoteando meu orgulho.

Ela se esticou e se afastou dele, lhe lançando um olhar tão desdenhoso que Brady se sentiu como uma barata.

—Acredito que ninguém falou que matrimônio.

Brady não sabia expressar-se bem, mas havia algo importante que queria lhe dizer desde fazia tempo.

—Eu gostaria de me casar contigo, mas me resultaria impossível estar casado com alguém que desfruta me humilhando todo o tempo.

—O que diz? Você também me humilha.

—Sim, mas eu o faço sem querer e você não. Há uma grande diferencia. O certo é que te crie melhor que outros. Pensa que é perfeita.

—Nunca hei dito isso.

—Então me conte algo mau de ti.

—Já não sou tão boa trapecista como antes.

—Não falo disso. Falo de algo que tenha dentro, algo que não seja como deveria ser. A todos passa.

—Não me passa nada mau, não sei do que me fala.

Brady negou tristemente com a cabeça.

—Conheço-te, neném. E até que não resolva isso, não há esperança para nós.

Soltou-a e se deu a volta para partir, mas antes de que ele chegasse à porta, Sheba começou a gritar:

—Não sabe nada de mim! Que seja dura não quer dizer que seja uma má pessoa. Não o sou, maldita seja! Sou boa!

—Além disso, é uma esnobe —repôs ele, olhando-a. —Só te importa o que você sente. Fere outros. Está obcecada com o passado e é a pessoa mais presunçosa que conheci nunca.

Por um momento Sheba ficou atordoada, mas logo voltou a gritar:

—Mentiroso! Sou boa! Sou-o!

O grito furioso da Sheba fez que Brady se estremecesse. Soube que lhe atacaria e conseguiu sair antes de que estrelasse o prato de tacos contra a porta.

Enquanto dava voltas essa noite pelo recinto, Daisy se deu conta de que tivesse preferido seguir atuando com o Alex. Ao menos tivesse estado ocupada. Quando lhe havia dito que não ia voltar para a pista com ele, não sentiu nem alegria nem decepção. Deu-lhe igual. Nas últimas semanas tinha descoberto uma dor muito mais profundo que qualquer que pudesse lhe provocar com o látego.

Observou o bulício da multidão ao outro lado do recinto. Os meninos cansados se aferravam a suas mães e os pais levavam em braços aos mais pequenos com manchas de maçã de caramelo nas bocas. Antes, ver esses pais tivesse feito que os olhos lhe enchessem de lágrimas de emoção, pois imaginava ao Alex levando em braços a seu filho. Mas agora tinha os olhos secos. junto com todo o resto, tinha perdido a capacidade de chorar.

Como o circo permaneceria ali essa noite, os empregados tinham a urde livre e se dirigiram ao povo em busca de comida e álcool. O recinto se foi ficando em silêncio. Enquanto Alex se ocupava da Misha, ela ficou uma das velhas sudaderas de seu marido e se moveu entre os elefantes dormidos até chegar ao Tater. ajoelhou-se e se acurrucó entre as patas dianteiras do animal e deixou que lhe apoiasse a tromba nos joelhos.

amassou-se dentro da sudadera do Alex. O suave objeto cheirava a ele, a essa particular combinação de sabão, sol e couro que ela teria reconhecido em qualquer parte. Chegaria a perder tudo o que amava?

Ouviu uns passos. Tater se incorporou sobre os quartos traseiros e Daisy viu um par de pernas embainhadas em jeans que não teve nenhuma dificuldade em reconhecer.

Alex ficou em cuclillas a seu lado e apoiou os cotovelos nos joelhos, deixando pendurar as mãos entre elas. Parecia tão triste que por uma fração de segundo quis consolá-lo.

—Por favor, sal daí —sussurrou ele. —Necessito-te tanto.

Daisy apoiou a bochecha contra a enrugada pele do peito do Tater.

—Acredito que ficarei aqui um momento mais.

Alex afundou os ombros e passou um dedo pelo chão.

—Minha casa... é grande. Há uma habitação de convidados com uma boa vista do bosque que há ao sul.

Daisy soltou o fôlego com um suave suspiro.

—Faz frio esta noite. vai nevar.

—pensei que poderíamos convertê-la em uma habitação infantil. É uma estadia agradável, ensolarada, com um grande ventanal. Talvez poderíamos ter ali uma cadeira de balanço.

—Sempre me gostou da neve.

Os animais se moveram e um deles bufou em sonhos. Tater levantou a tromba do joelho do Daisy e a passou pelos ombros do Alex. O tom suave do Alex não dissimulou sua amargura.

—Não vais perdoar me alguma vez? —Ela não disse nada. —Amo-te, Daisy. Amo-te tanto.

Ela ouviu o sofrimento em sua voz, viu a vulnerabilidade em sua cara e, embora sabia que era devido ao culpado que se sentia, Daisy tinha sofrido muito dor para encontrar prazer em infligir-lhe a outro, em especial a alguém que era tão importante para ela.

—Você não sabe como amar, Alex.

—Pode que isso fora certo antes, mas já não o é.

Talvez fora pelo cômoda que se sentia sob o coração do Tater, ou talvez fora a dor do Alex, mas Daisy sentiu que a gélida barreira que rodeava seu coração começava a gretar-se. Apesar de tudo, ainda 1c amava. mentiu-se a si mesmo quando se disse que não o fazia. Ele era sua alma geme-a e seu coração sempre lhe pertenceria. Com essa certeza chegou um conhecimento mais profundo e amargo. Se voltava a cair vítima do amor que sentia por ele, poderia acabar destruída e, pelo bem do bebê, não podia permitir que isso ocorresse.

—É que não o vê? Só se sente culpado.

—Isso não é certo.

—É um homem orgulhoso. violaste seu código da honra e tenta arrumá-lo. Entendo-o, mas não vou deixar que minha vida se apóie em umas palavras que não sente de verdade. Este bebê é muito importante para mim.

—O bebê também é importante para mim.

Ela fez uma careta de dor.

—Não diga isso, por favor.

—Provaria-te meu amor se pudesse, mas não sei como fazê-lo.

—Tem que deixar ir. Sei que isso feriria seu orgulho e o sinto, mas viver contigo assim é muito duro para mim.

Ele não disse nada. Ela fechou os olhos e tentou ocultar-se depois da geada barreira que a tinha mantido em pé até então, mas Alex tinha provocado muitas gretas.

—Por favor, Alex —sussurrou entrecortadamente. —Por favor, deixa que vá.

A voz do Alex logo que era um sussurro.

—É isso o que quer de verdade?

Daisy assentiu com a cabeça.

Jamais tinha pensado que o veria tão derrotado, mas nesse momento a faísca que ardia no interior do Alex pareceu apagar-se.

—Vale —disse com voz rouca. —Que seja como você queira.

Se isso era o que queria, por que lhe doía tanto?

A seu lado se moveu uma sombra, mas os dois estavam muito absortos em seu sofrimento para dar-se conta de que alguém mais tinha escutado a conversação.

CAPÍTULO 24

—Alex!

Ele elevou a cabeça do motor da grua com rapidez assim que ouviu a voz do Daisy gritando seu nome e soando exatamente igual a estava acostumado a fazê-lo. sentiu-se esperançado. Possivelmente ainda não se acabou tudo. Talvez Daisy não quis dizer o que disse duas noites atrás e não teria que levá-la ao aeroporto essa mesma tarde.

Jogou no chão a chave inglesa que estava usando e se voltou para olhá-la. Suas esperanças se desvaneceram assim que viu a expressão de sua esposa.

—Sinjun não está! descarregaram a todos os animais e o não estava entre eles. Também falta Trey.

Brady saiu desde detrás da grua onde estava tentando ajudar ao Alex.

—Seguro que é coisa da Sheba. Aposto-me o que seja.

A cara do Daisy empalideceu de ansiedade.

—Comentou-te algo?

—Não, mas se comportou como uma verdadeira estes arpía dois últimos dias.

Daisy olhou ao Alex e, pela primeira vez desde que a tinha ido procurar ao zoológico de Chicago, ele sentiu que o olhava de verdade.

—Sabia algo disto?

—Não, não me há dito nada.

—Sabe o que sente por esse tigre —disse Brady. —Suponho que o vendeu a suas costas.

—Mas não pode fazer isso. É meu! —Daisy se mordeu o lábio como se se desse conta de que o que havia dito não era certo.

—Antes fui ver a Sheba —disse Brady, —mas tinha desaparecido. Foi Shorty quem trouxe seu RV, mas o Cadillac não estava por nenhum lado.

Daisy fechou os punhos.

—Tem- feito algo terrível ao Sinjun. Sei.

Alex quis consolá-la, mas suspeitava que Daisy tinha razão.

—Farei algumas chamadas a ver se averiguar algo. por que não falam com os empregados se por acaso alguém sabe algo?

Mas ninguém sabia nada. Durante as duas horas seguintes falaram com todos e só descobriram que ninguém tinha visto a Sheba desde na tarde anterior.

Daisy estava cada vez mais histérica. Onde estava Sinjun} O que tinha feito Sheba com ele? Tinha descoberto muitos coisas sobre o tráfico ilegal de animais velhos do circo, sabia que era improvável que o tigre acabasse em um zoológico. O que ocorreria a seu tigre?

fez-se tarde para levar ao Daisy ao aeroporto. Alex tinha insistido em que ela ficasse com seu pai até decidir o que queria fazer, mas agora isso não tinha importância. Passou junto ao Lexus cinza com matrícula de Connecticut —outra mostra mais do culpado que se sentia Alex— e se sentou na parte traseira da caminhonete que a tinha transladado durante todo o verão até chegar a essa desolada noite de outubro. De ali, observou o recinto.

Passou a primeira função e logo a segunda. A gente chegou e se foi. Aquele lugar era a última parada antes de pôr rumo à Tampa. De novo os empregados do circo tinham ido ao povo junto com algumas das showgirls e o recinto estava deserto. Tinha frio, mas esperou a que Alex se trocou de roupa e partisse a atender a Misha para retornar à caravana.

Da porta viu sua mala, que jazia esquecida em cima da cama. aproximou-se dela enquanto se tirava a velha sudadera cinza. Depois de terminar de despir-se em silêncio, começou a recolocar a roupa vacilando ante a desordenado gaveta onde Alex guardava a sua. ajoelhou-se, deprimida, e abriu a última gaveta. Apartou a um lado os jeans do Alex para ver o que sabia que estava oculto debaixo: um chocalho barato de plástico, um patito amarelo, uma caixa de bolachas com forma de animais, um babador com a imagem de um coelho e um exemplar de um livro do doutor Spock.

Tinha descoberto todo esses objetos uns dias antes quando estava procurando outra coisa; Alex nunca os tinha mencionado. Nesse momento tocou o chocalho com a ponta de um dedo e tentou imaginar por que razão tinha comprado todo isso. Se pudesse permitir-se acreditar que...

Não. Não podia pensar isso, tinha muito que perder.

Fechou a gaveta e, quando retornava à caminhonete, viu o Cadillac da Sheba estacionado ao lado da RV e ouviu gritos no interior do circo. Alex também os tinha ouvido e se aproximou de uma vez que ela. encontraram-se na porta traseira.

—Possivelmente seria melhor que esperasse aqui —disse ele.

Daisy o ignorou e entrou.

O circo estava iluminado por um só foco, que arrojava uma luz difusa sobre a pista, deixando o resto em penumbra. Daisy se viu envolta pelos familiares aromas de serrín, animais e pipocas de milho. ia jogar o muito de menos.

Brady e Sheba estavam discutindo ao lado da pista. Brady a agarrava do braço claramente furioso.

—Daisy não te tem feito absolutamente nada. por que a tomaste com ela?

Sheba escapou dele.

—Faço o que me dá a real ganha, e nenhum açougueiro como você vai manipular me.

—Não te cansa de ser uma arpía?

O que fora que Sheba ia dizer morreu em seus lábios.

—Vá, vá, olhe a quem temos aqui.

Daisy deu um passo adiante para enfrentar-se a ela.

—O que tem feito com o Sinjun?

Sheba se tomou seu tempo para responder, jogando com ela ao gato e ao camundongo para demonstrar seu poder.

—Sinjun saiu rumo a seu novo lar. Os tigres siberianos são animais muito valiosos, sabia? Inclusive os mais velhos. —sentou-se na primeira fila de assentos e cruzou as pernas em uma postura que parecia muito estudada. —Nem sequer eu sabia o que certas pessoas podem chegar a pagar por eles.

—De que pessoas falas? —inquiriu Alex, detendo-se junto ao Daisy. —Quem o comprou?

—por agora ninguém. O cavalheiro em questão não o recolherá até manhã pela manhã.

—Então, onde está?

—Está a salvo. Trey está com ele.

Ao Alex lhe acabou a paciência.

—Deixa de rodeios! A quem vais vender se o —Esta vez no conseguirás nada con tu dinero, Alex. No comprarás a Sinjun como hiciste con Glenna. Puse una condición cuando apalabré la venta.

—Havia várias pessoas interessadas, mas Rex Webley ofereceu o melhor preço.

—Jesus. —A expressão da cara do Alex fez que Daisy se estremecesse de inquietação.

—Quem é Rex Webley? —perguntou.

—Não diga nenhuma só palavra Sheba, isto é algo entre você e eu —interveio Alex, antes de que ela pudesse responder.

Sheba lhe dirigiu um olhar condescendente antes de voltar-se para o Daisy.

—Webley tem uma reserva de caça ilegal no Texas.

Daisy não o entendeu.

—Uma reserva de caça ilegal?

—Há gente que paga ao Webley para ir caçar certos animais ali —disse Brady com desgosto.

Daisy passou o olhar da Sheba ao Brady.

—Para caçá-los? Mas ninguém pode caçar tigres. São uma espécie em perigo de extinção.

Sheba se levantou e entrou na pista com decisão.

—Isso faz que sejam mais valorados pelos homens ricos que já estão aborrecidos de caçar peças comuns e aos que lhes importa um cominho a lei.

—vendeste ao Sinjun para que o cacem e o matem? —disse Daisy com voz horrorizada quando por fim compreendeu o que Sheba lhe estava dizendo. Um montão de imagens horríveis cruzou por sua cabeça.

Sinjun não tinha o temor que um tigre normal sente para a gente. Não se daria conta de que esses homens queriam lhe machucar. Em sua mente viu seu corpo abatido pelas balas. Viu-o sobre a terra com sua pelagem negra e laranja manchado de sangue. aproximou-se rapidamente a Sheba.

—Não lhe permitirei isso! Denunciarei às autoridades. Deterão-lhe.

—Não, não o farão —repôs Sheba. —Não é ilegal vender um tigre. Webley me há dito que sua intenção é exibir ao Sinjun em seu rancho de caça. Isso não vai contra a lei.

—Só que não vai exibir o, verdade? O vai matar. —Daisy se sentiu enjoada. —Irei às autoridades. Farei-o. Deterão tudo isto.

—Duvido-o —disse Sheba. —Webley leva anos sorteando a lei. Teria que ter uma testemunha que jurasse que viu como o matavam, o que não ocorrerá nem em sonhos. E em qualquer caso, seria muito tarde para fazer nada, não?

Daisy nunca tinha odiado tanto a outro ser humano.

—Como pode fazer isto? Se tanto me odeia, por que não me faz mal ?por que tem que tomá-la com o Sinjun?

Alex entrou na pista e se enfrentou a Sheba.

—Pagarei-te o dobro que Webley —ofereceu.

—Esta vez não conseguirá nada com seu dinheiro, Alex. Não comprará ao Sinjun como fez com a Glenna. Pus uma condição quando ajustei a venda.

Daisy o olhou com rapidez. Alex não lhe havia dito que tinha sido ele quem tinha comprado a Glenna. Sabia que tinha feito os acertos necessários para que fora instalada no zoológico Brookfield, mas não que tinha sido seu dinheiro o que o tinha feito possível. A gorila tinha um novo e precioso lar graças a ele.

—por que faz isto? —perguntou ele. —A gente do Webley não recolherá ao Sinjun até o amanhecer. —A expressão da Sheba se voltou ardilosa. —Será então quando firme os papéis, mas sempre posso trocar de idéia.

—Ah, assim chegamos à medula do assunto, verdade, Sheba? —sussurrou Alex com voz apenas audível.

Sheba olhou ao Daisy, que ainda estava fora da pista ao lado do Brady.

—Isso você gostaria, verdade, Daisy? Que detivera tudo isto. Posso fazê-lo, já sabe. Com uma simples chamada Telefónica.

—Claro que pode —vaiou Alex. —O que tenho que fazer para que faça essa chamada?

Sheba se voltou para ele e foi como se Brady e Daisy tivessem deixado de existir, ficando só eles duas frente a frente em meio da pista; algo para o que ambos tinham nascido. Sheba cortou a distância que havia entre eles movendo-se sinuosamente, quase como uma amante, mas não existia nem pingo de amor entre eles.

—Já sabe o que tem que fazer.

—Diga-me o de todas maneiras.

Sheba se girou para o Daisy e Brady.

—nos deixem sozinhos. Isto é entre o Alex e eu.

—Isto é uma loucura! Isso é o que é. Se tivesse sabido o que estava maquinando, juro Por Deus que te tivesse sacudido até que esquecesse tal gilipollez! —explorou Brady.

Sheba nem sequer se alterou ante aquele arrebatamento de ira.

—Se Daisy e você não vão daqui, será o final do tigre.

—Parte —disse Alex. —Façam o que diz. Brady se voltou para ele.

—Não deixe que te corte as Pelotas. Tentará-o, mas não deixe que chegue a esse extremo —disse com amargura. Parecia como se tivesse perdido a fé em tudo o que acreditava.

—Tentarei-o —repôs Alex brandamente.

Daisy lhe dirigiu um olhar suplicante, mas ele estava concentrado na Sheba e não se deu conta.

—Venha, Daisy. Vamos daqui. —Brady lhe aconteceu o braço pelos ombros e a levou para a porta traseira. Depois de tantos meses aprendendo a lutar, Daisy tentou resistir, mas sabia que Alex era a única esperança do Sinjun.

Uma vez fora, respirou fundo. Era uma noite fria e começaram a lhe tocar castanholas os dentes.

—Sinto muito, Daisy. Não pensei que chegaria tão longe —sussurrou Brady, abraçando-a.

Dentro se ouviu a desdenhosa voz do Alex só um pouco amortecida pela lona da carpa.

—É uma mulher de negócios, Sheba. Se vender ao Sinjun compensarei generosamente. Tudo o que tem que fazer é pôr o preço.

Foi como se Brady e Daisy tivessem jogado raízes nesse lugar; sabiam que deviam ir-se mas eram incapazes de fazê-lo. Logo Brady agarrou ao Daisy da mão e a fez atravessar as sombras até a porta traseira, onde não podiam ser vistos mas tinham uma vista parcial da pista central.

Daisy viu como Sheba acariciava o braço do Alex.

—Não é seu dinheiro o que quero. Já deveria sabê-lo. O que quero é dobrar seu orgulho.

Alex se apartou, como se não pudesse suportar seu contato.

—Que coño quer dizer?

—Se quiser ao tigre, terá que suplicar por ele.

—Vete ao inferno.

—O grande Alex Markov terá que ficar de joelhos e rogar.

—Antes prefiro morrer.

—Não o fará?

—Nem em um milhão de anos. —Alex apoiou as mãos nos quadris. —Pode fazer o que te dê a vontade com esse puto tigre, mas não me porei de joelhos diante de ti nem de ninguém.

—Surpreende-me. Estava segura de que o faria por essa pequena boba. Deveria ter imaginado que não a amas de verdade. —Por um momento Sheba levantou o olhar às sombras da coberta, logo voltou a olhá-lo. —Suspeitava-o. Deveria me haver fiado de meu instinto. Como poderia amá-la? É muito desumano para amar a ninguém.

—Você não sabe o que sinto pelo Daisy.

—Sei que não a amas o suficiente para te pôr de joelhos e suplicar por ela. —Olhou-o com ar satisfeito. —Assim que eu ganho. Ganho de todas maneiras.

—Está louca.

—Faz bem em te negar. Uma vez me ajoelhei por amor e não o recomendo a ninguém.

—Jesus, Sheba. Não faça isto.

—Tenho que fazê-lo-a voz da proprietária do circo tinha perdido todo rastro de brincadeira. —Ninguém humilha a Sheba Quest sem pagá-lo. Olhe-o como o olha, será você quem perde hoje. Está seguro de que não quer reconsiderá-lo?

—Estou seguro.

Daisy soube nesse momento que tinha perdido ao Sinjun. Alex não era como outros homens. sustentava-se a base de aço, valor e orgulho. Se se rebaixasse, o homem que era se destruiria. Inclinou a cabeça e tentou dá-la volta para partir, mas Brady lhe bloqueava o passo.

—Sabe a ironia de tudo isto, Daisy o faria —disse Alex com voz tensa e dura. —Nem sequer o pensaria duas vezes. —Soltou uma gargalhada que não continha nem pingo de humor. —ficaria de joelhos em menos de um segundo porque tem um coração tão grande que é capaz de responder por todos. Não lhe importam nem a honra nem o orgulho nem nada pelo estilo se o bem-estar das criaturas que ama está em perigo.

—E o que? —burlou-se Sheba. —Não vejo aqui ao Daisy. Só te vejo ti. O que será, Alex, seu orgulho ou o tigre? vais renunciar a tudo por amor ou aferrará a esse orgulho que tanto te importa?

Houve um comprido silencio. Quando as lágrimas começaram a deslizar-se pela cara do Daisy, esta soube que tinha que escapar. Passou junto ao Brady, mas se deteve quando ouviu o feroz comentário de este.

—Que filho de puta.

girou-se com rapidez e viu que Alex seguia de pé frente a Sheba, em silêncio, com a cabeça alta, mas seus joelhos começavam a dobrar-se. Esses poderosos joelhos Romanov. Esses orgulhosos joelhos Markov. Pouco a pouco, seu marido se deixou cair no serrín, mas Daisy soube que jamais tinha parecido mais arrogante, nem mais inquebrável.

—Suplique me sussurrou isso Sheba.

—Não! —a palavra surgiu do mais profundo do peito do Daisy. Não deixaria que Sheba lhe fizesse isso, nem sequer pelo Sinjun! Do que serviria salvar a um magnífico tigre se com isso destruía a outro? Atravessou a porta a toda velocidade e entrou na pista, fazendo voar o serrín enquanto corria para o Alex. Quando chegou até seu marido o agarrou do braço e atirou dele para que ficasse em pé.

—te levante, Alex! Não o faça! Não o permita.

Ele não apartava o olhar da Sheba Quest. Seus olhos pareciam chamas ardentes.

—Você me disse isso uma vez, Daisy. Ninguém pode me humilhar. Só eu posso me rebaixar.

Alex levantou a cabeça, com a boca franzida em um gesto de desprezo. Embora estava de joelhos, jamais tinha parecido tão régio. Era o czar em pessoa. O rei da pista central.

—Rogo-lhe isso, Sheba —disse com firmeza. —Não permita que lhe ocorra nada a esse tigre.

Daisy se aferrou ao braço do Alex e se deixou cair de joelhos a seu lado.

Brady soltou uma exclamação.

E Sheba Quest curvou os lábios em uma meia sorriso. A expressão que tinha na cara era uma irritante combinação de admiração e satisfação.

—Que filho de cadela é. Ao final será verdade que a amas depois de tudo.

Olhou ao Daisy, ajoelhada ao lado do Alex.

—Se por acaso ainda não te deste conta, Alex te ama. Seu tigre estará de volta amanhã pela manhã. Já me agradecerá isso em outro momento. Agora, tenho que seguir fazendo eu o trabalho sujo ou pensa que pode te encarregar você sozinha disto sem voltar para joderlo todo?

Daisy cravou o olhar nela, tragou saliva, e assentiu com a cabeça.

—Bem, porque já estou farta de que todos estejam preocupados com ti.

Brady começou a amaldiçoar pelo baixo.

Alex entrecerró os olhos.

E Sheba Quest, a orgulhosa rainha da pista central, passou majestuosamente junto a eles com a cabeça em alto e seu brilhante cabelo avermelhado ondeando como um estandarte do circo.

Brady a alcançou antes de que chegasse à porta traseira, mas antes de que ele pudesse dizer algo, ela se voltou e lhe cravou o dedo indicador no peito com tanta força como pôde.

—E que nunca volte a te ouvir dizer que não sou boa pessoa!

Lentamente, alguém picasse sorriso substituiu o olhar atordoado na cara do Brady. Sem dizer uma palavra, inclinou-se e a carregou ao ombro.

Ajoelhados ainda no serrín da pista, Daisy sacudiu a cabeça com desconcerto e olhou ao Alex.

—Sheba o tinha planejado tudo. Sabia que Brady e eu não poderíamos resistir a escutar às escondidas. De algum jeito sabia como me sentia e preparou toda esta charada para que veja que é verdade que me ama.

Os olhos que caíram sobre ela eram tão duros e frios como o âmbar, e além disso estavam furiosos.

—Nenhuma palavra. —Ela abriu a boca. —Nenhuma palavra!

O orgulho do Alex tinha ficado maltratado e não o estava tomando muito bem. Daisy soube que tinha que atuar com rapidez. depois de ter chegado até aí, não ia perder o agora.

Empurrou-lhe no peito com todas suas forças e, pilhado por surpresa, Alex caiu no serrín. antes de que pudesse incorporar-se, ela se sentou escarranchado sobre ele.

—Não seja tolo, Alex. Entendo-te. —Colocou-lhe os dedos entre os escuros cabelos. —Rogo-lhe isso. chegamos muito longe para que faça o parvo agora; já o tenho feito eu pelos dois. Embora em parte foi por sua culpa, que saiba. Repetiste-me tantas vezes que não sabia amar que, quando realmente o fez, pensei que só se sentia culpado. Deveria havê-lo sabido. Deveria...

—Deixa que me levante, Daisy. Ela sabia que podia tirar-lhe de cima com facilidade, mas também sabia que não o fazia pelo bebê. E porque a amava.

inclinou-se para ele. Rodeou-lhe o pescoço com os braços e apertou a bochecha contra a sua. Estendeu as pernas sobre as dele e apoiou os dedos dos pés em cima de seus tornozelos.

—Acredito que não. Agora está um pouco furioso, mas te passará em um par de minutos, assim que o reconsidere tudo. Até então, não penso te deixar fazer nada que possa lamentar mais tarde.

Daisy acreditou sentir que ele se relaxava, mas não se moveu, porque Alex era um trapaceiro exímio e essa podia ser uma de suas táticas para pilhá-la com o guarda baixo.

—te levante já, Daisy.

—Não.

—Acabará lamentando-o.

—Você não me faria mal.

—Quem há dito nada sobre fazer mal?

—Está furioso.

—Sou muito feliz.

—Está muito furioso pelo que Sheba te obrigou a fazer.

—Ela não me obrigou a fazer nada.

—Asseguro-te que sim. —Daisy elevou a cabeça para dirigir um amplo sorriso a aquela cara carrancuda. —Tem-no feito muito bem. Seriamente. Se tivermos uma menina podemos chamá-la como ela.

—Sobre meu cadáver.

Daisy inclinou de novo a cabeça e esperou, deitada sobre ele como se fora o melhor colchão anatômico do mundo.

Alex lhe roçou a orelha com os lábios.

—Quero me casar antes de que nasça o bebê —sussurrou Daisy acurrucándose mais contra ele. Sentiu a mão do Alex em seu cabelo.

—Já estamos casados.

—Quero fazê-lo de novo.

—Deixemo-lo só em fazê-lo.

—Te vais pôr vulgar?

—Levantará-te se o faço?

—Ama-me?

—Amo-te.

—Não soa como se me amasse. Sonha como se estivesse chiando os dentes.

—Estou chiando os dentes, mas isso não quer dizer que não te queira com todo meu coração.

—Seriamente? —Daisy elevou de novo a cabeça e lhe brindou um sorriso radiante. —Então, por que tem tantas vontades de que me levante?

Alex esboçou um sorriso picasse.

—Para poder te provar meu amor.

—Começa a me pôr nervosa.

—Teme não ser o bastante mulher para mim?

—OH, não. Definitivamente isso não me põe nervosa. —Daisy inclinou a cabeça e lhe mordiscou o lábio inferior. Em menos de um segundo, ele o converteu em um beijo profundo e sensual. Ao Daisy lhe saltaram as lágrimas porque tudo era maravilhoso.

Alex começou a lhe beijar as lágrimas e lhe acariciou a bochecha.

—Ama-me de verdade, não?

—Amo-te de verdade —disse ele com voz rouca. —E esta vez quero que me cria. Rogo-lhe isso, carinho.

Ela sorriu através das lágrimas.

—Acredito-te. Vamos a casa.

EPÍLOGO

Daisy e Alex se casaram pela segunda vez dez dias depois em um campo ao norte da Tampa. A cerimônia teve lugar ao amanhecer porque a noiva insistiu em contar com a presença de um convidado que outros tivessem preferido que esquecesse.

Sinjun descansava aos pés do Daisy, e ambos estavam unidos por uma larga correia chapeada. Um extremo rodeava o pescoço do tigre e o outro envolvia a boneca da jovem. como resultado da presença do felino, o número de pessoas que assistiam à cerimônia nupcial às seis dessa manhã de outubro era bastante reduzido. E pareciam bastante nervosas.

—Não sei por que não pôde deixá-lo na jaula —lhe sussurrou Sheba a seu marido, o homem com quem se casou uns dias antes em uma cerimônia celebrada na pista central que finalizou com uma atuação no trapézio dos irmãos Tolea.

—me vais falar de mulheres teimosas —repôs ele. —Estou casado com uma.

Lhe dirigiu um olhar de cumplicidade.

—Tem sorte.

—Sim—assentiu Brady, —tenho sorte.

Ao lado deles, Heather acariciou a tromba do Tater enquanto olhava ao Daisy com ar crítico. Se essa fosse suas bodas, decidiu, teria posto algo mais bonito que uns velhos jeans, sobre tudo —e Heather sabia de boa tinta— quando não podia grampeá-los na cintura. De fato, pôs-se uma das enormes camisas azuis do Alex para ocultá-lo.

De todas formas, Daisy estava muito bonita. Tinha as bochechas rosadas e os olhos brilhantes, e se tinha posto uma tiara de brilhantes em forma de margaridas no cabelo. Alex a tinha agradável por surpresa, junto com um anel de diamantes tão grande que era uma sorte para todos que ainda não tivesse saído o sol ou se teriam ficado cegos.

Esse verão tinha havido tantas mudanças na vida do Heather que ainda lhe custava assimilá-los. Sheba não ia vender o circo dos Irmãos Quest e ao Heather parecia genial que seu pai e ela estivessem tentando ter um bebê. Sheba era uma madrasta o mar de guay. Havia- dito ao Heather que podia começar a sair com meninos esse ano, embora seu pai tinha acrescentado que o faria sobre seu cadáver, e se tinha convertido em uma pessoa quase tão carinhosa como Daisy.

Daisy lhe tinha comentado ao Heather que se matricularia na universidade onde dava classes Alex logo que nascesse o bebê para poder trabalhar depois em uma creche, e que os dois se iriam a Rússia em dezembro para adquirir peças para esse museu tão grande do que Alex era assessor. Apesar de tudo, fariam a excursão do verão seguinte com o circo dos Irmãos Quest, e Daisy incluso lhe havia dito que voltaria a atuar com o Alex na pista central. Tinha-lhe confessado que já não lhe davam medo os látegos porque já tinha experiente quão pior podia lhe passar.

Alex começou a formular seus votos com uma voz rouca e profunda e, quando baixou o olhar para o Daisy, sua expressão era tenra como se tivesse ante seus olhos o que mais amava no mundo. Daisy, naturalmente, rompeu a chorar e Jill teve que lhe oferecer um lenço de papel. A jovem respirou fundo e se dispôs a dizer seus votos.

—Eu, Daisy Devreaux Markov, tomo a ti... —Fez uma pausa.

Alex a olhou e arqueou uma sobrancelha.

—Não me diga que tornaste a te esquecer de meu nome. —Parecia exasperado, mas Heather tivesse jurado que queria rir.

—Claro que não. É que não conheço seu segundo nome e acabo de me dar conta agora.

—Ah... —Alex se inclinou e o sussurrou ao ouvido.

—Perfeito. —Daisy sorriu entre lágrimas e voltou a olhá-lo aos olhos. —Eu, Daisy Devreaux Markov, tomo a ti, Alexander Romanov Markov...

Enquanto Daisy seguia falando, Alex lhe apertou a mão e Heather tivesse jurado Por Deus que ele também tinha lágrimas nos olhos.

Sinjun se levantou e se estirou até alcançar toda sua longitude. Sheba ficou nervosa e se aproximou ao braço do Brady procurando amparo. Ao Heather não é que lhe voltasse louca o tigre, mas não era tão medica como Sheba.

Sua madrasta tinha dado uma grande surpresa ao casal quando entregou ao Sinjun como presente de bodas. Alex já tinha mandado construir um lugar para o tigre detrás de sua casa em Connecticut. Seguro que molaba ser tão rico. Embora ninguém o tivesse mencionado, Heather pensava que Tater passaria também o inverno no celeiro que Alex tinha em Connecticut em lugar de ficar com o resto dos elefantes na Tampa.

—Eu lhes declaro marido e mulher.

Daisy e Alex se olharam o um ao outro e, por um instante, deu a impressão de que se esqueceram do resto do mundo. Por fim, Alex recordou que era o momento do beijo e se inclinou para beijar a sua esposa. Heather não pôde assegurar que fora um beijo francês, mas não lhe tivesse sentido saudades nada. Enquanto se beijavam, Tater os polvilhou com fibras de feno como se estas fossem arroz.

Todos se puseram-se a rir menos Sheba, que seguia pendente do Sinjun.

Daisy soltou a correia do tigre. Logo lançou um gritito de alegria e rodeou o pescoço do Alex com os braços. Ele a elevou e a fez girar, embora o fez com muito cuidado para não machucar ao bebê.

Quando se deteve, beijou-a de novo.

—consegui a melhor mulher Markov de todas.

Daisy adotou esse olhar tão descarada que inclusive Heather pensava que era preciosa.

—E eu tenho ao melhor dos homens Markov.

Todo aquilo lhe parecia tão ridículo que Heather começou a sentir vergonha alheia, mas não se cortou um cabelo na hora de aclamar, porque gostava dos finais felizes.

Logo se deu conta de que aquilo não era um final absolutamente. Ao olhar a seu redor, a todas essas pessoas que amava, soube que só era o começo de uma nova vida.

FIM

1 «Açougueiros» em inglês. (N. das T.)

Beijar a um Anjo
Susan Elizabeth PHILLIPS